

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM PERFORMANCES CULTURAIS

THAIS RODRIGUES OLIVEIRA

**PERFORMANCES SONORAS:
uma escuta do cotidiano goianiense**



GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☐ Dissertação ☒ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Thais Rodrigues Oliveira

Título do trabalho: Performances Sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense

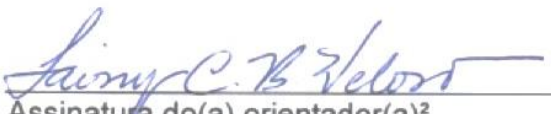
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 20/08/2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM PERFORMANCES CULTURAIS

THAIS RODRIGUES OLIVEIRA

PERFORMANCES SONORAS:
uma escuta do cotidiano goianiense

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção de grau de Doutora.

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas da Performance

Orientadora: Profa. Dra. Sainy Coelho Borges Veloso

GOIÂNIA
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Thais Rodrigues

Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense
[manuscrito] / Thais Rodrigues Oliveira. - 2019.
CCXCI, 291 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Sainy Coelho Borges Veloso.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Performances
Culturais, Goiânia, 2019.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui lista de figuras.

1. Performances culturais . 2. Som e cidade. 3. Performance
urbana.. 4. Janelas Sonoras. 5. Performance sonora cultural. I.
Veloso, Sainy Coelho Borges , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata número 01 da sessão de Defesa de Tese de Thaís Rodrigues Oliveira que confere o título de Doutora em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos três dias de setembro de dois mil e dezenove, a partir das oito horas, na sala de webconferência do Centro de Aprendizagem em Rede (CIAR), realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “Performances Sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Sainy Coelho Borges Veloso com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Raquel Maria da Silva Stolf (UDESC), membro titular externo, cuja participação ocorreu através de videoconferência; Professor Doutor Rubens Alves da Silva (UFMG), membro titular externo, cuja participação ocorreu através de videoconferência; Professor Doutor Rafael Guarato dos Santos (UFG), membro titular interno; Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira (UFG) membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho e indicaram publicação. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Sainy Coelho Borges Veloso, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sainy Coelho Borges Veloso, Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2019, às 13:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafael Guarato Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2019, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Raquel da Silva Stolf, Usuário Externo**, em 05/09/2019, às 11:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Dolores Estevam De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2019, às 13:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Alves da Silva, Usuário Externo**, em 05/09/2019, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0871638** e o código CRC **A328ABF9**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me manter confiante.

Pelo apoio incondicional em todas as fases dessa pesquisa, pela compreensão nos dias em que não compareci a eventos familiares e festas, agradeço a: João Batista de Oliveira, Tânia Lima Rodrigues e Thiago Oliveira.

Por ter paciência em todos os sentidos e por ser uma pessoa que transforma caos em calma, obrigada Larissa Melo e Silva.

À Dra. Sainy Veloso, por ser uma orientadora presente, tirar dúvidas e apontar soluções para a investigação.

Ao Colégio Delta pela bolsa de estudos concedida durante o ensino médio. Por isso, meu muito obrigada ao professor Edgar Albano Júnior, a amiga Rute Medeiros Barbosa e seus familiares pela paciência diária e parceria nos dias de estudos, em que eu achava impossível conseguir acompanhar o ritmo do novo colégio.

À Universidade Estadual de Goiás e ao colegiado do curso de Cinema e Audiovisual da instituição, pela confiança e pela licença integral concedida por dois anos para os meus estudos no doutorado. Aos colegas Ceíça Ferreira, José Eduardo Ribeiro Macedo, Joanise Levy, Geórgia Cynara, Sandro de Oliveira, Rafael de Almeida, Ana Paula Ladeira Costa, Welbia Carla Dias, muito obrigada.

Muito obrigada aos colegas que me auxiliaram no dia da execução da instalação sonora, em especial à Larissa Damásio Bueno pelo apoio importante para a obtenção das caixas de som. Obrigada Isabela Veiga (pelas artes gráficas desenvolvidas e várias conversas), Bárbara de Almeida, Amanda Costa, Geann Toni. Um carinho especial para Adrielly Campos, Eliene Nunes, Adriel Diniz, Deusimar Gonzaga, Samuel Zaratim, que ajudaram de forma voluntária na aplicação do questionário da instalação sonora desenvolvida.

RESUMO

A investigação aqui sistematizada circunscreve a problemática: os sons do cotidiano da cidade nos representam culturalmente? Há uma performance cultural, sonora, goianiense? Se há, como ela se manifesta? Pressupomos que há uma performance sonora na cidade que caracteriza as performances culturais de seus cidadãos. Para tanto, nosso objetivo foi identificar, coletar, registrar sons em quatro lugares significativos para a cidade de Goiânia e, posteriormente, editá-los visando a realização de uma instalação sonora intitulada 'Janelas sonoras'. Esta instalação, além do fim em si mesma, também nos serviu para confirmar ou não, se há uma performance sonora cultural goianiense, junto à recepção dos sons selecionados. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio da observação, da escuta, de entrevistas e dos questionários a partir de quatro territórios sonoros mais expressivos de Goiânia, selecionados e assim considerados por mim. A análise dos dados foi realizada de maneira qualitativa, etnográfica (com contribuições de estudos da antropologia urbana) e fundamentada em discussões teóricas a partir dos autores: Erving Goffman (1986, 1959, 2011, 2012); Richard Schechner (1985, 2002, 2003, 2006); Victor Turner (1974, 1982); Sainy Veloso (2013, 2014); Raymond Murray Schafer (1977, 2011); Roland Barthes (1987, 1990); Michael Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol (1996); Clifford Geertz (1989); Carlos Fortuna (1998, 1999); José Guilherme Cantor Magnani (1998, 2009, 2002, 2013, 2016); Maurice Halbwachs (1980, 1990); Pierre Schaeffer (1950, 1966); Bernd Schulz (1999), entre outros. Esperamos que essa experiência sensível, sonora, realizada na investigação, contribua para a discussão dos sons como performance sonora cultural e permita entender a cultura local em sua diversidade.

Palavras-chave: Performances culturais. Som e cidade. Janelas Sonoras. Performances urbanas.

ABSTRACT

The research here systematized circumscribes the problem: do the sounds of daily life in the the city represent us culturally? There is a sound cultural performances of Goiânia? Therefore, our objective was to identify, collect and record sounds in four significant places of the city and, subsequently, edit them in order to make a sound installation called Windows Sounds. This installation, beyond the end in itself, also served as a mechanism to confirm or not whether there is a cultural sound performance in Goiânia, with the reception of the selected sounds. The research data were obtained through observation, listening, interview and questionnaires of the four most expressive sound territories of Goiânia, selected and considered that way by me. Data analysis was developed qualitatively, ethnographic (with contributions of urban anthropology) and based on theoretical discussions of these authors: Erving Goffman (1986, 2001, 2011, 2012); Richard Schechner (1985, 2002, 2003, 2006); Raymond Murray Schafer (1977, 2011); Victor Turner (1974, 1982), Sainy Veloso (2013, 2014); Roland Barthes (1990); Michael Certeau, Luce Giard and Pierre Mayol (1996); Clifford Geertz (1989); Carlos Fortuna (1998, 1999); José Guilherme Cantor Magnani (1998, 2007, 2013, 2016); Maurice Halbwachs (1980); Pierre Schaeffer (1950, 1966); Bernd Schulz (1999); Gilles Deleuze and Felix Guattari (1992), among others. We hope that this sensitive sound experience, conducted in the investigation, will contribute to the discussion of sounds as cultural sound performance and allow understanding the local culture in its diversity.

Keywords: Cultural performances. Performance Studies. Sound and city. Sound windows. Urban performances.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Praça Cívica, data desconhecida	46
Figura 2 - Calendário para averiguação de territórios sonoros em Goiânia	62
Figura 3 - Mapa urbano básico da região central de Goiânia	64
Figura 4 - Anotações realizadas em diário de campo no centro de Goiânia	66
Figura 5 - Anotações sobre os sons de distintos tipos de sapatos	67
Figura 6 - Coreto da Praça Cívica em Goiânia	69
Figura 7 - Anotações realizadas em diário de campo na festa agropecuária	73
Figura 8 - Artesãs cantando durante pausa na confecção de cobertores	74
Figura 9 - Artesãs trabalhando na confecção de cobertores e tapetes	75
Figura 10 - Dois registros dos corredores da Feira Hippie	80
Figura 11 - Vendedor anunciando seu produto pela Feira Hippie.....	82
Figura 12 - Imagem aérea da Feira Hippie de Goiânia	83
Figura 13 - Anotações realizadas em diário de campo no estádio	86
Figura 14 - Organização da torcida Esquadrão Vilanovense no Estádio Serra Dourada.....	91
Figura 15 - Gravação dos sons no alto do Estádio Serra Dourada	92
Figura 16 - Anúncio do Grande Hotel da década de 1930	103
Figura 17 - Foto do Grande Hotel	104
Figura 18 - Fotografia panorâmica da fachada do Grande Hotel	105
Figura 19 - Convite de divulgação da instalação sonora 'Janelas sonoras'	106
Figura 20 - Tabela de sons escolhidos para a instalação sonora	108
Figura 21 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 1	110
Figura 22 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 2	111
Figura 23 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 3	112
Figura 24 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 4	113
Figura 25 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 5	113
Figura 26 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 6	114
Figura 27 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 7	115
Figura 28 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 8.....	116
Figura 29 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 9	117
Figura 30 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 10	117
Figura 31 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 11	118
Figura 32 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 12	119
Figura 33 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 13	119
Figura 34 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 14	120
Figura 35 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 15	120
Figura 36 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 16	121
Figura 37 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 17	122
Figura 38 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 18	122
Figura 39 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 19	123
Figura 40 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 20	124
Figura 41 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 21	124
Figura 42 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 22	125
Figura 43 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 23	125
Figura 44 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 24	126
Figura 45 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 25	127
Figura 46 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 26	127
Figura 47 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 27	128

Figura 48 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 28	129
Figura 49 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 29	130
Figura 50 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 30	130
Figura 51 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 31	131
Figura 52 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 32	132
Figura 53 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 33	133
Figura 54 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 34	133
Figura 55 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 35	134
Figura 56 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 36	134
Figura 57 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 37	135
Figura 58 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 38	136
Figura 59 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 39	137
Figura 60 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 40	137
Figura 61 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 41	138
Figura 62 - Espectro de frequências de todos os sons reproduzidos na instalação 'Janelas sonoras'	138
Figura 63 - Mixagem dos sons selecionados no programa de edição de som.....	141
Figura 64 - Instalação sonora 'Janelas sonoras' no Grande Hotel	145
Figura 65 - Barraquinha da vendedora de café durante a instalação sonora 'Janelas sonoras'	147
Figura 66 - Trabalho do engraxate durante a instalação sonora 'Janelas sonoras'	147
Figura 67 - Gráfico de respostas obtidas com relação a sons reproduzidos durante a instalação sonora 'Janelas sonoras'	148
Figura 68 - Gráfico de respostas obtidas com o questionário durante a instalação sonora.....	149
Figura 69 - Gráfico de respostas obtidas a partir do reconhecimento e identificação dos sons da Instalação Sonora pelos passantes	150
Figura 70 - Gráfico obtido com as respostas tabuladas a partir das legendas	151
Figura 71 - Exemplo da tabulação realizada com base nas cores selecionadas ...	151
Figura 72 - Gráfico de respostas obtidas com relação a sons do cotidiano do transeunte	152
Figura 73 - Emissores de som pela cidade.....	154
Figura 74 - Mapa via satélite da cidade de Goiânia com as regiões selecionadas para a pesquisa de campo.....	185

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TEORIA E CONCEITOS: UM PERCURSO PELA INTERDISCIPLINARIDADE	24
2.1 PERFORMANCES CULTURAIS COMO COMPORTAMENTOS SANCIONADOS PELA E NA INTERAÇÃO SOCIAL.....	24
2.2 O SOM: OUVIR E ESCUTAR	30
2.2.1 Som da cidade: o ruído sonoro	35
2.3 PERFORMANCES SONORAS	37
2.4 PAISAGEM SONORA CITADINA COMO POÉTICA.....	38
2.4.1 A cidade de Goiânia e seus sons, ou os sons de Goiânia?	44
3 PERCURSO METODOLÓGICO: CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	49
3.1 A PESQUISA	49
3.2 A MANEIRA ETNOGRÁFICA	50
3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	57
3.4 A INVESTIGAÇÃO PRÁTICA, DE CAMPO: IDENTIFICAÇÃO DOS TERRITÓRIOS SONOROS DA CIDADE E CAPTURA DOS SONS NA CIDADE ...	59
3.4.1 O centro da cidade, pulsar sonoro no coração de Goiânia	63
3.4.2 A festa da agropecuária e os sons de uma vida no campo	71
3.4.3 Feira Hippie de Goiânia: a maior feira aberta da América Latina	78
3.4.4. Estádio Serra Dourada	84
3.5 PROCESSO DE CRIAÇÃO: 'JANELAS SONORAS'	95
3.5.1. A definição e escolha do prédio para a instalação artística	102
3.5.2. A escolha dos sons para a reprodução durante a instalação sonora	107
3.5.3. Procedimentos: a edição de som, dificuldades e acertos na solução prática para a realização da instalação 'Janelas sonoras'	139
3.5.4. Durante a instalação sonora: entrevistas e questionários	142
3.5.4.1 Representatividade visual dos dados obtidos	148
4 REVERBERAÇÕES DOS SONS DA CIDADE DE GOIÂNIA: OU O QUE TRADICIONALMENTE CHAMAMOS DE DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS.	155
4.1 DOS TERRITÓRIOS SONOROS INVESTIGADOS	155
4.2 DE DENTRO E DE FORA: PERCEPÇÕES SOBRE A INSTALAÇÃO 'JANELAS SONORAS'.....	163
4.2.1 'Janelas sonoras': arte sonora não coclear? Arte contextual?	167

4.3 A PERCEPÇÃO DOS SONS DA CIDADE	170
4.3.1 Percepções dos goianienses sobre som e ruído	172
4.3.2 Reconhecimento dos sons da instalação sonora como sons do cotidiano goianiense	180
4.4 UMA PERFORMANCE CULTURAL GOIANIENSE?	193
5 À GUIA DE CONCLUIR	198
REFERÊNCIAS	201
ANEXO A - APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (CEP/UFG)	210
ANEXO B - MENOR ORÇAMENTO RECEBIDO PARA REALIZAÇÃO DA INSTALAÇÃO SONORA	213
ANEXO C - CLIPPING DE MATÉRIAS PUBLICADAS EM JORNAIS A RESPEITO DA INSTALAÇÃO ‘JANELAS SONORAS’	214
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	220
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DESENVOLVIDO PARA APLICAÇÃO NO DIA DA EXECUÇÃO DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA ‘JANELAS SONORAS’	222
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	223
APÊNDICE D - TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS CIDADÃOS GOIANIENSES NASCIDOS E HABITANTES DA CIDADE (49 ENTREVISTAS)	258
APÊNDICE E - TABULAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO 02: PESSOAS QUE NÃO NASCERAM NA CIDADE, MAS MORAM NA CIDADE DE GOIÂNIA HÁ MAIS DE DEZ ANOS	279
APÊNDICE F - TABULAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO 03: PESSOAS QUE NÃO NASCERAM NA CIDADE, HABITAM HÁ POUCO TEMPO, OU NÃO RESPONDERAM ESSA PERGUNTA	286

1 INTRODUÇÃO

Minhas trajetórias acadêmica e profissional me direcionaram à escolha desta temática da pesquisa e o resultado do estudo foi a tese de doutorado em questão. Fiz minha graduação em Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Após a graduação, concluí a pós-graduação *Lato sensu* em Cinema e Educação no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), realizando pesquisas com ênfase na sonoridade do audiovisual. No cinema transito em várias áreas da produção, mas me especializei de forma teórica e prática na área de som para cinema, trabalhando em diversas produções cinematográficas goianas como captadora, editora e profissional de mixagem de som.

Entre 2012 e 2014 realizei o mestrado em Arte e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG) na linha de pesquisa Poéticas e Processos de Criação, com uma investigação teórica e prática. Na dissertação, intitulada *Escuta vibrátil*, investiguei a emissão de ruídos sonoros dos órgãos internos do corpo humano e como ocorre a materialização visual deles em relação à emissão de ondas sonoras internas do corpo humano, capturadas e codificadas por equipamentos médicos.

Em alguns casos, como no método diagnóstico da ultrassonografia e da ressonância magnética, se não há som, não há formação de imagem. As imagens que recebemos impressas em determinado tipo de papel logo após a realização de exames médicos, como a ressonância magnética e a ultrassonografia, são, na verdade, imagens sonoras. Imagens do nosso corpo, reveladas através da emissão de ondas sonoras ressoantes, que tornam mais fortes a conexão do ser humano com o som. Portanto, sem o som não há imagens e os diagnósticos não se realizam. A narrativa audiovisual desenvolvida no término do mestrado expôs, ao espectador, uma imagem incomum e um som incomum, fora do cotidiano a que pertencemos. Essas imagens e esses sons não remetem à realidade social, mas sim a uma representação do corpo interior analisada por meio de uma escuta vibrátil: uma escuta do que está abaixo da pele.

A inquietação sobre o lugar do som em uma sociedade onde a cultura visual prevalece aguçou ainda mais a minha curiosidade sobre a problemática em torno desse objeto de estudo depois da defesa da dissertação de mestrado. Se nesse percurso dediquei toda a minha atenção para a audição de ruídos incomuns, foi a

partir dessa seleção que comecei a perceber mais atentamente outros sons que chegavam aos meus ouvidos – os ruídos que eram externos ao corpo humano – os sons comuns do cotidiano. O cotidiano, assim como Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 31) ensinam, representa o que é partilhado em nossa labuta, no dia a dia, e “[...] nos prende a partir do interior [...]”. São as maneiras como consumimos coisas e situações cotidianas para construirmos nossas táticas e/ou estratégias diariamente, escondendo-nos atrás das máscaras da conformidade.

É pelos sentidos que o ser humano, segundo Dewey (2010, p. 88), “[...] participa diretamente das ocorrências do mundo a seu redor”. Para o autor, a “[...] experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação” (DEWEY, 2010, p. 89). Dessa maneira, pode-se afirmar que a experiência é o resultado da interação entre o mundo e o sujeito e algum aspecto do indivíduo situado nesse lugar. E o som é fundamental para a construção dessa interação, linguagem e comunicação.

Penso que minha experiência na cidade de Goiânia foi determinante para as investigações realizadas por mim ao considerar a importância dos sons em minha vida. Morei na casa dos meus avós até os sete anos de idade, em um bairro pouco movimentado da cidade, o Setor Castelo Branco. Um setor que era bem arborizado e composto por pequenas chácaras dentro da cidade. Tenho boas lembranças do carro de som que anunciava a venda do doce de Nerópolis perto da casa dos meus avós: “Olha o doce de Nerópolis”. Minha avó comprava doce de leite e marmelada. O doce unia a família nos finais de tarde, na porta da casa deles, pois todos se sentavam em cadeiras de fio dispostas na calçada, e o doce era compartilhado entre as pessoas que ali estivessem. Os vizinhos vinham se juntar a nós e acabávamos por formar uma grande roda de pessoas que moravam na mesma rua.

O carro da pamonha também marcou minha infância e ainda marca nos dias atuais. Todo dia o carro passava na rua da casa dos meus avós anunciando o produto. Como de costume, eu ia para o portão observar o carro passar pela rua e achava o máximo aquele som se distanciar do meu ouvido à medida que o carro ia passando por mim. O som sertanejo, o som de berrante e o da Folia de Reis, entoado por cantores, violão e viola também me faz recordar dos dias durante o mês

de janeiro em que passava pela rua da casa dos meus avós algum ‘giro’ de folia com a bandeira de algum santo católico. Meus avós ofereciam o almoço ou um lanche para os devotos, e minha avó dizia que ao fazer isso receberíamos uma oração para abençoar a família e a casa. Vendedores de tipos diversos de produtos anunciam vendas em carros de som pela cidade: vendiam picolé, queijo, requeijão, cobertores, bolo, pão. Todos os dias no final da tarde eu escutava algum desses sons. E quando queríamos comprar algum produto logo já saíamos gritando pela rua: “Ei moço, volta aqui”.

Com sete anos de idade meus pais se mudaram para um apartamento em outra região da cidade. O apartamento fica em uma avenida movimentada da cidade, no Setor Sudoeste. Moro nesse mesmo apartamento desde então. Nele sinto a textura sonora dos carros e das motocicletas de forma mais intensa agora do que na infância. O som do caminhão de coleta seletiva de lixo da cidade é um som presente no setor e faz com que os cinco cachorros da vizinha corram no apartamento acima do meu de forma desenfreada por conta do som. É uma mixagem de sons: latidos, o barulho da caçamba da coleta de lixo, o som das patas dos cachorros correndo.

Acredito que me acostumei com o som da cidade agitada. Não consigo dormir bem quando estou fora de Goiânia. Para tentar enganar a mente quando estou fora preciso ouvir sons de cidade pelo meu celular. São sons que me fazem sentir segura durante a noite: sons de motocicletas, de carros, sons *em lo-fi* que se misturam e formam uma textura de som que me acalma e me faz sentir em meu território sonoro, mesmo quando estou em outro estado brasileiro. Quando estou em alguma cidade litorânea, por exemplo, sinto-me incomodada durante a noite com os sons das ondas do mar. Não consigo me desligar do mundo externo e dormir. Só consigo dormir ao escutar sons que me lembram da cidade onde nasci e vivo.

Durante o dia os sons de Goiânia invadem o apartamento que moro: tem um ponto de ônibus em frente à janela do meu quarto; uma escola no quarteirão de cima que reproduz o som de sirene e de crianças que saem após o término da aula. Estes sons invadem o apartamento. Ainda tem o terminal de ônibus a três quarteirões de meu apartamento que também produz sons graves, fazem a textura de som ecoar em meu apartamento e preenchem o espaço vazio com som. Ademais, tenho

memórias de sons de ambulantes nas feiras da cidade, pois minha mãe adorava frequentar todas as feirinhas de roupa da cidade.

Afora minhas memórias, tecnicamente um som é composto por frequência (medida em hertz, característica que permite o ouvido distinguir um som grave de um som agudo), amplitude (aspecto relacionado com a quantidade de energia da onda sonora – que podemos entender como volume, medida em decibéis), e timbre (atributo singular de uma fonte sonora, que a distingue de outra). Fisicamente som é o resultado de percepções de distúrbios das moléculas de um meio em certo intervalo de tempo, ou seja, o som é produzido quando alguma coisa faz o ar se mover e isso acontece por meio da compressão e rarefação do ar (RATTON, 2007). Desse modo, como o som se movimenta pelo ar, a nossa experiência no mundo é intimamente sonora, porque fisicamente o som nos atravessa, desde o nascimento. Esse som que nos atravessa pode ser um ruído, uma música, um assobio, uma fala, um grito.

No burburinho da vida cotidiana de uma cidade compreendemos que o tipo de sonoridade que nos atravessa é o ruído sonoro. Sons emitidos por fontes sonoras variadas: um vendedor ambulante, um ônibus, conversas dos transeuntes que chegam aos nossos ouvidos, com diversas formas, frequências e sentidos. Von Helmholtz (1863) entende o ruído – de uma maneira ampla – como um som não musical, provocado por movimentos irregulares, tanto em tempo quanto em intensidade. Já Schafer (2011, p. 367) se preocupa com a tipificação do ruído sonoro e o definiu em: som não desejado, som não musical, qualquer som forte e um distúrbio em quaisquer sistemas de sinais. Segundo este autor: “[...] isso torna ruído um termo subjetivo”. Silva (2012, p. 42), assim como Schafer, alega que “[...] qualquer abordagem ampla da ideia de ruído e suas implicações [...] esbarra, em princípio, na dificuldade de se definir o termo de maneira precisa”. Isso ocorre em razão da variedade de circunstâncias em que o ruído pode ser empregado. A autora faz duas distinções para o ruído: a primeira é “[...] um tipo de som de características complexas e imprecisas” (SILVA, 2012, p. 42), e a segunda, que o ruído é algo relativo: “[...] é ruído para alguém e em alguma situação. Com isso pode-se compreender a resistência do ruído a definições fechadas e estáveis.” (SILVA, 2012, p. 42).

Pierre Schaeffer (1966, p. 105) também reforça a importância do som em nossas vidas. Segundo o autor, quando nos deslocamos em um ambiente estamos vivendo em um "[...] mundo tão sonoro quanto tátil ou visual e estamos, quer queiramos quer não, sempre ouvindo algo". Logo entende-se que, seja dentro do nosso corpo ou externo a ele, o ruído sonoro nos circula, atravessa-nos, faz-se presente, pois, como afirma Wisnik (1989, p. 33), "[...] o som do mundo é ruído".

É fato que, em nossa investigação dos sons de Goiânia, percebeu-se que a cidade 'canta' – em uma linguagem não verbal – na mistura de seus ruídos cotidianos. Nesse entendimento, empiricamente, ouvi e escutei mais atentamente os ruídos sonoros de meu dia a dia: o galo que cantava no vizinho, os carros que passavam pela rua, o som do telefone, a buzina da moto, entre outros. Percebi também que esses e muitos outros ruídos presentes na paisagem sonora citadina podem passar despercebidos, assim como também adquirir um valor simbólico. Afinal, tal como ensina Barthes (1987), ouvir é um fenômeno fisiológico e escutar é um ato psicológico. Ouvir pode ser definido pelo recurso da acústica e fisiologia do ouvido, mas a escuta é definida pelo seu objeto, a saber, seu desígnio.

Com esse entendimento, meu desejo crescia no sentido de investigar os sons da cidade de Goiânia e transformar esses ruídos em suporte físico para serem recebidos e percebidos por outras pessoas. Comecei a formular a partir disso, algumas perguntas: Quais são os sons do cotidiano de Goiânia? Há uma performance cultural, sonora, goianiense? Os moradores da cidade se reconhecem no que escutam? Dessa problemática elaboramos a tese de doutorado aqui apresentada: Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense.

Pressupomos que os ruídos sonoros constroem uma performance sonora cultural. Em Goiânia podemos ouvir o vendedor de pamonha que sai com sua bicicleta pela cidade anunciando o produto com uma simples caixinha de som acoplada à bicicleta; o ambulante que vende ouro nas avenidas da cidade; os ônibus pesados da região central; os vários galos que, contrariando a lei normal da natureza, emitem o cocoricar no final da tarde pela cidade. Sons próprios e simbólicos reconhecidos pela memória afetiva de seus habitantes e que caracterizam uma performance sonora cultural da cidade de Goiânia.

Há muitos tipos de memória (JELÍN, 2002, 2018)¹, mas me refiro àquela memória afetiva que nos afeta no sentido de ativar uma lembrança de bons momentos, nos quais nos sentimos acolhidos e parte de uma coletividade, uma vez que a memória é partilhada com os demais. Fala-se, pois, também, de uma memória social, coletiva, que não é única ou acabada e definitiva. Pelo contrário, são (re)significadas nas disputas realizadas por meio das palavras e silêncios na conjuntura dos debates políticos e ideológicos de sua época.

Assim concebendo, os sons também possuem uma memória e remetem às lembranças partilhadas no social. A performance dos sons na vida cotidiana urbana ou rural é constituída pela memória de uma tradição cultural e constitui performance sonora cultural pela memória restaurada e pela reprodução de sons simbolicamente compartilhados. Ela é a produção e manifestação – conversas, buzinas, sons de ambulantes, músicas, entre outros – de uma ação expressiva sonora, do indivíduo, em determinado grupo social, de maneira interativa, voluntária ou involuntariamente. A performance sonora pode se realizar por meio dos sons que o corpo humano emite – cantar, gritar, conversar, espirrar, entre outros – e/ou da emissão dos sons das máquinas e demais objetos, no dia a dia, tanto quanto seu reconhecimento pelos indivíduos do lugar.

Sabe-se que o ser humano interage no mundo de forma múltipla. Praticamente tudo que ele executa, toda ação, pode ser estudada como performances culturais (SCHECHNER, 2006), nos palcos ou fora deles. Os indivíduos que as realizam podem não ter consciência como partícipe dessa performance, em situações tais como: na folia de reis, na congada, na catira, no congo, na dança contemporânea, na peça de teatro, no circo, na formatura, no funeral, no casamento, entre outras manifestações. Elas exprimem relações econômicas, relações políticas e como as pessoas se organizam no mundo em formas ritualísticas, ações eficazes (TURNER, 1974) no real. Contudo, segundo Pavis (2017), a performance cultural difere das ações do teatro e das artes do espetáculo pela ‘visada estética’ e o caráter ficcional que lhes é comum.

¹ Elisabeth Jelín faz análises sobre a memória em diferentes níveis e planos, no simbólico e no pessoal, no histórico e no social a partir de três pontos centrais: memórias como processos subjetivos, construídos em experiências e em marcas simbólicas e materiais; a memórias como objeto de disputas e destaca o papel ativo e produtor de significado dos participantes de suas lutas, balizados nas relações de poder; o reconhecimento da memória de que há mudanças históricas no sentido do passado, tal qual o lugar atribuído às memórias em diferentes sociedades, e espaços culturais de lutas políticas e ideológicas. (JELÍN, 2002, p. 2, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o objetivo primeiro deste trabalho foi o de investigar sons peculiares da cidade de Goiânia, reconhecendo-os como uma performance sonora cultural goianiense. Especificamente, identificá-los e catalogá-los em territórios sonoros na cotidianidade da vida em Goiânia. Para Deleuze (1989) o território pode ser um espaço vivido, um sistema que é percebido. Nesse sentido, o território é uma construção provisória, formado através de expressões e é possível dizer que vários componentes interferem nessa construção: o cotidiano, o ambiente, entre outros. No entanto, para este trabalho interessava a perspectiva sonora, a partir do conceito de paisagem sonora elaborado por Schafer (1977, 2011), que a compreende como os sons do ambiente como um todo e, assim, abarca a cultura e suas formas expressivas.

Empiricamente percebeu-se que os sons de uma cidade como Goiânia não são os mesmos de uma cidade como o Rio de Janeiro, ainda que as diferentes experiências representadas corporalmente e sonoramente através de ações cotidianas sejam constitutivas de performances culturais. Nesse sentido, Williams (1973) contribui com a questão ao estabelecer uma relação entre a estrutura de nossa experiência e de nossas emoções com os produtos culturais. Os produtos, como os sons de uma cidade, além de serem definidos como proposições e técnicas, “[...] são sentimentos encarnados, que lhe são associados[...]” e a “[...] estrutura do sentimento é acessível aos outros não por uma discussão formal ou por uma técnica profissional, em si mesma, mas por uma experiência direta – uma forma e uma significação, um sentimento e um ritmo [...]” (WILLIAMS, 1973, p. 10). É com o contexto da realidade social de Goiânia e da interação pública de seus transeuntes com os sons da cidade que este estudo se relaciona.

Ao buscar respostas para a problemática proposta iniciou-se, primeiramente, um levantamento teórico-bibliográfico para melhor delimitação do tema, baseado em autores como: Erving Goffman (1986, 2001, 2011, 2012), Richard Schechner (1985, 2002, 2003, 2006), Raymond Murray Schafer (1977, 2011), José Miguel Wisnik (1989), Victor Turner (1974, 1982), Sainy Veloso (2013, 2014), Roland Barthes (1987, 1990), Michel de Certeau, Lucy Giard e Pierre Mayol (1996), Clifford Geertz (1989), Carlos Fortuna (1998, 1999), José Guilherme Cantor Magnani (1998, 2007, 2013, 2016); Maurice Halbwachs (1980), Pierre Schaeffer (1950, 1966), Gilles Deleuze (1989), Gilles Deleuze e Felix Guattari (1992). Assim, a delimitação teórica

recai em autores basilares dos estudos das performances culturais, em estudiosos do som, na dimensão do ouvir/escutar e sobre artistas que desenvolvem investigações com som, ruídos e silêncios, tais como: John Cage (1973), Luigi Russolo (1913), Raquel Stolf (2008, 2011) e Lilian Campesato Custódio da Silva (2012).

As performances culturais se referem aos comportamentos humanos em relação aos vários produtos culturais, fato que possibilita estudar outras formas de contribuição nos estudos de elementos da sociedade que até então poderiam estar emudecidos em suas relações; busca o “[...] entendimento das culturas através de seus produtos ‘culturais’ em sua profusa diversidade, ou seja, como o homem as elabora, as experimenta, as percebe e se percebe.” (CAMARGO, 2013, p. 1, grifo do autor).

Os estudos das performances culturais abrangem a antropologia, a sociologia, a filosofia, a psicanálise, o teatro, entre outras áreas, que compõem o arcabouço teórico-conceitual basilar para abordar a performance sonora cultural goianiense. Este campo de estudos foi criado como departamento de Performance Studies, na University the New York, nos Estados Unidos, na década de 1980. Ele se realiza pela combinação interdisciplinar de distintas áreas do conhecimento cujas matrizes se entrecruzam na abordagem sociológica de Erving Goffman, na antropológica de Victor Turner e na teatral desenvolvida pelo teatrólogo Richard Schechner (VELOSO, 2014). Langdon (2006, p. 163) completa ainda que “[...] o campo da performance se apresenta como espaço interdisciplinar importante para a compreensão dos gêneros de ação simbólica”, como o teatro, músicas, danças, festas, narrativas, entre outros.

Quando se fala a respeito de interdisciplinaridade, está-se lidando com um campo instável, pois se supõe a relação de dois ou mais elementos. Um diálogo, uma troca de métodos, análises entre disciplinas distintas, que possibilitam interações entre diversos especialistas. Camargo (2015) esclarece que a interdisciplinaridade deve ser vista como uma integração conceitual que rompe determinada estrutura e aponta para a construção de uma nova axiomática. É nessa instabilidade que reside o principal sentido da interdisciplinaridade: construir um conhecimento aberto, franco, múltiplo, onde é possível respeitar cada um dos territórios particulares de conhecimento; identificar pontos de ligação e de rejeição

entre todas essas áreas do saber, analisando-os juntos aos contextos históricos e culturais da sociedade.

Concomitantemente à leitura bibliográfica, teórica, iniciou-se a pesquisa prática, de campo, na cidade de Goiânia. Foram identificados territórios sonoros na cidade a serem investigados ao observar quatro áreas mais frequentadas pelos habitantes e/ou locais peculiares da cidade: o centro da cidade, a área da festa agropecuária, a Feira Híppie e o estádio de futebol Serra Dourada. Escolheu-se essas quatro regiões pela importância simbólica para a cidade: o centro por ser o bairro que marca a construção inicial da cidade de Goiânia; a Feira Híppie por ser considerada a maior feira aberta da América Latina; a região da festa agropecuária pela sua importância econômica para o estado de Goiás; e o Estádio Serra Dourada por abrigar distintos tipos de eventos culturais da cidade. A coleta de sons foi realizada durante a observação imersiva nos quatro ambientes selecionados, juntamente com anotações de minha escuta em relação a eles realizadas em diário de campo.

Após o registro, separação e transcrição desses ruídos sonoros, fez-se a seleção dos sons para apresentação aos cidadãos goianienses em forma de instalação sonora, intitulada 'Janelas sonoras'. A expressão 'instalação sonora' está diretamente ligado à expressão 'arte sonora', compreendida como um artifício que engloba práticas artísticas transfronteiriças, em que o elemento acústico é que vai conduzir a percepção geral do receptor, bem como a própria obra (STOLF, 2011). O objetivo da realização da instalação foi a de propiciar uma experiência sonora nos transeuntes da cidade e verificar se identificariam e se reconheceriam nos ruídos sonoros reproduzidos.

A instalação sonora foi realizada no centro da cidade de Goiânia, os sons selecionados e editados foram propagados por caixas de sons durante um dia, de modo que os transeuntes os ouvissem. Nesse dia acompanhei a recepção desses sons com uma equipe e fizemos anotações sobre o modo como os passantes recebiam esses sons. A partir da interação entre o público e a instalação sonora, foram realizadas entrevistas orais gravadas a respeito da recepção dos sons usados na instalação. O objetivo foi verificar se eles realmente se reconheciam nos sons captados na cidade. As entrevistas foram semiestruturadas, ou seja, com algumas questões previamente definidas de acordo com os objetivos da pesquisa, gravadas

em áudio e, posteriormente, transcritas e tabuladas para análise.

Esse processo de interação entre o transeunte em seus afazeres cotidianos nas ruas de Goiânia e partícipe da instalação sonora pretendeu revelar os territórios sonoros investigados na cidade e seu reconhecimento ou não pela cultura goianiense. Assim, mais uma vez as performances culturais se realizaram reencenadas. Desta vez, na e pela recepção, evidenciando um deslizamento entre as bordas definidoras da obra artística e tal como entende Schechner (2006, p. 4): “[...] a performance não está” em nada, mas “entre”.

Sabe-se que a recepção abrange um conceito complexo discutido por autores de diferentes áreas. Hall (2003, p. 54), afirma que “[...] a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente”, que a mensagem não opera de forma unilateral. Desse modo, quem recebe uma mensagem não é tão passivo, pois nesse processo aciona suas experiências com o cotidiano para interpretá-la. O autor considera que existe uma codificação/decodificação e que o receptor pode aceitar, pode negociar e pode não aceitar a mensagem. É isso que contempla a investigação, pois objetivou-se, com a instalação sonora, sondar como o transeunte na cidade de Goiânia recebe, identifica e se reconhece ou não com os sons de seu próprio cotidiano. Para uma melhor sondagem e posterior análise dos dados em relação aos sons selecionados, e reconhecidos ou não nas entrevistas, considerou-se as categorias de uma ‘experiência direta’, como indica Williams (1973, p. 18): “[...] uma forma e significação, um sentimento e um ritmo”.

Foram captados ruídos sonoros da cidade, uma mistura e sobreposição de sons que gera baixa fidelidade acústica da paisagem sonora – a ‘bruma sonora’ segundo Schafer (1977) – de grandes cidades, tal como em Goiânia, e estes ruídos foram devolvidos ao sujeito receptor por meio da instalação sonora. Para Fortuna (1998, p. 27), trata-se de uma cacofonia² que tende a induzir, no sujeito receptor, um estado psicológico de distração, “[...] por vezes difícil ou impossível mesmo, distinguir com clareza e identificar cada um dos sinais sonoros que a compõem, bem como sua origem”.

Em razão do que já foi mencionado sobre os caminhos trilhados para a realização da pesquisa, dentre outros campos do conhecimento, esta caracteriza-se

² Sons desagradáveis ao ouvido formados muitas vezes pela combinação do final dos sons de uma palavra com o início da seguinte ou ruídos de carros, máquinas e outros.

como social. Para tanto, contou-se com os ensinamentos de Bauer (2008), quando ele afirma que os ruídos sonoros podem ser considerados como parte de uma pesquisa social. O autor indica que se deve registrar e transcrever os sons para fins de observação, com uma ordem de elementos (repetições, textura do som), e perceber como essa sonoridade está vinculada ao grupo social que a produz. Dessa forma, a pesquisa seguiu a metodologia sugerida por Bauer (2008), pois fez-se os registros, as transcrições e a associação dos ruídos da cidade de Goiânia ao grupo social que a produz, ou seja, os cidadãos goianienses.

Tais recomendações coexistem nessa tese com os ensinamentos da interação social do método etnográfico, no que se refere à produção de conhecimento sobre a 'realidade'. Para o contato direto com essa realidade, enveredou-se de maneira imersiva no espaço público da cultura goianiense para explorar, coletar e registrar sons, ruídos, silêncios, além das observações e registros detalhados em diário de campo.

Desse modo, sob o guarda-chuva da pesquisa social qualitativa, a investigação se caracteriza como teórica e prática. A investigação teórica apoiada em levantamento bibliográfico já referenciado acima e a pesquisa de campo foi realizada à maneira etnográfica. Ressalta-se que uma pesquisa com abordagem qualitativa se importa com a compreensão a respeito de um grupo social, concentra-se na explicação da dinâmica das relações sociais e pode ter como procedimento o uso da etnografia. Para Magnani (2009), o que caracteriza a etnografia seria a atenção que essa dá ao acontecimento, na dinâmica das relações sociais, em que em algum momento os fragmentos estudados podem ser rearranjados. Assim obtém-se uma nova pista para o fenômeno estudado, uma vez que "[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte." (MAGNANI, 2009, p. 3).

O autor faz importantes considerações a respeito da cidade como objeto de investigação para a pesquisa etnográfica. Para ele, o que seria importante na cidade mais do que um "[...] mero cenário onde transcorre a ação social" (MAGNANI, 2009, p. 132) é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores nesse ambiente em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos. Por esse ângulo, a cidade possui uma dinâmica própria e ativa, 'um prato cheio' para o olhar etnográfico. Magnani (2009) considera, portanto, que a etnografia

é o resultado desse diálogo entre a prática cotidiana e a observação feita em pesquisa de campo.

Após o levantamento bibliográfico e a busca por dissertações e teses de doutorado que abordem o estudo de sonoridades cotidianas, percebeu-se que esse tema é carente de estudos no meio acadêmico e, portanto, esta pesquisa é de grande importância. Carlos Fortuna desenvolve, em Portugal, pesquisas a respeito da sonoridade em ambientes urbanos. No Brasil é possível perceber algumas pesquisas desenvolvidas a respeito da sonoridade urbana com os pesquisadores Fátima Carneiro dos Santos e Silvio Ferraz, e pelo grupo de trabalho sobre etnografia sonora do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), sob a coordenação de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Viviane Vedana. Em outros estados brasileiros existem pesquisas desenvolvidas com captura de sons em ambientes urbanos e rurais, na área de estudos da geografia, com o objetivo de realizar um registro sonoro em forma de mapa dos locais gravados.

Pesquisamos também no site do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), na biblioteca da universidade, em revistas científicas nacionais e nada foi encontrado sobre a performance sonora no cotidiano do cidadão comum que vive na cidade de Goiânia. Ademais, a investigação prática da escuta de sons da cidade emitidos pela instalação sonora 'Janelas sonoras' também contemplou o estudo e a compreensão da sonoridade urbana e da cultura goianiense.

Por se tratar de um projeto original, pode-se dizer que, sob o ponto de vista científico, outros pesquisadores podem usufruir do conhecimento produzido, das referências e do procedimento artístico (instalação sonora) para a pesquisa social, entre outras. A investigação também contribui com os estudos sobre as sonoridades, sobre a arte sonora e permite, ainda, o reconhecimento da sonoridade como estimuladora de performances culturais.

A estrutura dos capítulos contempla a seguinte disposição: na introdução apresenta-se, de uma maneira geral, o tema, o objeto de estudo, os objetivos, a problemática, uma breve metodologia, a justificativa, conceitos e fundamentações básicas do campo das sonoridades e das performances culturais. O objetivo é que a introdução situe o leitor no objeto em questão e seu contexto.

No segundo capítulo está a fundamentação teórica. Nele está exposta a seleção das leituras referente ao assunto abordado nesta investigação e autores capazes de interpretar, discutir e de dialogar entre si e com o objeto de estudo para uma melhor compreensão do mesmo. A fundamentação teórica forneceu um arcabouço teórico que serviu para a análise e interpretação dos dados. Portanto, retomados no capítulo 4.

No capítulo 3 está a metodologia e o trajeto da investigação. Ainda nesse capítulo são descritos o processo de coleta dos dados – sons no bairro central da cidade, na festa agropecuária, na Feira Hippie e no estádio de futebol Serra Dourada – os instrumentos da pesquisa, a observação, o registro de sons – escuta – e anotações em cadernos de campo. Posteriormente, expõe-se a seleção dos sons de Goiânia realizada para a pesquisa e com eles realizou-se a instalação intitulada ‘Janelas sonoras’. Foram realizadas entrevistas para confirmação ou não dos dados coletados na primeira fase da investigação. Apresenta-se a tabulação das entrevistas realizadas durante a instalação – escuta dos transeuntes, as perguntas da entrevista, os procedimentos para a sua aplicação e a observação anotada em cadernos de campo.

No quarto capítulo são discutidos e analisados os dados obtidos e já mencionados no capítulo 3, articulados com a fundamentação teórica conforme já mencionado anteriormente. Por fim, no último capítulo estão as considerações finais a respeito do conhecimento apreendido na pesquisa, bem como as dificuldades em realizá-la e sua contribuição à comunidade.

Em todos os capítulos são usadas de duas formas pronominais ao redigir o texto: a primeira pessoa do singular, quando narro minhas dúvidas e experiências pessoais; e a primeira pessoa do plural quando, junto a minha orientadora e demais autores, pensamos e discutimos o tema em questão. Procedimento formal e hoje já trivial, principalmente nos textos etnográficos, conforme indicam Denzin e Lincoln *et al.* (2006).

2 TEORIA E CONCEITOS: UM PERCURSO PELA INTERDISCIPLINARIDADE

2.1 PERFORMANCES CULTURAIS COMO COMPORTAMENTOS SANCIONADOS PELA E NA INTERAÇÃO SOCIAL

O foco deste trabalho está no estudo da performance da cultura goianiense por meio de seus sons. Neste sentido, ao buscar compreender cultura sonora, aproximamos do conceito de Geertz (1989) ao buscar apreender a cultura. Parafraseando o autor, trata-se de um padrão sonoro que remete indivíduos de um mesmo grupo social a significados transmitidos historicamente, pela tradição e memória de imagens mentais, próprias de um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas como os sons de lugares partilhados. Por meio desses sons, os indivíduos se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida sensível.

A palavra performance talvez seja a principal responsável pela confusão em relação ao entendimento do campo das performances culturais. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que, talvez, por ser a primeira palavra a aparecer neste conceito (que é plural), imediatamente somos levados a estruturar o entendimento desse campo de estudos associado à palavra performance. Definir com exatidão o que é performance é uma tarefa ousada e difícil. Muitos são os autores que discutem os conceitos que emanam com da palavra performance, especialmente na língua portuguesa. Nossa intenção é buscar reflexões e não uma única definição a partir do termo e conjecturar a respeito das performances culturais.

Quando discorreremos sobre as performances culturais estamos conjecturando o todo da vida cotidiana, ordinária e, inclusive, a espetacular, como no caso da arte. A performance é uma ação desenvolvida que pode ser encenada várias vezes e definir um papel desempenhado na interação social, segundo Goffman (2011). Para Schechner (2006, p. 28), elas “[...] marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam histórias”. De tal maneira, a performance pode ocorrer na vida cotidiana e na arte, uma vez que, em ambas, as ações realizadas são treinadas e ensaiadas, visando aprender alguns fragmentos dos comportamentos culturais e reproduzi-los. Estes comportamentos repetidos e ensaiados são sancionados na interação social.

Os estudos das performances culturais surgiram nos anos de 1970, ancorados em três principais referências: o antropólogo Victor Turner, o teatrólogo

Richard Schechner e o sociólogo Erving Goffman. Esses autores perceberam, no teatro, uma estreita relação com a vida cotidiana e, a partir dele, com abordagens divergentes, apontaram aspectos importantes para a realização de análises sociais.

Victor Turner se destaca com os estudos sobre rituais, concebendo a performance como um tipo de experiência liminar. Associada à ideia de 'drama social', a performance para Turner (1974) contempla formas expressivas compartilhadas em sociedade. O autor compreende, em seus estudos, uma teatralidade inseparável das ações do ser humano e canaliza os eventos rituais e o teatro como suporte para sua análise social. Em seus estudos, percebe uma aproximação entre o teatro e a vida, afirmando que o presente é vivido como drama social. Turner (1974) define, então, a performance como uma forma de expressão que completa a experiência.

Goffman (2011), aquém de questionar as concepções essencialistas de identidade, analisa as ações interativas cara a cara, no social, comparando-as com as ações de um ator no palco, onde os indivíduos representam diferentes papéis. O autor coloca em evidência toda a estrutura da experiência individual da vida social. Nesses momentos a capacidade que o indivíduo tem de transmitir uma impressão de realidade relaciona-se, segundo ele, com dois tipos de expressão: a expressão transmitida (ligada a símbolos verbais) e a expressão emitida (a força de ação do ator).

[...] a expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão-só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos. Esta é a comunicação no sentido tradicional e estrito. A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida. (GOFFMAN, 2011, p. 12).

Dessa forma, o fator comunicacional é o foco no jogo constante de interesses dos indivíduos para manter a interação social baseada nesses dois tipos de expressão. A saber: a comunicação verbal, a interação entre o falante (emissor) e o receptor, e símbolos expressivos que reforçam a performance como os símbolos de *status* social, vestuário; e a maneira expressiva dessa comunicação, como a entonação de voz, entre outros.

O foco de Richard Schechner recai na performance como atividade cultural, inventada e recriada no espaço e ao longo do tempo. Como teatrólogo, Schechner (1985) identifica na performance uma possibilidade de troca de conhecimento com a antropologia, pois, para ele,

[...] os antropólogos são observadores treinados; e alguns antropólogos – não o suficiente, mas em um número crescente – também participam das culturas que eles observam. As pessoas do teatro podem ajudar os antropólogos a identificar o que procurar em um treinamento ou situação de performance; e antropólogos podem ajudar as pessoas do teatro a ver performances dentro do contexto de sistemas culturais específicos. (SCHECHNER, 1985, p. 230).

O importante, em síntese, para Schechner (2006), é o deslocamento da visão tradicional que percebe a performance apenas como espetáculo no palco. Para este autor a performance está em tudo. Existe um organismo vivo que incide em todo o teatro e para além dele, nas relações humanas, na construção de símbolos impregnados em cada indivíduo, os quais contribuem na realização da performance e encenação social.

Schechner (2006) busca conceituar o que é performance e explorar parte das várias camadas sociais em que ela ocorre, dessa maneira o autor não somente parte da prerrogativa de que toda a ação é uma performance, mas também faz diferenciação do que ‘é’ performance e do que podemos analisar ‘enquanto’ performance. O autor parte da hipótese de que no século XXI as pessoas vivem dos meios de performance como nunca viveram antes, tendo em vista que esses meios envolvem principalmente a exposição de suas ações e a teia de relações construídas a partir dos reflexos dessas performances, sejam elas culturais, artísticas, econômicas, sociais, sexuais e outras.

Os apontamentos salientados contribuem para a construção de novas estratégias de abordagem ao objeto de pesquisa dentro das artes e das ciências humanas, pois estabelece parâmetros de realização dentro daquilo que ‘é’ performance (objetos de pesquisa que já se encaixem dentro do que é comumente reconhecido como arte) e o desenvolvimento de análises ‘enquanto’ performance (abrangendo ações cotidianas, ou uma análise do artista com relação ao público e a colaboração do público para com o artista), abrindo uma gama maior de possibilidades de se realizar trabalhos que envolvam aspectos culturais, saberes

populares, aspectos ritualísticos e como essas ações tecem grandes teias de relacionamentos e a potência de suas significações/ressignificações. Para o teatrólogo nas performances culturais eu “[...] sou eu me comportando como se fosse outra pessoa” ou “[...] como me foi dito para fazer”, ou “[...] como aprendi” (SCHECHNER, 2006, p. 8-9). Na vida cotidiana somos ensinados a realizar tarefas, a nos comportar frente aos padrões estabelecidos em sociedade, aproximando, portanto, do que Erving Goffman (1959, p. 15-16) publica sobre interação social e do desempenho de papéis no social: “[...] cada um destes papéis diferentes podem ser executados pelo performer em uma série de ocasiões, para os mesmos tipos de público ou para um público das mesmas pessoas”.

Existem, hoje, várias e complexas definições para o termo performance, tanto quanto a pluralidade expressiva das culturas. O que nos obriga a multiplicar e adaptar as ferramentas necessárias para nosso estudo, segundo Pavis (2017). Conforme ainda menciona o autor, “[...] ao passar de uma obra estética a uma prática antropológica, a perspectiva do observador muda radicalmente.” (PAVIS, 2017, p. 227). Para ele a invenção ficcional, a estética, a construção artística cede lugar à performance cultural, social e/ou antropológica, a qual deve ser analisada segundo outros critérios: “[...] função social, eficácia simbólica, integração na vida cotidiana ou espiritual.” (PAVIS, 2017, p. 228).

Sabemos que a cultura é produção humana. Como tal, Geertz (1989) a define como um complexo enredamento de significados tramado pelo ser humano, responsável por orientar sua existência. É certo que ao falar de significados estamos falando de símbolos mediadores entre o ser humano e o mundo. A rede de relações e significações desses símbolos os lança em um mundo codificado e pleno de referentes não arbitrários, estabelecidos convencionalmente. Nessa rede a ambivalência de objetos e significados é constantemente interpretada, memórias são revividas e podem ser reinterpretadas. Silva (2019, p. 5) esclarece que “[...] a matéria-prima da memória se extrai da experiência tida pelas pessoas, das observações feitas, das informações adquiridas por meio de variadas fontes, dos aprendizados e trocas de experiências coletivas”.

Jelín (2002, p. 9) também reafirma a importância da memória: “[...] um papel altamente significativo, como um mecanismo cultural para fortalecer o sentimento de pertença para grupos ou comunidades”. Concordamos com a autora, que aponta

que a vida cotidiana é constituída por rotinas, comportamentos habituais não reflexivos que são aprendidos e repetidos. Neste sentido, entendemos que existe uma relação permanente entre memória e história, sendo a memória uma fonte decisiva para a história. Neste cenário toda memória é também um processo de seleção.

[...] a memória total é impossível. Isso implica um primeiro tipo de esquecimento necessário para sobrevivência e funcionamento do sujeito individual e dos grupos e comunidades. Mas não há um único tipo de esquecimento, mas uma multiplicidade de situações em que o esquecimento e o silêncio se manifestam, com vários “usos” e significados. (JELÍN, 2002, p. 26).

Esse processo de seleção nos dias atuais ainda é mais presente, pois o ritmo acelerado da cidade e a transitoriedade dos fatos cotidianos nos obrigam a realizar uma seleção do que consideramos como mais importante, individualmente e no social. Isso implica o reconhecimento de nossa presença no mundo social, mesmo que nos momentos mais individuais – a escolha de uma aprendizagem de algo da tradição local, costumes e de criações artísticas, por exemplo.

Nesses termos, Halbwachs (1980) aborda a memória e a concebe em presença e na articulação social. De certa forma, a memória seria formada pelas contradições do presente, herdadas e combinadas com heranças passadas. Dessa forma, podemos afirmar que na memória social o passado pode ser reconstruído no presente. Halbwachs (1980) entende as memórias definidas por ‘quadros sociais’ e a partir deles é possível, ao indivíduo, acessar e identificar essas memórias. Esses quadros sociais são portadores da representação geral da sociedade, incluem a visão de mundo, valores sociais de um grupo. Os ‘quadros sociais da memória’ do autor são semelhantes ao conceito de *frame* de Goffman (1986). Iamamoto (2017), ao discutir essa aproximação, esclarece que os quadros dizem respeito a uma ferramenta utilizada pelos indivíduos para categorizar e identificar experiências vividas, ou seja, para “[...] organizar a experiência e guiar a ação, sejam elas individuais ou coletivas.” (IAMAMOTO, 2017, p. 12).

Já os quadros sociais da memória de Maurice Halbwachs, referem-se a estruturas sociais que possibilitam a reconstrução de um evento passado no presente: “[...] quadros coletivos são [...] precisamente os instrumentos usados pela memória coletiva para reconstruir a imagem do passado que está de acordo, em

cada época, com os pensamentos predominantes da sociedade.” (IAMAMOTO, 2017, p. 13). Enquanto no pensamento de Goffman (1986) é a ação coletiva que auxilia na realização do enquadramento para um indivíduo, ancorada por um movimento social, no pensamento de Maurice Halbwachs, para a realização do enquadramento, utiliza-se a memória individual.

Impossível, nesse sentido, não considerar a força da memória coletiva que simbolicamente o som agrega. Há no som um laço de pertencimento à vida social, uma memória sonora coletiva que, na experiência partilhada em grupo, agencia vínculos e sociabilidades e, inclusive, por vezes, dilui faixas etárias. Analogicamente, pensamos as expressividades nos sons, pois os mesmos abrangem o tema de ritmo ou durações. Da combinação de sons curtos e longos, somados aos silêncios e acentos, originam-se todos os padrões rítmicos, os quais podem ser regulares, ou seja, medidos ou métricos, associados ao pulso constante; ou podem ser irregulares, aleatórios, não métricos. Estas combinações ocorrem tanto na música quanto na natureza e no cotidiano.

Nesse sentido, no espaço físico, o tempo de duração do som e onde é ouvido constitui o som e a experiência do espaço público urbano. A partir de então o som serve para identificar e diferenciar os distintos espaços físicos de uma mesma cidade. Em seu conjunto, os sons em uma cidade caracterizam uma performance sonora urbana, além de identificarem comportamentos e ambientes sociais nos seus espaços públicos. Tal como afirma Simmel (1981 *apud* FORTUNA, 1999, p. 106), a partilha de som, em um mesmo ambiente sonoro, “[...] pode promover o sentido particular de ‘coletividade’, mesmo quando a consciência da sua unidade, assente em meios sonoros e auditivos, se revele bem mais abstrata do que a conseguida em torno da comunicação oral e da fala”.

Assim, as investigações sobre performances sonoras culturais buscam examinar um conjunto de ações sonoras sociais a partir de análises dos sons citadinos, de maneira interdisciplinar nas quais “[...] pesquisadores voltam suas atenções para a ação humana e para o modo como os sentidos do corpo são mobilizados na significação do mundo.” (DAWSEY, 2011, p. 210). Por essa via, Silva (2019) aponta que “[...] a noção de performance nas ciências sociais tem sido aplicada mais recorrentemente para o estudo das práticas culturais expressivas”, assim como aqui propomos através dos sons. Consideramos as sonoridades

produzidas e recebidas na cidade de Goiânia como práticas culturais expressivas que modelam e são modeladas pelas performances culturais dos cidadãos goianienses.

2.2 O SOM: OUVIR E ESCUTAR

De forma geral, estamos habituados com a sobrecarga de informações que nos é oferecida a partir de imagens. Vivemos em uma sociedade que aprecia a crescente influência da visualidade no cotidiano, imersa em redes sociais, indagando sempre sobre seus prováveis efeitos e sobre o excesso de informações visuais que nos cercam. Quando vemos algo, uma cena ou um objeto pela primeira vez, buscamos situá-lo dentro do nosso repertório visual. Não estamos habituados a estabelecer algum objeto ou situação dentro de um repertório sonoro. Em primeiro lugar porque a sonoridade, como no caso do ruído sonoro, pode passar despercebida pela audição cotidiana.

Em segundo lugar porque, culturalmente, ao longo da história, as sonoridades permaneceram, por um tempo, em segundo nível de reconhecimento com relação à imagem. Isso ocorre devido ao fato de que a exibição e a fixação de imagens em determinados suportes, ao longo da história, foi mais eficaz perante a reprodução de sons em suportes específicos, principalmente com o advento da fotografia e do cinema. O som fixado para reprodução em algum suporte obteve êxito somente em meados de 1877, com a invenção do fonógrafo³, e obteve mais repercussões a partir de 1927, com o sucesso do Vitaphone, que auxiliava na reprodução de som e imagem – sincronizados pela primeira vez no cinema.

Entretanto, somos todos produtores de sonoridades e a cultura se constrói a partir delas, desde o balbuciar do bebê até a formação da linguagem, ou seja, transformar-se em linguagem falada, comunicação. Para produzir barulho basta estar vivo. Para recebê-los também, excetuando-se, nesses casos, pessoas com deficiência auditiva. Anatomicamente falando, é possível fechar os olhos, mas dificilmente conseguiremos fechar os ouvidos. Escolhemos o que queremos ver, pois podemos abrir e fechar as pálpebras voluntariamente. O que não ocorre com os

³ Invenção de Thomas Edison, datada de 1877, para gravação e reprodução de sons através de um cilindro.

ouvidos, que estão sempre abertos, com tímpanos em funcionamento, recebendo as vibrações do mundo e convertendo-as em ondas sonoras.

Ao escutar uma sonoridade podemos lembrar de pessoas especiais, momentos e situações diárias, vividas no passado e também no presente, de maneira individual ou coletiva. A partir da escuta de um som é possível fechar os olhos e imaginar muitas imagens simbólicas. Um mesmo som pode causar diversas reações em determinado público, pois, de acordo com Carvalho (2009, p. 125), “[...] os sons nos envolvem, contribuem e interferem em nossa percepção e relação com o mundo diariamente”.

No entanto, cotidianamente convivemos com vários tipos de sonoridades e nosso sistema auditivo é capaz de misturar todos os sons que recebemos. A esse respeito Giuliano Obici afirma que:

[...] nossos ouvidos estão abertos aos fluxos sonoros. Talvez por isso, a escuta seja a condição por excelência de veiculação do poder, que incute hábitos de todos os tipos, uma via de acesso fácil. A utilização de instrumentos que operam pela contemplação é uma espécie de sutileza e perversidade no modo de o poder se exercer a partir do plano sensível. (OBICI, 2008, p. 123).

Tais hábitos de escuta perpassam o cotidiano de maneira a impor gosto, consumo, estética, determinar uma política de identidades e gênero, e assim por diante. Essa mistura de sons pode ser intencional ou aleatória, como no caso dos sons dos carros e máquinas na cidade. Contudo, depende da recepção de escuta de cada indivíduo. Lembramos que estamos tratando da escuta como a maneira do indivíduo de ouvir os sons e (re)significá-los. Assim, a partir da sonoridade, cada sujeito irá aliar a esses sons suas próprias interpretações, memórias e significações. Pode ser o som do vendedor de pamonha, do telefone, da buzina da moto, entre outros.

Lilian Zaremba, ao refletir sobre a audição, afirma: “[...] a coisa fala. A audição seletiva responde.” (ZAREMBA, 2010, p. 359). Assim, a audição seleciona o que é importante e significativo para o sujeito. Portanto, ouvir ouve todos os que não têm problemas de audição, mas escutar, decodificar e responder está interrelacionado ao processo seletivo do sujeito, ou seja, ao que ele pode e deseja ouvir.

Neste mesmo sentido, Schafer (2011) tem, como uma de suas maiores preocupações, a busca pela potencialidade e pelo exercício de percepção dos sons

que nos cercam. Para este autor o ato de ouvir é carregado de potencialidade, uma vez que se aproxima de uma percepção pura, sem significado. O ouvir seria uma atitude livre. O objeto sonoro se constitui na relação com a percepção daquele que escuta e, portanto, varia de acordo com a experiência de cada ouvinte. O autor propõe uma ‘escuta pensante’ a partir do exercício da ‘limpeza de ouvidos’ para possibilitar uma interação entre ouvinte e ambiente: “[...] abertamente a tudo que estiver vibrando, ouça. Sente-se em silêncio por um momento e receba os sons.” (SCHAFER, 2011, p. 112).

Por sua vez, Barthes (1990), ao refletir sobre a audição, considera que o ato de ouvir um som está relacionado a um fenômeno físico, determinado e acionado involuntariamente, pois não podemos fechar os ouvidos. Já o ato de escuta está associado a uma ação psicológica, pois o indivíduo faz uma seleção na audição de algo para que possa escutar e direcionar algum significado para esse som. O autor propõe três tipos de escuta: uma escuta de índices, uma escuta de significados e uma escuta que não visa a signos⁴ determinados ou classificados, desenvolvida em um espaço intersubjetivo.

A primeira escuta, segundo Barthes (1990), é aquela relacionada à fisiologia da audição, na qual o ser vivo dirige sua atenção para algum alerta sonoro. A segunda atitude de escuta já consegue fazer uma decifração, atribuir significado ao ruído sonoro escutado. A terceira atitude de escuta seria uma experiência que revela o sentir, uma escuta ativa, que constantemente produz novos significados para a sonoridade sem perder seu sentido original.

Barthes (1990, p. 239-240) enfatiza a importância da escuta como um ato em que é necessário “[...] pôr-se em postura de decodificar o que é obscuro, confuso ou mudo, para fazer aparecer na consciência o ‘abaixo’ do sentido (o que é vivido, postulado, intencionalizado como escondido)”. O autor argumenta ainda que durante séculos a escuta era definida apenas como um ato intencional de audição, mas que hoje a escuta é reconhecida pelo seu poder de varrer espaços desconhecidos (BARTHES, 1990). Ou seja, que é possível acessar, a partir da sonoridade, mensagens implícitas, indiretas, suplementares do ser humano.

⁴ “Um signo é qualquer representação de uma realidade física (a nota dó em uma partitura musical, o sinal de ligar/desligar em um botão de aparelho de rádio, entre outros). Um signo não soa, apenas indica.” (SCHAFER, 2011, p. 239).

Para o pesquisador Truax (1984, p. 16) escutar “[...] implica na habilidade de interpretar informações sobre o meio ambiente e uma interação com ele, baseando-se em detalhes contidos dentro daquelas vibrações físicas”. Neste sentido, sua concepção de escuta se aproxima da proposta de ‘escuta pensante’ proposta por Schafer (2011), pois pensa a escuta como “[...] a interface crucial entre o indivíduo e o meio ambiente” (TRUAX, 1984, p. 16), não pensando apenas como uma reação da audição a um som propagado no ar fisicamente. Seria, neste sentido, uma escuta que leva em conta a relação do ouvinte com os ruídos sonoros que o cerca. O que nos leva, mais uma vez, a pensar na importância da memória auditiva coletiva, enquanto mediadora de uma tradição, a qual agrega indivíduos por laços de lembranças e afetos.

Em relação à música, Schaeffer (1950, 1966) discute e organiza modos de escuta: o ato de ouvir (*ouïr*), de escutar (*écouter*), de entender (*entendre*) e de compreender (*comprendre*). Ouvir seria uma percepção bruta do objeto sonoro, sem que ocorra a formação de alguma imagem ou referência frente à audição desse som, não implica se interessar especialmente pelo som. Escutar seria um processo em que é possível reconhecer a causalidade do som, ou seja, quando existe uma relação indicial entre signo e objeto. Quando o som é qualificado ciclicamente pelo ouvinte a respeito da métrica formal da música, o autor afirma que o ouvinte está entendendo a música. Manifesta uma intenção de escuta e encontra-se diretamente ligado às preferências e experiências do ouvinte, selecionando aquilo que é de seu interesse particular.

A última etapa do processo perceptivo apresentado por Pierre Schaeffer corresponde ao compreender: significações consideradas percepções mais abstratas do som. Fátima Carneiro dos Santos nos recorda que, em Pierre Schaeffer, “[...] o ouvinte escuta o que lhe interessa, mesmo ouvindo tudo o que acontece de sonoro ao seu redor, entendendo graças à sua experiência, e compreendendo graças a outras referências.” (SANTOS, 2002, p. 62).

A partir dessa análise, Pierre Schaeffer propôs categorias para a escuta, frente à diversidade da mesma. O autor chama de escuta reduzida, uma escuta na qual o som não remete à fonte que o produziu. Uma escuta natural seria uma atitude mais universal (nessa escuta remetemos os sons às suas fontes de origem). A escuta cultural é variável de uma coletividade a outra e, por isso, intitula-se cultural.

Escutar, portanto, e conforme Pierre Schaeffer, é um ato em que forçamos a percepção seletiva dos sons que nos rodeiam, de maneira consciente. Ao transitar pela cidade, seus sons podem passar despercebidos ou se, atentamente, buscarmos percebê-los, podem apurar nossa audição tanto quanto nossa escuta.

Para a pesquisa ora apresentada consideramos a escuta como um ato de atribuição de sentido e de escolha atenta para o som. Sabemos que em um ambiente citadino várias são as camadas sonoras sobrepostas de ruídos sonoros da cidade e que tendemos apenas a ouvir esses sons, ou seja, os sons passam pelo nosso sistema auditivo sem que lhes demos atenção. Consideramos a escuta dos sons da cidade na investigação e também a escuta dos sons por cidadãos goianienses. Neste caso, a escuta de um som pode trazer “[...] uma forma e uma significação, um sentimento e um ritmo”, categorias delimitadas por Williams (1973, p. 10) e já indicadas na introdução.

Quando ouvimos um som automaticamente tentamos associá-lo a uma fonte sonora. Esses sons estão presentes em nossa paisagem sonora, em nosso território cultural e adquirem sentidos quando advindos e compartilhados de e em um meio cultural nativo, ou seja, daquele que o produz e daquele que o escuta. Dessa forma, os sons, como estímulo sensorial auditivo e escuta, podem nos servir para reconhecer e diferenciar espaços urbanos. Eles compõem paisagens sonoras com as quais os indivíduos de um determinado lugar se identificam e se reconhecem.

Concluimos, portanto, com base nos diferentes conceitos e autores, que o som “[...] é um evento material que atinge o sistema auditivo humano e é percebido como tendo sonoridade, altura, volume, densidade e complexidade.” (BAUER, 2008, p. 371). No entanto, pode ser também imaterial, pois depende de quem o escuta ou não. Por sua vez, a percepção da sonoridade possibilita uma ampliação sem limites da imaginação, a qual produz os sentidos da vivência afetiva, da vida da sensação. São ambas, a vivência afetiva e a sensação, que nos dão, a cada instante, esta ou aquela informação sobre a própria vida.

A conexão entre a percepção sonora e a imaginação não é restrita somente às imagens mentais, mas como linguagem, tal como propôs Wittgenstein (1999). Para este autor a linguagem é uma atividade humana situada cultural e historicamente. A linguagem é entendida como ferramenta pública para entendimento da vida privada. Isso significa dizer que é a linguagem que trabalha

para desencadear, dentro de nós, imagens de como são as coisas no mundo: as palavras nos fazem elaborar imagens sobre fatos da vida.

2.2.1 Som da cidade: o ruído sonoro

Ao falar de linguagem consideramos os sons da cidade como uma linguagem não verbal, a partir da qual cada cidade canta por meio da especificidade de seus sons. Ao reconhecer o som como um elemento capaz de gerar uma linguagem que remete a codificações diversas, ou seja, a vários símbolos e significados, é recorrente a utilização do termo sonoridade. Diferente do termo musicalidade – recorrente em estudos de música e que se refere à característica do som que é musical, utilizaremos o termo sonoridade na tentativa de compreender o som em seu estado mais amplo, para além da música.

Entendemos que uma sonoridade pode ser composta por falas – combinação de sons da voz humana organizados em uma ordem lógica para o entendimento da palavra falada; de música – composta de sons que se formam a partir de pressões acústicas cíclicas e de silêncio; e de ruído – que não possui ciclo definido e contém frequências distintas entre si. Schaeffer (1966) utiliza o termo acusmático para se referir ao ruído sonoro que se ouve sem saber de onde provém. Em uma situação acusmática o ouvinte está livre de relações entre som e imagem, busca encontrar informações sobre a sonoridade sem exatamente se preocupar com a fonte que o produziu.

Sabemos que, como aponta Silva (2012, p. 42), a percepção de ruído é algo relativo e, conforme já mencionado na introdução, “[...] é ruído para alguém e em alguma situação”. O que para outros não é. Portanto, a diferença entre ruído e música, por exemplo, é pessoal, ou subjetiva. Independentemente dessa diferenciação, contemplamos, para esse estudo, o som do cotidiano da cidade, reconhecendo-o como ruído sonoro.

O ruído sonoro é considerado por nós como um elemento expressivo da cidade, pois acreditamos em sua potência de expressividade.

Lembremos que silêncio e ruído são termos socialmente estabelecidos, e estão carregados de significações subjetivas. Categorizá-los como ausência absoluta de sons e expressão plena do caos nos parece um equívoco. Tal silêncio seria morte absoluta, esgotamento do sensível face aos sons.

Existiria apenas quando nosso corpo morre. Por isso, podemos dizer que escutar é expressão de vida, sinal de que sua existência pulsa em nós. (OBICI, 2008, p. 137).

Pensamos que escutar sons está intimamente relacionado à maneira que nos colocamos no mundo e também como o concebemos. Se imaginarmos, por exemplo, que estamos em meio a uma cidade e os ruídos da cidade de repente cessam, fazendo silêncio, sentimos e entendemos que algo está por acontecer. É como se perguntássemos: Por que a cidade parou? O está acontecendo ou vai acontecer?

Existe uma falsa impressão de que não há influência dos ruídos sonoros na vida cotidiana das pessoas. Mas somos feitos de ruído. Nosso corpo pulsa e não para de emitir sons. Da mesma forma, no ambiente externo a ele, somos bombardeados com ruídos sonoros – ruídos sonoros produzidos nos locais onde vivemos. Como nos lembra Schaeffer (2001, p. 57), “[...] para o homem sensível aos sons, o mundo está repleto de ruídos”. Assim, o ruído pode ser considerado como um tipo de som importante na estruturação dos saberes de determinada sociedade.

Os elementos sonoros estão associados às nossas tradições, fazendo, dos nossos ouvidos, “[...] uma das portas de entrada de tudo aquilo que percebemos.” (CARVALHO, 2009, p. 105). O som nos atinge involuntariamente. Diferente da visão, com a qual nós humanos conseguimos enxergar em um ângulo de 180 graus para frente, com o ouvido, a partir da audição, recebemos sons e ouvimos em 360 graus. Não conseguimos segurar e nem tocar o som, e a sonoridade desaparece assim que a escutamos. Logo, fica evidente a característica temporária do som.

Não obstante Simmel (1997) apontar a visão e o olhar como prioritários na cultura visual contemporânea, em detrimento de outros modos de percepção, o autor afirma que a audição é passiva e egoísta. O ouvido está condenado a ouvir todo tipo de estímulo sonoro sem poder, diferentemente do olhar, interromper ou desviar. Na visão de Fortuna (1998, p. 24), Georg Simmel conduz a sonoridade social a um paroxismo: se por um lado, evidencia a frágil “[...] capacidade explicativa que o sentido do ouvido fornece sobre a construção social”, por outro, a sonoridade urbana se apresenta enquanto variável específica que depende do reconhecimento da presença e individualidade dos indivíduos e de suas capacidades para “[...] fazerem imprimir sobre os ambientes sociais que frequentam as suas marcas ou sinais sonoros próprios”.

No cotidiano o som de um ônibus na rua pode ser facilmente reconhecido por nós, assim como vários outros sons: a buzina de um carro, a chuva, passos de alguém caminhando. Estamos imersos em um mundo cheio de ondas sonoras que algumas vezes são percebidos por nós como ruídos e incomodam (som indesejado). Em outras vezes simplesmente não. Segundo Schafer (2011), o fato de existir uma variedade de significados para o ruído sonoro torna ruído um termo subjetivo. No entendimento de Silva (2012) o ruído também é subjetivo e, muitas vezes, índice de questões inconscientes, a saber: o que não chega ao nível da consciência. Portanto, tem significados e sentidos diferentes para os indivíduos.

2.3 PERFORMANCES SONORAS

O termo performance na área musical está relacionado a um tipo de desempenho daquele músico para tocar o instrumento musical e de como ele se porta perante a presença daqueles que o escutam durante um recital. Como estamos considerando o ruído sonoro como a música da cidade, concebemos a performance sonora como a expressão sonora emitida no convívio da e na cidade por homens, mulheres, seres humanos em contato com máquinas, animais e objetos que emitem sons no ambiente urbano.

Afirmamos que é na cidade que ocorre uma ‘encenação da vida cotidiana’, com espaços públicos e privados coexistindo ao mesmo tempo. Durante essa encenação as pessoas que vivem na cidade produzem sons e dão sentidos sociais para essas sonoridades, reforçando sua importância no cotidiano. Durante a encenação as pessoas estão produzindo, portanto, performances sonoras pela cidade.

As performances são constitutivas e se constituem de situações sonoras, muitas vezes não perceptíveis por nós, uma vez automatizadas em nossas ações diárias. Quando referimos a um espaço sógnico, deparamo-nos com um espaço social complexo, uma vez que, tal como propõe Goffman (2011), são espaços de interação social, logo, de expressão e comunicação. Neles todas as expressões produzidas por indivíduos e colocadas em circulação são consideradas “[...] fenômenos sógnicos que se localizam no espaço comunicacional densamente

povoado de signos com o qual nos deparamos cotidianamente” (KESKE, 2008, p. 19).

Todo tipo de som perpassa por nossos ouvidos. Essa é uma ação pertencente à nossa vida cotidiana que nos movimenta em performances culturais, ou seja, uma maneira, um desempenho específico de um determinado grupo em produzir e receber sons nas cidades. Ao optarmos por esse viés, entendemos performances culturais como ações que englobam o compartilhamento de espaços, memórias, valores, gostos, sons, tradições, comemorações, comportamentos comuns no social. Portanto, falamos também de espaços sógnicos (KESKE, 2008), nos quais se realizam performances sonoras, constituídas por sons (música, ruídos, falas) emitidos por nós ou por máquinas, como, por exemplo, o vendedor de pamonha que anuncia seu produto em Caixas de som instaladas em sua bicicleta pelas ruas da cidade de Goiânia.

Mas os sons são fabricados, repetidos e restabelecidos por e em máquinas, equipamentos, procedimentos, práticas cotidianas, músicas e comportamentos. Sem perceber, aprendemos os hábitos e modos de nossos parceiros no contexto social. Agimos, muitas vezes, por imitação, aprendemos o sotaque de uma língua por transmissão oral de nossos pais e membros da sociedade que vivemos. A maneira como os indivíduos conduzem seus cotidianos reflete, assim, diretamente na sonoridade do ambiente. O som traz marcas das manifestações criadas pelas pessoas a partir das realidades em que habitam e configuram, tanto no passado quanto no presente. Ao relacionar as sonoridades cotidianas com o grupo cultural que as produzem e escutam estamos constituindo uma performance sonora cultural. Marcos sonoros cultivados na e pela sociedade. Uma nova forma de escutar e perceber o cotidiano.

2.4 PAISAGEM SONORA CITADINA COMO POÉTICA

Fortuna (1998, p. 25) compreende que, na coletividade, podemos refletir a respeito dos sons das cidades, pois a partir dela os sons têm “[...] sentidos e significados distintos, consoante os seus emissores e os seus receptores”. Nessa linha de raciocínio, identificamos que as correntes sociológicas de matriz fenomenológica, etnometodológica e simbólico-interacionista são as que abarcam o

dinamismo simbólico da interação humana e o desenrolar dos microacontecimentos e as relações cotidianas diretas, em determinada paisagem, tal como realizamos nesta investigação.

Os sons são também dependentes de seus contextos sociais e por isso são carimbados por eles. O termo ‘paisagem sonora’ tem origem com Schafer (2011) e sugere que o cenário sonoro deva ser descrito com um vocabulário análogo ao da paisagem. As paisagens sonoras são constituídas por práticas sociais inscritas em espaços urbanos que configuram modos de sentir e de fazer comunidade. Seu conceito procura desvendar os sons do ambiente como um todo. Para este autor qualquer ser humano poderia ser regente de uma grande orquestra – a orquestra do “universo sonoro [na qual os músicos seriam] qualquer um e qualquer coisa que soe” (SCHAFFER, 2011, p. 20).

Schafer (2011, p. 366) procura traçar a história da paisagem sonora, entendida como “[...] um som ou uma combinação de sons que vem ou surge de um ambiente imersivo”. Inicialmente ele faz uma espécie de exercício da imaginação para reconstituir ambientes sonoros do passado citados na literatura. Para isso, faz uma releitura sobre os escritos do passado, no qual os poetas descrevem o mar, a terra, adotando a percepção auditiva registrada pelos escritores em seus livros.

Nos seus estudos este autor argumenta que o pesquisador da paisagem sonora precisa detectar três tipos de sons: sons fundamentais, sinais sonoros e marcos sonoros. Sons fundamentais seriam sons ouvidos continuamente, que estão conectados ao nosso dia a dia, mas nem sempre são escutados de forma consciente, compondo um fundo sonoro de ambiente. São sons que se tornam, de certa maneira, sons habituais. Schafer (2011) aponta que esses sons de fundo influenciam de modo invasivo e profundo nosso cotidiano, nossos comportamentos e humores. Como exemplo podemos citar, nas grandes cidades, a sonoridade de vários carros passando pelas ruas, formando uma base sonora de fundo de som.

Sinais sonoros também são sons presentes no cotidiano, só que são escutados e reconhecidos conscientemente, ou seja, são sons para os quais a atenção é direcionada. Um exemplo seria o som da sirene de uma ambulância, que nos informa que devemos abrir caminho para o veículo passar (SCHAFFER, 2011). Já os marcos sonoros são sons capazes de serem reconhecidos pelas pessoas que vivem naquela localidade, tornando-se, portanto, únicos, sons particulares daquela

comunidade/local. Schafer (2011, p. 27) explica como sendo um “[...] som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar”.

Podemos fazer uma analogia dessa tipologia de sons da paisagem sonora com as camadas de sons existentes em um projeto de pós-produção sonora de um filme. Os sons fundamentais seriam o que chamamos no cinema de som ambiente, que auxiliam na concepção da ambientação de uma imagem ilustrada na tela, ajudando na impressão de realidade para o espectador do filme. Esses sons geralmente têm baixo volume na mixagem final do produto audiovisual. Os sinais sonoros seriam sons que se destacam, ou seja, sons de objetos/máquinas com volume alto e que chamem a atenção do espectador. Já a marca sonora seria um som particular daquela localidade, som que dificilmente seria encontrado em bibliotecas de som disponíveis para compra ou na internet. Seria um som único, gravado naquela locação e pertencente àquela comunidade.

Schafer (2011) ainda estabelece dois tipos possíveis de paisagem: uma paisagem *hi-fi* e uma paisagem *lo-fi*. Na paisagem *hi-fi* o ouvinte é capaz de perceber os elementos sonoros com exatidão, uma paisagem com baixo nível de ruídos sonoros produzidos. Santos (2002) aponta que em um ambiente com essa paisagem o ouvido está em estado de alerta, percebendo, em um mesmo nível, os sons mais evidentes e os sons de fundo. A paisagem *hi-fi* possibilita uma escuta ativa. Um exemplo seria em um ambiente rural escutarmos com exatidão o som dos pássaros cantando. A paisagem *lo-fi* seria a paisagem das grandes cidades, que são carregadas de ruídos sonoros, formando uma espécie de massa sonora composta por diferentes sons, sem que possamos definir com exatidão cada um deles separadamente.

Quando Schafer (1977, 2011) escreveu seu texto ele estava preocupado com uma superabundância de novos sons que surgiam e que passaram a residir no ambiente acústico, trazendo, para nossa audição, muitos elementos sonoros ao mesmo tempo.

[...] o ambiente silencioso da paisagem sonora permite o ouvinte escutar mais longe, a distância, a exemplo dos exercícios de visão a longa distância no campo. A cidade abrevia essa habilidade para a audição (e visão) a distância, marcando uma das mais importantes mudanças na história da percepção. (SCHAFFER, 2011, p. 71).

O autor assimilava que a cidade abreviava a escuta pura, sem interferências. Mas atualmente, nas cidades, portanto, estamos habituados com os ruídos sonoros advindos das mais variadas máquinas e que fazem parte do nosso cotidiano – tais como motocicletas, ônibus, carros, aviões, e que podem passar despercebidos por nós. A cidade é um espaço no qual a vida cotidiana acontece de forma diferente da vida no campo. O ritmo e a dinâmica da cidade são acelerados, pois possuem maior número de estruturas e equipamentos que conduzem a vida humana de forma distinta do que acontece em ambiente rural. Seria impossível imaginar o centro de uma grande cidade como Goiânia durante o dia sem ruído, sem som. O motor que faz girar a própria dinâmica das cidades mais populosas, atualmente, são as máquinas que produzem muitos dos ruídos sonoros ouvidos em uma cidade.

Neste sentido, Santos (2002, p. 101) propõe refletir sobre a escuta de paisagens sonoras urbanas, sendo que “[...] os modos de escuta que se estabelecem entre o ouvinte e essa paisagem sonora são basicamente, escutas do hábito”. Mas, a autora enfatiza que é possível “[...] chamar a atenção para uma poética da escuta [o que] implica, assim, num corte na linha do hábito: uma intervenção” nas escutas dominantes, maiores e normatizadas, propondo-se uma escuta do entorno como uma ‘escuta nômade’.

Os conceitos apresentados abrangem a amplitude da paisagem citadina, a qual é delimitada pelo conceito de Deleuze e Guattari (1992). Para ambos o termo território, fundamentado na filosofia, equivale à apropriação do espaço, que pode ser um sistema percebido pelo sujeito como um sistema familiar. Para os autores uma primeira abordagem de território pode ser entendida como um fenômeno natural, uma vez que,

[...] já nos animais sabemos da importância das atividades que consistem em formar territórios, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de uma outra natureza (o etólogo diz que o parceiro ou o amigo de um animal “equivale a um lar”, ou que a família é um “território móvel”). (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 90).

No pensamento dos autores percebemos o desvencilhamento da ideia de território como espaço físico, uma vez que o reconhecimento de dados partilhados, subjetivos, entre os pares é o mais importante. Mas, ao articular desejo e pensamento, entendendo o desejo como uma força produtora e criativa, os autores extrapolam essa primeira abordagem de território e ampliam esse conceito ao

articular pensamento e desejo a ele. Dessa maneira, compreendem o território como agenciamento: “[...] o território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples comportamento.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 218).

O som, por exemplo, agencia a interação social e o reconhecimento dos partícipes de determinados grupos. Um território é construído na sociedade, dia a dia, e a noção de território sonoro “[...] delimita o espaço de dentro e o de fora, marca as distâncias entre Eu e o Outro, estabelece propriedade, apropriação, posse, domínio e identidade, bem como subjetividades.” (OBICI, 2008, p. 71). Dessa maneira também entendemos o território sonoro como espaço de consumo.

[...] o território sonoro não é uma questão que circunscreve apenas a música, embora se faça presente entre seus problemas. É uma questão de delimitação de espaço de consumo, tanto quanto de poder, pelo fato de um território nunca estar pronto, ele é criado, produzido, assim como se criam relações a partir dele. Entendemos que nossa escuta, visão, tato, todos os nossos sentidos, estão sendo colocados nesse plano. Nosso mundo sensível está posto a trabalhar, produzir, instituir morais e desejos, tanto quanto formas de vida, modos de escuta. (OBICI, 2008, p. 81).

Logo, o território extrapola o espaço geográfico e constitui uma rede de significados acerca daquele ambiente vivenciado e de seus participantes. Neste sentido, é necessária escuta, produção de sentido e subjetividades. Barthes (1990) afirma que a escuta é o sentido que situa o homem no espaço e no tempo. Nessa definição o autor relaciona território e escuta ao dizer que

[...] para o mamífero, o seu território está escalonado de odores e de sons; para o homem — coisa muitas vezes subestimada — a apropriação do espaço é ela também sonora: o espaço caseiro, o da casa, do apartamento (equivalente aproximativo do território animal) é um espaço de ruídos familiares, reconhecidos, cujo conjunto forma uma espécie de sinfonia doméstica. (BARTHES, 1990, p. 236).

Portanto, ao considerar a noção de território como um espaço reconhecido, familiar, caseiro e apropriado, Barthes (1990, p. 236) coloca que “[...] nos apercebemos melhor da função da escuta, na medida em que o território pode definir-se essencialmente como o espaço da segurança”. Em seguida, a escuta nos desvenda o território vivido. Compreendemos, para tanto, o território sonoro como um território vivenciado e reconhecido pelos seus sujeitos a partir de sua sonoridade particular.

Como mencionado anteriormente, os sons podem nos servir para reconhecer e diferenciar ambientes urbanos. Eles compõem paisagens sonoras com as quais os indivíduos de um determinado lugar se identificam e se reconhecem. Por isso, pretendemos esclarecer a nossa distinção entre os termos paisagem sonora, território sonoro e campo sonoro. O campo sonoro diz respeito a um espaço acústico gerado a partir do momento que uma fonte sonora produz um som em uma área bem definida. “[...] é um determinado agente emissor, humano ou material, que, à medida que o som que produz se propaga e mistura com outros, tende a ver obscurecida e indeterminada sua origem.” (FORTUNA, 1998, p. 26). A partir das considerações de Carlos Fortuna podemos ressaltar que um campo sonoro se preocupa com a ação de produção/emissão de sons sendo, portanto, uma expressão acústica híbrida. Nas cidades podemos notar a presença de distintos campos sonoros sobrepostos.

No nosso entendimento a paisagem sonora abrange todos os sons de um ambiente, diferente do que ocorre com um território sonoro. O território sonoro é desenvolvido na relação entre pessoas, na relação entre bens de consumo de determinada região, com sons que são combinados por elas ou não. Portanto, depende mais da relação de escuta e de afetividade que os sujeitos fazem dessa sonoridade.

A paisagem sonora está relacionada a todos os sons emitidos e recebidos em determinado ambiente e importa como foram produzidos e quem os recebeu. Em uma mesma paisagem sonora pode haver vários territórios sonoros e campos sonoros. Goiânia tem uma paisagem sonora particular. Mas o som do território sonoro dos torcedores de times de futebol no Estádio Serra Dourada não vai ser o mesmo som dos vendedores de *chip* no centro da cidade. Separadamente formam territórios sonoros, nos quais nos interessa quem são os agentes receptores das sonoridades e como usam a sonoridade que escutam. Mas tanto o som dos torcedores quanto o som dos vendedores residem em uma mesma paisagem sonora: da cidade de Goiânia. Já o campo sonoro produzido pode circular por territórios sonoros e por uma paisagem sonora. Por isso, algumas vezes vamos nos referir a sons da paisagem sonora de Goiânia e outras vezes a sons dos territórios sonoros elencados para a pesquisa de campo.

Um exemplo prático para ilustrar o nosso entendimento seria se nos imaginarmos no centro da cidade. Somos bombardeados ao mesmo tempo pelo som do anúncio da venda de salgadinhos, de buzina de carro, de passos das pessoas, todos justapostos. Os agentes emissores desses três campos sonoros se deslocam pela cidade, percorrendo uma mesma paisagem sonora ou permanecendo no seu território sonoro. Essa sobreposição de sons emitidos por emissores e fontes sonoras distintas, conferem campos sonoros particulares, reproduzidos individualmente, mas compondo uma única paisagem sonora. No nosso exemplo, escutamos três campos sonoros diferentes, mas que compõem uma única paisagem sonora, da cidade – os sons do ambiente como um todo (SCHAFER, 2011). No campo sonoro interessa também o emissor do som, na paisagem sonora o que interessa é o ato da apropriação e recepção dos sons do ambiente. Já o território sonoro é formado na relação entre pessoas, na relação entre bens de consumo de determinada região, com sons que são combinados por elas ou não, e o que interessa é a recepção que os sujeitos fazem do som.

2.4.1 A cidade de Goiânia e seus sons, ou os sons de Goiânia?

Por certo que a paisagem sonora de Goiânia hoje não é a mesma de 50 ou 70 anos atrás. A história da região onde hoje é a capital do estado de Goiás, contada por Palacín e Moraes (1994), remete-nos aos primeiros anos do século XX. Nessa época, segundo os autores, existia uma baixa e esparsa população na zona rural do estado, a qual realizava uma economia ligada à economia agropastoril e, posteriormente, à mineração. Naquela época Goiás era um dos estados mais pobres do Brasil.

Podemos, então, imaginar, nessa época, o som de berrantes, o trotar dos cavalos, o ranger das rodas dos carros de boi, os sons dos grilos ao cair da noite, os sons das rezas realizadas quase em sussurros, o canto ingênuo e sofrido das mulheres ao lavar as trouxas de roupas nos riachos, o silêncio do vazio em compasso com a conversa dos tropeiros ao estalar do fogo das fogueiras improvisadas em noites frias.

Para Borges (2013, p. 31), “[...] Goiânia surgiu com a missão de ser moderna e trazer progresso”, pois com a construção da nova capital novas estradas foram

abertas no estado de Goiás. Os sons do progresso eram, assim, reinventados e anunciados nas e pelas máquinas, no burburinho dos operários, nos sons que demarcavam o tempo do trabalho e do descanso, na batida do martelo ao erigir estradas e casas, no apito das marias-fumaças rasgando o espaço.

A abertura das estradas possibilitou um maior intercâmbio da região central do Brasil com outros municípios e estados brasileiros, favorecendo a imigração e, conseqüentemente, o povoamento. Ao comentar a questão, Palacín e Moraes (1994, p. 111) afirmam que, com a construção da capital do Estado, “[...] a população se multiplica; as vias de comunicação realizam a integração do estado com o resto do país e dentro do próprio estado; assiste-se a uma impressionante explosão urbana”. Conseqüentemente, a cidade cresceu em passo acelerado, foi ocupada rapidamente e adquiriu *status* de grande metrópole.

Neste momento histórico não mais se ouve somente os sons de máquinas e martelos. Ouvimos, imaginariamente, os passos dos indivíduos se misturando às conversas de diversos homens e mulheres nas ruas da cidade, com os gritos de ambulantes, com o som das risadas e brincadeiras das crianças na rua, com o som dos carros e suas buzinas, o relincho dos cavalos e as músicas sertanejas nos autofalantes de rua. No entanto, o que dá o tom para a orquestração desses sons é o som das rodas dos trens de ferro a deslizar sobre os trilhos e o apito da casa de máquinas a cruzar estradas de lá para cá.

Goiânia foi assim construída no centro do Brasil, capital do estado de Goiás. A cidade foi erguida entre o discurso do novo e do antigo, entre o urbano e o rural, heterogênea desde sua gênese. Projetada na década de 1930 para pouco mais de 50 mil habitantes, a cidade possuía, em 2017, 1.466.105 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já a região metropolitana possui 2.458.504 habitantes. Estimativas da população residente com data de referência em 1º de julho de 2017 (BRASIL, 2017). Arquetada em pleno cerrado goiano, teve sua pedra fundamental inaugurada no dia 24 de outubro de 1933. Já surgiu, na sua implantação, para ser a capital do Estado e, por isso, traz o marco de uma nova etapa histórica para Goiás.

A cidade teve seu projeto arquitetônico elaborado por Atílio Corrêa Lima, que se inspirou na escola francesa de urbanismo do início do século XX⁵. O arquiteto projetou três eixos centrais (Avenida Goiás, Avenida Tocantins e Avenida Araguaia) convergindo para o palácio do governo (FIGURA 1), sendo esses eixos interceptados pela Avenida Paranaíba. Tânia Daher conta que

[...] o traçado de Goiânia se estruturou em três pilares, o sistema viário, o zoneamento e a configuração do terreno. Conforme o plano das cidades francesas, o traçado deveria conter a qualidade mais importante, a funcionalidade. As vias foram calculadas segundo a intensidade e direção do tráfego. O sistema viário foi composto por vias regulares em forma de xadrez, por ser o sistema mais fácil e rápido para a circulação de veículos. As vias em diagonal como as Av. Araguaia e Tocantins, tiveram um objetivo além de funcional, também estético, isto é, levar a visão do espectador em direção ao centro administrativo, enaltecendo-o. A Avenida Paranaíba, em curva, tem a função de desviar do Setor Central o tráfego externo de veículos pesados, levando-o diretamente para a zona industrial e desafogando o trânsito do núcleo urbano. [...]. Assim o urbanista carioca desenha o traçado da nova capital em uma estrutura aberta, conforme o modelo francês, onde as avenidas são implantadas para unir a parte existente às novas áreas acrescidas. (DAHER, 2009, p. 88-89).

No entanto, Atílio Corrêa Lima não chegou a concluir a implantação integral da nova capital, pois rompeu o contrato com o governo de Goiás. Foi, então, substituído pelo engenheiro urbanista Armando de Godói, que deu continuidade ao plano, mas seguindo orientação do modelo das cidades-jardim inglesas. Godói preservou os lagos, bosques e construiu jardins.

Figura 1 - Praça Cívica, data desconhecida



Fonte: Adaptado de Brasil (2017).

⁵ Segundo essa escola, a natureza deveria ser domada, ou seja, os rios desviados de seu curso, as montanhas abertas para a construção de estradas, entre outras modificações necessárias e adequadas ao desenvolvimento urbano.

Goiânia se tornou símbolo de modernidade urbanística para o Brasil na década de 1930. Hélio Ferreira da Silva⁶, um morador do município de Goiânia que migrou da cidade de Vila Boa de Goiás, antiga capital do Estado, para a nova capital, em entrevista realizada no ano de 2018, relatou que a cidade de Goiânia cresceu rapidamente.

Esse crescimento acelerado da cidade impulsionou economicamente a região e atraiu trabalhadores, empresas e famílias para a vida na cidade. Todos aqueles que queriam começar uma nova vida, longe do campo ou da antiga capital, vieram para Goiânia em busca de novas oportunidades. Segundo Hélio Ferreira da Silva, os sons da cidade não eram tão carregados de ruídos porque poucas máquinas, como carros, caminhões e máquinas para trabalho em construção civil, assim como poucos indivíduos, circulavam pela cidade, diferentemente do que ocorre em dias atuais. Lembramos que, na época recordada por Hélio, Goiânia já havia sido inaugurada.

A cidade apresentava, nas ruas do setor central, prédios institucionais com estilo arquitetônico *Art déco*⁷, dos quais alguns existem até hoje. Esse estilo predominava na Europa, principalmente em Paris, e se adequava ao discurso de progresso e modernização do Brasil do governo Getúlio Vargas. Palacín e Moraes (1994, p. 101) afirmam que “[...] a Revolução de 30, embora sem raízes próprias em Goiás, teve uma significação profunda para o estado. [...]. O governo passou a propor, como objetivo primordial, o desenvolvimento do estado”⁸.

Assim, uma transformação abrupta ocorreu na região Centro-Oeste pela “[...] construção de Goiânia, pelas energias que mobilizou, pela abertura de vias de comunicação que a acompanharam e pela divulgação do estado no país.” (PALACÍN; MORAES, 1994, p. 101). Este foi o ponto de partida desta nova etapa histórica, dizem os autores. Contudo, não obstante, a vontade política, o investimento econômico e a construção de uma história oficial a partir do zero, a

⁶ Informação verbal, gravada em áudio.

⁷ O termo *art déco* refere-se a um estilo decorativo que se afirma na arquitetura europeia no período que vai de 1925 até 1939. Apresenta-se de início como um estilo luxuoso, destinado à burguesia enriquecida do pós-guerra. Segundo dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a cidade de Goiânia possui o maior acervo *art déco* do Brasil.

⁸ A Revolução de 1930 foi um movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o Golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, e pôs fim à República Velha (LIMA SOBRINHO, 1975).

tradição popular continuou viva, reencenando suas memórias coletivas e construindo sua história a seu tempo.

A carga tradicional exercida pela economia rural – arrastada principalmente pelos moradores da antiga capital (cidade de Goiás) para a nova cidade – fez com que Goiânia, desde o início, fosse configurada por características culturais que uniram o moderno e o tradicional, conforme Borges (2013). Essa característica uniu modernidade e tradição, a qual é ainda presente nos dias atuais quando percebemos, pela cidade, elementos da tradição rural imbricados na urbanidade goianiense, tais como: pessoas que andam pela cidade com chapéus de *cowboy*, chapéus de palha e botinas, algumas casas localizadas dentro da cidade de Goiânia nas quais seus proprietários improvisam criações de galinha, porcos e até mesmo cavalos, entre outras.

Goiânia completa, em 2019, 86 anos de existência. Conforme já mencionado anteriormente, o surgimento da cidade abriu uma nova fronteira de migração para o estado de Goiás e, conseqüentemente, à influência de outras culturas. Logo, quando nos referimos à tradição rural estamos nos referindo à ideia da existência, na cidade de Goiânia, de elementos rurais e urbanos como dados que se misturam no convívio social. Eles coexistem de tal modo entrelaçados que não é possível distingui-los ou separá-los, pois compõem a hibridez da cultura da cidade de Goiânia. De tal modo, misturam-se na paisagem sonora da cidade os sons de carros, sirenes de ambulâncias, conversas, máquinas, música sertaneja, músicas cantadas em inglês, o canto do galo, o grito de ambulantes, o som de propagandas diversas, entre outros. Dessa maneira, nosso objeto de estudo é inseparável do contexto de sua existência, porque é por ele criado. Ademais, nossa proposta se amplia em seus objetivos sem perder o foco nos sons particulares da cidade de Goiânia, reconhecendo-os como uma performance sonora cultural.

3 PERCURSO METODOLÓGICO: CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

3.1 A PESQUISA

A pesquisa realizada para esta tese se caracteriza em sua forma básica como teórica, bibliográfica, que possibilita reconhecer parte do que já se estudou sobre o assunto e a prática. Atenta a esse procedimento e às definições de Silveira e Córdova (2009, p. 31), nós definimos nosso estudo sobre os sons produzidos na cidade de Goiânia como pesquisa calcada em revisão bibliográfica interdisciplinar. Para tanto, foi realizado um levantamento em literatura de autores dos estudos das performances culturais e autores da antropologia urbana, estudiosos de som, arte sonora e dos estudos culturais, conforme já mencionado nos capítulos anteriores. Contudo, os estudos das performances culturais foram basilares para a articulação interdisciplinar, principalmente por meio de Erving Goffman e Richard Schechner. Estes autores perceberam, no teatro, uma estreita relação com a vida cotidiana e, a partir dela, com abordagens diferentes, discutiram e apontaram aspectos importantes para a realização de análises sociais com abordagem qualitativa. Esta abordagem observa e trabalha com “[...] significados, [...] crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

A pesquisa adquiriu as características da investigação qualitativa quando: a) abordamos o ambiente natural como fonte direta de dados e fui, como pesquisadora, o principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo foi maior do que com o produto; d) o significado que os indivíduos dão às coisas e à sua vida foram focos de atenção especial; e) e a análise dos dados tendeu a seguir um processo indutivo.

A abordagem qualitativa pode assumir diversas formas, dentre as quais a do tipo etnográfico. Logo, esta pesquisa tem sua natureza básica e, quanto aos objetivos, adquiriu forma exploratória. Conforme Silveira e Córdova (2009, p. 35), “[...] este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Assim como pressupomos que há, na sonoridade peculiar da cidade de Goiânia, uma performance sonora cultural.

Para sustentar nosso argumento nosso foco teórico recaiu sobre os estudos de Goffman (2011) e de seu pensamento a respeito de uma performance como desempenho de papéis na vida cotidiana. Nesse intuito, resolvemos do método etnográfico para a observação, experiência direta e descrição de um sistema de comportamento e significados culturais na cidade de Goiânia.

3.2 À MANEIRA ETNOGRÁFICA

A etnografia surgiu no final do século XIX e início do século XX frente às demandas dos antropólogos para compreender, de forma mais adequada e aprofundada, comunidades e grupos sociais. Esses pesquisadores entenderam que apenas o contato em campo poderia descrever melhor a cultura de um povo. Para tanto, estudar a cultura envolve um exame aprofundado dos comportamentos, costumes, crenças, entre outras coisas compartilhadas dentro de uma comunidade.

O método etnográfico é próprio da pesquisa qualitativa, conforme já afirmado. No entanto, difere da mesma ao seguir alguns princípios: pesquisa de campo realizada no local em que os indivíduos convivem e socializam; multifatorial regido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados; indutivo, pelo acúmulo descritivo de detalhe; holístico, uma vez desenhar um retrato mais completo possível do grupo estudado (ZANINI, 2015).

Referimo-nos à investigação aqui relatada como à maneira etnográfica por sermos de outra área que não a antropológica e termos realizado uma experiência imersiva, a saber, uma escuta nômade e flutuante pela cidade, como artista. Como tal, inventamos uma maneira de pesquisar sem parâmetros muito rígidos. O processo do artista e, conseqüentemente, seu pensamento, é circunscrito pela criação e um modo próprio de inventar a obra (PAREYSON, 1991) e instaurá-la. Neste sentido, o método etnográfico muito contribuiu com a investigação, principalmente no uso de mais de uma técnica para a coleta de dados.

A pesquisa de campo foi realizada na coleta de dados junto a pessoas em determinados ambientes, selecionados na cidade de Goiânia, por meio de gravação e observação participante. Para aprofundar a pesquisa criamos a instalação sonora 'Janelas sonoras' e, para verificar nosso pressuposto de que há em Goiânia uma sonoridade peculiar, denominada por nós de 'performance sonora cultural,

realizamos entrevistas com os transeuntes. Assim, como indicam Silveira e Córdova (2009), a etnografia se configurou no uso de entrevistas, na observação participante, na minha interação (pesquisadora) e objeto pesquisado, na flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa; a ênfase no processo, e não nos resultados finais; a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; na coleta dos dados descritivos transcritos para a utilização nesta tese de doutorado.

Para nossa investida na pesquisa de campo atentamos à descrição densa proposta por Clifford Geertz, em que o autor relata que:

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistas informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar linhas de propriedade, fazer o censo doméstico[...]. Fazer a etnografia é como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 7).

O autor sinaliza, portanto, que o pesquisador/etnógrafo precisa apreender as particularidades do grupo estudado para que consiga captar o sentido das ações sociais que são compartilhados entre os indivíduos. É necessário estar atento: escutar/observar as ações à sua volta e como elas se desenvolvem. Por outro lado, nos alerta Geertz (1989), devemos atentar para o comportamento, da ação social, pois é nele que as formas culturais encontram articulação.

É nesse sentido, na tentativa de apreender sentidos das ações sociais compartilhados entre os cidadãos goianienses, que tomamos como elemento norteador o ruído sonoro, característico da sonoridade urbana. A respeito do som Bauer (2008, p. 386) esclarece que “[...] os materiais sonoros são um campo ainda virgem, esperando seu emprego metodológico nas ciências sociais”. Para este autor, o som precisa ser considerado como um meio de representação simbólica, fonte útil de dados sociais. Ele compreende que a pesquisa qualitativa com som deve ser feita de maneira que possam ser registrados sons para que seja possível obter algum traço material. Tais sons devem ser transcritos para que possa ser possível identificar repetições ou características específicas correspondentes aos eventos vinculados a esses sons.

Por fim, “[...] esses eventos sonoros têm lugar no contexto de um sistema social, cujas operações nós queremos compreender, através do exame de sua produção e recepção sonoras.” (BAUER, 2008, p. 367). Para investida em campo o autor propõe um ‘passeio de escuta’ que consiste em realizar um passeio no ambiente em que os sons serão analisados. O que foi realizado por mim com a percepção atenta aos ruídos que seriam esquecidos em outra atividade. Após a realização do ‘passeio de escuta’, o autor recomenda que seja realizado um ‘diário de sons’, que consiste em uma “[...] técnica [...] na qual tomamos uma amostra de tempo por dia, ou um período mais longo, para registrar e/ou descrever, em intervalos predeterminados, por exemplo, a cada 30 minutos, os ruídos que são audíveis naquele momento” (BAUER, 2008, p. 375). O diário de sons, portanto, acompanhou-me durante toda a investigação e, a partir dele, foi possível perceber repetições de sons específicos das localidades investigadas.

Em uma escuta de sons, mesmo em uma pesquisa etnográfica, qualquer que seja a interpretação de ruídos sonoros de determinado ambiente ela estará relacionada a uma ação de atribuição de sentido do pesquisador a respeito do objeto e dos sujeitos observados. Como goianiense, selecionei e concentrei-me nos lugares investigados na tentativa de escuta e análise centralizada na identidade vivida, para que o estranhamento frente às sonoridades diversas, conhecidas e desconhecidas pudesse ser capaz de enunciar sentidos e significados, revelando ações cotidianas citadinas dos indivíduos observados.

A cidade como campo de pesquisa possibilita diferentes abordagens a respeito das representações que formam a identidade local. Magnani (2002), um dos pesquisadores em antropologia urbana do País, afirma que para a realização da pesquisa etnográfica urbana, é importante que o pesquisador busque por um olhar ‘de perto e de dentro’. O autor usa essa proposta de análise, em contraste com o que ele categoriza como ‘de fora e de longe’, para reforçar que a etnografia pode cooperar no conhecimento da dinâmica urbana em sua diversidade. Magnani (2016) considera que um olhar ‘de longe e de fora’ prioriza uma análise sobre a cidade de maneira mais genérica, com um ponto de vista macro – que vai buscar, para análise, dados das grandes variáveis da cidade: demografia, ordem econômica, entre outros, recorrente em alguns estudos da geografia. Um olhar ‘de perto e de dentro’ seria

mais detalhista, buscando, a partir do olhar etnográfico, entender a cidade a partir do modo de vida de seus atores sociais.

A perspectiva de perto e de dentro é uma proposta que inicia, segundo o autor, uma “[...] apreensão dos padrões de comportamento – não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre, por meio dos seus criativos arranjos, na paisagem da cidade e em diálogo com seus equipamentos.” (MAGNANI, 2016, p. 185). Geertz (1989) já sinalizava essa questão, pois o autor defende que o etnógrafo deve se atentar para o comportamento humano, pois é através do fluxo de comportamento que as formas culturais encontram articulação. Quaisquer que sejam ou onde quer que estejam esses sistemas de símbolos, ganhamos acesso empírico a eles inspecionando os acontecimentos e não arrumando entidades abstratas em padrões unificados.

Na cidade são encontradas diferentes formas de possibilidades de sociabilidade e de usos dos espaços. O sentido e significado, a nova leitura dos espaços e equipamentos depende dos seus protagonistas.

[...] a presença de imigrantes, visitantes, moradores temporários, refugiados e de minorias; de segmentos diversificados com relação a orientação sexual, necessidades especiais, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças; de grupos articulados em torno de opções políticas e estratégias de ação contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão — toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo difuso, mas na possibilidade de sistemas de trocas em outra escala, com parceiros até então impensáveis, ensejando arranjos, iniciativas, experiências e conflitos de diferentes matizes. (MAGNANI, 2016, p. 185).

Dessa maneira, este autor sinaliza para a importância da prática da antropologia urbana no que diz respeito à percepção de práticas dos indivíduos que vivem na cidade, geralmente esquecidas frente às megaestruturas urbanas. Ao buscar mapear os diferentes segmentos sociais, o autor percebe a inserção dos mesmos na paisagem urbana “[...] por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca.” (MAGNANI, 1998, p. 19).

Magnani (2016) organizou cinco categorias de análise para auxiliar na observação da vida urbana: pedaço, mancha, trajeto, pórtico e circuito. Para ele, o olhar etnográfico possibilita extrapolar a barreira do senso comum ao expor que os

atores sociais, no seu cotidiano, têm padrões de comportamento que são regulares. Para poder captar esses padrões é preciso, além de muita observação, empregar categorias de análise, fazendo a mediação entre o geral e o particular.

A primeira categoria, denominada por Magnani (2016) como 'pedaço', diz respeito a uma lacuna intermediária entre o espaço público (rua) e o privado (casa). Em entrevista cedida à Carolina Simas no ano de 2010, José Guilherme Cantor Magnani afirma que

[...] entre a casa e a rua, havia um espaço intermediário onde se encontram os colegas, os "chegados", com outro tipo de sociabilidade, diferente tanto das relações que organizam o plano doméstico, como daquelas presentes no âmbito público e impessoal. (SIMAS, 2010).

No 'pedaço' as pessoas carregam consigo os mesmos valores, hábitos, gostos e partilham dos mesmos símbolos. A segunda categoria – nomeada como 'mancha' – é uma localidade que aglomera um grande número de pessoas, sendo esse local um ponto de referência para as pessoas naturais de diversas origens. No 'pedaço' os indivíduos partilham dos mesmos costumes, na 'mancha' pode haver várias pessoas com costumes variados entre elas. No interior de uma 'mancha' podem existir vários pedaços.

A terceira categoria, conhecida como 'trajeto', vai além do bairro e liga lugares. É a extensão e a diversidade do espaço urbano para além do bairro que se colocam a necessidade de deslocamentos para regiões distantes e não vizinhas.

A quarta categoria, 'circuito', diz respeito a alguma prática ou serviço que são oferecidos por estabelecimentos, espaços, reconhecidos pelos seus usuários frequentes. Para o autor, "[...] circuito é a categoria que rompe com o particularismo do pedaço e a contiguidade espacial da mancha, permitindo reconhecer e conectar pontos distantes sem perder a referência cultural que o caracteriza." (MAGNANI, 2013, p. 41). O 'circuito' assinala um uso do espaço e de aparelhos urbanos, porém de forma mais independente com relação ao espaço.

A quinta e última categoria, nomeada de 'pórtico', refere-se a espaços e marcos vazios. Nas paisagens urbanas se configuram como passagens. Não se enquadram em nenhuma outra classificação. Sobre a classificação de cada uma das categorias citadas acima, Magnani (2016) reforça que:

[...] é justamente isso que as referidas categorias — *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *pórtico* e *circuito* — se propõem a fazer: partem da experiência vivida dos atores sociais envolvidos, mas, em vez de ficarem presas a uma descrição particularista e circunscrita a cada caso, apontam para arranjos compartilhados e regularidades. [...] Cada uma, à sua maneira, permite identificar um arranjo especial, por parte de seus integrantes e revela um tipo especial de consistência: se no *pedaço* não há lugar para estranhos, a *mancha* tem mais amplitude, pois acolhe mesmo quem não se conhece pessoalmente, já que o elemento que une é a identificação por um certo gosto musical, estilo de vida, orientação sexual, religiosa, etc. e tem uma implantação mais estável na paisagem urbana. Já *circuito* é mais abrangente, pois liga pontos sem necessariamente haver contiguidade espacial, permitindo trocas entre parceiros distantes: transcende fronteiras físicas. *Trajetos* levam de um *pedaço* a outro, ou cortam as *manchas*, transpondo *pórticos*. Como se pode ver, trata-se de unidades calcadas em vivências concretas dos atores sociais, mas também são unidades de análise que permitem identificar, descrever, comparar, para além de experiências particularizadas: têm-se como resultado diferentes graus de consistência. (MAGNANI, 2016, p. 189-190, grifos do autor).

Destacamos, no pensamento de Magnani (2016, p. 190), as vivências concretas dos atores sociais se constituindo em unidades de análise para “[...] identificar, descrever, comparar, para além de experiências particularizadas”. Desse modo, a cidade ganha vida a partir das práticas sociais que emanam do cotidiano de seus habitantes, compartilhadas. Essas categorias, próprias da Antropologia Urbana, permitiram-me analisar e descrever regularidades no comportamento e nas formas de uso do espaço urbano. O conhecimento resultante da aplicação do método etnográfico contempla o objeto de estudo com “[...] duas faces: uma relacionada com o agente; é a que faz sentido imediato para ele, pois é sua prática; a outra é percebida pelo pesquisador, que reconhece esse sentido e o descreve, nos seus termos” (MAGNANI, 2016, p. 190).

As categorias descritas por José Guilherme Cantor Magnani constituem uma gramática própria no estudo da cidade, permitindo classificar a multiplicidade da dinâmica e encenação dos atores sociais no espaço público, urbano. Por esse caminho trilhamos para a análise das performances culturais sonoras dos cidadãos na cidade de Goiânia.

Na pesquisa consideramos o ruído sonoro como fonte de dados sociais. Neste sentido, Steven Feld (1982) apresenta uma antropologia do som, rebatendo a ideia de antropologia da música criada por Alan Merriam, em 1964. Para Feld (1982) estudar a música era algo restritivo, pois abarcava apenas uma das possibilidades de estudos das sonoridades do mundo. Logo, buscou estudar a produção sonora e sua recepção nos grupos sociais. A antropologia do som de Steven Feld busca

questionar as relações entre música, linguagem e som do ambiente. Em entrevista à pesquisadora Rita de Cassia da Silva, em 2015, o autor reflete que:

[...] a antropologia da música é etnocêntrica, porque existem muitas formas de expressão entre linguagem e música que envolvem som. O exemplo perfeito disso é o choro. Chorar é fazer som, dar uma forma ao som, mas esta forma é específica à cultura. Ela interage com a linguagem, interage com a música, mas não é só uma nem a outra. Não é canto, nem é música instrumental. Então, penso que o projeto de Merriam não enfrentava essas coisas que existem entre uma categoria e outra, o que penso que uma antropologia do som pode enfrentar. Mas, além disso, não se enfrenta a questão do som do ambiente, do som ecológico e o conhecimento do mundo que lá se encontra. (FELD, 2015, p. 15).

Podemos, portanto, com o uso da antropologia do som, questionar sobre o todo, sobre a importância do som na vida de um grupo de pessoas. Feld (1982, p. 102) desenvolveu o estudo de som como um sistema cultural: um modo de ser/estar no mundo a partir da escuta, escutar como *habitus* (como utilizado por Bourdieu): “[...] escutar como prática cotidiana e social de estar no mundo e achar o nosso lugar nele”.

A partir da antropologia do som, o autor criou o termo ‘acustemologia’, que trata da ligação de duas palavras: acústica (fazer e perceber um som) e epistemologia (produzir conhecimento). O autor propôs pesquisar o som enquanto modalidade de conhecimento e de existência no mundo: “o som tanto emana dos corpos quanto os penetra; esta reciprocidade da reflexão e da absorção constitui um criativo mecanismo de orientação que sintoniza os corpos com os lugares e os momentos mediante seu potencial sonoro” (FELD, 2018, p.235). O importante na acustemologia é pensar a produção do som, quem fala ou o objeto que faz o som, e como esses sons são recebidos no cotidiano.

Feld (1982, p. 461, grifo do autor) argumenta que o som pode ser um meio para apresentar a pesquisa: “[...] queria mostrar para os antropólogos que é possível apresentar uma etnografia em termos puramente acústicos. Não só faço uma antropologia do som para estudar o som como um antropólogo, mas faço uma antropologia *em* som”. Nesse sentido, o autor desenvolve, a partir da escuta, um estudo da percepção dos sons. Para Feld (2015) existe uma relação entre escutar e fazer sons e o ato de escutar é principalmente cultural, pois o que decidimos focar ou não focar na escuta de sons do cotidiano tem uma dimensão cultural.

A compilação e a comparação dos diários de som registrados por vários dias pelo pesquisador revelam o cenário sonoro característico para a região analisada. Schafer (2011) sugere que, para o estudo, catalogação e registro de sonoridades, os sons devam ser separados entre sons fundamentais, sinais sonoros e marcas sonoras. Do mesmo modo, Bauer (2008) também sugere um tipo de catalogação dos ruídos. O autor propõe: a quantidade de ciclos (quantas vezes são reproduzidos), as sonoridades (quem ou o que as produz) e o tipo de som (alta ou baixa fidelidade, grave, médio ou agudo). O que foi realizado nesta investigação: cataloguei os sons capturados em pesquisa de campo e depois selecionei-os para a instalação sonora com os parâmetros estabelecidos por Bauer (2008) e também por Schafer (2011). Essa separação dos sons será apresentada a seguir, neste capítulo.

Acreditamos que “[...] a experiência cotidiana – a prática da vida e os lugares onde essa prática é estabelecida – é reapresentada para nós e em nós.” (AITKEN; ZONN, 2009, p. 22). Dessa maneira, dividimos nossa ação em três etapas. Na primeira etapa, a partir da etnografia, investigamos os sons cotidianos da cidade para, posteriormente, identificar a sonoridade local. Na segunda etapa realizamos a seleção dos ruídos sonoros capturados na cidade para apresentação/reprodução aos cidadãos goianienses em forma de instalação sonora. Na terceira etapa realizamos a instalação artística-sonora, intitulada ‘Janelas sonoras’ e, durante a mesma, efetuamos entrevistas com transeuntes da cidade, as quais foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e tabuladas para análise. Executamos a análise das respostas referentes à escuta da instalação sonora com a intenção de verificar se os cidadãos goianienses realmente se reconhecem nos sons capturados por nós na cidade de Goiânia.

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Como instrumentos de pesquisa para o registro acústico na investigação prática de campo utilizamos basicamente dois elementos em um primeiro momento: o gravador e o microfone. Esses elementos auxiliam pesquisas que utilizam o som como dados de análise e também em outros usos (BAUER, 2008). Os aparelhos utilizados foram de fundamental importância, pois a partir deles realizamos registros materiais das sonoridades escutadas.

Utilizei dois gravadores de som: o primeiro, um gravador de áudio Tascam HD P2, gravador digital de áudio de alta resolução, que é do tamanho de uma maletinha de notebook de 10 polegadas e chama a atenção de quem o vê. Pensando nisso, em algumas situações utilizei o segundo gravador, o M-audio Microtrack II, minigravador digital de áudio que, por ser pequeno e do tamanho de um celular, torna a gravação mais acessível em lugares muito lotados, sem chamar a atenção. Santos (2002, p. 42) afirma que “[...] o gravador, ao permitir a exploração do mundo de uma forma singular e pessoal, torna o ato de gravar um som uma ação fascinante”. Mas, temos que tomar cuidado com sua utilização no momento da gravação, pois, como afirma Truax (1984, p. 190), “[...] sua efetividade como uma ferramenta não depende apenas de especialidade técnica em seu manuseio, mas, sobretudo, da atitude daquele que grava”. Se bem utilizado, a partir do uso do gravador de som, podemos aprender muito sobre a paisagem sonora de determinado local; no nosso caso buscamos apreender particularidades dos sons característicos da cidade de Goiânia. Neste sentido,

[...] a cidade, justamente por se apresentar enquanto um espaço plenamente percebido como um comunicador de mensagens e, aparentemente, apenas percebido por uma escuta do hábito, que decodifica signos sonoros, pode possibilitar também que o ouvinte perca todo ponto de referência e todo conhecimento absoluto de objetos, quaisquer que sejam eles. A cidade, principalmente em seu ‘miolo’ ou centro comercial, mesmo se configurando como um espaço que congrega um grande número de pessoas, carros, vendedores, variados ruídos de motores, vozes aponta para a configuração de uma espécie de impermanência de sons, os mais distintos e singulares, que se justapõem, sugerindo, muitas vezes, uma verdadeira ‘polifonia urbana’. (SANTOS, 2013, p. 45).

Para a captação sonora dessa ‘polifonia urbana’, de acordo com a ocasião e por conta do ambiente no momento da gravação, utilizei também os seguintes microfones: Sennheiser ME 66, microfone ultradirecional que tem a potencialidade de direcionar o foco da gravação de sons, sendo um microfone capaz de capturar sons a longas distâncias; Behringer C3, microfone que grava todos os sons à sua volta com a mesma intensidade; e o microfone lapela Sennheiser Lapela EW 100 G2, que pode ficar escondido na roupa e capta sons próximos ao local em que foi fixado. Esses equipamentos me auxiliaram na captura em alta qualidade das

sonoridades escutadas, assemelhando-se ao som que o ouvido humano é capaz de escutar⁹.

De tal maneira, com um diário de campo em mãos e um gravador de som ligado, comecei a realizar as minhas observações em relação à escuta dos ruídos sonoros nos quatro ambientes selecionados para esta pesquisa. Anotei todas as impressões em meu trajeto nos espaços: os minutos de observação/escuta, dias e intervalos de tempo escutados, que estão apresentados a seguir.

3.4 A INVESTIGAÇÃO PRÁTICA, DE CAMPO: IDENTIFICAÇÃO DOS TERRITÓRIOS SONOROS DE GOIÂNIA E CAPTURA DOS SONS NA CIDADE

Para a investigação em campo segui a recomendação de Bauer (2008) e, em primeiro momento, antes que o registro fosse efetivado, realizei um 'passeio de escuta'. De acordo com Bauer (2008), esse passeio consiste em realizar um percurso no ambiente em que os sons serão analisados e, ao mesmo tempo, escutar conscientemente os ruídos que seriam esquecidos em outra atividade cotidiana. Para ele, o 'passeio de escuta' pode proporcionar uma maior consciência ao pesquisador em relação à escuta e pode ainda preparar "[...] investigações de cenários sonoros, e se poder falar sobre ambiente sonoro, tópicos que são normalmente ignorados e difíceis de verbalizar." (BAUER, 2008, p. 375).

Após a realização do 'passeio de escuta', o autor recomenda que seja realizado um 'diário de sons', que consiste em descrever, a cada 30 minutos, as percepções auditivas do ambiente estudado. Nesse diário anotamos a quantidade de ciclos dos sons ouvidos, o tipo de sonoridade e quem as produziu. A realização deste diário de sons forneceu dados típicos com relação à sonoridade de Goiânia em um grupo de pessoas específico e, dessa maneira, tornou-se um "[...] indicador cultural, podendo ser mapeadas tanto através do contexto como através do tempo." (BAUER, 2008, p. 376).

Por essa via, recorremos à Halbwachs (1990) quando ele expõe que não existe memória coletiva que não se desenvolva em um quadro social, reforçando o aspecto perceptivo do espaço. Nesse entendimento, o som se encontra estritamente vinculado ao espaço e à memória social, coletiva, e a partir da realização da

⁹ O ser humano é capaz de ouvir sons que variam da frequência de 20Hz a 20.000 Hz (RATTON, 2007).

metodologia proposta por Bauer (2008). A partir de então, foi possível obter perfis das sonoridades dos locais investigados na cidade, os quais foram posteriormente comparados a fim de que, conforme Bauer (2008), seja possível estabelecer medidas para as vidas coletivas e o significado dos ruídos para a comunidade.

Na tentativa de observar/escutar sons e comportamentos humanos – recolher e capturar alguns sons característicos da cidade, bem como, suas expressões, realizei uma primeira investigação a respeito de locais mais visitados ou históricos da cidade. O objetivo era investigar os territórios sonoros da cidade.

Nesse sentido, os quatro locais escolhidos para a captura de sons são locais significativos para a cidade e também locais de consumo, destacando sua potencialidade sonora – locais frequentados por seus habitantes, pontos históricos da cidade, territórios sonoros na cidade de Goiânia. Os quatro locais selecionados para captação de sons, por ordem cronológica de fundação na cidade, foram: o bairro central da cidade (1933), a região da festa agropecuária de Goiânia (1945), a região da Feira Hippie (1972) e o estádio de futebol Serra Dourada (1975).

A região central de Goiânia, erguida na época da fundação da capital, foi concebida de forma radial por três avenidas: Avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia, que convergem para a Praça Cívica. Essas avenidas deveriam circundar a cidade. Atualmente este projeto inicial exerce essa função apenas no bairro central de Goiânia, escolhido para a pesquisa por ser o primeiro bairro fundado na urbe. É o local mais frequentado por moradores da cidade e por turistas que chegam a Goiânia, bem como receptora de vários comércios e da sede administrativa de alguns poderes do estado de Goiás – entre eles o palácio do governo do Estado.

A festa agropecuária de Goiânia foi fundada no ano de 1945 e permanece como uma das mais tradicionais da cidade. A festa ocorre anualmente no mês de maio e tem duração aproximada de 15 dias. Durante esses dias produtos são oferecidos à população local, nacional e até mesmo internacional. Na feira são expostos e leiloados animais do campo, máquinas agropecuárias são comercializadas, restaurantes da cidade oferecem um cardápio regional, torneios de laço e rodeio são executados, além de shows com artistas de diferentes estilos musicais e os sertanejos, conhecidos no mercado fonográfico nacional como: Zezé de Camargo e Luciano, Leonardo, entre outros. Escolhemos a festa agropecuária de Goiânia para a captura de sons, porque a atividade agropecuária tem grande

destaque no estado de Goiás. Além disso, essa festa popular reúne até quarenta mil pessoas por ano (BALANÇO..., 2017). Aos sábados, durante os outros meses do ano, a região comporta uma feira livre conhecida como Feira da Marreta¹⁰, onde é possível a troca de produtos diversos (novos e usados) entre os consumidores.

Uma das práticas sociais mais frequentes na cidade de Goiânia se relaciona com as feiras de roupas e artesanato, que acontecem diariamente em vários bairros diferentes. Goiânia é conhecida como grande polo de confecção têxtil. A cidade recebe turistas de vários estados brasileiros, que vêm para a cidade na intenção de comprar produtos mais baratos para revenda em seus lugares de origem.

Em razão da importância dessa prática, elegemos a feira de roupas e acessórios mais conhecida da cidade, popularmente chamada de Feira Hippie. Essa é considerada a maior feira aberta ao ar livre do Brasil e da América Latina. Segundo reportagem de Meloni (2013) para o jornal O Popular, são mais de seis mil expositores. A feira ocorre todo fim de semana na cidade, no Setor Norte Ferroviário, tem início no sábado à tarde e termina domingo às 15 horas, ininterruptamente.

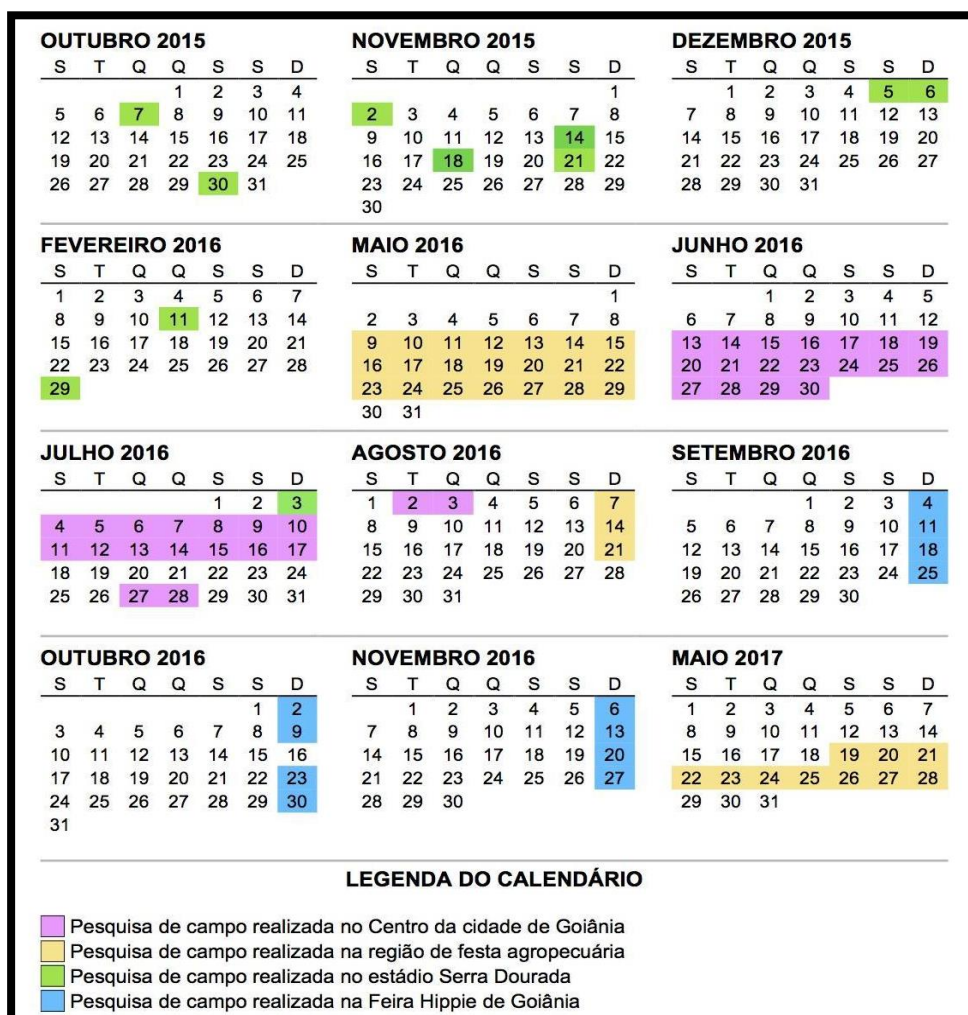
O último local escolhido para essa investigação foi o Estádio Serra Dourada, inaugurado na cidade no dia 9 de março de 1975 (GOIÁS, 2013). Na data de sua inauguração o estádio contava com uma capacidade máxima de lotação para 80 mil pessoas. Com o fechamento da parte denominada de Acesso Geral¹¹ o estádio, tem, atualmente, capacidade para 50 mil pessoas. A despeito dos times de futebol da cidade de Goiânia não possuírem tanta fama nacional na mídia televisiva, os jogos dos times goianos têm um público ativo e volumoso, além de torcidas organizadas bem estruturadas e articuladas na cidade. O espaço do Estádio Serra Dourada também comporta diversos shows, entre eles um dos maiores festivais de música sertaneja do Brasil: o Villa Mix Festival, produzido anualmente na cidade entre o final do mês de junho e o início do mês de julho.

¹⁰ Conhecida dos moradores da Capital, a Feira da Marreta é tida como um local onde é possível adquirir produtos de origem duvidosa e até de origem ilícita. No local é possível encontrar diversos tipos de produtos novos, usados e uma variedade de objetos de antiguidades, desde peças de vestuários a LPs. Fonte: FEIRA da marreta é fechada em Goiânia. **Diário da Manhã**, Goiânia, 29 out. 2017. Cotidiano. Disponível em: <http://www.dm.com.br/cotidiano/2017/10/feira-da-marreta-e-fechada-em-goiania.html>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹¹ O Acesso Geral era a parte destinada a pessoas de baixa renda em vários estádios brasileiros. O valor do ingresso para entrar nessa área era apenas simbólico. Nessa parte, não há espaço para o torcedor se sentar e assistir ao jogo, permanecendo os 90 minutos em pé. Após as últimas reformas nos estádios brasileiros para a Copa do Mundo, disputada no Brasil em 2014, vários estádios destruíram o Acesso Geral.

Depois de definir os territórios sonoros a serem investigados em campo na cidade, organizamos um calendário com a previsão de gravação de sons em cada um dos ambientes selecionados para a pesquisa. No total, a pesquisa de campo foi realizada em 12 meses, contudo, em anos diferentes. No ano de 2015 a investigação foi realizada nos meses de outubro, novembro e dezembro; no ano de 2016 nos meses de fevereiro, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro. No ano de 2017 foi realizada no mês de maio. O calendário com todas as datas de gravações de sons pode ser visualizado na Figura 2.

Figura 2 - Calendário para averiguação de territórios sonoros em Goiânia



Fonte: Elaborado pela autora (2015, 2016).

Como evidenciado no calendário apresentado, em 12 meses alternados foram coletados ruídos sonoros nas quatro regiões da cidade de Goiânia, totalizando mais de 100 horas de som gravadas em alta qualidade. A partir dessas gravações

separamos e selecionamos sonoridades características da cidade. Nos quatro ambientes selecionados para a pesquisa realizei algumas visitas sem os gravadores de som e microfone, portando apenas o caderno de campo. Esse primeiro contato me possibilitou detectar o tipo de equipamento que poderia ser levado para a captura dos sons. Eu não poderia levar um equipamento grande que chamaria muita atenção. Também pude anotar algumas repetições de ruídos percebidos como: o galo cantando fora de hora pela cidade, o anúncio de venda de pamonha e alguns comportamentos das pessoas em seus cotidianos pela cidade. Em segundo momento editamos os sons, mixando os mesmos em um programa de edição profissional de áudio para cinema, identificando semelhanças e diferenciações.

Comecei a pesquisa de campo pelo Estádio Serra Dourada porque nos últimos meses de 2015 acompanhei profissionalmente uma equipe de gravação de cinema que realizou filmagens no estádio nessa época. A partir do contato mencionado, consegui acesso ao estádio para a gravação dos sons. Apesar disso, a descrição detalhada de cada ambiente será apresentada nos próximos itens a partir de sua ordem cronológica de fundação na cidade: o bairro central da cidade (1933), a região da festa agropecuária de Goiânia (1945), a região da Feira Hippie (1972) e o estádio de futebol Serra Dourada (1975).

3.4.1 O centro da cidade, pulsar sonoro no coração de Goiânia

Em uma breve caminhada pelo bairro central da cidade de Goiânia percebi um grande bombardeamento sonoro de ruídos advindos das mais variadas fontes sonoras e de todas as direções. São carros, vendedores de *chip* de celular, vendedores de pamonhas e doces, som de cigarras, som do caminhão de coleta seletiva do lixo da cidade, o som de cascos de animais pelo asfalto da cidade, apitos, o farfalhar das árvores, ruído de passos, ônibus, motocicletas, de máquinas diversas em reforma de edifícios. Para apreender essa diversidade realizei uma observação intensa, escuta e gravação de sons no centro da cidade de Goiânia durante os meses de junho, julho e agosto de 2016.

O centro de Goiânia tem ampla extensão, como pode ser observado na área que se encontra em cor laranja no mapa apresentado na Figura 3. Como o bairro é extenso, para essa pesquisa de observação e gravação dos sons selecionamos os

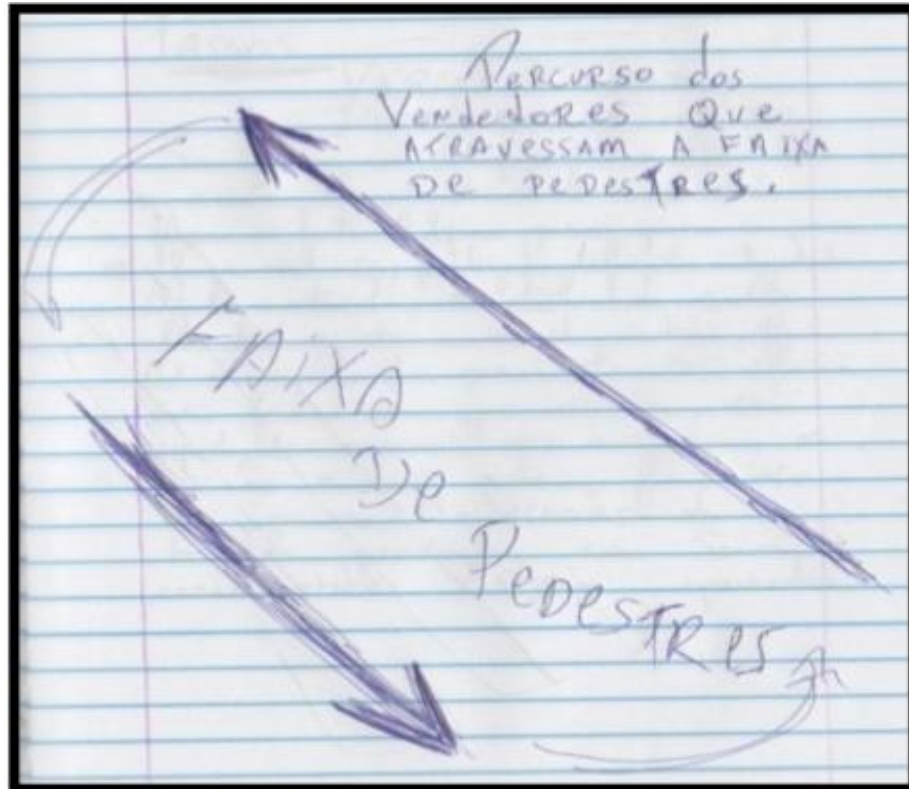
hábitos diários, passam pelos sons do cotidiano sem percebê-los. Este lugar é carregado de sons: o ônibus que passa pela rua, carros, motos, vendedores ambulantes, os cidadãos que passam pela rua com horários pré-determinados para chegar ao trabalho.

O ato de simplesmente ouvir a sonoridade urbana por parte dos habitantes faz com que algumas pessoas não escutem os ruídos sonoros do cotidiano com atenção, e são esses sons que compõem a performance sonora do centro de Goiânia. Segundo Schafer (2011), existe uma variedade de significados para o ruído sonoro e ele apresenta quatro definições mais importantes: o ruído como um som não desejado, o ruído como um som não musical, o ruído sonoro como qualquer som forte e como um distúrbio em quaisquer sistemas de sinais. Segundo o autor, “[...] isso torna ruído um termo subjetivo.” (SCHAFFER, 2011, p. 367).

Minha primeira observação para captação de sons nessa região ocorreu na manhã do dia 13 de junho de 2016. Com o caderno em mãos, sentei em um banquinho, debaixo de um pergolado, entre os cruzamentos das Avenidas Goiás e Anhanguera. Uma sonoridade característica chamou a atenção logo de início: o som que os vendedores ambulantes produzem ao tentar vender seus produtos.

O centro da cidade é conhecido por ser um local onde os cidadãos comprem e vendem ouro, roupas usadas, *chip* de celular, bugigangas das mais variadas e os vendedores não cansam um minuto sequer de oferecer essas mercadorias. Sem parar de gritar durante toda a manhã, os vendedores de chips de operadoras de celular oferecem o seu produto aos caminhantes desse cruzamento. Quando o semáforo abre para os pedestres eles caminham na faixa de pedestre (FIGURA 4) e continuam o anúncio do produto na tentativa de vender a maior quantidade de chips possíveis no dia.

Figura 4 - Anotações realizadas em diário de campo no centro de Goiânia

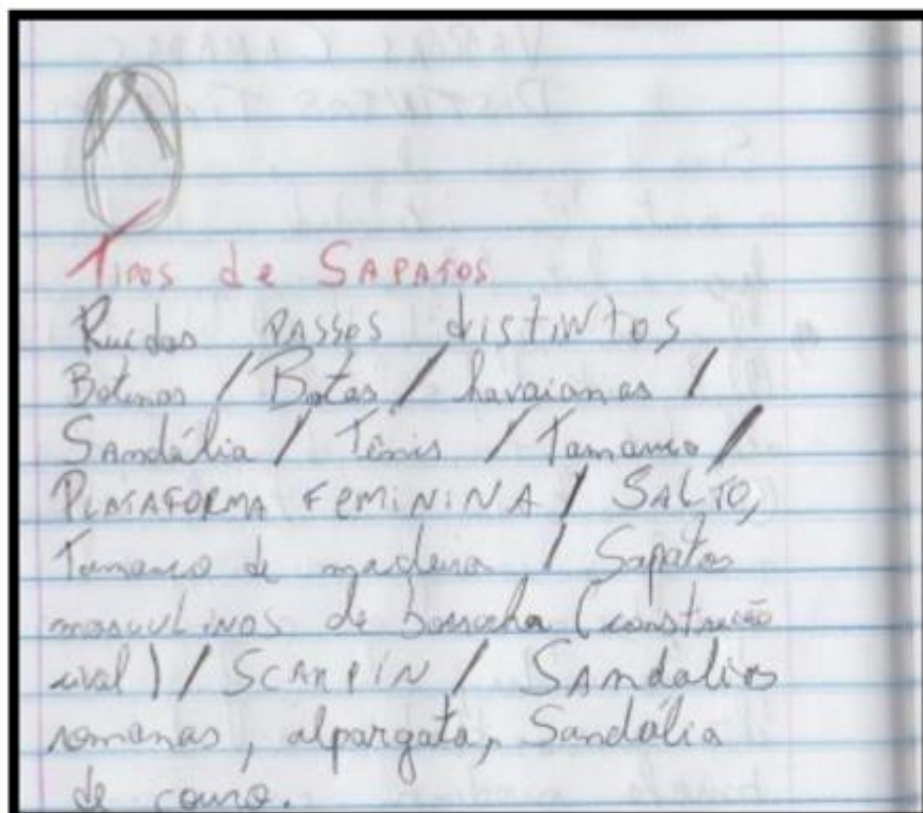


Fonte: Elaborado pela autora (2016).

A espacialidade acústica do som chama atenção a cada vez que esses vendedores atravessam de um lado para o outro na faixa de pedestres. O som vai e volta com a emissão de suas vozes e, ao mesmo tempo, é espalhado no ambiente percorrido por eles, assim como ao pé do ouvido dos habitantes que atravessam a faixa de pedestres.

Nesse mesmo dia de observação também pude perceber a variedade de som de passos existentes entre os habitantes da cidade que percorrem a região central. Esse conhecido cruzamento da cidade, entre a Avenida Goiás e a Avenida Anhanguera, tem grande concentração de pedestres. A movimentação constante das pessoas reporta uma sonoridade específica ao centro da cidade: os diferentes sapatos em contato com o chão, as roupas e o contato físico das pessoas que se cruzam. A variedade de sons distintos de passos me impressionou no momento da observação e escuta. Com maior ou menor pressão sonora em contato com o chão, escutei passos de chinelos, sandálias, botinas, salto alto, tênis (FIGURA 5).

Figura 5 - Anotações sobre os sons de distintos tipos de sapatos



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Esses sons de passos distintos das pessoas que caminham pelo centro oferecem um *background* acústico particular ao cotidiano do centro da cidade de Goiânia (FIGURA 5). Em quatro dias de observação e escuta dos sons me concentrei nas máquinas na Avenida Goiás. Carros e motocicletas que emitem diferentes sons. Os alto-falantes das lojas de comércio, que tocam música sem parar, alguns vendedores chamam as pessoas para conhecer as promoções oferecidas no estabelecimento. Existem vendedores que anunciam produtos de lojas situadas no centro da cidade que se vestem de *cowboy*, circulando pela região em cima de uma camionete equipada com caixas de som. Outros vendedores ficam na porta dos estabelecimentos comerciais anunciando ofertas. Eles são, quase sempre, ignorados, porque a maioria dos passantes ignora o ruído sonoro emitido e simplesmente passa pelas lojas sem escutar as ofertas e promoções.

Existe uma diferença entre os tipos de sons emitidos pelos ônibus que passam pelo centro de Goiânia. Existem os ônibus comuns, que circulam por toda cidade, com sonoridade não muito grave, oscilando entre os sons médios e graves. Mas há, no centro da cidade, o famoso ônibus do Eixo Anhanguera, nome dado a

um corredor de transporte coletivo exclusivo, na modalidade BRT (transporte rápido por ônibus). Esse corredor de ônibus tem 14Km de extensão e faz a ligação entre as extremidades oeste e leste de Goiânia através da Avenida Anhanguera.

Os ônibus que transitam pelo Eixo Anhanguera são bi/tri articulados e produzem um som alto e em frequência bem grave. Esse som pode até assustar um morador desavisado, que nunca tenha escutado um ônibus desse tamanho em funcionamento. Ele circula pela cidade de Goiânia em substituição ao metrô. Como é grande, esse ônibus emite um sinal sonoro – ao abrir e fechar as portas – alertando os passageiros sobre a entrada e saída nas paradas. A combinação dos sons dos dois tipos de ônibus confere, ao centro de Goiânia, uma sonoridade médio/grave ruidosa, em constante alternância.

Em cinco dias de observação vespertina na Praça do Bandeirante (cruzamento das Avenidas Goiás e Anhanguera), uma movimentação particular me chamou a atenção. Um grupo de seis músicos peruanos, vestidos como seus ancestrais indígenas, organizava-se para a realização de um show ao vivo. Montaram as caixas de som, os microfones e se prepararam para a apresentação. Uma parte do grupo tocou flautas peruanas e tambores e outra parte cantou e dançou, como em rituais de seus ancestrais. Tocaram essa música por dez minutos. Logo em seguida tocaram músicas conhecidas e difundidas pela indústria cultural, cantadas em inglês. A partir desse momento, começam a receber dinheiro dos passantes que por ali cruzavam o caminho do grupo de imigrantes, em caixa de papelão oferecida por um dos integrantes do grupo de músicos. Por um momento a sonoridade reproduzida pelos músicos peruanos se sobrepôs à sonoridade das máquinas e ruídos do centro da cidade, pois a caixa de som que utilizaram reproduzia os sons da apresentação em alto volume.

Em outros dias de observação me fixei no Coreto da Praça Cívica (FIGURA 6), nos períodos da manhã e da tarde. Por esse coreto circundam muitos carros durante o dia, sendo um dos trechos mais movimentados de Goiânia. Por isso era inevitável escutar os mais distintos tipos de motores passando por mim.

Figura 6 - Coreto da Praça Cívica em Goiânia



Fonte: Thais Oliveira (2016).

O efeito *doppler* naturalmente ocorreu no processo de escuta nesse ambiente, por várias vezes. Um exemplo clássico desse fenômeno pode ser sentido quando uma ambulância passa pelo ouvinte. No caso de aproximação, a frequência da onda recebida pelo ouvinte fica maior que a frequência emitida. Ao contrário, no caso de afastamento, a frequência aparente diminui (VALLE, 2002), causando uma sensação de que o som vai e volta, repetidamente e com pequenos atrasos. A sensação de escuta nesse ambiente foi a de que a todo tempo eu recebia o efeito *doppler* nos ouvidos, por conta do trânsito circular de carros na região da Praça Cívica.

Em um dos dias aconteceu uma queda de energia e o trânsito no centro da cidade ficou tumultuado. Com isso, ouvi várias buzinas e muitos sons de motores ligados, além de vozes de pessoas nervosas em seus carros pedindo passagem. Em meu processo de escuta, as buzinas constantes deram início a uma música cíclica, pois eram repetidas de forma constante. Depois, por um momento, o som das buzinas se tornou ensurdecedor.

Com a desordem anunciada no centro da cidade, a Agência Municipal de Trânsito (AMT) de Goiânia foi acionada. Após uma hora do ocorrido chegou uma equipe de agentes ao local. Desde então, outros sons foram sendo incorporados ao ambiente: o som das sirenes dos carros dos agentes de trânsito, a diminuição na emissão de sons das buzinas de carro, o som dos apitos de sinalização assoprados pelos agentes de trânsito.

Em um dos últimos dias de observação e gravação dos sons, choveu na região central de Goiânia. A movimentação era intensa entre os pedestres para se esconder da chuva. Em um determinado momento uma correria entre os ambulantes começou, na tentativa de abrigar suas mercadorias a tempo. Uma sonoridade particular de água batendo nos guarda-chuvas de pedestres, nos telhados das lojas e no asfalto fez-se presente. A chuva traz água acumulada no asfalto para a região central. Muitos bueiros ficam entupidos por conta da poluição e ação dos indivíduos em jogar lixo nas ruas. Com isso as ruas ficam alagadas, causando transtornos aos pedestres, aos moradores da região e aos motoristas que por ali passam. Assim, foi possível escutar o som de objetos sendo levados pela água da chuva na rua, remetendo-me ao som de um rio com correnteza na fazenda.

A região central de Goiânia também é habitada. Não há só o comércio por ali, algumas famílias residem na região. Com isso, uma sonoridade chama atenção: o som dos animais que por ali habitam: cães, gatos, galinhas, galos e pássaros; o farfalhar de árvores e vegetação; telefones que tocam sem parar; conversas. Goiânia é uma cidade bem arborizada, o que atrai grande número de pássaros ao final do dia para as árvores da capital, produzindo um ruído sonoro expressivo e com frequência sonora aguda.

Durante as observações e escutas noturnas no centro da cidade pude perceber que as Avenidas Anhanguera, Goiás e Paranaíba ficam praticamente vazias de pedestres e carros. Um vazio sonoro se fez presente. Vazio no sentido de que esse ambiente durante o dia era preenchido sonoramente com uma abundância de sons: carros, ônibus, caminhões, pessoas falando alto, anúncios de vendedores nas portas das lojas. Durante a noite era possível escutar o vento e também conversas distantes de pessoas que não estavam próximas do meu local de captura de sons. Nesse ponto, a falta de sons fortes me incomodou e gerou, no meu processo de escuta, uma sensação de perigo, de que, pela falta de som, alguma coisa negativa poderia acontecer naquela ocasião.

Mas de fato, a região central se torna perigosa durante a noite. Há pouco policiamento e pouca movimentação de pessoas. O que deixa o centro abandonado. Há somente alguns moradores de rua e o trânsito de pedestres é quase inexistente. Poucos carros circulam pelo centro na realização de seus trajetos e durante as observações noturnas da semana ouvi poucos ruídos de máquinas. A sonoridade

presente por vezes era a de um avião que passava no céu, de grilos cantando, latidos de cachorros ou de um ônibus que circulava de tempo em tempo pela região.

Os sons escutados, anotados e gravados no centro da cidade foram destacados por nós durante a observação em campo e as repetições sonoras foram separadas para posterior uso durante a instalação sonora proposta e apresentada no item 3.8.

3.4.2 A festa da agropecuária e os sons de uma vida no campo

A Pecuária de Goiânia, como é popularmente conhecida, foi fundada no ano de 1945 e completou 74 anos em 2019. É uma das festas mais tradicionais da cidade. A festa ocorre anualmente nos meses de maio, tendo em média a duração de 15 dias. Nela são expostos animais do campo e máquinas utilizadas no campo; rodeio e torneios de laço são executadas. No ano de 2016 a tradicional Exposição Agropecuária de Goiânia foi reconhecida pelo poder legislativo do Estado de Goiás como Patrimônio Histórico e Cultural Goiano.

Em Goiás qualquer abordagem social e histórica sobre a economia do estado passa pela agropecuária. Na cidade de Goiânia não é diferente. Silva (2001, p. 15) diz que a “[...] feira Agropecuária de Goiânia é um exemplo dessa identidade rural, onde uma vez por ano, a cidade suspende o tempo comum, que seria a urbanidade e instala-se a simbólica ruralidade”. Podemos dizer, portanto, que a festa agropecuária apresenta, para a cidade, em maior número, simbolismos da identidade rural que caracterizam a própria formação de Goiânia.

A pecuária é uma festa popular que atrai pessoas para os shows e rodeios, mas que também atrai empresários para compra e venda de animais e máquinas utilizadas no campo, e para diversas transações no mundo do agronegócio. Como a festa ocorre anualmente somente no mês de maio, compareci como observadora/ouvinte nos anos de 2016 e 2017 para a realização dessa parte da pesquisa de campo.

No ano de 2016 houve pouco investimento financeiro para a realização dessa festa. Passávamos por um momento crítico na economia e política nacional. Com isso o governo estadual não investiu como anteriormente na realização da festa agropecuária. Então, foi um ano em que poucas atrações se instalaram no parque

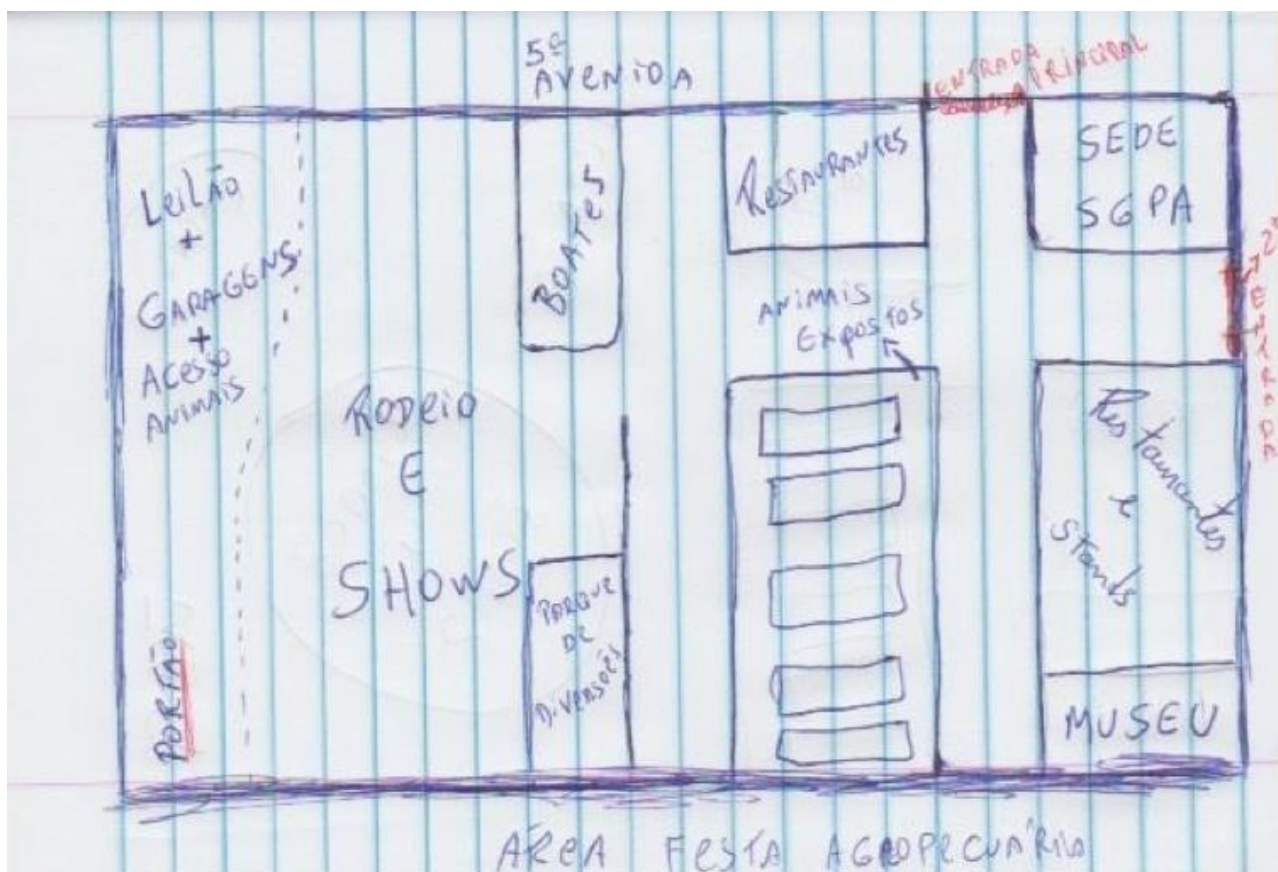
agropecuário e sem muitas apresentações culturais. Já no ano de 2017, diferentemente de 2016, houve um grande investimento financeiro e, além de atrações internas – como exposições de animais, carros, e produtos diversos, foram realizados shows com cantores sertanejos em quase todos os fins de semana do mês de maio no Parque Agropecuário.

Segundo o site da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura (SGPA) (BALANÇO..., 2017), no ano de 2017 a festa agropecuária de Goiânia contou com um público de 350 mil visitantes. Os dados referentes ao público pagante no ano de 2016 não foram disponibilizados no site da SGPA, entidade organizadora da festa agropecuária. Segundo a entidade, a área total da festa agropecuária abrange 150 mil metros quadrados, comporta sete mil animais expostos e uma área para rodeio com 25 mil metros quadrados com arquibancadas para 15 mil pessoas.

Comecei a pesquisa de campo na festa agropecuária no dia 9 de maio de 2016. Nesse ano poucos animais foram expostos e havia pouca movimentação de pessoas no parque agropecuário. Escutei reclamações de funcionários que trabalhavam há muito tempo na pecuária, relatando como a falta de visitantes nesse ano estava gerando prejuízos para aqueles que se instalaram no local.

Foram momentos de observação e escuta em que pude perceber a divisão dos espaços no ambiente de exposições da festa (FIGURA 7): um espaço destinado para a diversão das crianças, que reunia animais de pequeno porte como bezerros e pôneis; máquinas de sorvete, barraquinhas de tiro ao alvo, barraquinhas de pescaria infantil, parque de diversões. Um outro espaço em forma de arena para realização de rodeios e shows. Mais um espaço onde se instalaram alguns poucos restaurantes no ano de 2016. As passarelas, um pouco vazias de visitantes, e, no último espaço, no fim de uma das passarelas, já próximo ao museu do sertão. A mesma divisão dos espaços aconteceu em 2017.

Figura 7 - Anotações realizadas em diário de campo na festa agropecuária



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

No espaço próximo ao museu havia um grupo de artesãs que bordavam tapetes e confeccionavam ali mesmo colchas de retalhos e cobertores de algodão (FIGURAS 8 e 9). Enquanto trabalhavam com as máquinas de tear algodão, elas cantavam músicas entoadas por um grupo de cantores que também faziam parte do grupo e se instalaram ao lado.

Esses cantores cantavam músicas sertanejas caipiras¹² para os passantes. Como a festa agropecuária estava vazia nesse ano, tanto de visitantes quanto de atrações, aqueles que iam visitar o parque agropecuário ouviram o som produzido pelo grupo bem perto de onde tocavam.

Figura 8 - Artesãs cantando durante pausa na confecção de cobertores

¹² “A mistura do som da viola com os ritmos trazidos pelos colonizadores, como as toadas, cantigas, viras valsinhas e modinhas [...] gerou uma música típica do interior de São Paulo que com o tempo, se espalhou para outras regiões do país. Já no final do século XIX essa sonoridade era associada às pessoas do interior e conhecida como música caipira.” (ANTUNES, 2012, p.15).



Fonte: Thais Oliveira (2016).

A sonoridade produzida pelas artesãs era carregada de musicalidade tradicional da região Centro-Oeste e, por vezes, no processo de escuta, remetia-me a elementos sonoros característicos de fazendas regionais como: músicas de folia de reis, o som da lenha no fogo do fogão a lenha, o ruído da porteira ao ser aberta, o monjolo.

O ritmo cíclico das máquinas de tear das artesãs remetia ao passar do tempo, como batidas de um relógio e som de carros de boi. Todos esses sons estavam misturados naquele ambiente da festa agropecuária, que contava naquela ocasião com poucos animais emitindo seus sons característicos – como o relinchar de um cavalo que estava próximo dali e o mugir de algumas vacas em um estande ao lado do museu sertanejo.

Havia um constante revezamento no grupo de artesãs com relação às tarefas de cantar, tocar e confeccionar as peças artesanais nas máquinas. Muitas risadas e um clima leve e festivo era presente na sonoridade produzida pelas artesãs.

Figura 9 - Artesãs trabalhando na confecção de cobertores e tapetes



Fonte: Thais Oliveira (2016).

Fora dos dias de exposição agropecuária o espaço utilizado para a festa torna-se espaço para a conhecida Feira da Marreta, que é realizada aos domingos. Visitei a feira em três domingos distintos no mês de agosto de 2016. Nessa feira vende-se de tudo: peças de carros, motos, pneus, som automotivo, frutas, borracha, bicicletas, celulares, entre várias coisas. Não é uma feira organizada, com barracas espaçadas e enfileiradas. Também não há segurança no local. Nessa feira cada vendedor coloca seu lençol no chão e oferece seus produtos ali mesmo. Há tumulto entre os passantes, mas as vendas fluem normalmente. A sonoridade é de alto volume. Os ambulantes não param de falar um segundo. Cada um quer falar mais alto que o outro para chamar mais atenção e oferecer suas mercadorias. Isso causa certo desconforto, pois a escuta quer voltar-se para os mais diversos cantos da feira aberta, na tentativa de assimilar cada um deles. Há também o próprio ruído sonoro das mercadorias, os quais, algumas vezes, os vendedores fazem questão de reproduzir.

No outro ano, em 2017, a observação/escuta na festa agropecuária foi mais movimentada. No ano anterior eu não tinha percebido com tanta força a utilização rigorosa de trajes típicos por parte dos visitantes da festa, porque foram poucas pessoas que frequentaram a pecuária naquele ano. A primeira coisa que me chamou atenção no ano de 2017 foi o vestuário utilizado pelos frequentadores da

festa, pois auxiliava na formação da sonoridade escutada. Mesmo durante o dia, tanto os homens quanto as mulheres exibiram trajes típicos de campo como: chapéu de *cowboy* ou de palha, botas e botinas das mais diversas, calça ou saia jeans e camisa xadrez. Alguns homens frequentam a festa com esporas em suas botas; elas, em contato com o asfalto, produziam um som bem estridente. As botas e botinas, tanto femininas quanto masculinas, também produziam um som bem grave, tornando as passadas mais fortes e imponentes a partir do som.

No ano de 2017, devido aos investimentos financeiros, a presença de animais – como bois, porcos, vacas, cavalos em grandes espaços para a exposição deles, foi mais intensa do que a realizada no ano de 2016. Os animais reproduziam seus sons naturais a todo instante. Mas, em alguns momentos, por pura diversão, em quase todos os dias em que estive observando esses espaços, vários homens puxavam os rabos dos animais, fazendo com que estes emitissem um som de dor.

Na parte com exposição de animais havia pôneis, minicarros de boi, bois gigantes e mansos para que as crianças, incentivadas pelos seus pais, pudessem cavalgar nos animais. Esse espaço com crianças e animais tinha um som muito característico, já que os animais, cansados, ofegavam a todo instante pelo cansaço de estarem expostos ao sol e sem parar de andar. Também havia muito som de crianças chorando, pois nem sempre elas estavam à vontade nos torsos dos animais ou exprimiam fisicamente o desejo de estarem ali. As famílias faziam questão de tirar fotos de suas crianças com os animais utilizando o aparelho de celular, o que gerou uma gritaria entre os familiares das crianças. Cada uma queria garantir a pose mais perfeita para a ocasião. Os sons dos passos dos animais em contato com o asfalto também me chamaram a atenção, pois era intenso, com faixa de frequência média e bem audível.

Assim como em 2016, havia um parque de diversões para crianças com máquina de sorvete, carrossel e barraquinha de tiro ao alvo. Cada uma dessas máquinas produzia muito barulho em frequência constante, próprios de seu funcionamento. A barraquinha de tiro tinha uma sonoridade especial. A parte do fundo da barraca era revestida por um metal de zinco que, em contato com a bala de chumbinho disparada pela arma, produzia um som de estouro bem agudo. A combinação do som da hora do disparo da arma – o estalar da pressão do ar,

somado ao estouro bem agudo, fazia dessa sonoridade única e específica no ambiente.

Já próximo da barraca de pescaria havia o som dos peixinhos de borracha em contato com a água e o toque da vara de pescar entre a água e os peixinhos de brinquedo. As crianças que participaram da brincadeira também ficavam fascinadas e gritavam bastante. Ao receber um prêmio pela pescaria, a algazarra era garantida. A família inteira, presente e observando a brincadeira, parabenizava a criança que conseguia pescar.

Durante as noites, no ano de 2017, na festa agropecuária aconteceram shows de diversas duplas sertanejas com maior divulgação na cidade; no palco principal e em palcos secundários montados por boates e bares que se instalaram no parque agropecuário durante os dias de festa.

Durante o dia e no comecinho da noite ocorria o rodeio e a prática do laço no boi. O rodeio é uma prática comum no Brasil, quando os peões devem permanecer sentados sobre um animal – boi ou cavalo – por até oito segundos. Participaram da competição em Goiânia peões de todo o Brasil e peões convidados de outros países, como Argentina, Paraguai, Estados Unidos e Uruguai.

A sonoridade do rodeio chama a atenção. É montada uma arena circular em que o público consegue assistir ao rodeio e participa da competição: gritando de emoção ao ver o peão machucado ou torcendo pelo peão herói, que consegue se livrar do animal a tempo. O público presente na arena de rodeio tem o costume de bater palmas de forma constante para o chamamento do próximo peão. Há um locutor de rodeio que convoca e chama o público para a realização de reações sonoras com relação à apresentação dos peões.

Durante a festa agropecuária algumas escolas do ensino fundamental de Goiânia levam seus alunos, em geral, crianças, até o parque de exposição para a realização de aulas práticas a respeito dos animais do campo. Essa visita ocorre nos períodos matutino e vespertino. A sonoridade produzida pelas crianças é variada: algumas emitem som de surpresa com relação aos animais vistos e há gritaria quando algum animal reage à presença das crianças no estande de animais. Os professores incentivam seus alunos a tocar em alguns animais dóceis, causando uma sonoridade carregada de reações de alegria e surpresa frente aos animais, que repousam na sombra do estande.

Na época de sua fundação a festa agropecuária da cidade de Goiânia ficava posicionada em uma região afastada do centro da cidade, ainda pequena. A cidade cresceu em ritmo acelerado e a festa agropecuária permaneceu em seu local de origem. Atualmente vários prédios circundam a região próxima da festa e o trânsito de automóveis ficou intenso. Dessa forma, é comum escutar apitos fazendo barulho na época de festas, pois a região fica bem congestionada com os carros e o trânsito é lento. Existem vários estacionamentos improvisados próximos à festa e um grande estacionamento que pertence à organização do evento.

A sonoridade relatada e observada na região da festa agropecuária foi separada para posterior uso durante a instalação sonora.

3.4.3 Feira Hippie de Goiânia: a maior feira aberta da América Latina

A Feira Hippie está localizada na Praça do Trabalhador, ao lado do terminal rodoviário de Goiânia, próximo à antiga estação ferroviária da cidade. Realizei pesquisa de campo nos meses de setembro, outubro e novembro de 2016 na Feira Hippie. A cada dia era possível descobrir a feira em sua sonoridade a partir de seus vários espaços.

O conjunto de produtos mais vendidos na Feira Hippie está relacionado com o ramo de confecções como: calças, blusas e sapatos, o que a diferencia nesse ponto em relação à Feira da Marreta, localizada na região agropecuária de Goiânia. Existe na feira um pequeno setor destinado à venda de produtos de artesanato, como: peças de barro, tachos de cobre, cerâmica, pedra sabão, licores e outros tantos itens comercializados pelos artesãos. As vendas desses produtos são anunciadas a partir da emissão de vários chamamentos sonoros, com anúncios específicos a respeito dos benefícios de cada produto comercializado: menor preço da feira, maior durabilidade, entre outros.

A Feira Hippie de Goiânia é tida como a maior feira aberta ao ar livre do Brasil e da América Latina. Segundo o site da prefeitura de Goiânia, existem mais de seis mil barraquinhas cadastradas. Em conversa informal com os comerciantes, eles afirmaram que a feira possui mais de dez mil barraquinhas em funcionamento, aproximadamente seis mil cadastradas e mais de quatro mil sem cadastro. Hoje a feira compete economicamente com a região conhecida como 'região da 44', que

fica localizada nas ruas próximas da Feira Hippie e que oferecem ambientes de galerias para os clientes que não suportarem o calor da feira.

A feira é organizada e bem preparada em sua estrutura física. Possui barracas de ferro numeradas em toda sua extensão, montadas, inicialmente, na sexta-feira à noite. Cada vendedor aluga a sua barraquinha de ferro para que possa expor e vender suas mercadorias. O som emitido na montagem das barraquinhas de ferro é característico da região. Uma sonoridade metálica misturada aos sons emitidos pelos homens, que gritam uns com os outros para a montagem correta das barraquinhas, com o de veículos nas avenidas que circulam a região da feira.

Os vendedores ambulantes e os que alugam as barraquinhas começam a chegar no sábado de manhã e estendem sua estadia até o outro dia, domingo por volta de 15h. Alguns vendedores de barraquinhas passam a noite de sábado para domingo vendendo na feira, pois o movimento do varejo é maior. Nesse ambiente é formada uma sonoridade de carrinhos de ferro que carregam quilos e quilos de mercadoria pelas vias da feira. Os compradores contratam pessoas para puxar esses carrinhos durante seus passeios na feira.

Há também o som de apitos de policiais e de seguranças particulares contratados por alguns feirantes para transmitir segurança aos compradores. Depois das compras, os carregadores entregam e descarregam os produtos nos grandes porta-malas de ônibus, estacionados em vagas próximas à feira. A sonoridade nesse local é composta por sons graves, médios e agudos, pois se pode ouvir desde gritarias agudas até o som grave dos motores dos ônibus.

Ônibus de todo o país chegam ao terminal rodoviário no sábado, desembarcando centenas de compradores – conhecidos como sacoleiros, que vêm para a capital em busca de roupas baratas para revender em suas cidades, o que gera, assim, uma forma de renda em suas regiões. Os vários sotaques de conversas emitidas na chegada desses compradores, bem como suas falas capturadas em áudio nos ambientes da feira, traduzem uma diversidade de tons distintos de conversação de diversas localidades brasileiras.

Aos sábados é possível perceber um maior número de clientes que comprem mercadorias em grande quantidade, ou seja, no atacado. O preço das roupas, sapatos e outras mercadorias estão bem abaixo do preço do grande mercado e, com isso, comprar na feira se torna um bom investimento. Nesse dia os vendedores

ficam mais contidos durante as vendas. Não há tanta gritaria, pois, segundo os vendedores, os clientes que frequentam a feira no sábado são fiéis, porque sabem o que precisam comprar ou reservam antes as mercadorias. Sobre esse aspecto,

[...] a Feira Hippie de Goiânia pode ser um exemplo de uma “hibridação cultural” relativa às condições trazidas pela modernidade. As práticas socioculturais, presentes na feira passaram por uma “reestruturação” econômica e simbólica, de forma que os artesãos e feirantes “reconverteram” seus saberes e seu artesanato para permanecerem na feira. Hoje, esta feira mantém suas experiências tradicionais e populares, mas desenvolveu junto a elas, outras experiências modernas, o que pode ter contribuído para a sua permanência, fortalecimento, crescimento e influência para surgimento das outras feiras especiais em Goiânia. (BORGES, 2013, p. 93).

A Feira Hippie se modernizou, bem como a cidade de Goiânia, carregando nela aspectos do tradicional e do moderno. Tradicional, pois quando a feira surgiu, os produtos não eram vendidos em grande quantidade e eram fabricados de maneira bem artesanal, com poucas mercadorias expostas para venda. Alguns produtos ainda são produzidos de forma bem artesanal, no entanto, o processo de fabricação e venda da maioria dos produtos se modernizou; os feirantes produzem em grande quantidade e vendem seus produtos no atacado. Na figura 10 é possível visualizar alguns dos produtos vendidos pela feira (roupas, calçados, comida), bem como observar um de seus corredores cobertos com a lona azul.

Figura 10 – Dois registros dos corredores da Feira Hippie



Fonte: Thais Oliveira (2016).

Aos domingos a sonoridade é intensa: som de pastel frito na feira, do carrinho da garapa amassando a cana-de-açúcar, o zunido do apito do vendedor de

palhacinhos, os passos das pessoas caminhando pela feira, o ranger das bicicletas velhas que dividem espaço com os pedestres, o passante que fala ao celular, o som metálico de barraquinhas se movimentando com a pressão exercida pelos vendedores no momento da venda. Os cantos com entonações e timbres particulares para a venda de produtos diversos chamam a atenção de quem anda pela feira e garantem o sucesso na venda do produto.

Durante o domingo funciona a rádio hippie em toda a extensão da feira, através de alto-falantes dispostos em postes ao longo do espaço. Alguns feirantes relataram que não gostam muito do barulho emitido pela rádio, por atrapalhar a comunicação de compra e venda. O volume de som emitido pelo aparelho não é regulado e, por vezes, o som fica muito alto e agudo, comprometendo momentos de conversas no ambiente da feira. Nesse dia é comum cantores comparecem para cantar ao vivo na rádio e divulgar seu trabalho artístico. Além disso, o meio de comunicação também presta serviço de utilidade pública ao anunciar documentos e pessoas perdidas pela feira.

Vários produtos são oferecidos no local. No entanto, sonoramente, o grito dos vendedores de água foi o mais percebido. O calor intenso de Goiânia e o pouco espaço entre as barracas faz da água o produto mais vendido em dias de feira. A água é anunciada de diversas formas: por vendedores que transitam pela feira, por vendedores que ficam fixos em determinado ponto com uma caixinha de isopor com gelo e por vendedores que possuem geladeira em suas barracas.

Entre os mais diversos chamados para as vendas, escutamos o som dos vendedores fixos das barracas anunciando promoções como: “duas blusinhas por R\$ 15,00”, “calça jeans feminina a R\$ 25,00”, “olha a promoção, freguesa”. Como nos sábados a maioria dos vendedores já vendeu boa parte de sua mercadoria, a temporada de promoções nas peças que sobraram para o domingo começa por volta das 11h da manhã.

A feira fica localizada próxima à Avenida Independência, que é bastante movimentada. Pudemos escutar sons de carros e motores de ônibus nas barraquinhas vizinhas à avenida. Mas a movimentação de pessoas é tão intensa, que quando nos deslocamos para o centro da feira mal escutamos o som que vem de lá. Escutei o som de passos, dos mais diversos vendedores e compradores, bem como o som das rodinhas dos carrinhos dos carregadores e dos vendedores de

água. Vários vendedores circulam de bicicleta pela feira vendendo comida dentro de caixas de isopor. Um dos exemplos mais marcantes no meu processo de escuta de vendas de comida foi a de peixe realizada por um jovem, alto e magro, que com um timbre e tonalidade bem aguda grita pelas ruas da feira: “Quem vai querer peeeeeeeixeeeeeee?”. Sua entonação se assemelha com a de uma mulher idosa e fomos pegos de surpresa ao focalizar sua imagem. Seu grito emitido nos corredores da feira também assusta ouvintes desavisados e, por outras vezes, contribuem com a graça do local, por conta da tonalidade utilizada.

Porém, entre todos os sons da Feira Hippie, os ruídos que realmente se destacam dizem respeito aos emitidos por vendedores ambulantes que não são cadastrados em barraquinhas e que perambulam por todos os lados. São vendedores de comida, de manteiga de peixe-boi, de estimulantes sexuais, dentre outros. Chamou-me a atenção um vendedor com entonação particular, que circula todo domingo de manhã por lá com uma tábua cheia de bostas (FIGURA 11).

Figura 11 – Vendedor anunciando seu produto pela Feira Hippie



Fonte: Thais Oliveira (2016).

ORM são as iniciais do nome do conhecido pela feira como ‘vendedor de bosta’ – feita de serragem de madeira, fato que o tornou o vendedor mais famoso da Feira Hippie. Com uma entonação particular, ele anuncia a venda de bosta nos corredores da feira e, por isso, desperta a curiosidade e a atenção das pessoas.

A feira serve de palco para as mais diversas performances, ou seja, a forma como os feirantes gesticulam, gritam, expõem seus produtos para a venda. É o vendedor de peixe, óculos, roupas, sebo de carneiro e demais outros. Durante a captura dos sons foi possível perceber que a feira, por ser um ambiente em que muitos ambulantes vendem seus produtos nas ruas, sem se cadastrar na prefeitura, acolhe diversos imigrantes.

A fotografia mostrada na Figura 12 registra a extensão da feira na região. A mesma não é interrompida nem durante a chuva. São posicionadas lonas azuis grandes entre as barraquinhas, garantindo a passagem dos compradores. O som dos pingos da chuva que atingem as lonas azuis – da água que não é bem escoada na feira por causa dos lixos que entopem os bueiros – e dos passos das pessoas que tocam o chão molhado produz uma sonoridade de frequências médias e estridentes.

Figura 12 - Imagem aérea da Feira Hippie de Goiânia



Fonte: Adaptado de A maior feira... (2015).

Há facilidade no estacionamento e a região da feira fez surgir vários pequenos shoppings com estruturas para alimentação, estacionamento e até hotel para os compradores das diversas regiões do País. A oportunidade de pagamento das mercadorias é outro atrativo que garante a clientela fiel na região; quase todas as barraquinhas aceitam pagamento com cartão de crédito e de débito.

Anotadas as sonoridades recebidas na região da feira, separamos os sons que mais nos chamaram atenção e que se repetiram para uso durante a instalação sonora.

3.4.4 Estádio Serra Dourada

O estádio de futebol nomeado Estádio Serra Dourada foi inaugurado na cidade de Goiânia no dia 9 de março de 1975 (GOIÁS, 2013), ou seja, em 2019 o estádio fez 45 anos de existência. Na data de sua inauguração esse espaço físico contava com uma capacidade máxima de lotação para 80 mil pessoas. Com o fechamento da parte denominada de Acesso Geral¹³, o estádio tem, atualmente, capacidade para 50 mil pessoas.

Na cidade de Goiânia, bem como no estado de Goiás, não existem times de futebol com fama nacional na grande mídia televisiva. Mas os times locais, como o Goiás Esporte Clube, o Vila Nova Futebol Clube e o Atlético Clube Goianiense têm um público ativo e volumoso em dias de jogos, além de torcidas organizadas bem estruturadas e articuladas na cidade.

Entre outubro de 2015 e fevereiro de 2016 realizei visitas ao Estádio Serra Dourada. Nessas visitas pude perceber que o estádio serve a muitas utilidades: jogos de futebol, shows, festas e ainda serve como local para que jovens motoristas desenvolvam suas habilidades ao volante.

No ano de 2015 cada um dos times de futebol da capital estava classificado em uma série diferente no campeonato brasileiro de futebol: o Goiás Esporte Clube estava na série A, o Atlético Clube Goianiense estava na série B e o Vila Nova Futebol Clube estava na série C. Pude acompanhar, em pesquisa de campo, jogos desses três times: Goiás Esporte Clube (dias 18 de novembro de 2015 e 6 de dezembro de 2015) e do Atlético Clube Goianiense (dias 14 de novembro e 30 de outubro de 2015) e Vila Nova Futebol Clube (dias 7 de outubro de 2015, 2 e 21 de novembro de 2015).

¹³ O Acesso Geral era a parte destinada a pessoas de baixa renda em vários estádios brasileiros. O valor do ingresso para entrada nessa área era apenas simbólico. Nessa parte, não há espaço para o torcedor se sentar e assistir ao jogo, permanecendo os 90 minutos em pé. Após as últimas reformas nos estádios brasileiros para a Copa do Mundo disputada no Brasil, vários estádios derrubaram o Acesso Geral.

No dia 7 de outubro de 2015 tive meu primeiro contato com o Estádio Serra Dourada, em dia de jogo de futebol. Nesse dia, acontecia o jogo entre os times do Vila Nova Futebol Clube (GO) e da Associação Portuguesa de Futebol (SP), pelo campeonato brasileiro de futebol da série C, com um público de 34.189 pessoas. Vale ressaltar que o time de futebol do Vila Nova Futebol Clube é bem popular na cidade de Goiânia e tem a capacidade de lotar os jogos com torcedores apaixonados pelo time. A lotação média desse time de futebol supera a marca de outros times da capital e de outras cidades. Em dias de jogos de outros times de futebol, por exemplo, o público pagante mal chega a 10 mil torcedores.

Durante a primeira visita ao estádio de futebol pude perceber a profusa quantidade de sons que um estádio de futebol comporta. Minha família, como quase toda família brasileira, adorava futebol, mas eu, de fato, nunca tinha pisado em um estádio para assistir a um jogo oficial. Assim que coloquei meus pés no estacionamento do estádio o som me arrebatou. Me impressionei com o movimento circular acústico emitido no ambiente, com os carros no estacionamento, com os ambulantes e com quantidade de pessoas presentes ali. Eu, moradora da cidade de Goiânia que sempre passava de carro nas redondezas do Estádio Serra Dourada, jamais imaginaria que ali caberiam tantas pessoas, sonoridades e tantas performances.

Na entrada do estádio o som dos ambulantes já chama atenção. Eles vendem de tudo: amendoim, refrigerantes, cerveja, camisetas, balões, algodão doce, ingressos, brincos, botinas e sandálias. De longe há uma imensa confusão sonora e esses sons só ficam mais nítidos para o ouvinte à medida que ele se aproxima dos vendedores, emissores das fontes sonoras.

Outro som também desperta interesse antes do início do jogo: o das catracas, que giram constantemente com a entrada dos torcedores. Nesse dia as catracas rodaram sem parar, para que mais de 30 mil pessoas entrassem no estádio, formando um som constante durante a meia hora que antecedeu o início da partida.

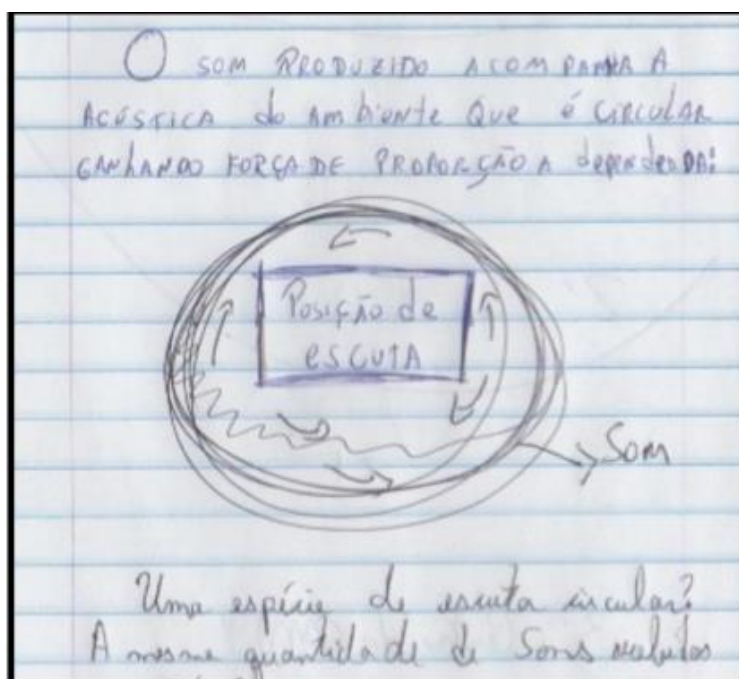
Passando pelas catracas, abaixo das arquibancadas, há também outro espaço para ambulantes, que são em menor número e que ficam mais calados. As pessoas vão entrando no estádio e se acomodando na melhor posição para assistir ao jogo. Escutei um grito alto de um homem dizendo: “Vilaa”. Dois segundos depois outro torcedor grita a mesma palavra. Esse grito serve de pergunta e resposta em

vários momentos do jogo, assim como antes de o jogo começar, para motivar o time. Esse som também foi ouvido em outros ambientes da cidade de Goiânia, como forma de chamar atenção para algum acontecimento cotidiano.

Os comportamentos dos cidadãos no Estádio Serra Dourada são perceptíveis. Escutei e gravei conversas dos mais diversos assuntos entre os torcedores, enquanto eles esperavam seus times entrarem em campo: comentários pessoais, relatos de pescarias, venda de carros, entre outros; raramente a respeito dos jogadores ou do jogo que estava para começar. Somente a partir do momento em que os jogadores dos times de futebol entraram em campo é que o assunto entre os torcedores no estádio se volta para o futebol.

À medida que o Estádio Serra Dourada foi preenchido pelos cidadãos, mais som foi incorporado à acústica do ambiente. O som reverberou no estádio – que tem uma estrutura circular – e voltava ainda com mais força aos ouvidos. Aos poucos percebi que o Estádio Serra Dourada se tornava um gigantesco produtor de ruídos. Involuntariamente, os ruídos chegavam um a um aos meus ouvidos (FIGURA 13).

Figura 13 - Anotações realizadas em diário de campo no estádio



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

As anotações em diário de campo acima relatam: o som produzido acompanha a acústica do ambiente, que é circular ganhando força de proporção a depender da posição de escuta. Ruídos sonoros emanados de toda parte, em 360

graus, de forma circular e produzidos das mais diversas formas por pessoas, máquinas, pela bola de futebol, pelo chute dos jogadores na bola, pela torcida organizada de futebol. Não há nenhum momento de silêncio durante a partida. Seria, portanto, possível pensar em uma escuta circular própria do Estádio Serra Dourada?

Em 30 de novembro de 2015 fui ao Estádio Serra Dourada para observar e escutar os sons durante o jogo entre Atlético Clube Goianiense e Bragantino (SP). O público presente ao estádio foi de 1.084 pessoas (CONFEDERAÇÃO..., 2015a), o que deixou nítida a escuta do som do apito do juiz, o som dos técnicos chamando seus jogadores, dos jogadores chutando a bola e correndo no campo. Era possível escutar o som de grilos nas arquibancadas, somados ao som dos passos de poucas pessoas que por ali caminhavam. No dia 14 de novembro de 2015 também compareci ao Estádio Serra Dourada para observar e escutar sons de mais um jogo do time Atlético Clube Goianiense, dessa vez contra o time de Macaé (RJ). Nesse dia o público presente ao estádio foi de 3.109 pessoas (CONFEDERAÇÃO..., 2015a), quantidade que não produzia um ruído sonoro ensurdecedor no estádio. Pude perceber que a torcida do Atlético Clube Goianiense era pequena se comparada com as do Goiás Esporte Clube e do Vila Nova Futebol Clube.

Em dois dias de observação e escuta de jogos do time do Goiás Esporte Clube (18 de novembro de 2015 e 6 de dezembro de 2015) identifiquei uma torcida grande e organizada, que demonstrava certo descontentamento com os jogadores, pois o time estava quase sendo rebaixado para outra divisão. Os torcedores produziram um ruído sonoro de vaia durante quase todo o tempo de jogo. Como o time do Goiás estava classificado em uma divisão de futebol com times famosos no Brasil, como São Paulo, Cruzeiro entre outros, o estádio foi preenchido também pela torcida desses times visitantes. Isso levou um público maior para o Estádio e mesclou torcedores dos dois times em campo.

De forma geral, durante as visitas em dias de jogos foi possível notar alguns tipos de comportamento dos cidadãos que frequentam os jogos. Ouvi várias pessoas quebrando e comendo amendoim, enquanto esperavam a entrada dos jogadores em campo. Aliás, o amendoim é algo que todo torcedor tem nas mãos e que produz muito ruído.

Com o estádio cheio foi possível perceber a grande quantidade de famílias ali presentes: mulheres, crianças, homens e bebês. O futebol leva ao estádio as

famílias inteiras: pai, mãe, avôs, avós, netos, primos, sobrinhos. E comportamentos já vão sendo construídos a partir dessas vivências. A performance cotidiana se inscreve aqui: as crianças atentas aos jogadores em campo, dando palpites nas jogadas e com muita atenção a todos os movimentos dos pais. Esses, por sua vez, vão narrando o jogo aos filhos e ensinando a respeito de tudo o que acontece naquele ambiente.

Não obstante alguns torcedores visualizarem os jogadores no campo, eles escutam o jogo em um radinho, a partir da narração dos radialistas esportivos. Apontei o microfone para esses radinhos e captei a narração de locutores das emissoras locais comentando todos os lances do jogo nas arquibancadas do estádio. Na verdade, o mesmo jogo, ao ser visto no estádio e escutado pela rádio, ganha uma nova versão, pois estimula o ouvinte no momento do jogo com a colocação de bipes, vinhetas, sinais eletrônicos, que ajudam a dar mais dinamismo à partida. O som do radinho ligado, mesclado ao som que emana dos próprios torcedores, forma uma teia de ruídos produzidos no ambiente, que configura uma camada médio/aguda de sonoridade não compreensível como linguagem falada, mas que preenche o interior do espaço do estádio.

Durante a pesquisa de campo assisti a jogos do Vila Nova Futebol Clube, classificado na série C do campeonato brasileiro, nos dias 2, 7 e 21 de novembro de 2015. O dia 21 de novembro de 2015 foi o dia marcado para a partida final da série C do campeonato brasileiro entre os times do Vila Nova Futebol Clube (GO) e Londrina (PR). Eu já estava acostumada com a quantidade de pessoas no Estádio Serra Dourada em dias de jogos do Vila Nova. Mas esse dia foi o que mais me impressionou, pela quantidade de pessoas no Estádio Serra Dourada.

A partida estava marcada para as 19h30 e já as 15h da tarde o estacionamento do Estádio, que é grande, estava lotado de carros. Uma fila imensa para entrar se formou e o som dos vendedores ambulantes e cambistas era em alto volume e cíclico, além do som repetido das catracas, que podia ser escutado de longe. Calazans (1992) nos informa que existem estudos que comprovam que o coração humano bate a 72 pulsações por minuto e que sons reproduzidos nesse ritmo afetam o comportamento humano. A sonoridade das catracas possui esse ritmo acelerado, causando uma sensação de escuta de tensão, já que a velocidade

que o som era emitido pode ser comparado ao som de batidas aceleradas do coração.

A cavalaria da Polícia Militar do Estado de Goiás (PM-GO) rondava as entradas do Estádio. Segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CONFEDERAÇÃO..., 2015b), nesse dia compareceram 40.914 pessoas ao jogo, lotando o estádio. Foi o maior público registrado no Campeonato Brasileiro da série C. Eram poucos os torcedores do Londrina. Uma imensidão vermelha, cor da camisa do time do Vila Nova Futebol Clube, tomou conta das arquibancadas.

Nesse dia os ruídos sonoros produzidos pelas pessoas presentes no estádio invadiam os ouvidos sem cessar. O canto da torcida organizada era forte e vibrante, com os torcedores sedentos por um bom jogo e, claro, por gols. O time goiano derrotou o time londrino por um placar de 4 a 1, em um jogo emocionante e vibrante, acompanhados pela grande torcida. Nesse dia a vibração maior no Estádio não foi só sonora, foi física. A frequência da sonoridade escutada, juntamente com essa vibração do estádio, propicia ao ouvinte/torcedor uma imersão total no jogo, tanto sonoramente e visualmente, quanto corporalmente. O coração acelera, a visão acompanha a bola. Os pés sentem a vibração física do ambiente. À medida que o jogo avançava, e a cada gol marcado, era possível sentir a vibração do estádio junto com a vibração dos torcedores. Era como se a estrutura do Estádio Serra Dourada pulasse, gritesse, fisicamente, junto com os torcedores.

Cada torcida tem seu hino para embalar o time em dias de jogos. A quantidade de pessoas presentes no estádio cantando músicas para estimular o time dentro de campo impressiona pela emoção de sua entonação e pela vibração. Há um conjunto de pessoas organizadas com instrumentos de percussão, chamados de bateria, com a função de animar a torcida, mesmo quando o time está perdendo em campo. As baterias das torcidas organizadas ficam reproduzindo som durante toda a partida com instrumentos de percussão.

A mídia televisiva, de forma geral, sempre que faz reportagens a respeito de jogos de futebol, enfatiza a questão das frequentes brigas e da rivalidade entre as diversas torcidas organizadas, dos mais variados times de futebol pelo Brasil. As pessoas que não conhecem o ambiente de Estádio de futebol, como eu, ficam temerosas ao participar de um jogo tão lotado, pois imaginam, influenciadas pelos meios de comunicação, que a qualquer momento haverá uma violência gratuita.

Assustada com a quantidade de pessoas no estádio, perguntei a alguns torcedores a respeito de brigas entre as torcidas e eles me responderam que não é sempre assim. Essas disputas não ocorrem com tanta frequência, mas quando estão prestes a acontecer, os torcedores comuns sabem como se movimentar no sentido de se afastar dos locais de confronto. Essa possibilidade, de acontecer uma possível briga ou algum comportamento violento específico, é percebida e antecipada pela sonoridade emitida pela torcida organizada de futebol. Quando isso acontece, o público fica calado ou comentam: “Hoje vai ter guerra”.

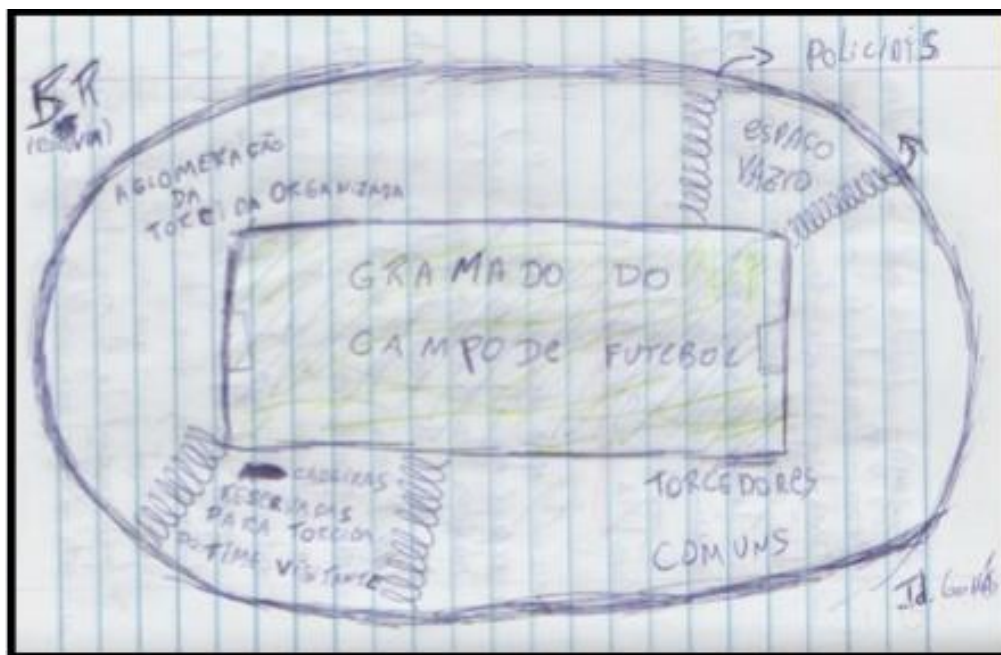
A partir desses comentários comecei a perceber algumas diferenças básicas entre o torcedor comum e um torcedor que faz parte de alguma torcida organizada. A primeira delas está no acesso ao estádio. Os torcedores que fazem parte de alguma torcida organizada pagam uma mensalidade específica para seus times. Isso lhes dá o direito a entradas mais baratas nos dias de jogos ou nem pagam pela entrada. Esses torcedores sempre acompanham os times de futebol pelo Brasil e pelo mundo; possuem bandeiras próprias e camisetas específicas que os diferem dos outros torcedores do mesmo time e, assim, identificam-se como um grupo organizado. A maioria de seus integrantes são homens que buscam ali alguma forma de ostentação de poder, a ser instaurado em seu grupo social. O torcedor comum usa camisetas habituais de seus times de futebol, vão ao estádio acompanhados de seus familiares, longe do local delimitado para a torcida organizada.

A torcida organizada dita o ritmo da partida e da maioria das pessoas presentes no estádio de futebol. Ao cantar os hinos ao longo do jogo há diferentes níveis de vibração e agitação dos torcedores nas arquibancadas. Fica quase impossível não se movimentar durante o jogo com os embalos sonoros da torcida organizada. Enquanto a mesma grita seus hinos de chamamento ao time de futebol, tudo ocorre tranquilamente no estádio. Quando a torcida organizada começa a ficar calada, os outros cidadãos, torcedores comuns do time de futebol, automaticamente, retiram-se aos poucos do estádio, antes mesmo do término do jogo. Segundo esses torcedores comuns, quando a torcida organizada não canta mais os hinos pertencentes ao seu time, significa que não estão contentes com o time e que estão se organizando no sentido de atingir algum alvo, logo, certamente haverá violência no local.

Há uma separação visual entre torcedores que integram a torcida organizada e torcedores comuns que levam suas famílias para o estádio. Para cada time de futebol da cidade de Goiânia existem lugares demarcados no estádio para essas torcidas organizadas. Na Figura 14, esquematizada em pesquisa de campo, tento demonstrar a disposição das torcidas organizadas e torcedores comuns presentes no Estádio, no dia da final do Campeonato Brasileiro da série C, entre Vila Nova e Londrina.

Essa organização entre os torcedores é basicamente a mesma para as diversas torcidas organizadas que frequentam o Estádio Serra Dourada em dias de jogos – como a Força Jovem, pertencente ao time do Goiás Esporte Clube; o Esquadrão Vilanovense, pertencente ao time do Vila Nova; e os Dragões Atleticanos, pertencente ao time do Atlético Goianiense. Os indivíduos que pertencem à torcida organizada são temidos, respeitados e há a indicação de não serem encarados. Ao término dos jogos a torcida organizada permanece no Estádio, aguardando a saída de todos os torcedores ‘comuns’. Posteriormente, saem, demonstrando dominação local do Estádio Serra Dourada.

Figura 14 - Organização da torcida Esquadrão Vilanovense no Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Antes, durante e após os jogos de todos os times, há o som do helicóptero da Polícia Militar sobrevoando o Estádio Serra Dourada, em cumprimento do policiamento aéreo da região.

Com a realização de visitas prévias ao Estádio Serra Dourada foi possível uma aproximação maior com alguns líderes de torcidas locais e com os funcionários que trabalhavam na organização dos jogos. Essa aproximação possibilitou a minha entrada em todas as partes do Estádio para uma melhor gravação dos sons. Visitei também o estádio em dias de pouca ou nenhuma movimentação de torcedores. Outras sonoridades se fizeram presentes. O vazio sonoro do estádio impacta os ouvidos. No entanto, por ele ficar próximo a uma rodovia movimentada, a BR-153, conseguimos ouvir ao longe o som de vários carros.

Do alto do Estádio Serra Dourada (FIGURA 15) o som predominante é o do vento forte. Há também um som em *background* da movimentação de carros, caminhões e motos pela cidade, ao longe, vindos da rodovia BR-153, que fica ao lado do estádio. Desse ponto se ouve o som de alguns aviões que chegam ao aeroporto, localizado próximo ao estádio.

Figura 15 - Gravação dos sons no alto do Estádio Serra Dourada



Fonte: Thais Oliveira (2015).

A sensação de escuta desse ponto do Estádio Serra Dourada causa uma impressão de abatimento dos sons da cidade de Goiânia. Quando me refiro a abatimento dos sons estou sinalizando para o fenômeno em que o som é disperso no ar, pois sua energia se espalha. Com isso, o som que pode ser escutado do alto do estádio tem pouca potência sonora e, nesse sentido, é 'abatido', pois chega até o sistema auditivo sem muita definição.

Mesmo o estádio vazio tem vida. Sua acústica é preenchida pelos diversos pássaros que usam esse espaço para construir seus ninhos. São muitos pássaros, de variadas espécies, que cantam durante a tarde. Nesse espaço vazio se destacam o som dos trabalhadores que cortam a grama do estádio, o som da água sendo jogada na grama.

Como dito, o Estádio Serra Dourada não é palco apenas para os jogos esportivos. Durante a primeira fase dessa pesquisa de campo realizada entre setembro de 2015 e fevereiro de 2016, o estádio ainda não estava cercado com grades, para delimitações entre sua área de estacionamento e as várias entradas para o campo de futebol.

Por possuir uma área gigantesca de estacionamento, com capacidade para até cinco mil veículos em dia de jogo, esta área do estádio servia, até então, para que muitas autoescolas da cidade utilizassem o espaço para ensinar condutores aprendizes à prática da direção em automóveis. Também pais e parentes levavam seus filhos para a prática da direção de automóveis ali, sendo algo bem comum entre os cidadãos goianienses.

O governo do Estado de Goiás fechou o estacionamento do Estádio Serra Dourada em março de 2016.

[...] o estacionamento do Estádio Serra Dourada tem capacidade para até 6.000 veículos em dia de jogo porém, parte do estacionamento do estádio estava sendo usado pelas pessoas para diversas atividades "extras". Era comum ver as autoescolas treinando os seus alunos que pretendiam tirar a habilitação junto ao DETRAN. Procurando preservar o patrimônio público (o estádio pertence ao governo estadual) e até mesmo a integridade física das pessoas, é que os portões que dão acesso ao estacionamento já estão fechados para qualquer tipo de veículos e só são abertos nos dias em que acontece a realização de algum evento ligado ao Estádio. (GOIÁS, 2010).

Atualmente há cobrança de estacionamento para seu uso, com catracas eletrônicas e pagamento do bilhete. Em duas das visitas a campo realizadas no

Estádio Serra Dourada foi possível gravar os sons de carros realizando a manobra de baliza, carros em treinamento praticando 'a rampa' para parar o automóvel em subida. Também o som de algumas manobras perigosas às 5h da manhã foi registrado, pois alguns jovens utilizavam o espaço para a realização de manobras radicais em carros esportivos. Gravei ainda o ruído de pessoas bêbadas na região, que gritavam palavras aleatórias para o vento na madrugada.

O espaço do estacionamento do Estádio Serra Dourada também se destina à realização de festas e shows. Diversos donos de boates em Goiânia alugam o estacionamento para a realização de festas com música eletrônica ao ar livre. Outros grupos de entretenimento das áreas musicais gospel e sertaneja alugam o estacionamento do Estádio para a realização de grandes eventos anuais que ocorrem na cidade, como: Radicais Livres, Encontrão da Renovação Carismática Católica e Villa Mix Festival. Esses eventos são capazes de reunir até 65 mil pessoas, gerando alto nível de ruído sonoro na região.

Compareci em pesquisa de campo no dia 3 de julho de 2016 ao evento Villa Mix Festival para gravação de ruídos sonoros. Esse é um evento em que quanto mais se paga pelo ingresso, mais próximo do palco é possível ficar: o ingresso *backstage* do show era vendido, no dia, por volta de R\$ 1.700,00 (hum mil e setecentos reais). Esse evento, que é musical, começou às 16h e durou até por volta de 4h da manhã do dia seguinte. Consegui chegar às 15h do sábado e gravar ruídos do local: a imensa quantidade de pessoas caminhando, os técnicos e *roadies* do show se ajeitando para as apresentações, gritos de fãs emocionados. Quando cheguei havia poucas pessoas, mas rapidamente o espaço do estacionamento do estádio lotou. Por volta de 16h30 começou o primeiro show e, a partir de então, o ruído sonoro mais frequente era o de músicas tocadas ao vivo e acompanhadas pelo público presente.

Durante a pesquisa de campo fiz anotações em diário de campo, conforme já mostrado, e capturei sons nos ambientes escolhidos para posterior análise. Foi possível perceber que alguns sons se repetiram nos quatro ambientes e outros são próprios de seus ambientes. Essa sonoridade capturada em áudio constitui parte viva na construção da instalação sonora descrita a seguir – buscando, a partir de sua constituição, caminhos para uma escuta que compõe os sons da cidade de Goiânia.

3.5 PROCESSO DE CRIAÇÃO: 'JANELAS SONORAS'

A partir da observação, escuta e captação atenta dos ruídos sonoros que emanaram da capital do estado de Goiás nós iniciamos a segunda etapa desta investigação prática. A instalação artística 'Janelas sonoras'.

O termo instalação artística surgiu com uma proposta de explorar o espaço tridimensional, de modo que "[...] o artista realiza seu trabalho no próprio espaço, juntamente com outros possíveis elementos presentes neste." (BOCHIO; CASTELLANI, 2011, p. 3). Para os autores,

[...] esta modalidade artística se insere na arte de participação, já que sua fruição depende de deslocamentos corporais e situações a serem vividas naquele tempo e espaço por processos de inclusão e/ou de interação. As descobertas do espaço proposto pela instalação desencadeiam-se através de um sistema relacional, que opera através da conexão das várias partes que compõem a instalação. (BOCHIO; CASTELLANI, 2011, p. 4).

Como mencionam os autores, a instalação implica a presença de público no espaço em que a obra vai acontecer. A instalação é uma forma de arte que utiliza e/ou reutiliza ambientes físicos, redimensionando-os. O pesquisador Manuel Rocha Iturbide define a instalação a partir da concepção da artista espanhola Concha Jerez: "A instalação surge como uma expansão da tridimensionalidade" (JEREZ, 1999 *apud* ITURBIDE, 2003, p. 1, tradução nossa¹⁴). Uma instalação pode ser realizada com diferentes materiais e técnicas usadas conjuntamente para ativar o espaço arquitetônico. Pode também ser multimídia, como a videoinstalação, e provocar sensações diversas (BOCHIO; CASTELLANI, 2011).

O termo foi proposto como instalação, em sua especificidade sonora, pelo artista Max Neuhaus, no fim dos anos de 1960, a fim de colocar o som no espaço ao invés de tempo (ITURBIDE, 2003). Em suas apresentações, Neuhaus preparava o ambiente exclusivamente para obter maior envolvimento com público, sendo a ocupação do espaço uma de suas preocupações principais (ITURBIDE, 2003). Kim-Cohen (2009) acredita que Max Neuhaus foi um grande colaborador da arte sonora.

¹⁴ "La instalación surge como una expansión de la tridimensionalidad" (JEREZ, 1999 *apud* ITURBIDE, 2003, p. 1).

Uma de suas obras mais famosas, Listen, consiste em um pôster com a palavra LISTEN impressa sobre uma imagem da parte inferior da ponte do Brooklyn – local cuja paisagem sonora chamava sua atenção e a qual foi escutada em algumas de suas ações/proposições de escuta (SANTOS, 2002). Essa obra consistia em levar um grupo de espectadores para fora dos museus e fora das salas de concertos, levando-os para as ruas de Manhattan. Assim, acreditava o artista, estava fazendo com que essas pessoas parassem “[...] em certos locais freneticamente barulhentos da cidade para se envolver na atividade do título da peça” (KIM-COHEN, 2009, p. 109). Dessa forma os espectadores escutariam o pulsar da cidade.

Jose Iges (2017) define que instalações sonoras são obras intermedia. A artista e pesquisadora Stolf (2008, p. 54) esclarece que as “[...] proposições sonoras apresentam-se como planos de partida e podem solicitar uma participação do corpo, de ações físicas, como podem solicitar atos mentais, esperas e outras situações como modulações de escuta”.

Ademais, uma das principais propriedades do som é a de esculpir o espaço (ITURBIDE, 2003). Nas instalações sonoras o som contribui para delimitar ativamente um lugar, reabsorvendo a oposição dualista entre tempo e espaço.

[...] os sons podem mudar a percepção daquele lugar da mesma forma que a música projetada especificamente para supermercados ou consultórios médicos (mais conhecida como *moosak*) muda o estado perceptivo desses lugares. (ITURBIDE, 2003, p. 4, tradução nossa¹⁵).

Assim, concebendo uma instalação e a importância do som na construção do espaço, pensamos a instalação intitulada ‘Janelas sonoras’ utilizando o som capturado na cidade de Goiânia como material criativo, artístico e de pesquisa. Contudo, a partir de reflexões acerca das finalidades e objetivos de uma instalação sonora, algumas perguntas nortearam a realização de ‘Janelas sonoras’ como artística e visando utilizá-la para analisar dados sociais. As questões recaíram então em: Como os transeuntes percebem os sons de sua cidade, deslocados de seus lugares de produção? Eles se reconhecem nesses sons? Há uma performance sonora cultural goianiense?

¹⁵ “los sonidos introducidos van a cambiar la percepción de ese lugar de la misma manera en que la música diseñada específicamente para supermercados o consultorios médicos (mejor conocida como *musak*) nos cambia el estado perceptivo de esos lugares” (ITURBIDE, 2003, p. 4)

Como ponto de partida para a realização dessa instalação sonora escolhemos um prédio antigo da capital, pela sua importância arquitetônica e cultural para a cidade: o Grande Hotel. Esse hotel, no passado, era reconhecido por ter sido o prédio mais luxuoso da capital, frequentado por artistas e pessoas da alta classe do Brasil. Com o passar do tempo e com a modernização da cidade, o hotel foi desativado e abandonado. A instalação artística de certa forma não estaria somente viabilizando voz aos sons da cidade. Mas também, de certa forma, possibilitando a escuta da voz da própria história do prédio, o qual era, no passado, palco de serenatas importantes e servia de hospedagem para artistas e figuras públicas de décadas passadas.

O hotel, pintado de rosa, situa-se em uma esquina de uma via pública movimentada da capital: a Avenida Goiás. Possui grandes janelas em toda sua extensão. A proposta da instalação 'Janelas sonoras' foi de que, dessas janelas, durante a instalação sonora, caixas de sons reproduziriam os sons captados e editados, não para os ambientes fechados do edifício; mas de dentro para fora, da estrutura da janela para o ambiente, ao ar livre da cidade. O som se propagaria pela rua.

Wisnik (1989, p. 28) afirma que o som é um objeto diferenciado entre os objetos concretos que povoam o nosso imaginário porque, por mais nítido que possa ser, "é invisível e impalpável". Para o autor, o som pertence ao domínio do sensível e, dessa maneira, pensávamos provocar os transeuntes. É importante aqui destacar dois artistas que motivaram a realizar a instalação: Luigi Russolo e John Cage.

Luigi Russolo, artista futurista italiano, traz contribuições acerca da valorização da escuta do ruído sonoro produzido em sociedade, visto que o seu manifesto publicado em 1913, *L'arte dei rumori*, já indicava que era preciso dedicar atenção à escuta dos ruídos a nossa volta.

[...] a vida antiga foi só silêncio. No século XIX com a invenção das máquinas, nasce o ruído. Hoje, o ruído triunfa e reina soberano sobre a sensibilidade dos homens. Por muitos séculos, a vida fluiu em silêncio ou, quando muito, em surdina. Os ruídos mais fortes que quebravam esse silêncio não eram nem intensos, nem prolongados, nem variados. De fato, tirando os excepcionais movimentos telúricos, os furacões, as tempestades, as avalanches e as cachoeiras, a natureza é silenciosa. (RUSSOLO, 1913, p. 1).

Ao assim conceber os ruídos, Luigi Russolo incorpora o ruído sonoro em sua ‘orquestra de ruídos’, selecionando, articulando e organizando os mesmos. Para ele, essa investida poderia enriquecer a audição da humanidade: “[...] embora a característica do ruído seja a de evocar-nos brutalmente a vida, a arte dos ruídos não deve limitar-se a uma reprodução imitativa.” (RUSSOLO, 1913, p. 3). O artista, ao propor uma ideia de ‘ouvidos futuristas’, referia-se a ouvidos que pudessem escutar os ruídos sonoros e dar-lhes atenção. Neste sentido, essa escuta futurista, por não se revelar inteiramente aos ouvidos, poderia reservar inúmeras surpresas.

Outro compositor, John Cage, artista estadunidense, investigou as questões que envolvem o som e a escuta. Ele elevou o ruído ao *status* de música, bem como o silêncio. Para Cage (1985, p. 134), “[...] sons são apenas sons, o que dá às pessoas que os ouvem a chance de ser gente, centrados em si mesmos, onde eles realmente estão”. John Cage percebeu, na sonoridade, elementos que compõem a própria vida, como vibração da nossa existência. Podemos comparar a sua percepção com a experiência de escuta dos sons citadinos cotidianos, como elemento integrador das pessoas que habitam esse ambiente e que produzem sons em convívio. John Cage argumenta que:

[...] o artista não é mais um "fazedor", nem suas obras são "feituas", mas sim "atos". Se "a obra de arte é uma peça de invenção, de criação", e se a arte está fundida à vida, obrigando o espectador a "converter-se em um artista", é necessário atrever-nos a ser livres para podermos ver através dos eventos, ver através do objeto e deixarmos que ele também nos veja. Surge uma forma poética que se abre para uma pluralidade de leituras, que não tem fim e que a faz se aproximar do inacabado e do vazio. (CAGE, 1985, p. 55).

A proposta de John Cage, ao investir no valor do som em si mesmo¹⁶, nos inspira como artista que busca nos ruídos elementos unificadores e importantes na sociedade. Nesse sentido, alguns artistas brasileiros também nos forneceram referências artísticas para a criação das ‘Janelas sonoras’: Raquel Stolf e Floriano Romano. Raquel Stolf com as pesquisas: Assonâncias de silêncios [sala de escuta], de 2008-2010; Sou toda ouvidos (2007-2010); e Céu da boca (2009-2010). Floriano Romano com instalações sonoras e pesquisas como: A cidade sonora (2012); Falante (2007); Sapatos sonoros (2009); e Lugares e instantes (2008).

¹⁶ Ao viver a experiência na câmara anecoica, no qual John Cage escutou os sons do seu próprio corpo, ele proclama a importância de ‘deixar os sons serem eles mesmos’ (KIM-COHEN, 2009).

Raquel Stolf é uma artista brasileira que investiga relações entre conceitos de silêncio, ruído sonoro, processos de escuta para a elaboração de proposições sonoras e seus desdobramentos. Em *Assonâncias de silêncios* [sala de escuta] a artista propôs uma ‘Instalação insonora’ na qual construiu uma cabine de aço com isolamento acústico de 40dB, equipada com um abafador de ruído (24 dB), lâmpada e banquetas (parte interna), com distribuição de três tipos de material impresso sobre prateleira externa. Segundo Stolf ([2019]), o projeto *assonâncias de silêncio* “[...] envolve processos de construção de coletâneas de silêncios, propondo perceber ressonâncias e deslocamentos entre a escuta e seu entorno, num processo de reenvio, repetição e vertigem”. Nessa obra a artista convida o ouvinte a escutar mais, perceber os silêncios, perceber os ruídos. As pesquisas de Raquel Stolf sinalizam os ruídos sonoros como silêncios presentes no e do cotidiano, e que formam um *background* sonoro do espaço vivido.

A discussão sobre os ruídos sonoros na cidade toma outra direção com Floriano Romano. A partir da escuta do observador/ouvinte, o artista cria sua performance. Em *A cidade sonora* (2012) e em *Falante* (2007) Floriano Romano propõe situações de escuta dos ruídos na cidade. Sua performance, caminhando pela cidade com uma mochila sonora – *Falante* –, reproduz em *loop* a fala de um homem dizendo: “Não preste atenção”. O que acaba por chamar a atenção do público e fazê-lo participar na escuta de sua performance artística. Para o artista, “[...] produzir essa fala é criar um campo autônomo, pensar a arte e a ocupação política das ruas ao mesmo tempo, porque o som produz territórios desde o indivíduo até a multidão” (ROMANO, 2013, p. 36). Floriano Romano acredita que a escuta como forma sensível nos faz repensar sobre a percepção sonora do mundo que está à nossa volta.

Para a instalação sonora ‘Janelas sonoras’ buscamos propor uma escuta memorialística, ‘de perto e de dentro’ da cidade de Goiânia, fazendo referência à proposta de estudo em ambientes urbanos, realizado por Magnani (2016), e já mencionado nesta tese. Com um volume amplificado de forma semelhante à emissão dos ruídos do cotidiano, nossa intenção foi que os sons selecionados e reproduzidos na instalação sonora se misturassem aos sons do ambiente – no caso em questão, desde a fachada do Grande Hotel para a rua. Esperávamos que, com isso, “[...] a obra de arte torne-se um experimento de percepção, em que o

ouvinte/espectador rastreie experiências que o próprio artista teve, através da obra.” (SCHULZ, 1999, p. 25), além de suas próprias experiências sonoras.

Conforme aponta os estudos de Fátima Carneiro dos Santos, pensamos que a partir da instalação sonora ‘Janelas sonoras’ poderíamos “[...] chamar a atenção para uma poética da escuta, o que implica em um corte na linha do hábito: uma intervenção” (SANTOS, 2002, p. 107) na cidade das escutas dominantes, maiores e normatizadas, propondo-se uma escuta do entorno como uma ‘escuta nômade’ e flutuante.

A autora exemplifica essa possibilidade de estremecer, submergir e nomadizar ‘escutas do hábito’ com o projeto Listen (1966-1978) de Max Neuhaus, já mencionado na tese. As ‘saídas de campo’ ou passeios sonoros a lugares quase inacessíveis, nos quais a gravação de sons era impossível, constituíam o foco do artista. De maneira diferente, quando falamos em corte na linha da ‘escuta do hábito’, falamos de intervir no sentido dos sons cotidianos da cidade, acrescentando-o de novos sons reproduzidos na instalação, a partir de um deslocamento de seus espaços de produção e sobrepostos aos sons produzidos no centro da cidade.

A arte sonora, bem como as performances culturais, também está circunscrita em um campo interdisciplinar. Localizada entre a música e algumas formas de expressões artísticas, a discussão sobre o lugar que o som ocupa nas artes é motivo de pesquisas e indagações, sendo debatida por diversos estudiosos a partir de seus diferentes pontos de vista. Por exemplo, Lander (1990) reforça a dificuldade que alguns artistas sonoros encontram na definição de suas obras, pois, desde o seu surgimento, a arte sonora foi considerada como um movimento à margem da linguagem musical. Silva (2007) esclarece que Luigi Russolo, com a criação do manifesto de 1913¹⁷, em que classifica os tipos de ruídos sonoros, foi um dos primeiros artistas a incluir o som na arte, ao utilizar som/ruído em contraste com a tradição clássica da música.

Em sua pesquisa a respeito de um conjunto de obras determinadas como ‘obras de arte sonora’, Silva (2007) define o termo como

[...] uma reunião de manifestações artísticas que estão na fronteira entre a música e outras artes, em que o som é um material de referência dentro de um conceito expandido de composição, gerando um processo de hibridação entre som, imagem, espaço e tempo. (SILVA, 2007, p. 63).

¹⁷ Manifesto L'arte dei rumori (A arte de ruídos), publicado em 1913.

Para Campesato e Iazetta (2006), o surgimento de um termo específico para esse campo tem alicerce em trabalhos de artistas como as performances do grupo Fluxus e John Cage, trabalhos audiovisuais de Nam June Paik, Norman McLaren, Oskar Fischinger, entre outros. Esses artistas auxiliaram na consolidação do termo 'arte sonora' e sua divulgação enquanto forma de arte. A respeito da arte sonora, Silva (2007) afirma que

[...] na arte sonora o espaço real em que a obra se apresenta é parte da própria obra. E não são apenas os elementos "acústicos" do espaço que entram em jogo, mas sim a totalidade de sentidos que o espaço gera: dimensão, cor, textura, imagem, superfície, forma, projeção, etc. Cada um desses elementos pode adquirir um significado especial dentro da obra. (SILVA, 2007, p. 134, grifo do autor).

De tal modo, destacamos a importância dos processos de escuta na e para as artes sonoras. O que também já foi percebido por outros artistas ou coletivos de artistas, como o coletivo Ultra-Red, que propõe processos de escuta coletiva como ações políticas, as quais podem tanto contribuir como desafiar a organização coletiva e as relações interpessoais. O Ultra-red é um coletivo internacional de arte sonora política, formado em 1994 e ativo na Europa e nos Estados Unidos¹⁸.

Este coletivo convida comunidades a escutar a acústica de seus espaços contestados, suas próprias demandas e desejos, assim como as demandas e desejos de outros, os ecos das memórias históricas das lutas, e de suas próprias atividades de auto-organização. Nesta prática artística o coletivo discute as questões: O que você escutou? A pergunta é singular ou plural? O coletivo busca situar experiência da escuta como um objeto de reflexão coletiva que relaciona aqueles que participam do evento. Entendemos que as respostas a essas perguntas buscam, na escuta de uns aos outros, uma atitude de adaptação ao espaço e suas relações sociais.

De forma interdisciplinar, "[...] a arte define-se como um lugar de importação de métodos e conceitos, uma zona de hibridações." (BOURRIAUD, 2009, p. 143). Sons também são produtos de ambientes sonoros culturais, percebidos e interpretados por uma audiência que recebe informações audíveis e as interpreta, dando a elas um caráter de signo ou valor simbólico, segundo sua experiência

¹⁸ Extratos de Ultra-red, Practice Session Workbook (2014).

cultural audível. Portanto, sons próprios e simbólicos pertencentes à paisagem da cidade caracterizam o que chamamos de performance sonora cultural, ou seja, sons produzidos pela ação sonora expressiva do indivíduo no ambiente em que está inserido, espontânea ou não; os sons de suas máquinas e os sons naturais como o cantar do galo. Esses sons somente adquirem sentido se significados no coletivo e são reconhecidos como pertencente à memória de um determinado grupo social.

3.5.1 A definição e escolha do prédio para a instalação artística

A instalação ‘Janelas sonoras’ ocorreu no dia 30 de novembro de 2017, das 9h às 16h, na fachada do Grande Hotel, situado na Avenida Goiás com Rua 3, no centro da cidade de Goiânia, estado de Goiás. No dia da instalação sonora, completava-se oitenta anos da criação do decreto-lei número 25, que organiza a proteção do patrimônio histórico artístico nacional.

Durante a reprodução dos sons na instalação foram recolhidas respostas de passantes da via pública a respeito da sonoridade escutada. A participação dos transeuntes na pesquisa foi voluntária e a pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás – CEP/UFG (ANEXO A).

Elaboramos cinco perguntas, semiestruturadas (APÊNDICE A) voltadas para os objetivos da investigação, conjuntamente com um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que fosse preenchido e assinado pelo participante da instalação sonora, esclarecendo sobre a pesquisa e recolhendo a anuência de sua participação (APÊNDICE B). Para tanto, utilizamos como instrumento de sondagem entrevistas orais (transcritas e disponíveis no APÊNDICE C) para a coleta das percepções desses ouvintes em relação a esses sons, seus reconhecimentos e significações.

O Grande Hotel foi o primeiro hotel da cidade, tendo sido construído ao estilo *art déco* e inaugurado em 1937. Hospedou, durante muitos anos, pessoas de renome que vinham para Goiânia¹⁹. O site do IBGE divulga que o hotel, um dos três

¹⁹ Há registros que o Grande Hotel de Goiânia já recebeu hóspedes ilustres – como poeta chileno Pablo Neruda e o grande escritor brasileiro Monteiro Lobato. Fonte: GRANDE Hotel de Goiânia faz 80 anos. **OHOJE.COM**, Goiânia, 30 jan. 2017. Cultura. Disponível em: <http://ohoje.com/noticia/cultura/n/129032/t/grande-hotel-de-goiania-faz-80-anos>. Acesso em: 1º dez. 2017.

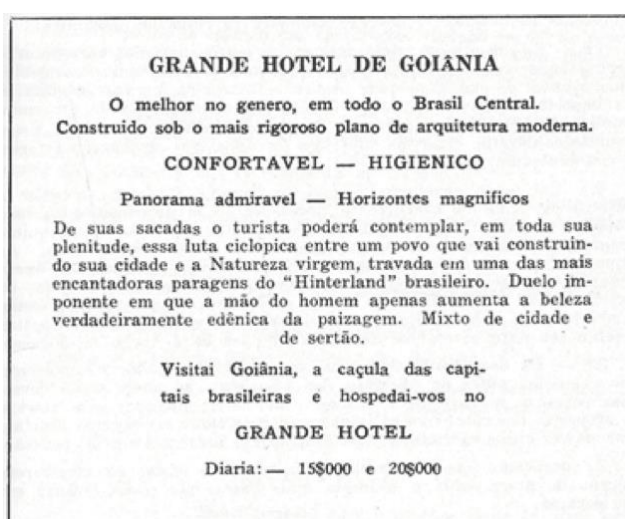
primeiros construídos na cidade de Goiânia, “[...] recebeu nomes famosos como o do antropólogo Claude Levi-Strauss” (BRASIL, ©2019). Atualmente o prédio não funciona como hotel, sendo administrado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal da cidade. Foi tombado como patrimônio histórico de Goiânia e pertence ao acervo *art déco* da cidade. Segundo o jornalista Lúri Rincon Godinho, o prédio foi pintado pela primeira vez com a cor rosa e assim se conserva até os dias atuais (GODINHO, 2015).

A pesquisadora Daniella Rocha aponta um discurso do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, em defesa do Grande Hotel:

[...] aqueles que não participaram da construção da Nova Capital, que não dormiram nos ranchos e nas casas de tábuas; que não comeram a poeira das ruas desprovidas de pavimentação asfáltica; aqueles que não sofreram o desconforto e não queimaram a pele ao sol causticante da chapada, não podem calcular o que o Grande Hotel representou nos primórdios de Goiânia. (ROCHA, 2013, p. 104).

O Grande Hotel é, de fato, uma construção que carrega, em sua fundação, a história do próprio alicerce da cidade de Goiânia. Dono de um estilo próprio, o hotel, no contexto de seu surgimento, foi ponto de encontro da sociedade goianiense (ROCHA, 2013). Na Figura 16 podemos ler o anúncio que confirma a importância do hotel para a sociedade goianiense que surgia naquela época.

Figura 16 - Anúncio do Grande Hotel da década de 1930



Fonte: Adaptado de Monteiro (ROCHA, 2013, p.103).

O centro da cidade de Goiânia, como na maioria de todas as outras capitais, é demarcado pela história de fundação da cidade e o Grande Hotel, um dos primeiros prédios, localiza-se nesse contexto. Atualmente, ao caminhar pelo centro da cidade, não temos noção de sua importância para a cidade, por estar em meio a outros edifícios e lojas comerciais surgidas no transcurso histórico de Goiânia. Na fotografia antiga a seguir (FIGURA 17) podemos perceber um registro de seus primeiros anos de funcionamento, com o prédio ainda destacado pelos espaços abertos, com pouco movimento e construções ao seu redor.

Figura 17 - Foto do Grande Hotel



Fonte: Adaptado de Brasil (©2019).

Escolhemos o Grande Hotel justamente pela sua importância histórica e cultural para Goiânia e também para reproduzir, em suas janelas históricas, embrionárias da cidade, os sons da cidade em tempos atuais. O entorno do prédio hoje tem muito movimento de indivíduos, sendo o centro da cidade e a Avenida Goiás, na qual se localiza, uma das mais movimentadas da cidade. Este conjunto, de movimento de transeuntes, ambulantes, meios de transportes e máquinas diversas, possui diferentes texturas sonoras.

No ano de 2017 foi retomada uma iniciativa da prefeitura chamada Grande Hotel Revive o Choro. Às sextas-feiras à noite artistas goianos tocam músicas na calçada do Grande Hotel, movimentando o centro de Goiânia durante esse período

do dia. Essa iniciativa surgiu um ano depois de minhas observações e coleta de sons, em pesquisa de campo na região central da cidade.

O hotel completou 80 anos de existência no ano de 2017, ano da execução da instalação sonora 'Janelas sonoras'. A Figura 18 é uma panorâmica da esquina da Rua 3 e Avenida Goiás, com a estrutura atual do prédio.

Figura 18 - Fotografia panorâmica da fachada do Grande Hotel



Fonte: Thais Oliveira (2017).

Após observar a estrutura do Grande Hotel, foi possível perceber que a característica geométrica particular do prédio auxiliaria na sugestão da obra artística proposta nessa tese. As janelas simétricas e lineares poderiam favorecer a colocação das caixas de som, em um prédio com uma altura considerada baixa, pois somente possui térreo e mais dois pavimentos. Com isso, possibilitou a ligação das caixas ao sistema de som – mesa de som – a partir de cabos.

A localização do prédio para a realização da instalação sonora também favoreceu aos objetivos propostos para a obra. O centro da cidade já era um espaço experimentado, em razão da pesquisa de campo, e a quantidade de pessoas que transitavam por ali poderia beneficiar a parte prática da pesquisa, uma vez prevista a realização de entrevistas orais com os transeuntes.

Na primeira visita ao prédio fiz uma contagem das janelas do edifício. Ao todo são 41 janelas. De imediato, nessa primeira visita, idealizei colocar uma caixa de som em cada janela e reproduzir, em cada uma, um som diferente coletado na primeira parte da pesquisa. Para a autorização de uso do prédio redigimos um ofício

para o Sr. João Dias, supervisor administrativo do Grande Hotel, solicitando tal feito. Em dez dias úteis obtivemos a resposta positiva quanto ao empréstimo do espaço do prédio. A data definida e aprovada para a instalação sonora foi 30 de novembro de 2017 (quinta-feira), de 9h às 17h, divulgado por alguns jornais impressos da capital (ANEXO C) e como descrito no convite disponibilizado na internet (FIGURA 19).

Figura 19 - Convite de divulgação da instalação sonora 'Janelas sonoras'



Fonte: Elaborado por Thaís Oliveira e Isabela Veiga (2017).

Realizei três visitas técnicas para a averiguação sobre a viabilidade da instalação no prédio do Grande Hotel. Era possível colocar uma caixa de som em cada janela, mas precisaríamos de muitos cabos. A ideia inicial para a realização da obra era de reproduzir os sons coletados na pesquisa durante cinco minutos de forma simultânea, mas com intervalos de pausa de dez minutos.

Retomamos John Cage, que afirma que “[...] sons são apenas sons, o que dá às pessoas que os ouvem a chance de ser gente, centrados em si mesmos, onde eles realmente estão” (CAGE, 1985 p. 30). Neste sentido, a escolha do Grande Hotel se justifica mais uma vez, pois foram reproduzidos os próprios sons da cidade, capturados em pesquisa de campo, para os transeuntes que circulavam próximo a obra no dia de sua execução. Nesse mesmo momento, a cidade, mais uma vez, também reproduziu seus sons, os quais foram misturados aos sons da instalação sonora. Durante a reprodução dos sons ficamos com uma equipe de pesquisadores voluntários posicionados na fachada do Grande Hotel para auxiliar na divulgação da

instalação e para a coleta de entrevistas com os transeuntes a respeito da sonoridade escutada.

3.5.2 A escolha dos sons para a reprodução durante a instalação sonora

A intenção da proposta inicial foi a de posicionar uma caixa de som para cada janela do Grande Hotel, já que o hotel possui 41 janelas. Com as caixas de som posicionadas em cada janela, iríamos reproduzir alguns dos sons já coletados na primeira fase da pesquisa de doutorado, formando, assim, janelas sonoras no centro da cidade de Goiânia. Cada janela iria reproduzir um som distinto, reproduzindo, portanto, 41 sons diferentes simultaneamente.

Para a realização dessa ideia teríamos então que selecionar 41 sons representativos para a cidade, o que seria algo muito difícil, já que coletamos mais de cem horas de som gravadas em alta qualidade durante a pesquisa de campo. Eram sons que se destacavam ou que se repetiam – como o de vários periquitos cantando na árvore no fim da tarde, do galo cocoricando fora do horário, do som do aviso do caminhão de coleta seletiva de lixo da cidade, de vendedores vestidos de *cowboys* anunciando em cima de um carro de som os seus produtos, de um caminhante na Avenida Anhanguera gritando “Vilaaaaaa” em referência a um time de futebol da capital, som do vendedor de pamonha que anuncia a venda de seu produto em uma bicicleta, som de ambulantes vendendo *chip* para celulares.

Partimos da ideia inicial de reproduzir 41 sons distintos para cada caixa de som disposta nas janelas do prédio do Grande Hotel. Realizamos a organização dos sons capturados que seriam reproduzidos na instalação. Além dos sons pertencentes a cada um dos ambientes analisados, foi possível notar que alguns desses sons se repetiram nos quatro ambientes. Dessa forma, foram selecionados 17 sons que se repetiram nos quatro ambientes (CAIXA 1 a CAIXA 17) e seis sons específicos pertencentes a cada uma dessas regiões: região Central (CAIXA 18 a CAIXA 23), região da festa agropecuária (CAIXA 24 a CAIXA 29), região da Feira Hippie (CAIXA 30 a CAIXA 35) e região do Estádio Serra Dourada (CAIXA 36 a 41). Essa separação dos sons pode ser conferida na Figura 20.

Figura 20 – Quadro de sons escolhidos para a instalação sonora

Sons presentes nas 4 Regiões	Região Central	Festa Agropecuária	Feira Hippie	Estádio Serra Dourada
Caminhão da coleta seletiva/ vendedor de pamonha/ pássaros/ religiosos (homem e mulher)/ grito do “Vila”/ galo/ carro de picolé/ churrasquinho de esquina/ ROTAM/ cigarras/ Vendedor cowboy/ fogos de artifício/ motocicletas/ Passos/ cascos de cavalo/ Vendedores ambulantes nos semáforos	Fonte de água/chip de celular/ peruanos com flautas/ Buzinas/Eixo Anhanguera/ Ambulante – vendedor	Apitos/ berrante/ máquina de tear/ estalos bombinhas/ tecelãs cantando/ repentista	chuva – lona vendedor de bosta/ vendedor imigrante/ carregador de malas/ Sacolas/ Vendedor de peixe	Catraca/Bateria da torcida de futebol/ Hino cantado pela torcida de times futebol/ Vendedor de amendoim/ Ingresso a 10 Gritos de fãs

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A acústica coopera com duas unidades para medir e comparar os sons entre si: o *hertz*, para a frequência, e o *decibel*, para a amplitude (RODRIGUEZ, 2006, p. 117). A percepção dos sons é, em grande parte, um fenômeno de percepção cultural e, portanto, aprendida. Mas essa percepção não é desvinculada “[...] das leis físicas que regem o som e se organiza sobre os alicerces construídos com elas e com as leis fisiológicas e psicológicas que regem a percepção auditiva.” (RODRIGUEZ, 2006, p. 167). Entretanto, segundo Ratton (2007), é a partir da análise das frequências que podemos classificar os sons como graves (frequências abaixo de 300Hz), médios (frequências entre 300 Hz e 2KHz) e agudos (frequências acima de 2KHz).

Contudo, para o estudo, catalogação e registro de sonoridades na paisagem sonora, os sons devam ser separados entre sons fundamentais, sinais sonoros e marcas sonoras (SCHAFFER, 2011). No entanto, retomamos que Martin W. Bauer (2008) indica outro tipo de catalogação dos ruídos: a partir da quantidade de ciclos (quantas vezes são reproduzidos); das sonoridades (quem ou o que as produz); e do tipo de som (alta ou baixa fidelidade, grave, médio ou agudo). Abaixo da descrição de cada ruído a partir de suas grandezas físicas, estão apresentados: a narrativa do

som escolhido para cada caixa sonora, quem ou o que produziu cada ruído (BAUER, 2008), e um gráfico de representação que revela as frequências que essa sonoridade abarca, classificando os sons em graves, médios ou agudos – tipos de som (BAUER, 2008).

Em segundo momento, pretendemos analisar essa unidade de medida, a fim de compará-las com a frequência da mixagem de sons realizada para a instalação sonora. Os ruídos sonoros escolhidos para a reprodução na instalação sonora podem ser acessados pelo site Soundcloud²⁰ (OLIVEIRA, 2018) e são descritos a seguir:

a) Caixa 1 – Ruído sonoro do caminhão de coleta seletiva da cidade de Goiânia

É um som emitido por um caminhão de coleta seletiva que circula as ruas da cidade, foi um som escutado e gravado nos quatro ambientes selecionados para essa pesquisa. Acreditamos que esse som se constitui em um sinal sonoro (SCHAFER, 2011) para a população que habita a cidade de Goiânia. Para que a coleta seletiva ocorra, basta que a população separe papel, plástico, metal e vidro e os entregue ao caminhão para a destinação correta desse material. O serviço de coleta seletiva na cidade surgiu em novembro de 2008, no intuito de beneficiar cooperativas de reciclagem e também de melhorar a separação do lixo de Goiânia, evitando que essas matérias tivessem como destino final o aterro sanitário²¹.

Acreditamos que esse som é um sinal sonoro, pois esse caminhão percorre a cidade emitindo um ruído sonoro para avisar aos moradores de que estão por perto, ou seja, que o caminhão está ali para recolher esses materiais recicláveis. Além de sinal sonoro, esse som se caracteriza como uma marca sonora da cidade de Goiânia, pois é um som particular da cidade, que dificilmente será encontrado em bibliotecas de som disponíveis para compra ou na internet. Um som único, pertencente à comunidade de Goiânia.

Com relação ao espectro de frequências contidas nessa sonoridade – tipo de som (BAUER, 2008), temos sons médios e agudos, pois na análise de seu espectro

²⁰ Disponível em: https://soundcloud.com/thaisoliveira_somueg

²¹ GOIÂNIA. **Programa Goiânia Coleta Seletiva – PGCS**. Goiânia: [2018]. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/shtml/coletaseletiva/principal.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2018.

de frequência temos oscilações entre 100 Hz e 3KHz, com pico de maior frequência em 1KHz (um som médio) (FIGURA 21).

Figura 21 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 1



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

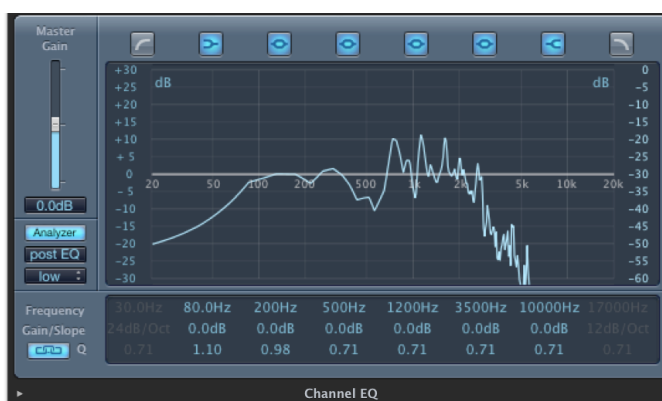
b) Caixa 2 – Ruído sonoro do vendedor de pamonha

A pamonha é um alimento tradicional para os goianos. Feita de milho, pode ser salgada ou doce e recheada com diversos ingredientes (como linguiça, queijo, carne seca e jiló). Existem diversas pamonharias em Goiânia, localizadas em diferentes bairros da cidade, mas com característica de uma prática social na/cidade.

Como tal, também, encontramos, nas ruas, múltiplos tipos de vendedores ambulantes que anunciam o produto. Esses ambulantes passam pelas ruas da cidade de diferentes maneiras: com bicicleta ou moto e em carros que ficam parados com uma mesinha em um ponto estratégico da região chamando moradores e passantes para a compra do seu produto através de anúncio gravado e reproduzido em caixas de som.

Escolhi um desses anúncios para a reprodução sonora na instalação, entoada por um vendedor que anda com uma bicicleta que possui caixas de som. Essa sonoridade possui frequências que oscilam entre 50Hz e 6KHz, contendo, portanto, tipos de som (BAUER, 2008) graves, médios e agudos, revelando um maior pico sonoro de frequências entre 1KHz e 2KHz (um som médio-agudo) (FIGURA 22).

Figura 22 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 2



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

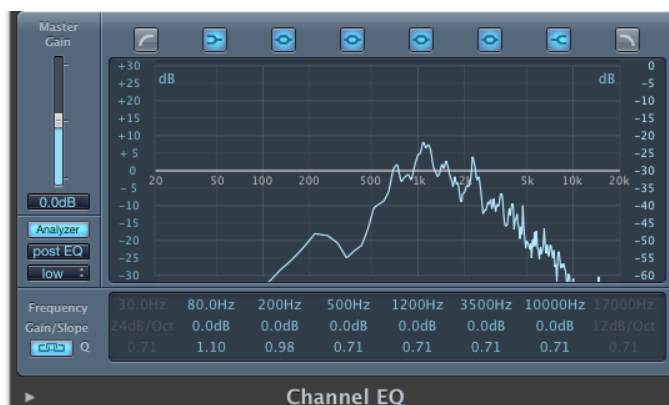
c) Caixa 3 – Ruído sonoro de pássaros

Goiânia é uma cidade muito arborizada. As árvores espalhadas pela cidade ao final do dia são o ponto de encontro de pássaros de diferentes espécies, principalmente periquitos verdes, que por ali produzem ruídos sonoros bem singulares. Esses animais também permanecem em árvores frutíferas da cidade produzindo ruído por um bom tempo enquanto se alimentam.

Os periquitos verdes, conhecidos como maritacas (*Pionus*), agrupam-se nas árvores no período do fim da tarde. Ao amanhecer na cidade de Goiânia também foi possível perceber e escutar ruídos de outros pássaros, como o conhecido bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) e o passarinho popularmente chamado de rolinha (*Columbina talpacote*).

Para reprodução na instalação sonora elegemos o ruído dos periquitos verdes (*Pionus*) que permanecem nas árvores no fim da tarde. As frequências desses sons se localizam entre 1KHz e 3 KHz, com predominância de sons agudos, como pode ser visto na Figura 23.

Figura 23 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 3



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

d) Caixa 4 – Ruído sonoro de religiosos (homem)

Nos quatro ambientes um fenômeno me chamou atenção. São vários os pregadores (pastores evangélicos ou fiéis) que passam pelas ruas distribuindo orações gratuitas; fazendo previsões sobre o futuro da cidade e do mundo. Há um pregador na Feira Hippie que percorre a feira em sua bicicleta, com um alto falante instalado na garupa. Em uma das mãos segura o microfone e, em outra, a bicicleta. Ele anuncia aos passantes o fim dos tempos e faz orações de forma solitária para a população.

Na festa agropecuária outro pregador fazia oração gratuita, em alto som, e entregava um folheto convidando as pessoas a frequentar a sua igreja. No Estádio Serra Dourada outro pregador dizia que a culpa de todo o mal da humanidade era dos políticos corruptos.

Entre os sons de pregadores capturados durante a pesquisa, selecionei para a instalação sonora o som do pastor que anda pela Feira Hippie de bicicleta. A sonoridade possui predominância de sons médios (BAUER, 2008), com frequência que oscila entre 500 e 2KHz (FIGURA 24).

Figura 24 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 4



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

e) Caixa 5 – Ruído sonoro de religiosos (mulher)

Como informado no item 3.5.2.4, o som de pregadores (mulheres e homens) se repetiu nos quatro ambientes estudados. Elegi o som de uma senhora que fica constantemente no centro da cidade, próximo aos pontos de ônibus. Ela espera a concentração de pessoas no ponto de ônibus para proclamar o fim dos tempos e anunciar desastres naturais. Sua oração e suas previsões duram por volta de dois minutos. Escolhi para a reprodução um trecho em que ela anuncia o fim dos tempos para a cidade de Goiânia: “Porque Deus ameaçou destruir Goiânia com um terremoto, várias vezes, de três anos pra cá”²². Conforme metodologia sugerida por Bauer (2008), observamos que essa sonoridade tem característica médio-aguda, com predominância de picos sonoros na região dos sons médios (frequências entre 300 Hz e 2KHz) (FIGURA 25).

Figura 25 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 5



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

²² Informação verbal, capturada em pesquisa de campo.

f) Caixa 6 – Ruído sonoro de pessoa gritando “Vilaaa”

Esse foi um som em que me detive um pouco mais. Eu não entendia o porquê de algumas pessoas andarem juntas ou sozinhas pelas ruas de Goiânia e, de repente, do nada, gritarem “Vilaaa”.

Esse som se repetiu em todos os ambientes. Do nada, alguém passava pela rua e gritava: “Vilaaa”. Eu tinha assistido alguns jogos do time de futebol do Vila Nova e percebi que algumas pessoas no estádio também gritavam isso para o time. Mas o que eu não conseguia entender é o que significava gritar isso no meio da rua, quer seja na pecuária, no centro da cidade ou na Feira Hippie. Aos poucos, durante a captação de sons na cidade, fui observando as reações de quem escutava esses gritos: risadinhas contidas, expressões atentas ao grito.

O que pude perceber foi que esse grito, “Vilaaa”, virou uma espécie de gíria entre os goianienses, não apenas para indicar algum acontecimento na rua ou na calçada. Durante minha escuta pude perceber que era um som que a pessoa que gritava se sentia feliz ao fazê-lo e, neste sentido, registrei esse som como uma marca sonora da cidade de Goiânia. Um som de pertencimento à cidade.

Conforme metodologia sugerida por Bauer (2008), essa sonoridade está marcada por sons médios, com frequências localizadas entre 300 Hz e 2KHz (FIGURA 26).

Figura 26 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 6



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

g) Caixa 7 – Ruído sonoro de galo cantando fora de hora

Uma prática comum entre alguns goianienses é a criação de galinhas em ambiente urbano. São muitos os moradores que criam galinhas na cidade, no quintal de suas casas. O que surpreende é o fato de que vários galos cocoricam nos ambientes analisados fora do horário habitual do cantar de um galo, ou seja, pela manhã com o nascer do sol. Registrei o canto de galo à noite, no período almoço e em alguns períodos da tarde. Nessa sonoridade há a predominância de frequências agudas, acima de 2KHz (FIGURA 27).

Figura 27 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 7



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

h) Caixa 8 – Ruído sonoro do vendedor de picolé e sorvete

Uma sonoridade que anuncia a venda de picolé e sorvete percorreu todas as regiões investigadas, em carros diferentes. Os produtos são anunciados com os seguintes chamados:

“Você leva um pote de sorvete e paga só dois reais/
 É picolé no palito, é sorvete no pote/
 Traz moedinha vem pra cá comprar picolé/
 Tem picolés de frutas, tem picolés de leite, tem sorvete no pote/
 E você leva seis picolés de fruta paga só dois e cinquenta
 Leva seis picolés de leite paga só três e cinquenta
 Você leva um pote de sorvete e paga só dois reais
 É picolé no palito é sorvete no pote/
 Quem quer comprar picolé? Quem quer comprar sorvete?
 Aceitamos Telesena”.

O interessante do anúncio reproduzido é que, para comprar os produtos, além de dinheiro, você também pode pagar com Telesena²³. Nessa sonoridade predominam os sons médios e agudos, com frequências localizadas acima de 400Hz (FIGURA 28).

Figura 28 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 8



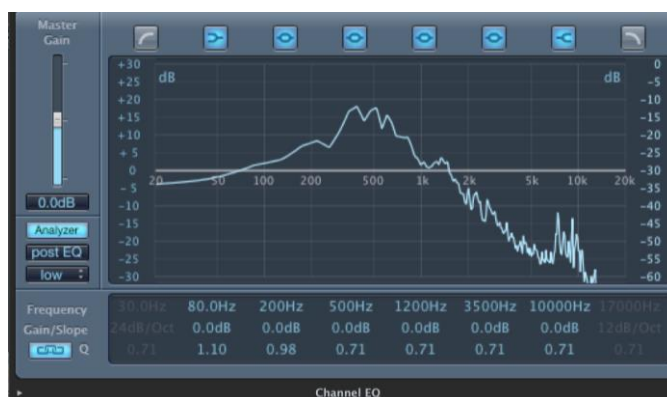
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

i) Caixa 9 – Ruído sonoro de churrasquinho de esquina

Em Goiânia quase toda esquina tem uma churrasqueira, feita com um latão improvisado – saindo fumaça com espetinhos de carne na brasa. Acompanhando essa tradição, quase todo habitante da cidade de Goiânia conhece bem o que chamamos por aqui de ‘jantinha’: espetinho de carne ou frango com arroz, feijão, mandioca e vinagrete. O som do fogo na brasa e dos espetinhos sendo virados na churrasqueira estão também presentes na instalação sonora. As frequências presentes nesse som são graves e médias, localizadas entre 50Hz e 1KHz (FIGURA 29).

²³ É um título de capitalização de pagamento único. É uma premiação instantânea. Famosa pela publicidade realizada no SBT pelo apresentador Silvio Santos.

Figura 29 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 9



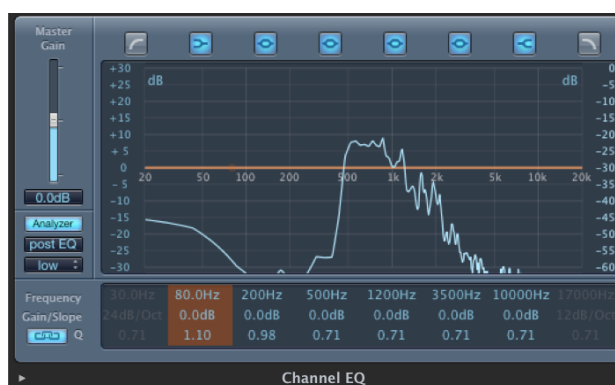
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

j) Caixa 10 – Ruído sonoro da sirene da ROTAM

As Rotas Ostensivas Táticas Metropolitanas (Rotam) se configuram como um tipo de policiamento existente em Goiânia derivada da Polícia Militar, com policiais de elite especializados em combates mais violentos. A Rotam goiana é conhecida no Brasil pela sua agilidade com relação às buscas e apreensão de infratores, mas também pela postura firme que seus integrantes adotam.

Em alguns áudios gravados durante a pesquisa de campo foi possível registrar cidadãos anônimos conversando a respeito do medo que têm de serem abordados pela Rotam simplesmente pelo fato de morarem na periferia. A viatura da Rotam passa pela cidade emitindo sinais sonoros agudos e intermitentes quando estão de ronda. Reconhecemos esse som como um sinal sonoro (SCHAFFER, 2011). A frequência predominante nesse som é média, com sons variando entre 500Hz e 2KHz (FIGURA 30).

Figura 30 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 10



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

k) Caixa 11 – Ruído sonoro de cigarras

Emitindo sons que variam de 4 a 5 KHz, a sinfonia das cigarras chama atenção em Goiânia, principalmente pela quantidade de árvores que existem na cidade. Reconhecemos esse som como um som fundamental da cidade (SCHAFER, 2011). A cantoria, exclusiva dos machos, acontece no entardecer e, principalmente, próximo aos dias chuvosos. Ela se estende em um zunido contínuo e no mesmo tom (FIGURA 31).

Figura 31 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 11



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

l) Caixa 12 – Vendedor vestido de *cowboy* em cima de caminhonete aberta

Esse foi um personagem encontrado nos quatro ambientes. Um vendedor vestido com camisa xadrez, calça jeans, chapéu, cinturão e bota, anunciando alguns produtos. Na Feira Hippie esse vendedor, dançando em cima do carro de som, anuncia marcas de roupas de comerciantes da feira. No centro da cidade, chama os clientes para visitar as lojas da região. Na pecuária esse personagem anuncia shows, vendendo ingressos e anunciando lojas de roupas típicas. Nas proximidades do Estádio Serra Dourada ele passa pelas ruas anunciando as vendas de carros no feirão do automóvel aos domingos. O som grave característico dos carros de som está presente nessa sonoridade (FIGURA 32).

Figura 32 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 12

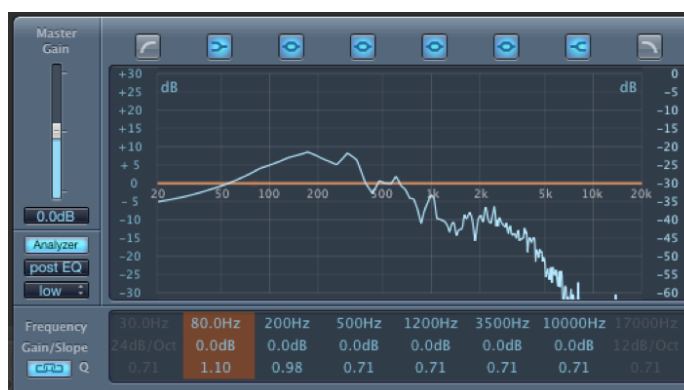


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

m) Caixa 13 – Ruído sonoro de fogos de artifício

Nos quatro ambientes um ruído despertou nosso interesse. Muitos fogos de artifício são soltos no ar para chamar atenção para algum evento: shows, jogos, apresentação cultura, ou para encontro político. Os goianienses soltam fogos de artifício e foguetes para comemorar feitos da cidade. O tipo de som predominante é grave (FIGURA 33).

Figura 33 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 13



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

n) Caixa 14 – Ruído sonoro de motocicletas

Há, na cidade, muitas motos e motonetas, por isso, constantemente escutamos o ruído sonoro produzido pelo motor. Cruzando pelos veículos no centro da cidade ou em outros bairros da capital, é possível escutar ruídos próprios deste meio de transporte; outras vezes, um som estridente, alto e rouco de escapamentos

alterados para tal fim. O tipo de som predominante é de frequência grave (FIGURA 34).

Figura 34 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 14

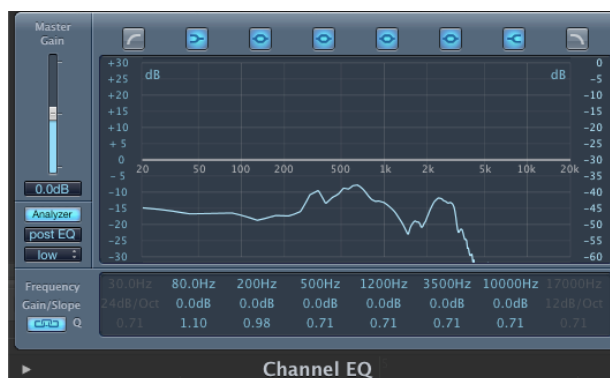


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

o) Caixa 15 – Passos

Com o microfone ligado tudo se amplifica. Assim foi com o som dos passos dos indivíduos nos ambientes analisados: de botina no asfalto, chinela arrastada na calçada, bota de salto alto, tamanco de madeira, tênis, entre outros. Passos dos goianienses, apressados ou calmos durante seu cotidiano pela cidade. Escolhi, para reprodução sonora na instalação, o som de passos da faixa de pedestres no cruzamento das avenidas Anhanguera e Goiás, no centro da cidade. Tipo de som grave/médio, conforme metodologia sugerida por Bauer (2008) (FIGURA 35).

Figura 35 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 15



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

p) Caixa 16 – Ruído sonoro de cascos de cavalo no asfalto

Apesar de Goiânia ser uma cidade capital do Estado, ainda conserva resquícios dos ambientes rurais, de sons que lembram a tradição rural da cidade. Nos quatro ambientes analisados foi possível perceber a presença de cavalos andando pela cidade, em vários horários: puxando carroças, sozinhos em montaria com seus donos, ou na cavalaria da Polícia Militar do Estado de Goiás (PM-GO). Essa sonoridade tem predominância de sons graves e médios (BAUER, 2008) (FIGURA 36).

Figura 36 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 16



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

q) Caixa 17 – Vendedores ambulantes nos semáforos

Por toda a cidade há vários ambulantes. Eles vendem seus produtos para motoristas e passageiros de carros e ônibus. Como o calor em Goiânia é intenso, a venda mais comum é a da garrafinha de água. Os vendedores aproveitam o momento do semáforo desligado e andam entre os carros anunciando o produto em voz alta. Alguns se fantasiam de mordomos, super-heróis ou apenas vestem uma roupa mais colorida. Os vendedores emitem sons com frequências entre 300Hz e 4KHz, portanto, médios e agudos (FIGURA 37).

Figura 37 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 17



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

r) Caixa 18 – Fonte de água

Perto do Coreto, um pouco abaixo do cruzamento da Avenida Anhanguera com a Avenida Goiás, há um relógio antigo. Abaixo desse relógio há uma fonte de água que funciona em horários de grande movimentação de carros, entre 12h e 14h e 17h e 19h. Também há, um pouco mais abaixo, no cruzamento da avenidas Goiás e Anhanguera, outra fonte de água que fica ligada nesses mesmos horários, no centro da cidade. O barulho da água dá uma sensação de frescor em uma região da cidade que é muito movimentada e quente pela quantidade de pessoas, pela movimentação e por causa do cimento das vias e calçadas. A sonoridade que predomina é grave, com pico em 100 Hz (FIGURA 38).

Figura 38 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 18



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

s) Caixa 19 – Ruído de vendedores de *chip* de celular

No centro da cidade de Goiânia são muitos os vendedores ambulantes que andam por segundos seguindo clientes cantando uma chamadinha: “olha o *chip* de celular da Oooooooooiiii”, “olha o *chip* da Claro, *chip* da Tim, *chip* da Vivo” para a venda de *chips* para celular de todas as operadoras de telefonia móvel que operam na cidade. Esse tipo de abordagem foi visto somente no centro da cidade. Sons predominantes em faixas de frequências graves médias e agudas (FIGURA 39).

Figura 39 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 19

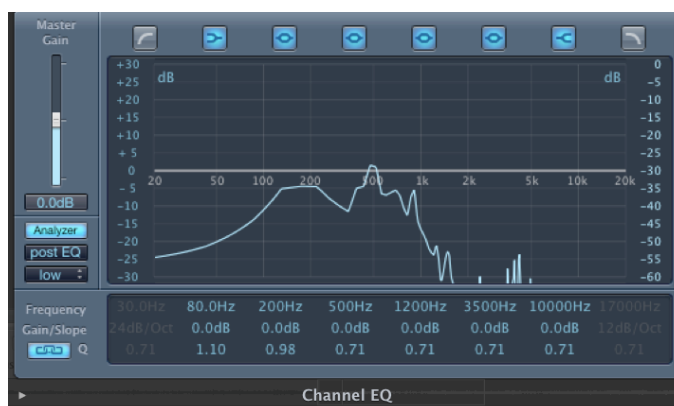


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

t) Caixa 20 – Peruanos com flautas

Entre os cruzamentos da Avenida Anhanguera e Avenida Goiás, um dos cruzamentos mais movimentados de Goiânia, conforme já mencionado no capítulo anterior, uma turma de peruanos toca flautas na tentativa de ganhar alguma contribuição em dinheiro ou de alguém se interessar em comprar seus CDs. A frequência predominante é média, com maior pico em 500Hz (FIGURA 40).

Figura 40 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 20

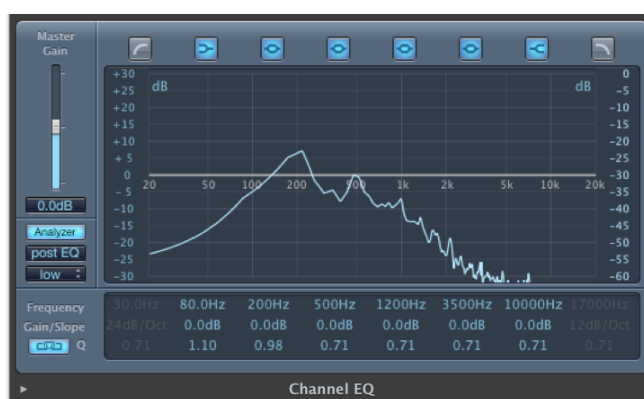


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

u) Caixa 21 – Buzinas e freios a ar de caminhões

Na Avenida Araguaia, no centro da cidade, a movimentação de carros, caminhonetes, caminhões e motocicletas é volumosa. Por ser uma via rápida e larga, tem um fluxo de trânsito intenso nos períodos entre 7h e 9h e entre 17h e 19h. Com isso, quando um semáforo mostra o sinal vermelho, vários veículos freiam ao mesmo tempo, produzindo uma sinfonia de ruídos sonoros de freios. Sons graves sobressaem nessa sonoridade (FIGURA 41).

Figura 41 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 21



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

v) Caixa 22 – Ruído sonoro de ônibus do Eixo Anhanguera

No centro da cidade circula, juntamente com outros tipos de ônibus comuns, um ônibus biarticulado – já mencionado no capítulo dois da tese, que possui ruídos

característicos. Atualmente esse ônibus também faz ligações entre Goiânia e as cidades de Goianira, Trindade e Senador Canedo. Esse ônibus produz um ruído característico quando abre e fecha a porta para a entrada e saída de passageiros, bem como um ruído bem estridente e grave no seu motor. Sons graves e médios são caraterísticos desse ônibus (FIGURA 42).

Figura 42 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 22

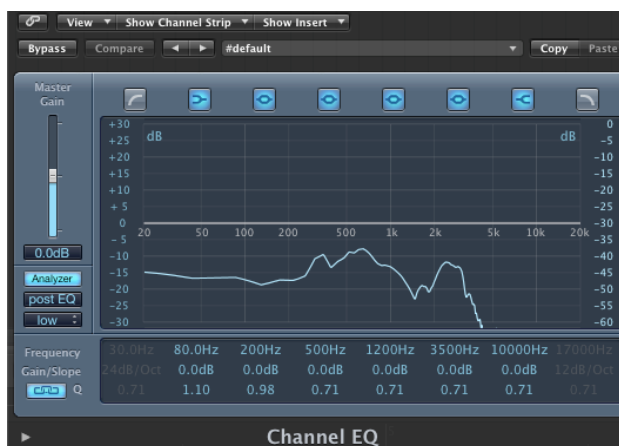


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

w) Caixa 23 – Ruído sonoro de Ambulante - pica pau que canta

Todos os dias, na Praça do Bandeirante, um comerciante de produtos infantis veste uma fantasia de Homem Aranha, Super Homem, Batman ou Michael Jackson. Seu objetivo é chamar a atenção das crianças e de seus parentes, que por ali passam para a compra de brinquedos. Com humor caipira e vestido com uma fantasia, ele chama atenção. Sonoridade de frequência média (FIGURA 43).

Figura 43 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 23

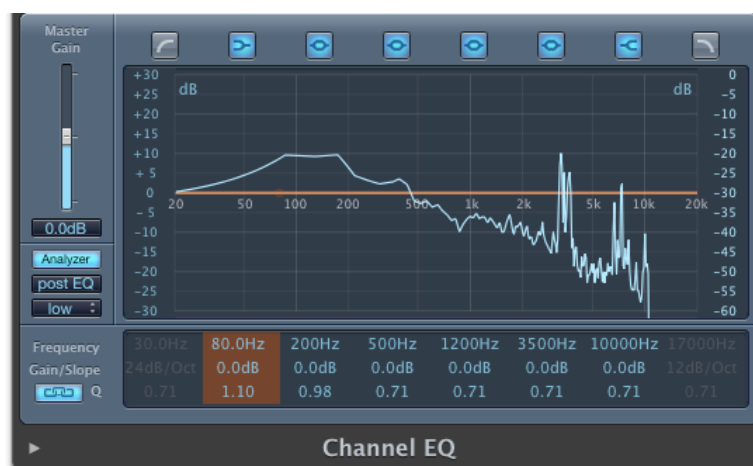


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

x) Caixa 24 – Ruído sonoro de apitos

Na região da Pecuária é comum escutar apitos fazendo barulho na época de festas, pois a região fica bem congestionada com os carros. Existem vários estacionamentos improvisados por moradores e um grande estacionamento que pertence à organização do evento. Com isso, algumas pessoas ganham dinheiro trabalhando como vigias de carros, utilizando esse instrumento – o apito, para se fazer visível aos motoristas. Frequência aguda predominante (FIGURA 44).

Figura 44 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 24

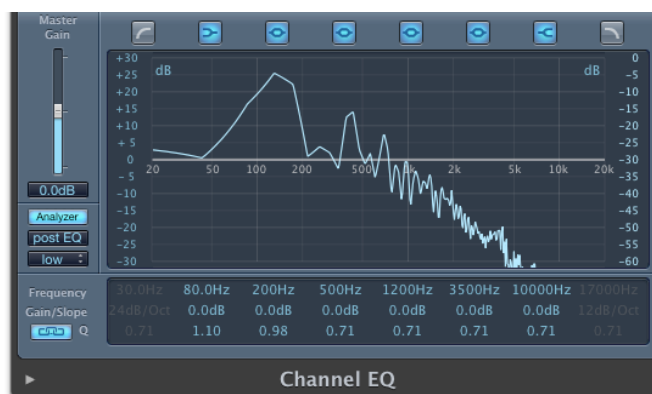


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

y) Caixa 25 – Ruído sonoro do berrante

O berrante é um objeto que faz parte da memória e da cultura popular sertaneja. Feito de chifres de boi ou de outros animais, produz som intenso e o sertanejo o utiliza com vários tipos de toques. Cada toque tem uma função específica, que vai desde o anúncio de perigo ao anúncio para conduzir um rebanho no campo. Durante a festa da agropecuária vários foram os momentos em que foi possível escutar o som do berrante. No centro da cidade de Goiânia escutei esse objeto por quatro vezes durante observações/escuta de campo. A frequência grave em 100 Hz domina essa sonoridade (FIGURA 45).

Figura 45 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 25



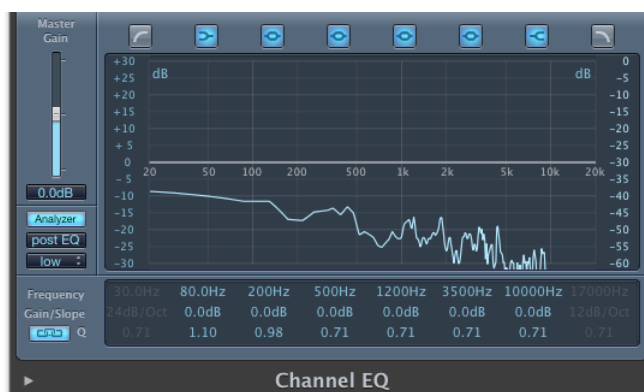
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

z) Caixa 26 – Ruído sonoro da máquina de tear

No final de uma das ruas da pecuária ficam agrupadas senhoras que fazem parte de um grupo tradicional de tecelãs da cidade de Goiânia. Elas levam algumas máquinas de tear para a festa agropecuária e fazem tapetes ao vivo para os visitantes do evento. Com isso, chamam atenção para o produto que estão fabricando e impulsionam suas vendas.

A máquina de tear faz um ruído sonoro bem peculiar: estridente, com rangidos de madeira que não cessam e um ritmo cíclico de tempo, como uma marcação de relógio. Possui um timbre agudo/médio. A máquina de tear funciona quando uma das senhoras toca os pedais com pés, movimentando a engrenagem para tecer as tramas das linhas dos produtos confeccionados. Sonoridade média (FIGURA 46).

Figura 46 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 26

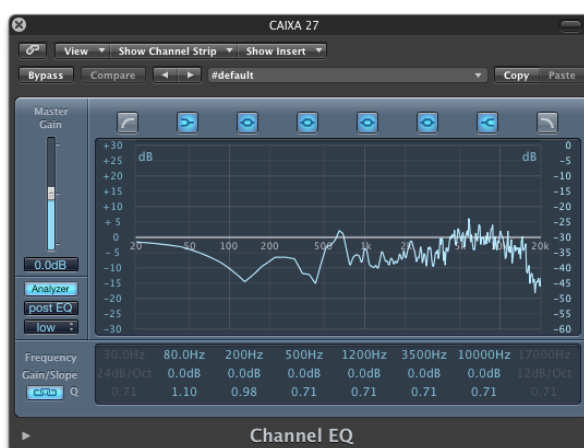


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

aa) Caixa 27 – Pecuária: estalos bombinhas

Conhecidas em Goiânia como bombinhas, ou estalinhos, esses tradicionais papeizinhos que produzem ruído em época de festas juninas é garantia de diversão para as crianças e incômodo para alguns pais. Enroladas em um papel branco e do tamanho de um caroço de espiga de milho, quando atiradas no chão produzem um estalo característico com sonoridade aguda, estridente, provocativa, pois aciona o chamado de pessoas que passam por perto da emissão desse som, que solicitam que parem de produzir esse barulho. Sonoridade aguda, com pico acentuado acima de 2KHz (FIGURA 47).

Figura 47 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 27



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

bb) Caixa 28 – Ruído sonoro das tecelãs cantando

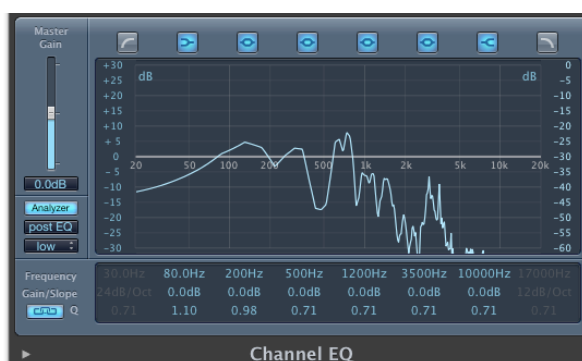
Enquanto produzem os tapetes, o grupo de tecelãs canta músicas sertanejas antigas ao ar livre na Pecuária. Selecionei um trecho da música que as senhoras cantam durante seus afazeres:

“Sozinha no mundo,
Sem nada pensar,
O Sol vem saindo, eu já vou partindo,
E, quando anoitece, estou noutro lugar,
O Sol vem saindo, eu já vou partindo,
E, quando anoitece, estou noutro lugar.
O Sol vem saindo, eu já vou partindo,
E, quando anoitece, estou noutro lugar.

Se olho no bolso, me falta dinheiro,
 Amanso dois burros por trinta cruzeiros!
 Se pego o transporte de uma boiada,
 Eu sou convidado pra ser boiadeiro".²⁴
 (Música Cortando o estradão, de Arlindo Pinto)

A frequência que prevalece nessa sonoridade está localizada entre 500Hz e 1KHz, sendo característico de som médio (BAUER, 2008) (FIGURA 48).

Figura 48 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 28



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

cc) Caixa 29 – Ruído sonoro do repentista

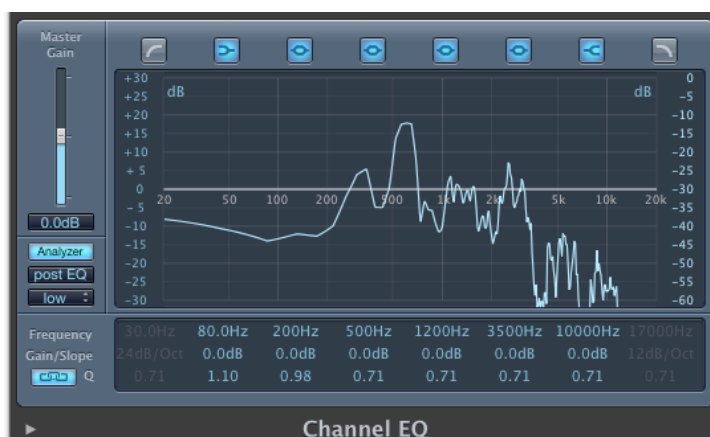
Durante pesquisa na festa agropecuária do ano de 2016, em todos os dias visitados, um repentista passava de mesa em mesa, de pessoa em pessoa, aguardando uma contribuição em dinheiro enquanto cantava seus versos. Ele percebeu meu gravador de som, quis cantar para a gravação. Os versos estão a seguir:

Na posição de Goiânia eu vou cantar animado/
 Essa princesa pediu e eu mesmo velho e cansado/
 Mas vou mostrar pra Goiânia o meu repente improvisado/
 O repente é encantado que é um segredo da mente/
 Já cantei pra essa misse muito educada e decente/
 Mas esse sol de Goiânia não tem careca que aguento.

A sonoridade escutada é do tipo médio, conforme metodologia sugerida por Bauer (2008). Essa característica pode ser observada em seu gráfico de representação da Figura 49.

²⁴ Gravação realizada durante pesquisa de campo.

Figura 49 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 29

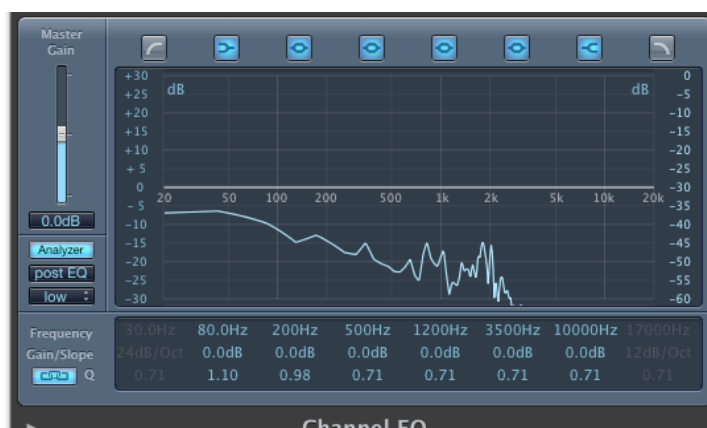


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

dd) Caixa 30 – Ruído sonoro de chuva na lona

A Feira Hippie de Goiânia não é interrompida e mesmo com chuva funciona normalmente, pois as vendas não param. Neste capítulo, que descreve a pesquisa de campo, mencionei que lonas de plástico azuis interligam as barracas, possibilitando, assim, a passagem de clientes nos corredores da feira. Essa lona azul, em contato com os pingos da chuva, gera um ruído típico da região da Feira Hippie em dias chuvosos. Estridente e ritmado, o som dos pingos de água produz uma batida médio/aguda, levando o consumidor da feira a se esconder na lona. Sonoridade grave/média (FIGURA 50).

Figura 50 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 30



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

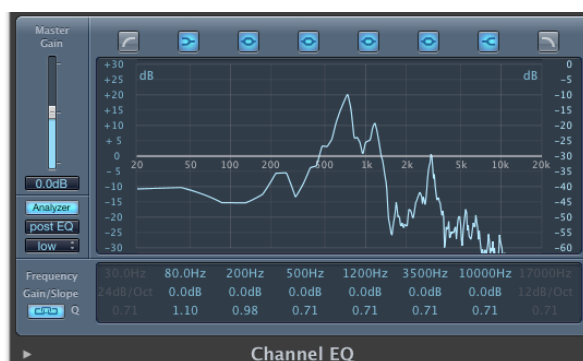
ee) Caixa 31 – Ruído sonoro do vendedor de bosta

O vendedor de bosta, com uma entonação particular, anuncia a venda de seu produto nos corredores da feira e chama bastante atenção. A venda é feita com os seguintes versos:

Olha a bosta/
a partir de cinco real o tolete/
o troço é dez/
oia a bosta/
pra fazer a sua brincadeira/
oia a bosta, oia o cocô duro/
temos cocô infantil gente/
olha a bosta/
Tem adulto e tem infantil

Consideramos que esse som pode refletir uma marca sonora (SCHAFER, 2011) da Feira Hippie, pois é um som particular recebido pelos ouvintes que frequentam esse ambiente. Sonoridade predominante em frequência média, com oscilação de 500 a 2KHz (FIGURA 51).

Figura 51 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 31



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

ff) Caixa 32 – Ruído sonoro do vendedor imigrante

O ambiente da feira possibilita o fluxo de vários vendedores, cadastrados na prefeitura de Goiânia ou não, conforme também já mencionados no capítulo anterior. Com isso, a feira se torna um ambiente que agrega pessoas de várias nacionalidades, na venda e na compra de produtos. Vários deles falam espanhol, chinês, francês; e há ainda aqueles que tentam se adaptar ao português. O tipo de

som escolhido é grave, emitido por um dos vendedores imigrantes que teve sua voz capturada na feira (FIGURA 52).

Figura 52 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 32



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

gg) Caixa 33 – Carrinho do carregador de malas

Os comerciantes, revendedores de produtos que vêm até a cidade de Goiânia para realizar compras na região da Feira Hippie contratam carregadores de malas para acompanhá-los durante o passeio pela feira. Esses carrinhos de transporte de mercadoria produzem um ruído de ‘nhenc nhenc’ quando as rodas tocam a estrutura metálica durante a caminhada na feira quando é puxado pelo carregador.

A estrutura metálica do carrinho também produz outros sons agudos quando tocada, um som de desgaste natural de sua estrutura. Sons oscilando entre todas as frequências graves, médias e agudas (FIGURA 53).

Figura 53 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 33



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

hh) Caixa 34 – Sacolas

Muitos moradores que visitam a Feira Hippie compram roupas, calçados, artesanatos diversos, comidas e carregam essas mercadorias para suas casas com sacolinhas de plástico.

Esse som, junto à enorme quantidade de pessoas caminhando na feira, produz um ruído agudo e ritmado, que tem uma semelhança com o som que escutamos de vento quando bate no rosto. O vai e volta do vento, o vai e volta das sacolas. O vai e vem dos compradores garantem essa aproximação e característica sonora do ambiente. Sonoridade grave e média pode ser observada no tipo de som capturado (FIGURA 54).

Figura 54 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 34

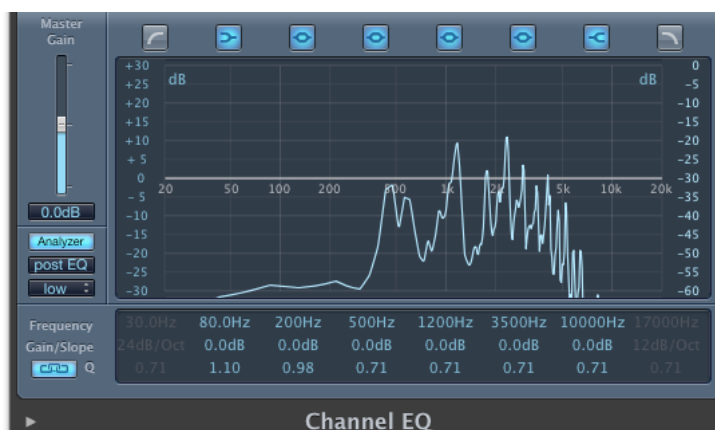


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

ii) Caixa 35 – Vendedor de peixe

“Quem vai querer peeeeeeeeeiiiiixeee?”. Esse é o grito de um vendedor ambulante que circula na Feira Hippie, próximo ao horário de almoço, anunciando o peixe aos passantes. O grito é estridente, assemelhando-se ao timbre de uma mulher, mas, para a surpresa do ouvinte, ao se deparar com a imagem do vendedor, verifica-se que é um homem alto e magro. Sonoridade estridente e aguda, com frequência acima de 2KHz (FIGURA 55).

Figura 55 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 35

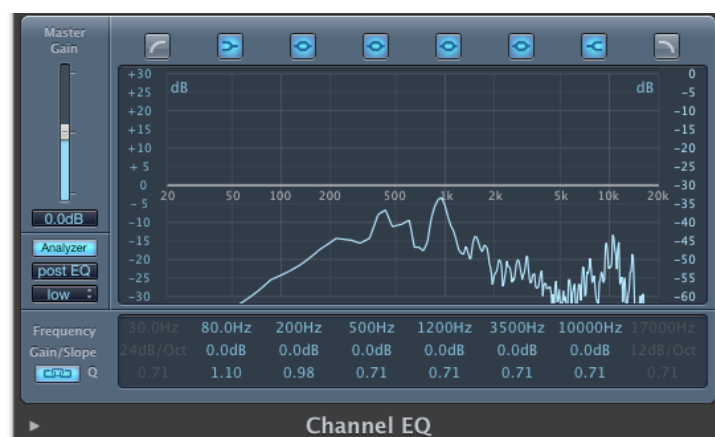


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

jj) Caixa 36 – Catraca

No Estádio Serra Dourada, a catraca emite um ruído sonoro característico desse ambiente. A catraca funciona como uma espécie de portão, que regula a passagem de uma pessoa por vez no acesso a ambientes. O som emitido por ela é cíclico, pois para entrar no estádio as pessoas fazem uma fila, o que propicia que a catraca fique um bom tempo durante a entrada e término do jogo sem parar de emitir ruído sonoro. A velocidade de produção sonora desse objeto, no momento em que várias pessoas passam por ele, produz uma sonoridade no ritmo semelhante ao de batidas do coração. Sonoridade média e aguda, com frequências acima de 300Hz (FIGURA 56).

Figura 56 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 36



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

kk) Caixa 37 – Bateria da torcida organizada de futebol

Durante dias de jogos todos os times de futebol da cidade possuem um grupo de pessoas que compõem a chamada bateria da torcida organizada de futebol. Composta por surdo, bongo, repique e outros instrumentos de percussão, a bateria tem a função de animar a torcida mesmo quando o time está perdendo em campo. A torcida prepara um ritmo acelerado para tocar durante a partida, auxiliando a cantoria dos hinos de futebol. As baterias ficam reproduzindo som durante toda a partida. Sonoridade grave (FIGURA 57).

Figura 57 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 37



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

ll) Caixa 38 – Hino cantado pela torcida de times futebol

As torcidas organizadas de futebol criam hinos para embalar seus times durante a partida de futebol. Gravei sonoridades emitidas por três torcidas de futebol de times goianienses: Vila Nova, Goiás e Atlético Goianiense. A torcida que mais impressionou pela vibração e quantidade de pessoas no Estádio Serra Dourada foi a do Vila Nova Futebol Clube. Conhecida como Esquadrão Vilanovense, tem um de seus hinos cantados repetidamente durante os jogos, que é:

“Essa torcida faz o Serra tremer/
vamos meu tigrão/
vamos com você”.

A sonoridade encontrada tem características sonoras entre grave e médio (FIGURA 58).

Figura 58 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 38



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

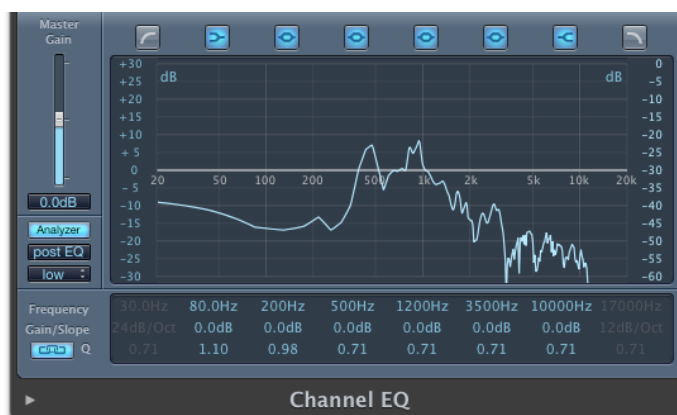
mm) Caixa 39 – Vendedor de amendoim

Um ruído sonoro que faz presença antes do jogo começar é o de pessoas comendo e abrindo sacos de amendoim. O amendoim, ao ser quebrado pelo torcedor, produz um ruído de ‘clec’ em sua casca. As cascas são jogadas pelo chão das arquibancadas do estádio e outros torcedores pisam nelas, produzindo de forma simultânea, ruídos de pés que amassam as cascas ainda em pedaços no chão (FIGURA 59).

O vendedor de amendoim vende seu produto anunciando na entrada do estádio de futebol, tentando imitar a entonação dos radialistas esportivos, com sonoridade média e aguda:

“Olha que beleza, olha que beleza/
é torrado, é selecionado, é especial/
olha que maravilha/
Vila nova hoje dois a zero /
Olha que maravilha/
amendoim torrado fresquinho e selecionado/
aqui aqui”.

Figura 59 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 39

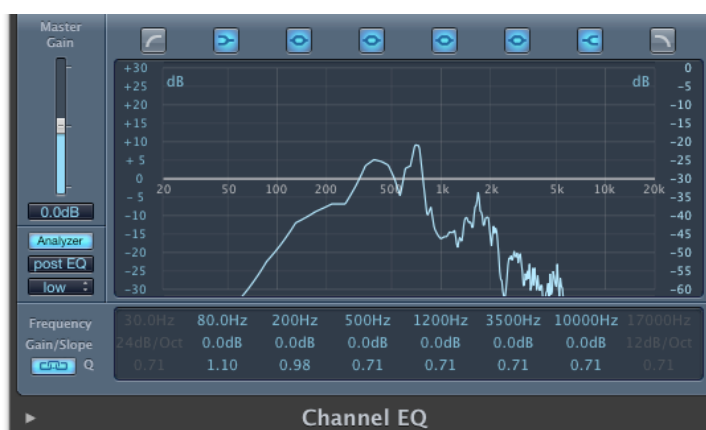


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

nn) Caixa 40 – Ingresso a 10

Durante os jogos de time de futebol ou durante os shows que ocorrem no Estádio Serra Dourada existe um personagem que ronda quem chega até o estádio. O cambista vende ingressos por preços mais baratos durante os jogos e mais caros durante os shows: “Ingresso baratinho, ingresso baratinho, não vai ficar sem o seu lugarzinho” ou “Ingresso é dez, ingresso é dez”. Sonoridade média (FIGURA 60).

Figura 60 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 40



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

oo) Caixa 41 – Gritos de fãs

Durante os shows do Villa Mix Festival ou shows de músicas gospel existe uma concentração de fãs de cantores, que gritam ao ver seu ídolo no palco ou próximo dele. Os fãs gritam pedindo para tirar uma foto, somente para chamar

atenção emitindo um “Aaaaaaaaaaaaa”, pedem beijo e aplaudem bastante quando o ídolo passa por perto. Sonoridade médio/aguda (FIGURA 61).

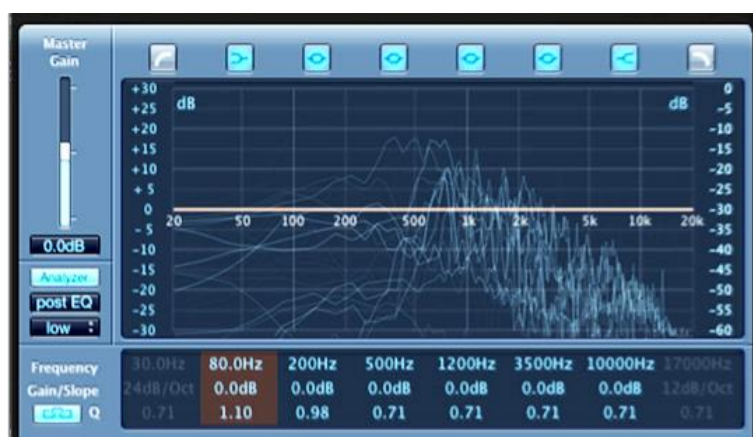
Figura 61 - Espectro de frequências da sonoridade da Caixa 41



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Quando reproduzidos ao mesmo tempo, os 41 sons selecionados para a instalação sonora formam o gráfico apresentado na Figura 62. Podemos perceber, na observação do gráfico, que as frequências são atingidas pela sonoridade da cidade de Goiânia em diversos níveis, do tipo mais grave ao mais agudo. Temos sons reproduzidos em 200Hz (som grave) e também sons reproduzidos que tocam os 5KHz (som agudo). Podemos dizer, portanto, que as frequências sonoras que reproduzimos na instalação ‘Janelas sonoras’ possuem sons médios, graves e agudos, com predominância de intensidade sonora em sons médios, pré-industriais. Acusticamente isso nos revela a riqueza de frequências de ruídos sonoros capturados em Goiânia.

Figura 62 - Espectro de frequências de todos os sons reproduzidos na instalação ‘Janelas sonoras’



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Quando afirmamos que os sons de Goiânia ainda reforçam sons de cidades pré-industriais, referimo-nos aos sons de ambulantes, oferta de serviços e até mesmo meios de transportes como a charrete e cavalos nas vias públicas, que demarcam um tempo anterior ao vivido por alguns cidadãos goianienses. Um tempo rememorado pela imaginação que relaciona esses sons com imagens mentais e até mesmo por reproduções visuais como as fotografias de outra época. No entanto, para que isso ocorra é preciso uma escuta atenta, diferente daquele apagamento pelos sons excessivos na cidade, que reduz os indivíduos e sua história, conforme alerta Simmel (1997).

A ideia de realização de uma performance sonora em janelas de um prédio da cidade de Goiânia surgiu depois de várias orientações com a professora Dra. Sainy Veloso. A nossa maior dúvida com relação à reprodução dos sons era a de saber como reproduzir, em ruas da cidade e para o maior público possível, as sonoridades capturadas durante a pesquisa de campo.

Concordamos que o local mais visitado por passantes em Goiânia era o centro da cidade, logo seria um local aberto e com acesso de muitas pessoas diariamente. Neste sentido, cogitamos a reprodução dos sons a partir do Grande Hotel pela sua representatividade histórica na construção da cidade e importância social para a população que se instalou nessas terras nos primeiros anos da cidade. A construção do prédio favorece a colocação de caixas de som nas janelas.

3.5.3 Procedimentos: a edição de som, dificuldades e acertos na solução prática para a realização da instalação ‘Janelas sonoras’

A respeito da instalação ‘Janelas sonoras’, com a ideia inicial de realização com 41 caixas de sons reproduzindo 41 sons diferentes, precisaríamos, para sua concretização, de 41 caixas de som e vários cabos. Para que isso ocorresse, solicitei apoio e patrocínio, oferecendo divulgação no convite da instalação sonora, para lojas de som e de instrumentos musicais de Goiânia. Encaminhei solicitações a quatro grandes lojas de instrumentos musicais da cidade e não obtive resposta. Mesmo apresentando o projeto pessoalmente a resposta positiva nunca era atingida.

Em uma das tentativas para obtenção de apoio, solicitei orçamentos em empresas de aluguel de som, explicando a respeito do projeto e tentando obter um orçamento simbólico para que eu pudesse arcar com as despesas da instalação. A resposta mais barata que recebi correspondia a R\$ 2.500,00 para cada oito caixas de som (ANEXO B). Isso significaria, portanto, que para a realização da instalação sonora com a utilização de 41 caixas de som, reproduzindo sons simultâneos, eu precisaria de R\$ 12.812,50 para a execução. Essa verba eu não tinha e percebi, a partir dessa constatação, que a proposta de realização da instalação sonora com 41 caixas de som distintas para reprodução de sons precisava ser repensada.

Na tentativa de conseguir algumas caixas emprestadas, dirigi-me aos colegas músicos, cineastas e produtores. Dois retornaram com uma resposta positiva: eu tinha duas caixas de som emprestadas. Uma amiga, a produtora de cinema Larissa Bueno, conseguiu o contato do coordenador de um centro cultural de Goiânia que, por um preço bem simbólico, iria ajudar o projeto com a instalação de 12 caixas de som. Com isso, eu teria 14 caixas de som, contando com as duas que eu tinha conseguido emprestadas.

Com a quantidade de caixas de som reduzidas tive que pensar também em uma nova versão da reprodução dos sons na instalação sonora. Como já trabalhei profissionalmente como editora de som e mixadora de sons para filmes, de imediato pensei em realizar uma edição de som, semelhante àquela que fazemos no cinema, com esses 41 sons selecionados na proposta inicial, da mesma forma em que realizo meu trabalho com o cinema.

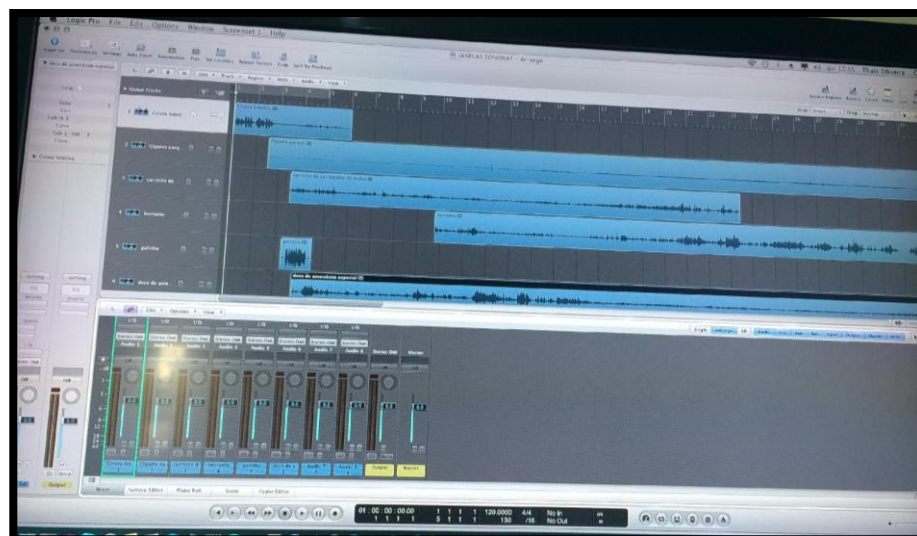
Com essa ideia em mente, abri um projeto multipista de edição sonora no Logic Pro ²⁵ (FIGURA 63) para editar os sons escolhidos para a instalação, desenvolvendo uma mixagem para a reprodução no dia 30 de novembro de 2017. Com essa edição e mixagem finalizada seria possível reproduzir, nas 14 caixas de som, um mesmo som – da edição e mixagem realizada em um programa de edição de áudio.

Depois da edição de som e mixagem pronta obtivemos quatro minutos e quinze segundos de arquivo sonoro final (04:15), disponível para acesso *online* em site já mencionado (OLIVEIRA, 2018). Esse arquivo de áudio foi reproduzido repetidamente para garantir que a reprodução nas 14 caixas de som espalhadas nas

²⁵ Programa de edição de som e criação de trilhas musicais.

janelas do prédio fosse simultânea, de um único som mixado, sem intervalos, com os 41 sons selecionados para a instalação sonora.

Figura 63 - Mixagem dos sons selecionados no programa de edição de som



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Para executar tal proposta de reprodução de sons não contávamos com equipe técnica especializada para a acomodação das caixas de som nas janelas no dia da instalação. Tínhamos 14 caixas de som garantidas para a instalação sonora, mas precisávamos montar uma equipe de pessoas para auxiliar na montagem física de toda a aparelhagem. Contávamos apenas com o Sr. Baiano, profissional técnico em áudio que ligaria as caixas de som no dia da instalação. Assim, foi necessário convidar pessoas conhecidas que estivessem disponíveis para auxiliar, de forma voluntária, no dia de realizar a instalação sonora. A partir do contato com amigos mais próximos, que também são profissionais de cinema, e de colegas do doutorado interdisciplinar em performances culturais, montei a equipe que me auxiliou na realização da instalação 'Janelas sonoras'. Uma equipe composta por 13 pessoas, supervisionadas por mim e com a orientação da professora Dra. Sainy Veloso, orientadora da tese. Um primeiro grupo auxiliou na montagem técnica da instalação sonora e o segundo auxiliou na aplicação do questionário.

A primeira equipe, mais técnica, foi composta pelo Sr. Baiano (técnico de som), João Batista, Gean Tonni, Bárbara de Almeida, Isabela Veiga, Larissa Bueno e Amanda Costa. Esta última também auxiliou na assessoria de imprensa. Sete pessoas ajudaram na montagem e acomodação das caixas de som nas janelas;

tiraram fotografias para registro da instalação e ficaram disponíveis durante todo o dia no Grande Hotel.

A segunda equipe foi pensada para auxiliar nas entrevistas orais, realizadas com os transeuntes. A equipe foi composta por colegas do doutorado interdisciplinar em performances culturais e uma aluna do mestrado em comunicação da Universidade Federal de Goiás. Essa equipe, portanto, era formada por colegas que já tinham a praxe de investigação e, por essa questão, poderiam contribuir de forma adequada e ética na aplicação das entrevistas. Fizeram parte dessa equipe: Deusimar Gonzaga, Eliene Nunes, Adriel Diniz, Adrielly Campos e Samuel Zaratim. Eu participei da montagem das caixas de som e também da aplicação do questionário.

3.5.4 Durante a instalação sonora: entrevistas e questionários

Para que pudéssemos ter um grupo coeso de pesquisadores aplicando o questionário, reuni-me com esses colegas antes do dia da execução da instalação sonora com o intuito de explicar os objetivos da pesquisa. No dia 30 de novembro de 2017, dia da execução da instalação sonora, dois colegas auxiliaram no período da manhã e quatro colegas auxiliaram no período da tarde. Cada pesquisador voluntário tinha em mãos um gravador portátil de som²⁶ para recolhimento das entrevistas em áudio e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) exigidos pelo conselho de ética da UFG, assinados por mim, para serem preenchidos e assinados pelos transeuntes que autorizassem o uso de suas entrevistas.

Sabíamos que o primeiro contato com os passantes poderia definir a vontade e decisão de responder ou não o questionário. Portanto, discutimos com a equipe de voluntários que deveríamos explicar ao entrevistado que seu anonimato estava garantido. Seguindo as normas do Comitê de Ética e Pesquisa da UFG (CEP-UFG), o anonimato dos entrevistados deve ser garantido com o uso apenas das letras iniciais do nome completo de cada entrevistado, o que fizemos tanto na decupagem das entrevistas quanto nas citações que estão no capítulo 4.

²⁶ SONY IC Recorder.

Deveríamos também agir com tranquilidade, sem demonstrar surpresa ou desaprovação com relação às respostas do entrevistado. Na calçada do Grande Hotel, ao abordar o caminhante do centro da cidade, a equipe de pesquisadores voluntários explicou os objetivos da pesquisa, o motivo das caixas sonoras dispostas em cada janela do hotel reproduzindo sons, para então, somente depois disso, começar a aplicar o questionário e gravar as respostas em áudio.

As cinco perguntas elaboradas eram abertas, ou seja, perguntas que possibilitam maior liberdade para o entrevistado responder com suas próprias palavras. Buscamos, com isso, um maior envolvimento do respondente sem que este se limitasse às opções com respostas fechadas (com escolha entre alternativas, tais como: a, b, c, d) e sem a riqueza de detalhes pessoais e subjetivos mensurados nas conclusões.

A participação para responder o questionário e ouvir os sons reproduzidos na instalação sonora foi livre. Contudo, os partícipes deveriam ser maiores de 18 anos. Alguns transeuntes que por ali passavam se interessaram pelo que estava acontecendo, pararam e perguntaram o que era. Aproveitávamos, então, para consultar-lhes sobre a entrevista. Aqueles que aceitaram o convite receberam o formulário TCLE para ser lido e assinado. O formulário esclarecia sobre a investigação e recolheu a anuência de participação de quem respondeu às perguntas. Uma cópia foi entregue ao participante e outra cópia ficou sob minha responsabilidade. Os registros de ruídos sonoros capturados pela cidade, as fotografias retiradas no momento da instalação sonora, bem como as respostas obtidas gravadas em áudio no momento da instalação sonora ficarão sob minha responsabilidade por um período de cinco anos.

Quando definimos as perguntas pensamos também nos subgrupos ou grande subgrupo que analisaríamos e compararíamos durante a análise de dados. Para nos auxiliar na busca dos sons do cotidiano goianiense consideramos as respostas obtidas dos indivíduos goianienses nascidos e habitantes da cidade de Goiânia há mais de dez anos.

Certeau (1994, p. 142) pondera que toda atividade humana pode ser cultura e “[...] para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”. Justificamos nossa escolha a partir das ponderações do autor, pois observamos e entendemos as

práticas sociais sonoras como intervenções desempenhadas pelos indivíduos no processo de interação social na cidade. É a partir, portanto, de suas práticas sociais que o indivíduo vai modelando sua identidade. Neste entendimento, consideramos que a identidade sonora da cidade também é modelada pelas práticas sociais dos indivíduos que nela habitam. Por esse motivo consideramos como indivíduo do grupo de análise o habitante nascido em Goiânia; aquele que pertence a cidade há mais tempo e que durante sua prática social cotidiana produz as sonoridades na cidade e as recebe.

A partir do recorte realizado, a orientação dada à equipe de voluntários que nos auxiliou na aplicação do questionário foi a de que deveriam perguntar para o transeunte se era habitante da cidade de Goiânia e também se era nascido na cidade. Com isso teríamos a amostra de dados necessária para o que consideramos como cidadãos goianienses.

A entrevista oral foi baseada em cinco perguntas tomando como referência os sons da instalação: O que é som para você?; O que é ruído sonoro; Você se reconhece em algum som? Por quê?; Qual é o som do seu cotidiano?; O que lhe agrada e o que lhe incomoda nos sons de seu cotidiano?

A instalação sonora aconteceu no dia 30 de novembro de 2017, das 9h às 16h. A previsão inicial era de concluir a instalação às 17h, mas a chuva afetou esse planejamento e tivemos que retirar os equipamentos antes do horário previsto para não molhar e danificar as caixas de som colocadas nas janelas do prédio.

Iturbide (2003) expõe que os sons em uma instalação sonora podem simplesmente serem difundidos no espaço, de diversos pontos “[...] para destacar tanto quanto possível suas qualidades acústicas, e para que o movimento do espectador no espaço enriqueça o resultado sonoro perceptível da obra”. Neste sentido, dispomos as 14 caixas sonoras nas janelas do hotel, como pode ser verificado na Figura 64.

Conforme afirma Chizzotti (1992, p. 97), “[...] o cotidiano sempre ficou à margem de concepções totalizantes que remetem a explicação da realidade social às estruturas que modelam e cristalizam a sociedade global”. Contudo, alguns autores na metade do século XX, como Michel de Certeau, dão sua contribuição quanto ao seu valor, na pesquisa social e até mesmo ontológica.

Figura 64 - Instalação sonora 'Janelas sonoras' no Grande Hotel



Fonte: Geann Toni (2017).

Retomando os autores já mencionados na introdução, o cotidiano nesta investigação significa “[...] uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p.31). Impossível, portanto, ao selecionarmos nosso objeto de estudo – ou somos por ele selecionados? – não percebemos o ‘invisível no cotidiano’. Não tão invisível assim, aquilo que nos toca e chama – como o som – remete-nos ao mundo sensório, primeira percepção do mundo quando crianças, que pouco a pouco nosso racionalismo vai recalcando em função de um suposto conhecimento do mundo.

Ao buscarmos retomar essa experiência sensível, criamos as ‘Janelas sonoras’. É possível, por meio da experiência sonora, apreender a cultura goianiense, em sua diversidade? Como os indivíduos perceberiam os sons da instalação deslocados de seus lugares de origem? Reconhecer-se-iam neles? Essa diferença e suas aproximações que vão contribuir na definição de identidades de pessoas e de um mesmo grupo de pessoas. No próximo capítulo está a análise das respostas obtidas durante a obra artística com a finalidade de perceber a performance sonora cultural goianiense.

A instalação sonora foi veiculada em rádio, televisão, internet e jornais impressos da cidade de Goiânia (ANEXO C). A partir de entrevistas realizadas e da

divulgação do release da pesquisa, fomos alvo de reportagens nos seguintes meios de comunicação: Rádio 730 AM, Rádio Brasil Central AM, Programa Viver Ciência da TV UFG, Jornal O Popular, Jornal Diário da Manhã, Jornal Tribuna do Planalto, Arroz de Festa.net e Jornal O Hoje. Essa divulgação levou alguns curiosos até a instalação sonora no dia da execução da obra. Outras pessoas paravam para perguntar sobre as caixas de som instaladas no hotel, se seria uma promoção de algum produto ou algum evento importante. Outros passavam pelo Grande Hotel sem notar a nossa presença por ali.

Ressaltamos que “[...] performances existem apenas enquanto ações, interações e relações.” (SCHECHNER, 2006, p. 4). Durante a reprodução dos sons da instalação sonora os sons do centro da cidade se misturaram aos da obra artística. Existiu também um som constante presente no ambiente, produzido em volume alto, ao lado da instalação sonora. No lado da Rua 3 uma britadeira fez ruídos sonoros durante todo o dia para trocar pequenos blocos retangulares de cimento na calçada da esquina, de frente para o Grande Hotel. Esse som acabou sendo incorporado na obra e se misturou aos sons reproduzidos na instalação sonora.

Apesar de estarmos com várias caixas de som, de certa forma chamando atenção no ambiente selecionado para a instalação sonora, pude perceber que não afetamos o trabalho de pessoas que se instalaram na frente do hotel. A mulher que monta sua barrquinha de quitandas e café ali durante a manhã, permaneceu de 7h até 12h atendendo aos clientes que passavam pela Avenida Goiás. Mesmo reproduzindo sons continuamente na instalação sonora, a barrquinha foi montada no seu local usual, próximo às janelas, como podemos ver na Figura 65. Perguntamos, em conversa informal com a dona da barrquinha, o que ela achava do ruído sonoro reproduzido e ela respondeu que não a importunava.

Figura 65 - Barraquinha da vendedora de café durante a instalação 'Janelas sonoras'



Fonte: Geann Toni (2017).

O hábito diário dos ambulantes, comerciantes, e prestadores de serviços que se instalaram próximos ao Grande Hotel se manteve com a execução da instalação sonora. Em nenhum momento essas pessoas solicitaram que abaixássemos o volume ou quiseram se retirar dali (FIGURA 66). Alguns clientes da banquinha de café relataram que se reconheciam nos sons, por meio de suas memórias. Até os clientes do engraxate com ponto fixo na porta do Grande Hotel se interessaram pelos sons que escutavam.

Figura 66 - Trabalho do engraxate durante a instalação sonora 'Janelas sonoras'



Fonte: Geann Toni (2017).

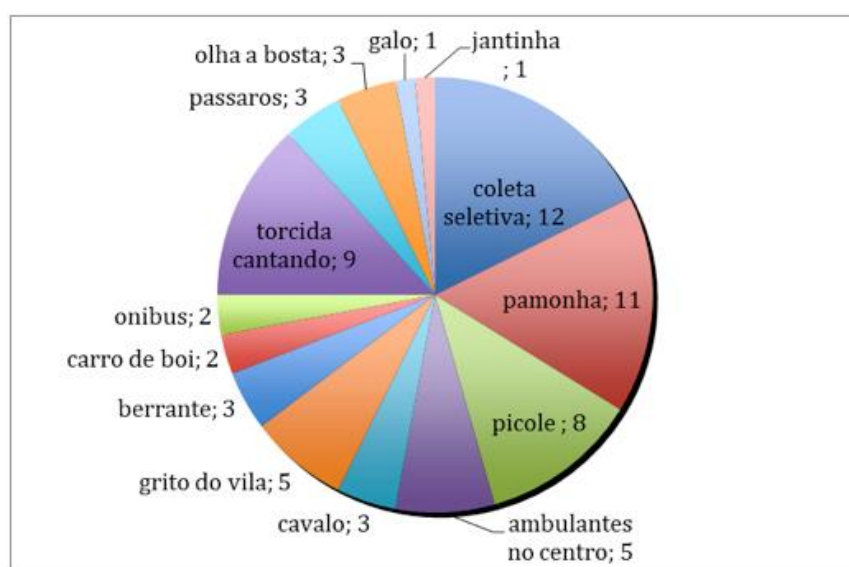
A coleta de dados da experiência da recepção de sons foi feita com as entrevistas gravadas em áudio durante a obra artística. Tínhamos consciência de que poderíamos lidar durante as entrevistas com ouvintes estrangeiros e ouvintes da cidade que apenas moram em Goiânia. A partir desses dados apresentamos, no próximo capítulo, uma análise de dados coletados: da minha observação/escuta em campo e das entrevistas realizadas durante a instalação artística ‘Janelas sonoras’, proposta nessa tese.

A análise foi realizada a partir da incorporação da fala dos sujeitos, buscando uma “[...] apreensão na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual” (ALVES; SILVA, 1992, p. 65) e a partir dos teóricos mencionados nessa tese.

3.5.4.1 Representatividade visual dos dados obtidos

A partir das respostas dos participantes da instalação sonora, formulamos Um gráfico (FIGURA 67) com os sons mais reconhecidos pelos ouvintes, ou seja, o som do vendedor de pamonha, de picolé, dos ambulantes, da coleta seletiva, da torcida de jogo de futebol, do grito do ‘Vila’, entre outros.

Figura 67 - Gráfico de respostas obtidas com relação a sons reproduzidos durante a instalação sonora ‘Janelas Sonoras’



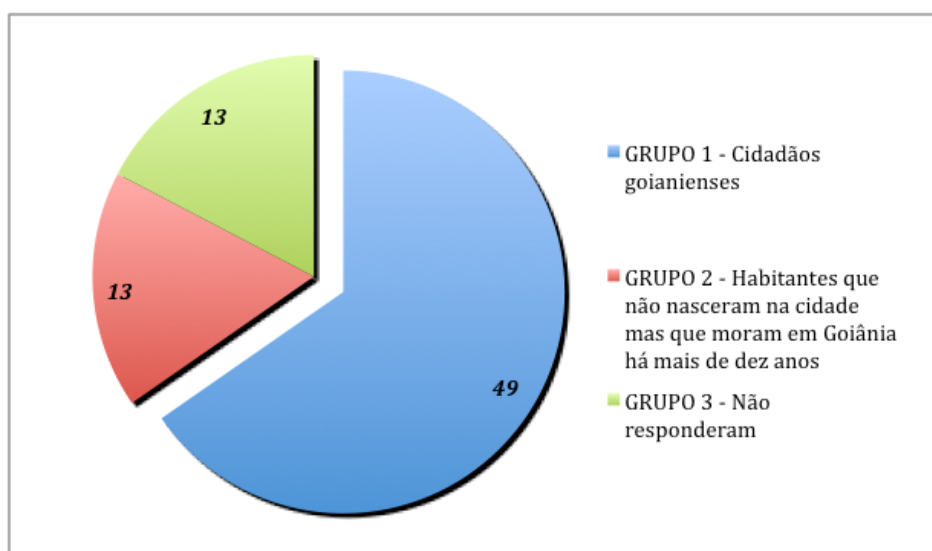
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Das cinco perguntas elaboradas para a pesquisa, duas são mais gerais e buscam respostas para o que os transeuntes consideram como som e como ruído. Neste sentido, as respostas dos transeuntes auxiliam no debate com os autores selecionados em relação à natureza de percepção do som e o que consideram como ruído sonoro. As outras três perguntas buscaram contemplar nosso objeto de estudo, a saber: os sons do cotidiano de Goiânia e a recepção dos mesmos.

Coletamos 75 entrevistas, que foram separadas em áudio, transcritas e tabuladas para análise (APÊNDICES C, D e E). A partir dessa primeira sondagem com os transeuntes da cidade, separamos suas respostas ao questionário em três grandes grupos (FIGURA 68):

- a) Grupo 1: cidadãos goianienses, nascidos e habitantes da cidade;
- b) Grupo 2: habitantes que não nasceram na cidade, mas que moram em Goiânia há mais de dez anos;
- c) Grupo 3: pessoas que não responderam sobre seu local de nascimento ou não nasceram e não moram em Goiânia há mais de dez anos.

Figura 68 - Gráfico de respostas obtidas com o questionário durante a instalação sonora



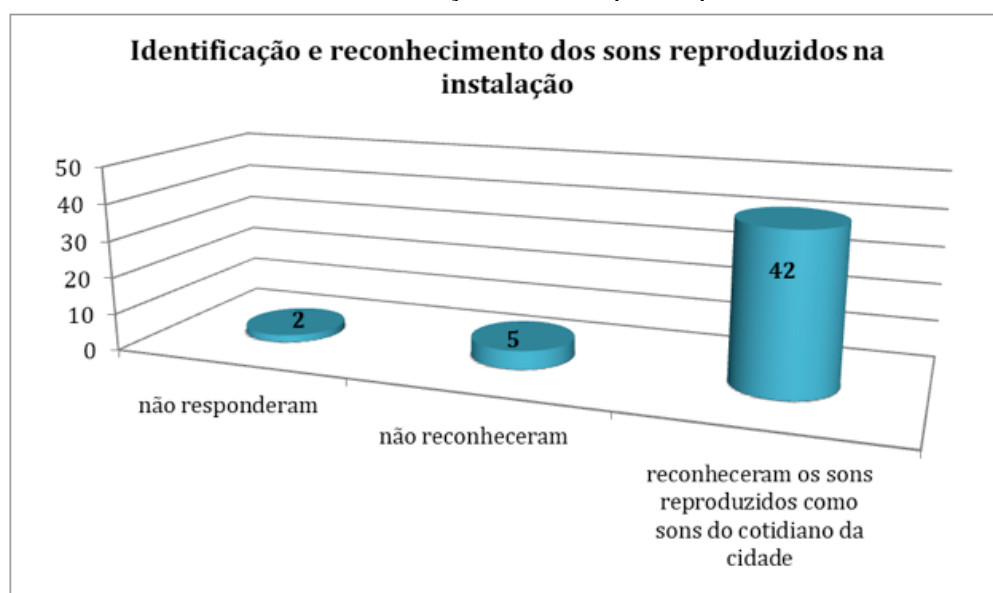
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A partir dessa verificação, selecionamos o grupo com os cidadãos goianienses (Grupo 1) para fins de análise sobre a sonoridade do cotidiano e o seu reconhecimento ou não pelos habitantes da cidade. Com isso, temos respostas equivalentes a 65% do total dos entrevistados, ou seja, 49 pessoas.

De 49 pessoas que consideramos como cidadãos goianienses, 85% se identificaram e se reconheceram nos sons da cidade reproduzidos durante a instalação sonora. O que corresponde a 42 pessoas, como pode ser conferido na Figura 69.

A maioria dos entrevistados, considerados por nós como cidadãos goianienses reconheceu que os sons da instalação 'Janelas sonoras' reproduziam sons do cotidiano de Goiânia, conforme confirma o gráfico apresentado na Figura 69. Os exemplos dados por cada entrevistado que confirmaram seus reconhecimentos foram: som do caminhão da coleta seletiva de Goiânia, som de berrante, som de vendedor de pamonha, entre outros.

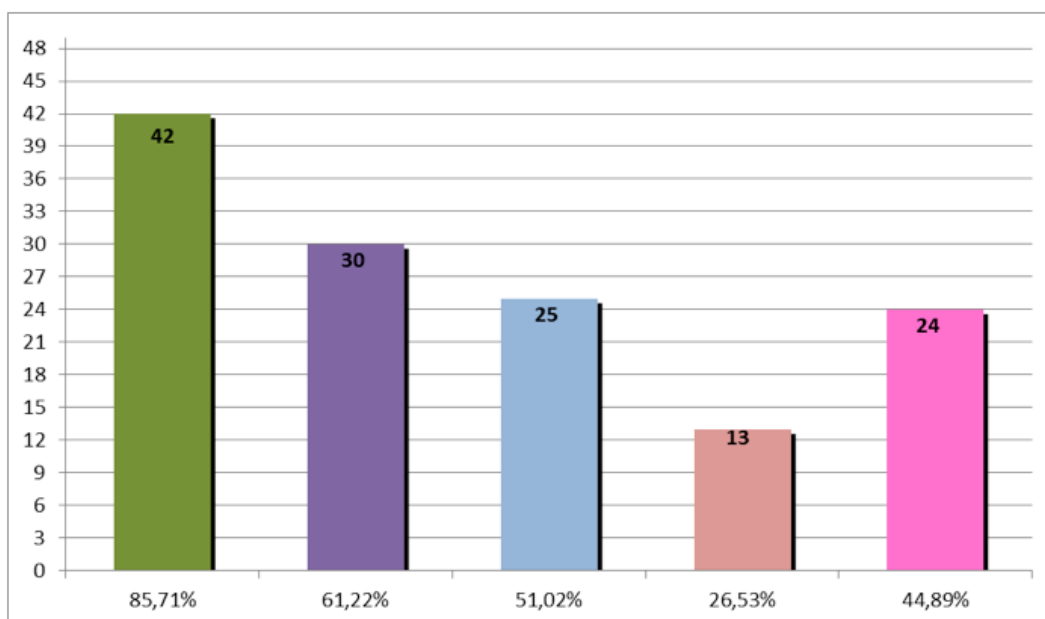
Figura 69 - Gráfico de respostas obtidas a partir do reconhecimento e identificação dos sons da instalação sonora pelos passantes



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

No primeiro momento transcrevemos todas as perguntas e respostas obtidas com o nome de cada participante que autorizou a utilização de seu questionário, utilizando apenas as iniciais de cada nome para identificação do entrevistado (APÊNDICE C). No segundo momento foi realizada a tabulação dos dados em uma tabela colorida, mantendo as letras iniciais do nome dos entrevistados. Nela fizemos uma legenda com cores diferentes para demarcar as respostas que nos auxiliam quanto aos objetivos da pesquisa (FIGURAS 70 e 71).

Figura 70 - Gráfico obtido com as respostas tabuladas a partir das legendas

**Legenda:**

- Identificação e reconhecimento dos sons reproduzidos na instalação sonora.
- Sons do cotidiano do transeunte que se assemelham aos sons da instalação.
- Sons do cotidiano do ouvinte que o agradam e foram reproduzidos na instalação.
- Sons do cotidiano do ouvinte que o desagradam e foram reproduzidos na instalação.
- Consideram o ruído sonoro como um elemento negativo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Figura 71 – Exemplo da tabulação realizada com base nas cores selecionadas

PERGUNTAS	
Pergunta 1	O que é som para você?
Pergunta 2	O que é ruído para você?
Pergunta 3	Você se reconhece em algum desses sons? Por quê?
Pergunta 4	Qual é o som do seu cotidiano?
Pergunta 5	O que lhe agrada e o que lhe incomoda nos sons de seu cotidiano?
RESPOSTAS TAO (5)	
Resposta 1	Som... Acho que som é música né. Sons são ruídos que são produzidos intencionalmente.
Resposta 2	Ruído sonoro é tudo que a gente escuta e que as vezes não é intencional. Quando não foi produzido por intenção.
Resposta 3	Sim, principalmente no som dos galos, porque eu estou morando em um lugar que tem um monte de galinhas, meus vizinhos criam galinhas pra vender, então eu acordo todos os dias com barulho dos galos.
Resposta 4	O som dos galos. Em Goiânia tem muitos carros de som, né, que passam na rua vendendo, pamonha, leite, doce. Perto da casa da minha mãe tem um carro que passa vendendo esterco. Acho que isso é muito a cara de Goiânia.
Resposta 5	Me agrada o som dos galos, me dá uma sensação de paz, de estar em casa, porque tem muito a ver com a minha casa, me lembra um pouco de lar.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

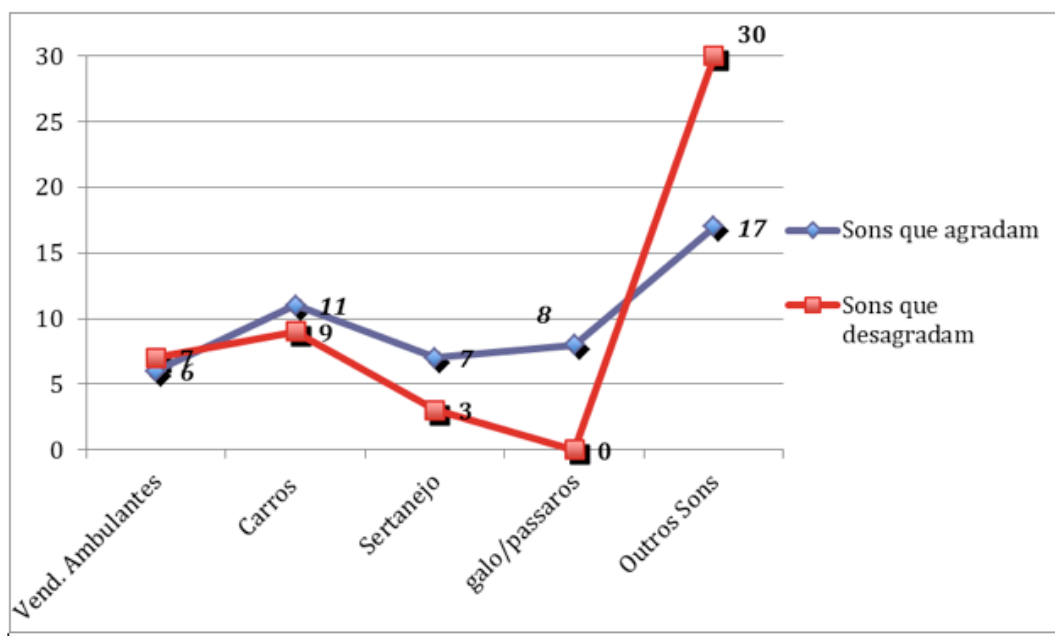
A tabulação (APÊNDICE D) foi realizada a partir dos seguintes dados: identificação e reconhecimento dos sons reproduzidos na instalação sonora (42 pessoas); sons do cotidiano do transeunte que se assemelham aos sons da instalação (30 pessoas); sons do cotidiano do ouvinte: que o agradam e foram reproduzidos na instalação (25 pessoas); sons do cotidiano do ouvinte: que o desagradam e foram reproduzidos na instalação (13 pessoas) e transeuntes que consideram o ruído sonoro como um elemento negativo (24 pessoas).

A partir de perguntas sobre sons do cotidiano que agradam e/ou desagradam os respondentes, cruzamos os dados com os sons do cotidiano da cidade capturados por nós. Alguns dos sons do cotidiano da cidade mais citados como incômodos ou agradáveis foram: sons de vendedores ambulantes, carros transportando pessoas pela cidade, pássaros, galos, galinhas, sons de carro de boi, berrante, como pode ser observado na Figura 72.

Para melhor compreender o que está disposto no gráfico, temos:

- Na linha em vermelho - exemplos de sons do cotidiano do transeunte percebidos como desagradáveis;
- Na linha em azul - os sons do cotidiano percebidos como agradáveis ao transeunte.

Figura 72 - Gráfico de respostas obtidas com relação a sons do cotidiano do transeunte



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O passante, ao ouvir o som reproduzido durante a instalação 'Janelas sonoras', ia reconhecendo ou não os sons, apontando qual tipo de som era aquele (vendedor de pamonha, carro da coleta seletiva, torcida de futebol e outros) e dizendo se incomodava ou não. Caso não reconhecesse o som reproduzido como som do seu cotidiano, dava outros exemplos de sonoridade que lhe afetava no seu dia a dia. Na última coluna do gráfico da figura 72 temos a informação das pessoas que não responderam a essa pergunta ou que responderam, mas o som agradável ou desagradável não foi nenhum dos sons escolhidos para a reprodução na instalação 'Janelas sonoras'. O que ocorreu em virtude de os sons da instalação terem se misturado aos demais sons da rua.

Dentro do grupo analisado 13 pessoas se manifestaram sobre os sons dos vendedores ambulantes que anunciavam seus produtos pela cidade. Seja na Feira Hippie, no centro da cidade, na festa da agropecuária ou no Estádio Serra Dourada, esse som é presente na paisagem sonora da cidade de Goiânia. Com relação a esse tipo de sonoridade e sua escuta, seis pessoas afirmaram que são sons do cotidiano que agradam e sete pessoas disseram que esse som não agrada.

Outro tipo de sonoridade interpretada foi com relação aos ruídos produzidos pelos carros e ônibus pela cidade. Do grupo, 20 pessoas certificaram que esses são sons característicos de seu cotidiano; destas, 11 pessoas concordam que essa sonoridade agrada, enquanto nove pessoas discordaram, dizendo que são sons que desagradam no cotidiano. E oito pessoas relataram que a sonoridade de pássaros na cidade de Goiânia, ou de galos que cantam fora do horário comum, são sons que agradam o seu cotidiano.

Na Figura 72 estão caracterizados como sons sertanejos: música sertaneja e som de berrante. Do grupo, dez pessoas se manifestaram com relação a esses sons: sete afirmaram que são sons agradáveis e três pessoas afirmaram que os sons são desagradáveis. Outros sons foram citados nas respostas, como sons do cotidiano do ouvinte – como a gritaria de vizinhos, o som de televisão ligada. Esses sons não foram mensurados neste trabalho por não serem sons reproduzidos na instalação 'Janelas sonoras'. Essas respostas estão dispostas no gráfico da Figura 72 com legenda referente a outros sons.

Separamos também os emissores de som que circulam pela cidade como pode ser verificado na tabela a seguir:

Figura 73 – Emissores de som pela cidade

Sons produzidos em contato com máquinas	caminhão da coleta seletiva, som da sirene da ROTAM, som da máquina de tear, som de motocicletas, som de buzinas, som do ônibus do eixo Anhanguera
Sons produzidos por animais	Cigarras, cascos de cavalo, pássaros (periquitos), galo
Som de vendedores ambulantes pela cidade	Carro de picolé, vendedores ambulantes nos semáforos, vendedor de Ingresso a 10 reais, vendedor de <i>chip</i> de celular, vendedor de bosta, vendedor de peixe, vendedor <i>cowboy</i> , vendedor de pamonha, vendedor imigrante, vendedor de amendoim, ambulante do centro.
Som de expressões com fala	religiosos (homem e mulher), grito do “Vila”, hino de futebol, gritos de fãs, tecelãs cantando, repentista, peruanos com flautas
Objetos	Sacolas, Catraca, Chuva na lona, Apitos, Berrante, Fonte de água, fogos de artifício, churrasquinho, Passos, Bateria da torcida de futebol, Carregador de mala, estalos bombinhas.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na Figura 73 foram identificados e separados campos sonoros que são reproduzidos pela cidade de Goiânia. Nesses campos sonoros encontramos doze (12) sons produzidos por objetos, oito (8) sons de expressão com fala, onze (11) sons distintos de vendedores ambulantes pela cidade, quatro (4) sons produzidos por animais e seis (6) sons produzidos em contato com máquinas.

4 REVERBERAÇÕES DOS SONS DA CIDADE DE GOIÂNIA: OU O QUE TRADICIONALMENTE CHAMAMOS DE DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Lembramos que para a coleta de dados fizemos, em um primeiro momento, uma observação/escuta e captura de ruídos em quatro territórios sonoros da cidade. Em um segundo momento esses sons capturados foram reproduzidos na instalação artística 'Janelas sonoras'. A instalação foi utilizada como investigação quanto à recepção dos sons selecionados na cidade de Goiânia e, sobretudo, objetivando sondar como o transeunte recebe, identifica e se reconhece ou não nos sons de seu próprio cotidiano. Com tal intento buscamos circunscrever a questão: Há uma performance sonora goianiense?

É a partir do som cotidiano que podemos construir uma maneira de conhecer o mundo (FELD, 1982). Assim pensando, voltamo-nos para as reverberações dos sons em Goiânia: os produtores de som e a recepção dos sons da cidade. Um som reverberado é aquele som que volta mais de uma vez para os ouvidos, tal como os sons que ouvi, por várias vezes, nas gravações obtidas nos quatro territórios sonoros de Goiânia, na instalação artística e enquanto fazia as entrevistas efetuadas com os transeuntes da cidade.

4.1 DOS TERRITÓRIOS SONOROS INVESTIGADOS

Conforme já relatado anteriormente, realizei uma experiência imersiva e flutuante pela cidade de Goiânia visando uma escuta nômade e sensível de seus sons. Assim como afirma Dewey (2010), tal experiência acrescentou em mim uma transformação, pois eu não somente interagi com os indivíduos socialmente, mas participei e me comuniquéi com o coletivo de modo a escutar uma mensagem sonora. O que me fez me reconhecer como partícipe da cultura goianiense à maneira de Barthes (1990), a saber, no sentido de me situar no espaço e no tempo. A memória afetiva ativou, em mim, lembranças que me propiciaram o sentimento de acolhimento e de ser parte de uma coletividade, conforme propõem Jelín (2002) e Simmel (1997).

Por meio das anotações diárias nos quatro locais selecionados para a realização dessa pesquisa foi possível circunscrever o cotidiano sonoro da cidade

em um diário de sons. Ao realizar uma descrição sonora densa percebemos as diferentes camadas sociais que são tocadas pelo fenômeno sonoro – a emissão de um ruído sonoro pelos vendedores ambulantes, pela produção sonora de músicas tradicionais e típicas da região e demais outros. Enfim, todos os sons envolvidos nesse sistema simbólico (GEERTZ, 1989), fonte útil de dados sociais, conforme propõe Bauer (2008).

Esclarecemos que, quando falamos de uma descrição densa não nos referimos a qualquer registro audível, mas a uma interpretação do sistema simbólico de um determinado lugar, a partir de minha perspectiva, conjuntamente com as dos indivíduos observáveis. No nosso caso, uma interpretação do sistema simbólico sonoro de Goiânia, nos quatro espaços selecionados e já mencionados, ao buscar perceber as performances sonoras, culturais dos cidadãos goianienses.

Em meu primeiro momento de escuta segui a proposta de ‘passeios de escuta’ de Bauer (2008). Penso que essa vivência pela cidade gravada em minha memória é um subgênero reconhecido da prática sonora, a qual Kim-Cohen (2009) se refere como uma prática que evoca as tradições do *flâneur*. As capturas de som e observação/escuta pela cidade seguiram essa deriva de passeio, não obstante, delimitada aos quatro territórios sonoros selecionados por mim. Abarcar todos os sons da cidade exigiria de nós anos não compatíveis com aqueles determinados para uma investigação de doutorado.

Lembramos que o território sonoro extrapola o espaço geográfico e constitui um ambiente vivenciado pelos seus participantes. De tal modo, estes territórios correspondem à minha experiência e memória em Goiânia, um espaço de consumo, reconhecido, familiar, vivido e apropriado por mim, que nasci e me criei nessa cidade. Por este motivo não escolhi um bairro geográfico da cidade ou um setor específico. Considerei a noção de território sonoro ao entendê-lo como parte viva acústica da cidade. Territórios criados pelos seus moradores, produzidos por eles, nos e pelos quais se criam relações a partir dele (OBICI, 2008).

Logo percebi que os sons citadinos carregam, de certa forma, uma essência criativa sonora do ser humano, cravada na realidade. Seja com sons reproduzidos pela fala, pelo ranger de máquinas que operamos, pelo alto-falante que reproduz sons a nossa escolha, pelo anúncio de produtos nas ruas, entre outros. Esses sons reproduzidos e recebidos no nosso dia a dia nos contam sobre a criatividade de sua

população local, como o uso da entonação na fala ou o ritmo que é dado ao anúncio reproduzido em alto-falantes. Neste sentido, de maneira empírica durante a investigação, coloquei-me na escuta das sonoridades reverberadas pela cidade, observando também os seus produtores de som. São homens, mulheres, carros, animais da região que se manifestam no ambiente a partir de ruídos sonoros emitidos em seus afazeres, nas práticas cotidianas, a partir dos usos que fazem do local.

Pude perceber, por exemplo, que, em dias alternados e em horários diferentes, algumas pessoas gritavam “Vilaaaaa” pelas ruas da cidade. Fiquei um bom tempo sem entender o que isso significava, e ainda sigo nessa investigação. Concentrei-me na escuta desse som, para, assim que fosse emitido, eu tentasse perceber qual seria a reação das pessoas naquele local. Recordo-me de ter escutado esse som no Estádio Serra Dourada e que naquele ambiente esse som estava ligado ao time do Vila Nova Futebol Clube, aos jogadores, especialmente em dias de jogos. Mas também escutei esse som deslocado do Estádio Serra Dourada: no centro da cidade, na festa Agropecuária e na Feira Hippie.

Durante minha escuta no centro da cidade recordo de um dia que um homem estava dentro do carro, abriu a janela do seu carro, olhou para fora e gritou com muita felicidade “Vilaa”. O grito dele chamou a atenção de todos que estavam por ali, que riram da escuta desse som, com risadinhas discretas. Escutei outras vezes esse som no centro da cidade e percebi que essa escuta estava acompanhada de risadas de pessoas próximas desse campo sonoro. Na festa agropecuária vi pessoas dançando catira assim que ouviam um grito de “Vilaa”, vi e ouvi um senhor tocando berrante e, assim que terminou de assoprar o instrumento, soltou um grito bem alto dizendo “Vilaa”. Na Feira Hippie ouvi esse campo sonoro diversas vezes, produzido por vendedores nas barraquinhas, por vendedores caminhantes da feira e por carregadores de malas.

Perguntei para duas pessoas, em cada território sonoro investigado, sobre o sentido que o grito de “Vilaaa” teria para a cidade. A resposta foi unânime quando entenderam que esse som faz parte da cidade de Goiânia, como um som que todo goianiense escuta e aceita normalmente, mas que nem sempre estaria relacionado a um jogo do time de futebol Vila Nova Futebol Clube. Esse som pode ser usado como uma expressão de felicidade ou de zombaria por algum acontecimento da vida

cotidiana. Segundo os entrevistados, esse som não teria um sentido específico, um significado imediato. Penso, a partir da minha escuta desse som, que essa expressão sonora funciona como uma onomatopeia vinculada ao time de futebol – pois surge a partir do time Vila Nova, mas que já faz parte dos sons da cidade, como um som simbólico, característico de uma performance sonora cultural goianiense.

Outro som que me chamou atenção foi o de repentistas na festa da Pecuária. O repente é um canto improvisado por cantores e poetas, acompanhado por uma viola ou um pandeiro. Esse tipo de manifestação musical é comum no nordeste brasileiro, mas se fez presente durante as minhas observações/escutas pela cidade. A chegada desses artistas na cidade está vinculada ao fato de Goiânia ser uma cidade nova, vista como uma localidade que gera oportunidades de emprego e moradia. A cidade recebe pessoas de vários estados brasileiros, predominantemente das regiões Norte e Nordeste. Logo, veio também para a cidade o repentista e sua manifestação cultural. Na Feira Hippie pude escutar anúncios de venda de produtos na língua espanhola, misturando-se com o português. O que demonstra a formação híbrida dos habitantes de Goiânia e reforça a característica multicultural da cidade.

Durante a gravação e escuta dos sons me posicionei em lugares estratégicos dos territórios sonoros, deixando que passassem por mim o tempo e as sonoridades emitidas pela cidade. Gravei, durante a minha escuta com o microfone e gravador de sons, momentos acústicos particulares de Goiânia. Analogamente, comparo a captura de som nesses lugares à fotografia, sendo que esta última imprime a imagem do ambiente em papel ou em arquivo digital, um momento visível daquele instante – como um *frame* de cinema.

O gravador de som vinculado ao microfone captura um momento invisível desse mesmo instante. Além disso, a investida na gravação sonora permite que o som capturado em um tempo diferente possa ser reproduzido dias ou anos depois, podendo atingir espaços diferentes, bem como pessoas diferentes. Depois de gravado, o som pode ser percebido de maneira diversa de quando foi escutado pela primeira vez. Após a gravação de horas de sons da cidade nos quatro ambientes durante pesquisa de campo, organizei-os a partir de seus emissores de som (FIGURA 73, pg. 154).

Os microfones utilizados nessa captura permitiram uma escuta individual de sons, os quais estavam sobrepostos no cotidiano²⁷. Mesmo quando encontramos vários campos sonoros reproduzidos ao mesmo tempo em um mesmo ambiente. Em nossa escuta habitual seriam simplesmente sons sem identificação reproduzidos ao mesmo tempo. Em casa, depois da separação dos mesmos e anotações sobre qual a fonte emissora daquele som, coloquei-me na escuta do objeto sonoro, em direção oposta. Busquei ouvi-los e separá-los a partir das fontes de emissão sonora.

Posteriormente me concentrei também na escuta do objeto sonoro, separando o som do produtor de som (SCHAFFER, 2011), ignorando quem ou o que poderia tê-lo produzido, com que materiais ou com que propósito. A experiência de ouvir o som gravado, “[...] separado no espaço e tempo de suas circunstâncias de produção”, veio então ao encontro da afirmativa de Kim-Cohen (2009, p. 16, tradução nossa²⁸), quando explica que essa experiência torna possível a redução acusmática que, em última análise, envolve uma maior atenção para a especificidade do som em si. O que é chamado por Schafer (2011, 1977) e Obici (2008) de uma situação de ‘esquizofonia’ que mantém as características do som. Portanto, em nosso caso, não se restringiram ao material gravado, nem à minha percepção individual, “[...] sempre distinta e subjetiva, que se dá durante o contato com o objeto.” (OBICI, 2008, p. 29-30).

No entanto, a ‘esquizofonia’ compreendida por Schafer (2011, p. 131) se refere ao “[...] afastamento dos sons de seus contextos originais”. O que também se realizou nessa investigação. Os sons capturados e gravados em diferentes ambientes em Goiânia foram, posteriormente, reproduzidos em meu estúdio, fora do seu local de captação sonora. Com a ‘esquizofonia’ foi possível perceber particularidades de textura sonora²⁹ de cada som capturado, fato que poderia nos revelar outras descobertas a partir da sonoridade, como o lado sensível do som. Lembramos que o corpo sente o som e o associa às suas memórias. Assim,

²⁷ Os microfones utilizados para captura de som têm uma especificidade técnica capaz de direcionar os sons capturados, fazendo com que a cacofonia urbana seja percebida de forma diferente do que percebemos no cotidiano, sendo possível perceber alguns sons separadamente.

²⁸ The experience of listening to recorded sound, removed in space and time from the circumstances of production, allows for the acousmatic reduction, ultimately an increased attention to the specificity of sound-in-itself. We should listen to the *objet sonore* blindly, ignoring who or what might have made it, with what materials, or for what purpose. (KIM-COHEN, 2009, p. 16).

²⁹ Imaginariamente o som me afeta com texturas, tais como um som que posso considerar mais áspero (característica de frequência média/aguda), um som mais denso (frequências graves), um som metálico (frequência aguda).

podemos falar do som que aconchega, do som que agride, do som que estimula, entre outros.

A escuta dos sons realizada em outro momento me forneceu dados a respeito de quantas vezes um mesmo som se repetiu nos quatro ambientes; quais foram os sons que se repetiram; quem ou o que poderia ter reproduzido aquele som e de que material ou textura ele era produzido. Essa possibilidade nos aproximou da metodologia proposta por Bauer (2008), já exposta no capítulo 3.

Dessa maneira, descrevi e representei graficamente as frequências dos sons selecionados em todos os territórios sonoros e também me concentrei naqueles que se repetiram em cada um deles. Estes sons sobrepostos na Figura 62 (p. 138) permitiram visualizar e ouvir os sons mais frequentes selecionados nos quatro territórios de Goiânia, os quais têm características sonoras de frequências médias e agudas. O que podemos também encontrar nas músicas sertanejas gravadas nas décadas de 1980 e 1990, do século XX.

Percebi que a partir da escuta de um som podemos contar sobre nossa experiência social e biográfica, pois ele pode acionar memórias biográficas individuais, memórias coletivas, gerar situações de perturbação pela ausência ou propagação de um som alto. Não obstante, os sons sobrepostos, os quais constituem uma característica da cidade, geralmente são sons sem harmonia, sons não identificáveis, mas que compõem um fundo sonoro que nos faz pertencer àquele lugar.

Por essa via, Fortuna (1998, p. 27) explica que as paisagens sonoras modernas tendem a se apresentar ao ouvinte na sua plurissonoridade, a qual se reveste de uma baixa fidelidade acústica que torna difícil balizar claramente e “[...] identificar individualmente cada um dos sinais sonoros que a compõem, bem como a sua origem”.

Para Fortuna (1998), esta baixa fidelidade acústica transforma a paisagem sonora em paisagem *lo-fi*. Ele usa o exemplo de Schafer (1977, 2011) quando identifica essa paisagem como ‘bruma sonora’, a qual envolve os ambientes citadinos mais densos. Para Fortuna (1998, p. 27), trata-se de uma cacofonia, “[...] próxima do que consideramos ser o ruído, que tende a ser percebida e a sugerir um estado psicológico de distração por parte do sujeito-receptor”. Identificamos essa característica plurissonora, formada por sons sobrepostos

presentes no dia a dia de Goiânia. O som desagradável, a ‘cacofonia’, pode ser recebido por alguns receptores como elemento negativo da cidade. Entretanto, pode, ao mesmo tempo, fazer com que outro ouvinte se situe em seu lar, em seu território sonoro, a partir da escuta da cacofonia de sua cidade, com sons que, mesmo irreconhecíveis na nossa perambulação urbana, formam sua textura sonora. São eles que nos ajudam a construir um sentido de partilhamento do ambiente citadino.

Se a cacofonia fosse suspensa e ao ouvinte imposto o silêncio, por exemplo, ele se sentiria fora de seu local habitual, pois se habituou a ela. Trata-se, portanto, de uma intimidade social com o ambiente, gerada pelo som (FELD, 1982), que nem sempre é no cotidiano, conscientemente percebida. Mas que, em sua ausência, faz com que haja uma perturbação pelo deslocamento do lugar habitualmente vivido, similar a um momento em que se ensurdece.

O som nos permite, assim, uma identificação social a partir de como o escutamos. Steven Feld (1982, 2018) a partir da acustemologia, comenta que o som permite, às pessoas, escutarem a história de outros – e a sua própria – em e de um determinado lugar. O autor reforça a importância do som enquanto sistema cultural. Produzir e receber sons no cotidiano “contribuem para seus modos distintos e compartilhados de ser humanos” (FELD, 2018, p. 235). Em razão disso, os indivíduos podem questionar, criticar, analisar e, até mesmo, sentir o som. Neste sentido, o som é um jeito de conhecer o mundo de maneira ativa, ou seja: faço som, mas também os indago, tal como fizemos na investigação ora apresentada.

Dessa maneira, a performance sonora cultural de Goiânia comporta, em si, os critérios apontados por Pavis (2017), a saber: uma função social, uma eficácia simbólica, uma integração cotidiana ou espiritual, pois se realiza na interação e compõe a formação de nossa identidade social (GOFFMAN, 2011). Os goianienses possuem um jeito singular de produzir sons, de ouvir o que a cidade reverbera nos seus caminhos, nos parques, nas edificações, no povo que nela habita; escutá-los, senti-los. O que lhes propicia um saber de si e conhecimento do mundo a partir do som.

Na Figura 73, inserida na página 154, identificamos os objetos e pessoas produtores dos sons em Goiânia mais frequentes nos lugares pesquisados. São aqueles de veículos e máquinas de atendimento coletivo à vida pública – como

carros de polícia, caminhões de lixo, ônibus e sons de motos; sons de animais, vendedores ambulantes, linguagem falada; e objetos usuais na vida cotidiana – como o farfalhar de sacolas, fogos de artifício, entre outros. Tais sons foram selecionados por sua repetição e se constituem como sons fundamentais, marcas sonoras e sinais de Goiânia.

Poderíamos alegar que alguns desses sons podem ser encontrados em qualquer cidade. De fato, podem. No entanto, são as vivências de ouvir e escutar dos indivíduos de cada cidade que constituem e redimensionam a performance sonora cultural. Lembramos que performance dos sons na vida cotidiana é constituída pela memória de uma tradição cultural e constitui performance sonora cultural pela memória restaurada e reprodução de sons simbolicamente compartilhados.

Segundo Serpa (2011, p. 177), “[...] são as vivências e experiências pessoais que conferem valor e qualidade as formas urbanas visíveis” e não visíveis como o som. Desse modo, podemos dizer que, na cidade, cada observador encontrará diferentes materiais de percepção e poderá, a partir desses materiais, conferir um modo único de perceber o mundo. Quando falamos de experiência nos referimos à apreensão corporal em ação ao experimentar choques emocionais instantâneos, muitas vezes involuntários.

Nesse processo, segundo Silva (2015, p. 73), “[...] a memória toca a superfície da ação, pois precisa acionar um repertório de referências de reações imediatas em interação com o mundo”, uma vez que é formada pelas experiências emotivas. Dessa maneira, a memória, ainda segundo o autor, participa efetivamente e continuamente da relação do corpo com o mundo. A tríade experiência, emoção e memória compõe as circunstâncias históricas, contextuais e práticas dos fenômenos sociais. Impossível desconsiderar o rico imaginário que produzem em referências, em estruturas míticas, ideias, crenças e desejos, religando o mundo dos fenômenos práticos – experimentados pelos sentidos, com o mundo dos pensamentos cognitivos, capazes de escrever o mundo (SILVA, 2015).

Entendemos, portanto, que a interpretação e significação dos sons – na cidade – são formadas simbolicamente na articulação social, na experiência, emoção e memória coletiva de uma escuta que articula as contradições do presente,

uma memória herdada e combinada com heranças passadas, de maneira intersubjetiva.

4.2 DE DENTRO E DE FORA: PERCEPÇÕES SOBRE A INSTALAÇÃO 'JANELAS SONORAS'

A 'instalação sonora' está diretamente ligada ao termo 'arte sonora', compreendida como um artifício que engloba práticas artísticas transfronteiriças, em que o elemento acústico é que vai conduzir a percepção geral do receptor, bem como a própria obra (STOLF, 2011). De tal modo, podemos afirmar que a instalação sonora ocorre quando "[...] o som é o elemento unificador da obra, seja pela ressonância dos espaços e objetos, seja pelo aspecto conceitual em que o som se insere" (CAMPESATO; IAZETTA, 2006, p. 777).

Os dois aspectos se relacionam com a instalação sonora 'Janelas sonoras'. Acreditamos, assim como Santos (2002), que é necessário atrevermos a ser livres na criação sonora para podermos ver através dos eventos, ver através do objeto e deixarmos que ele também nos veja.

O som integrou a instalação 'Janelas sonoras' e, por meio dele, conceitualmente defendemos uma performance sonora cultural. Por meio dos sons reproduzidos na instalação reconhecemos sonoridades que constituem a paisagem sonora de Goiânia. Schafer (2011) sugere que o cenário sonoro deva ser descrito com um vocabulário análogo ao das paisagens constituídas por práticas sociais inscritas em espaços urbanos que configuram modos de sentir e de fazer comunidade. Seu conceito procura desvendar os sons do ambiente como um todo. Para o autor qualquer ser humano poderia ser regente de uma grande orquestra – a orquestra do "[...] universo sonoro, [na qual os músicos seriam] [...] qualquer um e qualquer coisa que soe." (SCHAFER, 2011, p. 20).

Podemos, a partir de tais afirmativas, falar da paisagem sonora carregada de sons simbólicos que criam marcas sonoras da cidade, ou seja, uma sonoridade distinta que possui qualidades que a tornam especialmente significativa ou reconhecida pelo povo de um determinado lugar (SCHAFER, 2011).

A instalação sonora 'Janelas sonoras' colocou em primeiro plano sonoro os sons da cidade de Goiânia que passam despercebidos para a maioria dos cidadãos

nos seus afazeres cotidianos. Quando nos referimos a primeiro plano sonoro estamos nos referindo a sons que poderiam soar como sons de fundo no nosso dia a dia e que dificilmente prestaríamos atenção na sua escuta. São os sons das motonetas, o som das cigarras, o som da chuva batendo na lona. Estamos lidando com as 'escutas do hábito' e suas 'não-escutas' (TRUAX, 1984) desses sons no cotidiano. Mas quando colocamos esses sons para reprodução sonora na instalação, de sonoridades que passariam despercebidas no cotidiano, possibilitamos a suas escutas a partir da instalação artística, como uma maneira de investigar as performances sonoras nos cotidianos de Goiânia.

O som, assim como a vida, possui um caráter efêmero, passageiro. Os sons do cotidiano se diluem a partir do tempo, com nossos afazeres em ações que, por vezes, consideramos banais. Esse universo sonoro dita o ritmo da cidade e de seus habitantes. Por vezes, essa sonoridade é confusa, por conta das muitas camadas de informações em sua paisagem sonora. O ônibus que passa pela rua, ambulantes que tentam vender seus produtos, os vendedores imigrantes que vendem produtos pela cidade, os passos e roçar de roupas dos cidadãos que passam pela rua com horários predeterminados para chegar ao trabalho.

Ao reproduzir sons na fachada do Grande Hotel estávamos lidando com duas grandezas: a natureza efêmera do som e a falta de tempo ou interesse das pessoas em responder ao questionário. Iturbide (2003) esclarece que uma instalação sonora, por sua característica, faz com que o observador/ouvinte seja forçado a esperar pelo som, ouvir, e que esteja ciente de que podem acontecer mudanças graduais ou repentinas entre espaço e som. "[...] a estética do trabalho deve poder se manifestar se passarmos em frente a ela por alguns instantes, ou vários minutos." (ITURBIDE, 2003, p. 3, tradução nossa³⁰). De tal modo, percebemos que o som reproduzido na instalação fez com que os indivíduos parassem na frente do edifício onde se encontrava a instalação 'Janelas sonoras' para contemplar e ouvir os ruídos sonoros emitidos. Alguns transeuntes reconheceram os sons da cidade, outros acharam interessante a colocação de caixas de som nas janelas do hotel para a reprodução de ruídos sonoros.

³⁰ "la estética de la obra debe poder manifestarse tanto si pasamos delante de ella unos instantes, o varios minutos" (ITURBIDE, 2003, p. 3)

Ao reproduzir sons da vida cotidiana de Goiânia – combinados por nós em uma mixagem exposta aos transeuntes durante a reprodução da instalação sonora – percebemos a acústica da cidade no espectro de frequências de todos os sons, em suas frequências graves, médias e agudas e sua reverberação, conforme indica a Figura 62 (p. 138). Não obstante, o uso de sons comuns da vida cotidiana de Goiânia na instalação ‘Janelas sonoras’, ao serem combinados e expostos em forma artística, tomaram outra dimensão: construíram tempo e espaço. Neste sentido, não somente reproduzimos os sons captados em pesquisa de campo.

Russolo (1913, p. 3) ao falar do desejo de reproduzir ruídos sonoros em uma obra artística, afirma que, embora os ruídos nos evoquem a vida, “[...] a arte dos ruídos não deve limitar-se a uma reprodução imitativa”. Para Russolo (1913, p. 4), uma obra artística que utiliza o ruído sonoro permite a possibilidade de “[...] emoção no prazer acústico por ele mesmo, que a inspiração do artista saberá extrair dos ruídos combinados”. De tal modo, os 41 sons de ‘Janelas sonoras’ foram organizados: não em uma forma musical e sim a partir de um programa de edição de áudio manipulado por mim e expostos em um tempo/espaço com finalidades diferentes daqueles em que foram produzidos. Assim, criaram outro espaço sonoro.

Como montadora de sons, foi possível que eu definisse qual som poderia se sobressair, juntando e destacando um ou outro em momentos distintos da propagação do áudio. Nesse processo, buscava reproduzir, enquanto pesquisadora/ouvinte, a minha escuta pelos quatro territórios sonoros escolhidos na cidade a partir da edição sonora realizada. Penso que estava realizando o que Iturbide (2003) afirma, ao falar dos artistas sonoros: nem sempre são músicos e por esse motivo organizam sons no tempo; e, segundo Rodriguez (2006), desenham, com eles, espaços. A instalação ‘Janelas sonoras’ é a construção artística de um desenho de outro espaço sonoro e, ao mesmo tempo, a reprodução da paisagem sonora de Goiânia.

Portanto, podemos afirmar que a mixagem dos sons capturados em pesquisa de campo consiste na proposição de uma ‘paisagem sonora’ (SCHAFER, 2011) de Goiânia, enquanto versão compacta de um ‘diário de ruídos sonoros’ (BAUER, 2008), associada à minha escuta dos territórios sonoros investigados. Falamos, pois, das performances sonoras culturais dos habitantes da cidade e, ao mesmo tempo, da própria vida sonora urbana.

Com relação à reprodução de som em instalações, Iturbide (2003) critica o uso do artifício do *loop* – faixa de áudio curta, repetida várias vezes – frequentemente usado nas instalações artísticas. Para o autor esta é uma técnica simples e linear que não apresenta surpresa. Por isso, faz com que o público se desinteresse rapidamente pela instalação e que o resultado dramático seja perdido.

Apesar de o autor criticar o uso do *loop*, reconhecemos nele uma ótima ferramenta para nossa instalação. Diferente de uma obra exposta em uma galeria ou museu, na qual o ouvinte poderia ficar ali escutando por horas o som reproduzido, na instalação ‘Janelas sonoras’ estávamos localizados no centro de Goiânia para reproduzir sons da cidade. Nossa localização favorecia uma mistura de sons – aqueles reproduzidos na instalação da fachada do Grande Hotel para a rua somados aos sons do cotidiano do ambiente.

Além do mais, o público que recebia a instalação era composto por transeuntes atarefados nos seus compromissos do dia a dia, que mal teriam tempo de nos responder e de parar por ali para prestar atenção nos sons reproduzidos. Nesse sentido, nosso som mixado, com quatro minutos e quinze segundos de duração (04’15’), misturou-se aos sons da cidade e, pela sua curta repetição, tivemos tempo para o transeunte ouvir os sons e responder a entrevista por nós elaborada. Por isso, no caso da instalação ‘Janelas sonoras’, o *loop* atingiu os objetivos que precisávamos: misturar nosso som mixado aos sons da cidade sem interrupção.

Compreendemos, assim como Cage (1973, p. 26), que “[...] a obra de arte é uma peça de invenção, de criação” e que a arte está fundida à vida e vice-versa. Simbolicamente e artisticamente, a instalação ‘Janelas sonoras’ realizada no Grande Hotel, fundiu-se com uma obra arquitetônica, plena da história de Goiânia. Hóspede do hotel, a instalação sonora fez com que a cidade também ali se hospedasse por meio dos sons dos quatro territórios sonoros da cidade, os quais, reproduzidos e misturados, revitalizaram memórias individuais e coletivas dos cidadãos que participaram da instalação. Ademais, ‘contou’ um pouco dessa história para o transeunte, com a reprodução do som em suas janelas. A todo instante, durante um dia, essa reprodução permitiu uma ‘ampliação da experiência’ aos transeuntes e a ‘multiplicação da singularidade da percepção’, conforme entende Kim-Cohen (2009).

Neste sentido, pensamos na instalação artística propondo o som de ‘dentro e de fora’ da cidade: de dentro da cidade – a partir da nossa investigação que busca pelo ‘de perto e de dentro’ (MAGNANI, 2002) durante a prática etnográfica; mas ‘de fora’ quando conjecturamos a instalação sonora. Uma perspectiva ‘de perto e de dentro’ (MAGNANI, 2002) analisa os moradores da cidade, as escolhas que fazem, as quais, em nosso estudo, correspondem à escolha que os cidadãos goianienses fazem ao reproduzir sons.

4.2.1 Janelas sonoras: arte sonora não coclear? Arte contextual?

Quando pensamos a criação das ‘Janelas sonoras’ nos inspiramos na ideia de John Cage (1973) sobre a importância de ouvir o ‘som em si mesmo’. Mas, durante a execução da obra, percebemos que nos aproximamos de outra posição, uma posição que reconhece a recepção dos sons e não apenas sua emissão. O que é denominado por Kim-Cohen (2009) como uma obra artística não-coclear. Ele se perguntou se a arte sonora não teria experimentado um giro conceitual semelhante a partir da defesa que Marcel Duchamp fez de uma arte visual não retiniana, em paralelo às discussões e às práticas da arte contemporânea da segunda metade do século XX.

A versão de Marcel Duchamp rejeita os julgamentos de gosto ou de beleza, mas isso não significava que a “[...] arte tenha ficado cega diante do mictório [...] questionar as condições sob as quais a arte pode e deve se constituir implica [...] questionar a santidade existencial de todas as categorias e fenômenos.” (KIM-COHEN, 2009, p. xxi, tradução nossa³¹). Logo, uma arte sonora não coclear questiona não só o fenômeno sonoro, mas também como esses fenômenos são apreendidos na sociedade.

[...] se uma arte visual não-retiniana é livre para levantar questões que o olho não pode ver por si mesmo, então uma arte sonora não-coclear apela para demandas além do alcance do ouvido. Mas nem o olho nem o ouvido seriam negados ou descartados nele. Uma arte sonora conceitual deve necessariamente envolver tanto o não-coclear quanto o cóclea, bem como o

³¹ This is not to suggest that art was devoid of conceptual concerns before Duchamp, nor that art was struck blind in front of the urinal [...] To question the conditions under which art can and should constitute itself is, by association, to question the existential sanctity of all categories and phenomena. (KIM-COHEN, 2009, p. xxi)

traço constitutivo de um sobre o outro. (KIM-COHEN, 2009, p. xxi, tradução nossa³²).

Isso ocorre pela constatação da impossibilidade de um conceito sonoro sem remissão textual, ou de uma definição com pretensões de indiferença/neutralidade, que permite pensar no som inevitavelmente imbricado de aspectos sociais, políticos ou estéticos. Remete a conteúdos não necessariamente restritos ao som e à sua emissão. Kim-Cohen (2009, p. xxiii, tradução nossa³³) afirma que “[...] ao questionar como e por que as artes sonoras podem se constituir, espero guiar o ouvido para além da voz interior, para uma conversa com a intercomunicação do mundo”. Pensamos que a instalação ‘Janelas sonoras’, em seu contexto de reprodução, seja não-coclear, pois indicia uma busca pela comunicação com a cultura goianiense e os sons que a sustentam. Além disso, a instalação sonora colocou em evidência os sons do cotidiano produzidos pelos habitantes da cidade ao longo de um ano de capturas de som – em pesquisa de campo – pela cidade.

Perguntamos também se o que estávamos propondo e realizando era arte conceitual. Paul Ardenne, por exemplo, compreende esse tipo de arte como contextual. O artista contextual tem a experiência como regra artística e busca por aspectos sociais que não são vistos ou podem ser inibidos. Essa arte propõe uma integração e está ligada ao cotidiano, “[...] às coisas de todos os dias, e se produz no instante, em relação estreita com o ‘contexto’.” (ARDENNE, 2002, p. 10, grifo do autor, tradução nossa³⁴).

O contato direto da instalação ‘Janelas sonoras’ com a realidade, com a concretude, buscou tecer a realidade objetiva do mundo com a realidade subjetiva da artista, visando novas formas de apresentação. Neste sentido, Ardenne (2002) explica que,

[...] sob o termo ‘arte contextual’, entendemos o conjunto de formas de expressões artísticas que diferem da obra de arte no sentido tradicional: arte de intervenção e arte engajada de característica ativista (happenings em espaço público), arte que investe no espaço urbano ou na paisagem

³² If a non-retinal visual art is liberated to ask questions that the eye alone cannot answer, then a non-cochlear sonic art appeals to exigencies out of earshot. But the eye and the ear are not denied or discarded. A conceptual sonic art would necessarily engage both the non-cochlear and the cochlear, and the constituting trace of each in the other. (ARDENNE, 2002, p. 10).

³³ I hope to lead the ear away from the solipsism of the internal voice and into a conversation with the cross talk of the world (KIM-COHEN, 2009, p. xxiii)

³⁴ ligado a las cosas de todos los días, producirse en el momento, en relación estrecha con el "contexto" (ARDENNE, 2002, p. 10)

(performances de rua, arte paisagista em situação...), estéticas ditas participativas ou ativas no campo da economia, dos meios de comunicação ou espetáculo. (ARDENNE, 2002, p. 10, tradução nossa)³⁵.

A característica de ser uma instalação urbana que também interfere no cotidiano da cidade e traz em si uma dimensão social, mostra uma possível inter-relação entre 'Janelas sonoras', arte não-coclear, arte contextual, e as performances culturais, uma vez que necessitam do estabelecimento da experiência como regra de entendimento da vida cotidiana. Essa experiência cria vínculos, territórios, modos de ser e estar no mundo de maneira situacional interativa.

Independente de nominações e enquadramentos conceituais, lidamos, durante a realização da instalação sonora, com respostas subjetivas e pessoais em relação a um processo artístico desenvolvido para essa pesquisa. Zamboni (2001, p. 28) afirma que "[...] a arte é sentida e receptada, mas de difícil tradução para formas integralmente verbalizadas", pois as atividades relacionadas ao conhecimento humano "[...] giram em torno de um componente lógico, racional e inteligível, de um lado, e de um componente intuitivo e sensível, de outro, sendo assim tanto na produção do conhecimento científico, quanto na do conhecimento artístico." (ZAMBONI, 2001, p. 8).

A diferença básica entre o comportamento intuitivo e um comportamento lógico é que no primeiro se pode pensar além do processo de criação artística, "[...] pois faz parte do próprio caráter multissignificativo da obra de arte, sempre apresentando ao interlocutor como parte integrante de sua significação." (ZAMBONI, 2001, p. 8). No comportamento lógico o resultado apresentado não questiona sobre os métodos intuitivos que interferem no produto científico final.

Pude perceber, durante minha escuta/observação na instalação sonora, que o som atravessa o corpo dos indivíduos e faz com que alguns tentem se expressar por meio da gestualidade. Tentam dar uma forma ao som com gestos. Colocam a mão no peito, na cabeça, comprimem os olhos ou os abrem, sorriem, fecham o semblante, apertam as mãos, manifestam emoções e sentimentos que não

³⁵ Bajo el término de arte "contextual" entenderemos el conjunto de las formas de expresión artística que difieren de la obra de arte en el sentido tradicional: arte de intervención y arte comprometido de carácter activista (*happenings* en espacio público, "maniobras"), arte que se apodera del espacio urbano o del paisaje (*performances de calle*, arte paisajístico en situación...), estéticas llamadas participativas o activas en el campo de la economía, de los medios de comunicación o del espectáculo. (ARDENNE, 2002, p. 10)

conseguem colocar em palavras. O som toca as pessoas e o gesto vem com a sua escuta ao passarem pela experiência sensível proposta pela obra. Portanto, pensamos em uma estética de obra artística aberta na nossa instalação, pois “[...] a participação do público é essencial [...] e existem diferentes tipos de interação [...]: trabalhos nos quais os indivíduos criam o resultado, e há outros em que encontramos um equilíbrio na interação.” (ITURBIDE, 2003, p. 6, tradução nossa³⁶) Esta interação foi percebida a partir das respostas dos transeuntes à recepção dos sons. O público participou da instalação e deu o retorno (questionário) a respeito de sua recepção.

Por meio da arte realizamos um deslocamento das especificidades de seu campo de conhecimento, transbordando fronteiras, para bebermos em um fluxo interdisciplinar – próprio da arte – que “[...] não cessa de nascer no devir e no declínio.” (BENJAMIN, 1985, p. 43-45). Realizamos uma imersão no social para identificar do que somos feitos, como nos comportamos e o que nos une culturalmente. No entanto, por mais que busquemos palavras para circunscrever a experiência com e em ‘Janelas sonoras’, vamos conviver com o paradoxo de que a palavra não traduz a obra.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS SONS DA CIDADE

Retomamos o pensamento de Goffman (2011) para reforçar a composição da dimensão da complexidade cotidiana, na qual recebemos interferência de vários lugares, espaços e indivíduos. Pelo fato de não estarmos sozinhos e de compartilharmos o espaço físico vivido com tudo e todos, lançamo-nos a uma representação do nosso ‘eu’ na vida de todo dia. Para o autor, o espaço de representação é o local da interação em que participam os indivíduos na sociedade. Em nossa pesquisa esse espaço de representação são os quatro territórios sonoros selecionados em Goiânia para a investigação e nos quais o compartilhamento da realidade construída na vida cotidiana depende da relação de seus cidadãos uns

³⁶ la participación del público es la mayor parte de las veces esencial [...] existen distintos tipos de interacción entre la obra abierta y el público: hay obras en las que los individuos crean el resultado, y hay otras en las que encontramos un equilibrio en la interacción (ITURBIDE, 2003, p. 6).

com outros, com a urbe, na situação de interação sonora (produção e escuta de sons) nas ruas da cidade.

Falar de interação no espaço, na perspectiva ‘goffminiana’, é falar de comportamentos individuais que exibem e evidenciam ‘símbolos de posições sociais’, de *status*, e, conseqüentemente, pertencimento social, ao serem usados como recursos que localizam os indivíduos socialmente. O que foi verificado por nós quando, por exemplo, na feira da agropecuária, os indivíduos exibem uma indumentária com símbolos de posição social do homem rural, tradição no estado de Goiás. Contudo, entre esses espaços investigados por nós são perceptíveis as distâncias sociais que separam os quatro grupos, mas unidas pelos sons comuns. O que foi verificado na instalação ‘Janelas sonoras’ quando indivíduos de grupos diferentes se reconheceram nos sons.

Verificamos na Figura 67, apresentada no capítulo 3 (p. 148), que predominaram, no reconhecimento dos transeuntes, os sons do vendedor de pamonha, da coleta seletiva e da torcida cantando. Estes são os sons mais marcantes ou, como prefere nominar Schafer (2011), sinais e símbolos, respectivamente. Para o autor, os sons do ambiente têm significados referenciais. Para os pesquisadores da paisagem sonora, eles não são meros eventos acústicos abstratos, mas devem ser investigados como signos, sinais ou símbolos acústicos.

Neste sentido, a partir do entendimento de Schafer (2011), identificamos e selecionamos a característica referencial dos sons reproduzidos na instalação sonora. Podemos considerar como signos os sons de: pássaros, galo cantando, religiosos (homem), religiosos (mulher), cigarras, motocicletas, cascos de cavalo, passos fogos de artifício, fonte de água, chuva na lona, buzinas e freios, ônibus do Eixo Anhanguera, estalos bombinhas, apitos, carregador de malas, sacolas, catraca e gritos de fãs. Como sinal, selecionamos os sons do caminhão da coleta seletiva, vendedor de pamonha, sirene da Rotam, venda de picolé e sorvete, vendedores ambulantes nos semáforos, vendedores de *chip* de celular, vendedor de bosta, vendedor *cowboy*, churrasquinho de esquina, vendedores imigrantes, vendedor de peixe, peruanos com flautas, vendedor de amendoim e vendedor de ingresso a dez reais. Como símbolos, entendemos os sons de: pessoa gritando “Vilaaa”, repentista, tecelãs cantando, máquina de tear, berrante, bateria da torcida organizada de futebol, hino cantado pela torcida de times de futebol.

Para Schafer (2011) podemos ainda classificar os sons de uma paisagem sonora como sons fundamentais – aqueles sons de fundo de um ambiente; sinais sonoros – os sons de destaque, como índices; e o marco sonoro, aquele som que caracteriza uma sociedade. Essas definições, abordadas no capítulo 2, foram mencionadas durante a escolha dos sons para a instalação sonora e também serão reconsideradas em nossa análise dos sons da cidade.

Os sons da cidade geram significados para quem produz e, principalmente, para quem os recebe. Esclarecemos que nos próximos tópicos deste capítulo concentraremos nas respostas subjetivas obtidas com o questionário aplicado aos passantes durante a instalação artística ‘Janelas sonoras’, analisando-as e comparando-as.

4.3.1 Percepções dos goianienses sobre som e ruído

Como discutido no capítulo 2, a definição do que compõe uma sonoridade ou um ruído sonoro vai se alternar a partir do seu campo de estudo e da escuta desses elementos. Nesta pesquisa consideramos o ruído sonoro como o som do cotidiano da cidade – sons produzidos e recebidos no ambiente citadino.

Um ruído sonoro pode ser considerado como música para alguns ouvintes, bem como o ruído pode ser considerado e/ou apreciado como música para outros ouvintes. A diferenciação entre os termos é particular, subjetiva. Não é nosso interesse demarcar, aqui, um limite entre essas definições, mas sim perceber e analisar como os habitantes de Goiânia apreendem as sonoridades da cidade e seus entendimentos sobre som e ruído sonoro. A escuta é, portanto, o elemento chave para controverter sobre diferenciações entre esses termos e vai depender muito das apreensões de cada ouvinte.

Ao responder a pergunta ‘O que é som?’ o cidadão goianiense LSA (Entrevista oral, em 30 nov. 2017) declarou que “Som é arte”. Podemos, a partir de sua resposta, relacionar o fenômeno sonoro cotidiano da cidade com a instalação artística ‘Janelas sonoras’ destacando sua característica poética. Não obstante já sabermos que, em entrevistas orais, gravadas, em co-presença, o entrevistado diz aquilo que ele supõe que o entrevistador quer ouvir, nossa intenção não é julgar a veracidade de tal afirmativa. Mas percebemos que o momento da interação social,

na instalação sonora, coloca-se como *ethos* em seu sentido original grego: lugar de acolhida, morada, abrigo, onde o entrevistado se sentiu confiante diante do outro diferente dele e a ele unido por uma *aisthesis*, dada na experiência da intercorporeidade, ou seja, do ‘sentir com’ (ALVIM, 2010).

Ao responder as perguntas do questionário alguns indivíduos concordaram que ruído e som têm o mesmo significado e outros questionaram se realmente existiria alguma fronteira definitiva entre os dois termos. Santaella (2001) afirma que a distinção entre ambos é somente uma questão sintática³⁷, na qual separação entre som e ruído reforça um papel simbólico dentro da paisagem sonora. A função – papel – desse ruído sonoro vai ser determinada pela escuta do receptor, em relação ao seu significado e posição na construção de sentidos no ambiente social.

Fisicamente podemos concordar quando alguém responde que som e ruído é a mesma coisa. Som e ruído produzem movimentos que fazem o ar se mover e isso acontece por meio da compressão e rarefação do ar. Dessa forma, podemos considerá-los iguais, ou seja, como vibrações. Mas se analisarmos o tipo de vibração executada, como entendido por Santaella (2001), encontraremos distinções.

Dessa maneira, alguns cidadãos goianienses, ao responder a pergunta: O que é som?, relacionaram-no com o que compreendem; como som, independente de compreendermos ou não, ou seja, compreenderam como um fenômeno físico.

- “Som é o que quebra o silêncio. Qualquer movimento, vento, pedestre, trânsito, veículo, gera som”. (JMS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)³⁸.

- “Tudo que está a minha volta faz som. Então, acho que som é tudo”. (SFS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)³⁹.

- “Som, é aquilo que a gente escuta, sente, e se reconhece”. (AKAR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁰.

- “Som, para mim é tudo que você não só escuta, mas o que vibra também. O som está na vibração”. (MD. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴¹.

³⁷ “Quando as vibrações de um objeto elástico são regulares, continuam uniformemente e inalteradas, retornando em períodos mensuráveis, elas são percebidas como sons. Quando são irregulares, espasmódicas, esporádicas no tempo e duração ou opressivas na intensidade, aparecem como ruídos. Enfim, onde houver tempo, há sintaxe. Apenas não nos damos conta disso, porque, via de regra, estamos presos a uma visão da sintaxe como pressupondo necessariamente a organização de unidades discretas, no caso da música, a nota, configurada em estruturas sequenciais.” (SANTAELLA, 2001, p. 114).

³⁸ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 271.

³⁹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

⁴⁰ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 269.

- “Som, é tudo aquilo que traz uma sensação, uma sensação que a gente pode sentir”. (LNF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴².

Essas respostas dialogam precisamente com as propriedades físicas do som e com a percepção corporal de que o som está presente no ambiente que nos cerca. Os entrevistados citados estão se referindo à matéria sonora, pois quando uma sonoridade é produzida ela se espalha em todas as direções a partir da fonte sonora e perde força à medida que se afasta dela.

Tive a experiência de ter em sala de aula um aluno com problemas auditivos. Ele ouvia pouco, não escutava sons se não colocasse no ouvido o aparelho auditivo que o auxiliava nessa tarefa. Em determinada aula fui demonstrar sons que variavam de frequências graves a agudas. Nesse dia o aluno não estava utilizando o aparelho auditivo que o auxiliava. Seu relato foi de que ele conseguia sentir fisicamente apenas as frequências mais graves, abaixo de 300Hz. Isso ocorreu por conta da característica particular da onda sonora com frequência grave. Quando estamos em uma sala de cinema sentimos mais facilmente a vibração do som no nosso corpo. Isso ocorre quando o filme reproduz sua trilha sonora nas caixas de som *subwoofer*, porquanto conseguimos sentir a potência do som a partir da vibração de algumas cadeiras na sala de cinema. Essas caixas de som são capazes de reproduzir sons graves que possibilitam essa percepção no corpo.

Não podemos ver o som, mas sabemos que ele nos cerca no ambiente cotidiano porque podemos ouvi-lo. Mas som é muito mais do que um simples ato físico. Um dos entrevistados menciona o contexto social do som.

- “Som é onda que vai e vem. Mas essas ondas sonoras são construídas a partir das características socioculturais de um determinado lugar. Os sons aqui de Goiânia são esses, se for fazer essa mesma pesquisa, por exemplo, em Salvador, os sons serão diferentes [...] são construídos a partir de uma base sócio-histórica de um determinado lugar. Mas som é onda”. (LFP. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴³.

O respondente está se referindo à capacidade que temos de emitir sons e de receber sons no ambiente. Quando afirma que o som tem importância cultural para a população que o produz e reconhece esse som, o respondente reforça a importância

⁴¹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

⁴² Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 270.

⁴³ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 275.

da sonoridade na constituição da cultural local, uma vez que a sonoridade é conectada socialmente e cria elos entre os indivíduos do grupo que a produz, como afirma Bauer (2008) e também Feld (1982).

Outros entrevistados percebem o som como uma forma de comunicação e capaz de ativar sensações sinestésicas.

- “Som é tudo aquilo que emite uma mensagem [...] e se é do seu interesse, aquilo te chama atenção”. (WBA. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁴.

- “Som é aquilo que a gente consegue identificar ou remeter a algo, por exemplo, nesse caso, esses sons lembram muita coisa da cidade de Goiânia mesmo. É, esse barulho, esse tipo de buzina, eu acho que é muito daqui”. (LMS1. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁵.

- “Sons são movimentos produzidos, não sei. É uma percepção que a gente tem, além do olhar. O som mostra que o olhar vai além do que a gente enxerga com os olhos, que ele pode dizer tanto quanto a imagem. Então o som é uma performance, é um ato”. (KPI. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁶.

Ao responder que a partir do som é possível visualizar uma imagem, ou que o som nos emite uma mensagem, os pesquisados citados desenvolvem um processo de acionamento de suas memórias. Interrelacionam os sons a fatos importantes das suas vidas ao revisitar suas experiências. Tal como a realidade social, a memória, segundo Jelín (2002, p. 36), “[...] é complexa, contraditória, cheia de tensões e conflitos”. Isso quer dizer que a memória é ativa, cria e ajuda a construir o mundo social.

Nestas respostas outra questão nos é colocada: a performance do som. Schechner (2006, p. 4) afirma que, ao “[...] tratar qualquer objeto, trabalho, ou produto enquanto performance [...] quer dizer investigar o que faz o objeto, como interage com outros objetos e seres, e como se relaciona com outros objetos e seres”. Assim, concordando com o autor e com o entrevistado KPI, afirmamos que o som é uma performance por ser um elemento de contato direto dos sujeitos em seus espaços de interação, produção e recepção de sonoridades uns com os outros.

Como afirma Schechner (2011, p. 156), “[...] atividades de performances são fundamentalmente processuais”. O autor explica que ‘a performance não está’ em nada, mas ‘entre’, e reforça que “[...] o produto apresentado numa performance é

⁴⁴ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

⁴⁵ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 261.

⁴⁶ Cf. tabulação, no Apêndice F, p. 286.

exposto em códigos e o comportamento em performance nunca ‘pertence’ completamente ao performer.” (SCHECHNER, 2011, p. 156, grifo do autor). Ou seja, isso significa que a performance pertence ao mundo social. Mas as respostas desses três pesquisados citados admitem que a percepção de um som ultrapassa a questão do olhar, reavivando aspectos sensoriais diversos – como memórias, cheiros, gestos e percepções diversas. Por isso, reforçamos a importância e a contribuição das sonoridades para o entendimento dos fenômenos da sociedade enquanto fenômeno de percepção, linguagem sónica, simbolismo cultural e antropologia sonora.

O som, por meio de sua expressão e percepção, localiza o indivíduo na interação, na estrutura social, por localizarem-no no espaço social, interacional. Por certo que isso se efetiva no espaço-tempo restrito da interação – espaço físico – por meio de seus recursos comunicacionais. Ao assim ser, o espaço físico das cidades interfere na vida social como condicionante físico da interação. Nesta perspectiva, podemos afirmar que o som cria espaços subjetivos, oriundos da interação em espaços físicos, os quais demarcam a vida social das cidades.

O questionamento sobre o que é som e ruído nos permite dialogar com autores do campo de estudo sonoro, bem como compreender como o ruído sonoro é percebido na atualidade. Dos pesquisados, 24 cidadãos goianienses consideraram o ruído como um elemento sonoro negativo da/na cidade, ou seja, como um som que não faz bem para os ouvidos. Essas respostas dependem da escuta de cada pessoa e foram expressas assim:

- “Ruído é um som que chega até a doer o ouvido da gente”. (JAS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁷.

- “É um barulho, uma coisa não definida. [...] é uma coisa chata que fica perturbando”. (JPCL. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁸.

- “Ruído sonoro é aquele barulho que incomoda. Para mim é aquele sonzinho mesmo que tá passando aqui (se referindo ao som de uma máquina reformando a calçada), fazendo aquele barulhinho no chão. Aquilo ali é um som ruim que me incomoda”. (TLR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁴⁹.

⁴⁷ Cf. tabulação, no Apêndice B, p. 274.

⁴⁸ Cf. tabulação, no Apêndice B, p. 274.

⁴⁹ Cf. tabulação, no Apêndice B, p. 273.

Para o pesquisador Schafer (1977) o ruído sonoro ganhou quatro tipos de significados pejorativos ao longo dos anos: o primeiro como um som que é indesejado na sociedade; o segundo como um distúrbio de/na comunicação de uma mensagem; o terceiro como um som não musical e o quarto como um som forte (com alta pressão sonora, a ponto de prejudicar a audição). O estudo do autor foi realizado na década de 1970, no qual ele percebia o ruído sonoro como algo negativo, no sentido de destruir um ambiente sonoro puro. Para ele, um bom ambiente sonoro seria aquele sem a interferência de sons de máquinas, seguindo uma ideia que pretendia afinar os sons do mundo, proposta que hoje entendemos como um ideal de difícil de alcance. Atualmente o ruído sonoro embala o ritmo das cidades grandes, criando texturas sonoras distintas, fundo sonoros que nos localizam no ambiente. Mas, de forma positiva, os estudos de Schafer (1977, 2011) nos fazem refletir sobre a potência do som e da escuta do ambiente em que vivemos e sobre a percepção de alterações e transformação na paisagem sonora das cidades.

O entrevistado abaixo relata o que considera como ruído sonoro:

- “[...] sons muito graves, quando, por exemplo, o carro passa com o som automotivo ligado. Aquilo machuca os ouvidos, porque nesse som grave as ondas sonoras são mais lentas, parece que incomoda mais. Isso me incomoda. Mas os sons também muito estridentes, muito agudos, causam irritabilidade. Então, ruído é tudo que está no extremo, e que é constante. Por exemplo: o alarme de um carro, igual ao barulho dessa máquina, como que chama isso (britadeira)? Esses sons constantes, incomodam”. (AFF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁰.

A concepção do que foi/é apreendido como ruído é determinada pelo o tempo e espaço, a saber, o tempo de sua produção e o contexto histórico e social. Por essa via, Russolo (1913) artista, defendeu com o seu manifesto dos ruídos (*L'arte dei rumori*. Manifesto futurista), o uso do som das máquinas e pensou o ruído sonoro ao *status* de um som que merecia ser utilizado e escutado com atenção. No entanto, Schafer (1977) já demonstra, a seus leitores, uma sensação de desconforto com a escuta das máquinas, dos ruídos sonoros, elemento que prejudicaria uma boa audição dos ambientes acústicos do mundo. Temos aqui, exemplos de duas maneiras de entendimento do que é o som/ruído determinados pelo seu tempo e contexto social, ao pensar e compreender o ruído sonoro. Já o pesquisador Obici

⁵⁰ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 273.

(2008, p. 43) ressalta que é importante reconhecer os aspectos positivos do ruído sonoro, “[...] como sua potência de criação e ponto de instabilidade, que possibilitam transformações, inventividades, bem como processos de ruptura na estruturação e transmissão do código”. Penso que os ruídos sonoros podem contar muito de nossa história no mundo. Como me manifesto verbalmente e sonoramente, essa sonoridade deixa registrada a minha identidade na cidade e no mundo.

O ruído sonoro pode ser visto como qualquer som que é desagradável, como relatou o transeunte na citação. Retomamos Lilian Campesato Custódio da Silva, ao falar do uso do ruído na música “[...] como algo incômodo, marginal, o ruído tende a ser evitado, pois sempre traz o risco de desagregação de um sistema.” (SILVA, 2012, p. 5). Quando a autora aponta o ruído como um som que tende a ser evitado na música, como um elemento que vai interromper um sistema, podemos fazer uma comparação do ruído sonoro no sistema da vida urbana nas cidades. Nas cidades, ao contrário da música, o ruído sonoro é o elemento que vai preservar o seu sentido de sistema. A interposição de ruídos no sistema urbano nos faz compreender que a cidade está funcionando. É possível conhecer as grandes cidades hoje a partir de seus elementos sonoros, que são, nesta perspectiva, considerados em sua maioria, ruídos sonoros. Quando não há máquinas, ônibus, pessoas falando, andando, ou mesmo quando vamos para o interior em busca de uma sonoridade mais calma – porque lá não tem som – estamos querendo libertar nossa audição desse tipo de sonoridade específica do sistema da cidade grande: camadas de ruídos sonoros sobrepostos. O que também pode ser compreendido como a música específica de cada cidade.

Alguns entrevistados consideraram ainda o ruído como um barulho do som, um som que não conseguimos definir exatamente o que seria. Nesse sentido, o barulho seria como um ruído do ruído sonoro – uma interposição de sons – como uma espécie de vários sons sem identificação reproduzidos ao mesmo tempo. Mas existe no ruído uma sonoridade que, segundo alguns entrevistados, não nos atrapalharia no dia a dia.

- “Acho que poderia definir ruído como sons que a gente consegue ouvir, mas sem ter uma definição do que é”. (KRSO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵¹.

⁵¹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 263.

- “Ruído sonoro é tudo que sobrepõe a outros sons. Teoricamente é tudo aquilo que não é muito musical, mas é aquilo que vai se sobrepondo. Porque até a música, quando se sobrepõe demais a outras - outros sons - acaba sendo ruído. Então para mim é quando se sobrepõe a outros”. (AFF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵².

- “Ruído é algo que a gente não presta atenção, mas está acontecendo no fundo né”. (KD. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵³.

Alguns participantes da instalação artística relataram que não prestamos atenção na sonoridade que nos cerca, que existem sons que se sobressaem ou que afirmam ser o ruído uma mistura de sons sem identificação. Assim, podemos considerar que os entrevistados citados apreendem o ruído como signo, de acordo com a classificação proposta por Schafer (2011). Contudo, também o consideramos como uma espécie de som fundamental, tal como classifica o autor, já que não são percebidos com atenção e passam pelos ouvidos como som de fundo. Um participante da instalação sonora comparou som e ruído, tomando o ruído como uma categoria do som.

- “Na minha concepção, ruído sonoro é som também. [...] Um som organizado é um som, por exemplo, que o compositor o capta e o organiza dentro de uma estrutura musical. E existem os sons que não são organizados, não são manipulados, são os sons naturais. Esse tipo de som, por exemplo, de torcida organizada, é um som natural, mas é um som que está organizado em uma determinada estrutura sócio histórica, em um determinado contexto. Então para mim, ruído, é som também. É um som talvez não organizado, mas é um som”. (LFP. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁴.

O entrevistado citado compreende que ruído sonoro também é som. Esse entendimento é semelhante ao nosso, pois consideramos toda a sonoridade do ambiente citadino como ruído sonoro, compreendendo que na cidade esses sons estão dispostos no ambiente sem uma organização musical, produzidos por diversos objetos ou pessoas e ancorados ao seu contexto de expressão.

A sonoridade carrega a expressão universal dos seres humanos. Comunicamo-nos utilizando sons e os ruídos sonoros são sons presentes no cotidiano, nas tarefas básicas do dia a dia. Para Certeau, Giard e Mayol (1996) o cotidiano ilustra a arte de viver em sociedade, a partir da (re)apropriação do espaço e do uso desse espaço de forma individual. O mesmo ocorre com as sonoridades. A

⁵² Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 273.

⁵³ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 260.

⁵⁴ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 275.

partir de escolhas subjetivas – de quem escuta um som – é que lhe será possível atribuir algum sentido e ao seu espaço de produção. Desse modo, é a partir das escolhas do ouvinte, de suas necessidades pessoais e de suas afetividades em determinado espaço físico que os sons constroem sentidos individuais e, ao mesmo tempo, culturais, conforme mencionou um transeunte, na instalação ‘Janelas sonoras’.

- “O interessante dos ruídos é que eles estão na memória da gente. Eles nos remetem às lembranças [...] ao estádio, ao torcedor, ao ambulante, [...] é trabalhar o cérebro para voltarmos às memórias afetivas”. (CARS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁵.

É possível perceber, na observação do entrevistado, a recorrência à memória que nos estabelece na alteridade como projetos inacabados próprios da experiência, aquela que nos permite criar laços com o outro, aprimorar a sensibilidade, construir subjetividades e, por meio delas, constituirmo-nos como sujeitos. Sobre a relação entre memória e identidade, Jelín (2002) reflete que o núcleo de qualquer identidade, grupal ou individual, está ligado a um sentido de permanência ao longo do tempo e do espaço. Lembrar o passado mantém a identidade. Ou seja, a memória auxilia na formação da identidade.

O cotidiano é plural e funda sentidos na história da sociedade. Neste sentido, os sons da cidade atravessam o cotidiano das pessoas, portanto, agregam historicamente os indivíduos. As respostas obtidas a partir do questionário revelam singularidades pertinentes aos momentos vividos, ao cotidiano presente, bem como os traços do passado dos entrevistados.

Deduzimos que o entendimento do ruído sonoro está associado a sons sobrepostos caracterizadores da performance sonora cultural das cidades. Mesmo com uma camada de sons sobrepostos – que formam de certa forma uma cacofonia – a partir da escuta dessa sonoridade encontraremos vários ruídos sonoros que formam a paisagem sonora das cidades e sua performance sonora cultural, assim como percebemos a de Goiânia.

4.3.2 Reconhecimento dos sons da instalação sonora como sons do cotidiano goianiense

⁵⁵ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

As outras perguntas do questionário, a saber, são: você se reconhece em algum som? Você transeunte, reconhece, no som da instalação artística ‘Janelas sonoras’, os sons do cotidiano de Goiânia? Quais sons do cotidiano te incomodam e quais são agradáveis?

As perguntas foram respondidas de forma positiva, em sua maioria, considerando que dos 49 goianienses que afirmaram ter nascido e residirem na cidade, 42 reconheceram os sons da instalação sonora como sons do cotidiano goianiense. A seguir as respostas de três cidadãos goianienses a respeito do reconhecimento ou não do que escutaram durante a instalação sonora:

- “Me reconheço no som do trânsito, do dia a dia, da correria. Isso passa na porta de casa todo dia. Picolé, enjoado demais da conta”. (JAS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁶.

- “Reconheço o som do caminhão de lixo, do vendedor de pamonha, do vendedor de picolé”. (SFS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁷.

- “Eu particularmente me reconheci em vários sons. O barulho do andar do cavalo, o grito do Vila, os passarinhos, o vendedor de picolé, o barulho do caminhão de reciclagem. Então, são ruídos sonoros bem característicos que a gente já conhece no dia a dia da cidade”. (ACS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁸.

As informações coletadas com os entrevistados citados dizem respeito a sons que foram capturados na pesquisa de campo e reproduzidos durante a instalação sonora: som do vendedor de picolé, som do vendedor de pamonha, som dos cavalos no asfalto, som do grito do Vila Nova, som de passarinhos, som do caminhão de coleta seletiva. Retomamos Goffman (2009) e a metáfora do teatro para falar de como a interação simbólica é importante para os processos de formação da identidade. Os sons que são emitidos pela cidade e seus diversos emissores tornam possível um reconhecimento social a partir da escuta desses sons frente a estrutura dos encontros na interação social na cidade.

A partir da escuta os ouvintes são remetidos a seus lugares de origem. A memória coletiva pode ser construída a partir de uma variedade de discursos e representações, crenças, valores e sons recebidos na sociedade. Consideramos a

⁵⁶ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 274.

⁵⁷ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

⁵⁸ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

memória afetiva e coletiva dos moradores da cidade de Goiânia como fonte de pesquisa, pois esses moradores estabelecem parte das relações no mundo social – práticas sociais – da vida cotidiana na e da cidade. Os goianienses citados a seguir relatam sobre sua percepção dos sons da cidade:

- “Acho que os sons de maneira geral fazem parte da gente [...] Às vezes muita gente vai atrás de som, e por causa dessa cidade barulhenta, vai atrás de silêncio”. (AKAR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁵⁹.

- “Lembro da coleta seletiva, que antes passava no meu bairro, e agora não passa mais. Da torcida de futebol, do barulho de cidade grande mesmo, gente vendendo coisa, pássaros”. (LCSO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁰.

- “Reconheço, porque é comum a gente ouvir uns certos ruídos desses aqui”. (RC. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶¹.

- “Sim, ônibus, coisa do nosso cotidiano mesmo, o barulho da coleta coletiva, alguns sons de quando estou dentro do ônibus. [...] Alguns sons me lembram de meu passado, minha casinha, coisa distante daqui, da gente que mora na cidade”. (LNF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶².

- “A maioria dos sons que estão sendo exibidos fazem parte da minha história, da minha memória, aqui mesmo de Goiânia. Principalmente ao andar no bairro central da cidade. Os sons mais atuais como o do caminhão da reciclagem eu já reconheço como se fossem de dentro da minha casa, mas esses outros sons que tem gritaria, tem comércio, que estão vendendo alguma coisa, são sons que eu me lembro da minha infância”. (CGC. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶³.

Tais afirmativas nos remetem ao reconhecimento da importância do ambiente na construção da memória sonora de um grupo. Isso porque o grupo que produz os sons de um determinado local reconhece quais sons lhe pertencem. Há uma memória social que os agregam. Ademais, esses sons não estão no ambiente por acaso. Neste sentido, a cidade de Goiânia vai soar como local de ‘fala’ para aqueles cidadãos que se reconhecem nos sons produzidos e recebidos.

O reconhecimento dos sons reproduzidos reforça a característica social desses ruídos sonoros e sua importância para esses cidadãos. Reforçamos a importância da escuta no cotidiano, pois é a partir dela que podemos pensar em como os cidadãos se apropriam dos sons à sua volta, da sua produção de sentidos, e como os recebem como um ato político. Quando o entrevistado responde: “Acho

⁵⁹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 269.

⁶⁰ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 270.

⁶¹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 261.

⁶² Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 270.

⁶³ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 272.

que os sons de maneira geral fazem parte da gente” (AKAR. Entrevista oral, 2017) ou “É comum a gente ouvir uns certos ruídos desses aqui” (RC. Entrevista oral, 2017), reconhece, na sonoridade, características particulares e pertencentes à cidade de Goiânia.

Uma das pessoas que respondeu o questionário, por um instante disse que nenhum dos sons reproduzidos na instalação sonora era reconhecido por ela. Mas após direcionar sua escuta para os sons, ela mudou de opinião e reforçou que um dos ruídos sonoros – o grito da venda de pamonha, uma iguaria típica da região Centro-Oeste – é uma característica particular da cidade de Goiânia e dos cidadãos que nela habitam.

- “Eu não me reconheço em nenhum. Se for ao sentido de sons confusos, aí sim, porque minha vida é assim. Mas em relação ao que escutei (toca o som do anúncio da venda da pamonha), bom, na verdade eu me identifico sim: com o som do grito do vendedor da pamonha, porque eu sou goiana e acho que todo goiano gosta. Quem não gosta, não é goiano. O som da pamonha sempre passa lá perto de casa”. (KPSF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁴.

A entrevistada se identifica como goiana a partir do momento em que reconhece o som da venda da pamonha na instalação sonora. Essa identificação remete à tradição goiana e, conseqüentemente, aos goianienses. Não somente pelo hábito de comprar e comer pamonha, mas ao som cotidiano frequente nas ruas da cidade de Goiânia, dos gritos e reprodução de sons em alto falantes que vendem essa iguaria. Um som pertencente à cidade de Goiânia, diferente de outras cidades brasileiras, as quais possuem seus sons locais – tal como a venda do acarajé na Bahia ou o grito dos vendedores de biscoito Globo, nas praias do Rio de Janeiro. Portanto, a sonoridade escutada nos remete a uma performance cultural. Alguns ouvintes desse som também identificaram o som do vendedor de pamonha como algo tradicional da cidade.

- “Aqui é só coisa goiana, coisa de Goiás, a pamonha, o “Vilaaa” (homem gritando)!!! É só coisa nossa mesmo”. (JBO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁵.

- “Em Goiânia é muito popular a venda na rua, então o anúncio “olha a pamonha” é comum. Tem até pastel, jantinha na esquina com espetinho,

⁶⁴ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 275.

⁶⁵ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 264.

então esse tipo de som é muito reconhecido em Goiás”. (WBA. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁶.

Essas duas falas demonstram a apropriação do som para o reconhecimento de algo comum no partilhamento e na interação social do goianiense (SIMMEL, 1997; FORTUNA, 1999).

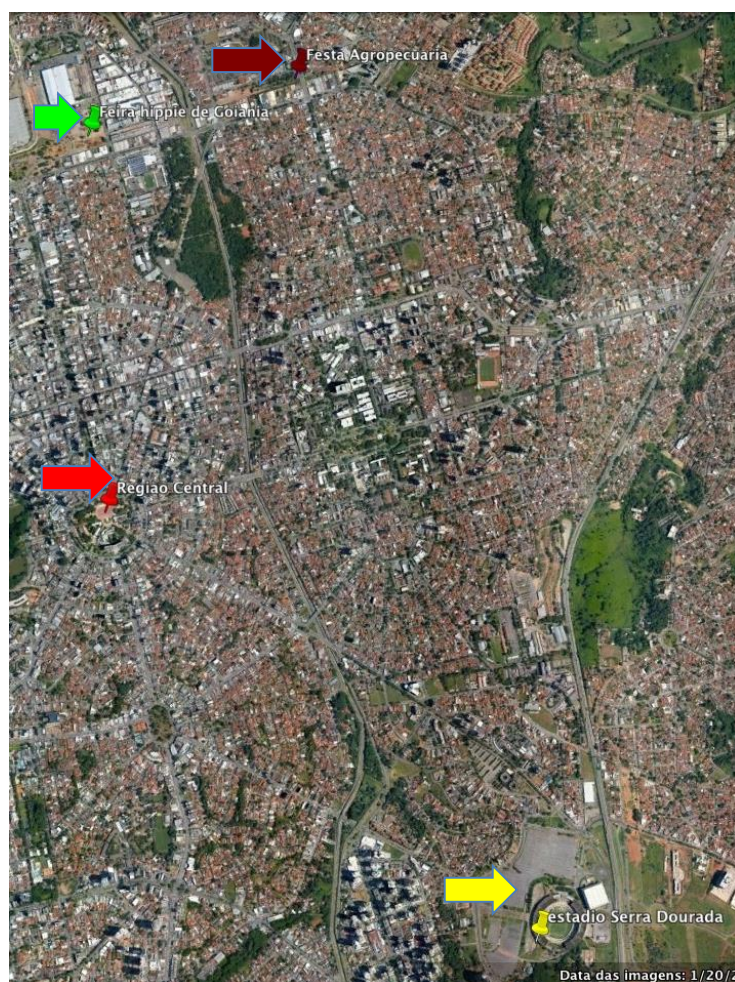
Retomamos José Guilherme Cantor Magnani, um dos grandes pesquisadores em antropologia urbana do país, que organizou cinco categorias de análise para auxiliar na observação da vida urbana: pedaço, mancha, trajeto, pórtico e circuito. Para o autor, durante investigação na cidade é preciso, além de muita observação, empregar essas categorias de análise, fazendo a mediação entre o geral e o particular. Neste sentido, como mencionado no capítulo anterior, empregamos as categorias de análise da observação na vida urbana, a partir das respostas obtidas com os transeuntes e a partir de nossa observação/escuta em campo. As categorias serão descritas a partir de sua sonoridade e escuta pelas ruas da cidade.

Podemos dizer que o vendedor de pamonha, que sai pelas ruas da cidade anunciando seu produto, realiza uma das categorias apontadas por Magnani (2013) no seu estudo antropológico da cidade: o ‘trajeto’. Seja a pé, em uma bicicleta, em um carro ou em uma motocicleta, os vendedores de pamonha anunciam o produto reproduzindo o mesmo ruído sonoro para chamar a atenção dos habitantes da cidade. Como o ‘trajeto’ é a categoria definida pelo autor que liga lugares na cidade e é realizada em deslocamentos de regiões distantes e não vizinhas, podemos afirmar que o anúncio sonoro da venda da pamonha é realizado em um trajeto (FIGURA 74).

Afirmamos isso, pois em regiões diferentes e distantes da cidade passam vendedores de pamonha reproduzido o mesmo ruído sonoro anunciando a venda, anunciando campos sonoros (FORTUNA, 1999) que os seguem em todo o trajeto percorrido. O mapa na Figura 74 apresenta parte da cidade de Goiânia, em vista via satélite, onde foram destacadas, com cores diferenciadas, as quatro regiões nas quais foram realizadas escutas e observações de campo para a pesquisa ora relatada.

⁶⁶ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

Figura 74 - Mapa via satélite da cidade de Goiânia com as regiões selecionadas para a pesquisa de campo



Fonte: Adaptado de Google Earth. Acesso em: 20 jan. 2018.

O som do caminhão da coleta seletiva também percorre esse ‘trajeto’ (MAGNANI, 2013) ao ecoar o seu som particular em todas as regiões da cidade. Um dos entrevistados reconhece outro som que percorre pelas ruas da cidade:

- “Eu reconheço todos os sons porque fazem parte da minha convivência, da minha vivência na cidade desde pequena. Traz-me memórias. Parece que toda a minha vida eu escutei esses sons, então são muito familiares. Esse, por exemplo, (carro do picolé), lembra-me um pouco da infância, eu andando pelas ruas de Goiânia. [...] A coleta seletiva, é constante, mesmo que você esteja fazendo outras coisas, esse som quando toca na rua já está lá no seu subconsciente, até, porque, você está prestando atenção em outras coisas, as vezes assistindo uma TV, ouvindo uma música, mas esse

som do caminhão está lá. Ao fundo. Entra no meio do seu som diário, faz parte do seu dia”. (AFF. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁷.

Dessa forma também o som da venda do picolé pela cidade percorre um ‘trajeto’ urbano, categoria mencionada por Magnani (2013). O entrevistado ainda afirma que, mesmo ao realizar outras atividades do seu dia a dia, dentro de casa, ainda percebe essa sonoridade da venda do picolé submergindo em seu ambiente e, portanto, fazendo parte do seu cotidiano.

Entendemos que as quatro regiões analisadas podem ser consideradas dentro da categoria denominada pelo autor como ‘pedaço’, pois nessa categoria as pessoas carregam consigo os mesmos valores, hábitos, gostos e partilham dos mesmos símbolos.

- “São sons bem peculiares aqui da capital não é? Da Feira Hippie, do estádio de futebol, então são sons [...] que ultrapassam seu cotidiano, o atravessa, então são sons bem peculiares, que a gente está acostumado mesmo, ao transitar por Goiânia, andar pelo centro da cidade, ou quando você vai na pecuária, são sons que a gente reconhece mesmo”. (ADR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁸.

- “Todos os sons que a gente escuta aqui na instalação, a gente se reconhece um pouco, não é? Som de feira a gente escuta e lembra, do pastel. O som de estádio de futebol para quem gosta de futebol, assiste futebol, vai lembrar. Então, acho que todos os sons reproduzidos aqui, a gente escuta todos os dias”. (AKAR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁶⁹.

Nesse sentido, observamos/escutamos quatro grandes ‘pedaços’ da cidade de Goiânia: Feira Hippie, centro da cidade, região da agropecuária e Estádio Serra Dourada. Retomamos que no ‘pedaço’ (MAGNANI, 2002) as pessoas compartilham dos mesmos símbolos e, portanto, podemos dizer que partilham dos mesmos sons. Ao se referir aos sons dos territórios sonoros – como: o som da feira que lembra o pastel, o som de torcida que lembra o estádio de futebol, o som que lembra o centro da cidade, o som que lembra da festa agropecuária –, estabelecem o ‘pedaço’, pois são sons reconhecidos nos seus espaços de produção por quem habita a cidade, ou seja, um jeito particular de trocas entre essas pessoas, que faz com que se identifiquem com seus sons e o seu local de produção.

⁶⁷ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 273.

⁶⁸ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 268.

⁶⁹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 269.

A categoria nomeada pelo autor como ‘mancha’ é uma localidade que aglomera um grande número de pessoas, sendo esse local um ponto de referência para pessoas de diversas origens. De tal modo, consideramos a região da Feira Hippie como uma ‘mancha’, pois a cidade de Goiânia é uma região conhecida por ser um ponto de encontro para compra de roupas e acessórios por comerciantes de todo o Brasil. Diariamente o fluxo de pessoas de diversas origens preenche esse ambiente da cidade fazendo, inclusive, com que a economia local viesse a se desenvolver de forma rápida ao longo dos últimos anos.

A quarta categoria, ‘circuito’, diz respeito a alguma prática ou serviço oferecido por estabelecimentos, espaços reconhecidos pelos seus usuários frequentes. O ‘circuito’ é mais pontual e assinala um uso do espaço de forma mais independente. No espaço da Feira Hippie o vendedor de bosta utiliza a cidade como circuito. Ele vende apenas nessa região e quem quer comprar esse produto sabe que o encontra nesse espaço.

- “Eu reconheço aquele som do ‘Olha a bosta, P, M e G’, sempre gostei daquele tipo de anúncio do vendedor com essas bostas de mentira, para mim é o máximo. O dia que eu conheci, me marcou [...]. Eu sempre vou à Feira Hippie, e sempre teve esse vendedor”. (TLR. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷⁰.

- “O som do vendedor de bosta, muito típico, muito conhecido. Porque eu sempre fui uma menina de feira. Eu achava muito criativo o cara vender cocô na feira. É a coisa mais fantástica do mundo, o cara vende aquilo que todo mundo joga fora”. (MD. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷¹.

O reconhecimento das duas entrevistadas, o som do vendedor de bosta e o seu local, a Feira Hippie, reforçam o ‘circuito’ mencionado por Magnani (2016). A venda se relaciona a uma particularidade da região, a saber, um produto é encontrado apenas nessa região da cidade, ou seja, nesse ‘circuito’. A percepção de um dos entrevistados com relação à venda desse produto, como algo que “[...] o cara vende aquilo que todo mundo joga fora”, reforça que esse produto único é encontrado naquele local da cidade. Desse modo, a cidade ganha vida a partir das práticas sociais sonoras que emanam do cotidiano de seus habitantes, compartilhadas nos quatro ‘pedaços’ percebidos durante a nossa pesquisa.

A cultura local de um povo está inscrita no seu cotidiano. Ao perceber e

⁷⁰ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 273.

⁷¹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

analisar para estudo o cotidiano da cidade estamos realizando uma observação do que poderia ser considerado como comum. Algo que se tornou hábito do convívio em sociedade: as realizações da vida diária. Mas é exatamente esse 'comum' que faz com que os indivíduos da sociedade se reconheçam uns aos outros e que reconheçam o mundo em que vivemos. No cotidiano que podemos estabelecer modos de ser e modos de viver em sociedade e a sonoridade contribui para isso. Os estudos culturais nos ajudam a entender o quanto somos polissêmicos. Entendemos que a cultura goianiense é multifacetada, mas que mesmo nesse ambiente multifacetado existem pessoas que interpretam os sons de forma parecida, nem sempre idêntica, mas seu significado pode ser compartilhado em um mesmo sentido.

[...] dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que eles interpretam o mundo com aproximadamente os mesmos modos e podem expressar, seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo, de forma que serão entendidos um pelo outro. Então cultura depende de seus participantes interpretarem significativamente o que está acontecendo ao redor deles, e 'dando sentido' ao mundo, genericamente de modo similar. Este foco em 'significados compartilhados' pode algumas vezes fazer cultura soar como unitária e cognitiva. Em toda cultura, tem sempre uma grande diversidade de significados sobre qualquer tópico, e mais de uma maneira de interpretá-lo e representá-lo. Também, cultura é sobre sentimentos, ligações e emoções tanto como conceitos e ideias. [...] Acima de tudo, significados culturais não estão somente 'na cabeça'. Eles organizam e regularizam práticas sociais, influenciam nossas condutas e consequentemente têm real, efeitos práticos. (HALL, 2003, grifos do autor, p. 2-3).

Acreditamos, portanto, que a sonoridade reforça a cultura goianiense. De tal modo, o som também possui significado cultural e agrega aqueles que, por meio de uma memória sonora coletiva, reconhecem-se como pertencentes a um mesmo grupo social. Não estamos negando que as culturas atuais são permeadas por influências sonoras diversas, de diferentes culturas. Mas reconhecemos que há, nos sons, uma tradição, as quais portam, em si, uma maneira específica de ser de um determinado grupo.

Para Hall (2003, p. 2), “[...] significados atribuídos às coisas dependem da interpretação; da forma como são usadas; integradas nas práticas do cotidiano; representadas”. Os significados dependem dos sons que representam ou apresentam uma determinada cultura. Por conseguinte, o significado dos sons para determinada cultura pode ser uma característica de estabelecimento de

reconhecimento entre seu grupo social, de seu ambiente social. A seguir três respondentes relatam os sons e significados atribuídos a eles:

- “Conheço bastante o som da pamonha e o som do picolé, que passam na porta da minha casa toda semana. O som da coleta seletiva eu também reconheço. [...] eu passei muito tempo da minha infância correndo atrás do carro que anunciava a venda do picolé e o carro nunca parava quando eu queria comprar o picolé”. (KRSO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷².

- “Porque eu uso o transporte coletivo e essas pessoas que falam alto nesse som (se referindo ao som reproduzido na instalação), fazem o trabalho delas de venda no coletivo. (escuta o som do hino de torcida de futebol) Som de time de futebol? Quando eu vejo a torcida do time do Vila Nova, por exemplo, no ônibus do Eixo Anhanguera, eu saio correndo no próximo ponto”. (JMS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷³.

- “Sim, principalmente no som dos galos, porque eu estou morando num lugar onde tem um monte de galinhas, meus vizinhos criam galinhas para vender, então eu acordo todos os dias e escuto barulho dos galos”. (TAO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷⁴.

Cada um desses ouvintes reconheceu uma sonoridade e lhe atribuiu um sentido de acordo com suas práticas cotidianas, o reconhecimento social que tem de cada um desses sons. KRSO⁷⁵ reconheceu sons do vendedor de picolé e da pamonha, sendo que o carro do picolé tem uma representação importante em um determinado momento de sua infância: momentos nos quais ele tinha que sair correndo atrás do anúncio sonoro sem conseguir parar o carro que vendia o produto. A esse fato foi atribuído um valor, marcado por essa sonoridade. Da mesma forma o entrevistado JMS⁷⁶ se refere a outro som ao qual ele atribui valor simbólico: o som do time de futebol. Para ele essa sonoridade tem o valor de sinal sonoro, uma espécie de som que chama atenção para que ele possa sair do ambiente, como forma de alerta sobre o perigo que, segundo ele, é uma ameaça da torcida de futebol. Já no caso do som relatado por TAO⁷⁷, o som de galos e galinhas, faz com que o entrevistado estabeleça uma relação com seu vizinho, uma vez que o mesmo cria esses animais para compra e venda. Para ele esse som é uma marca sonora de sua casa, que identifica sonoramente que ele está próximo de seu lar.

⁷² Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

⁷³ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 271.

⁷⁴ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 260.

⁷⁵ Letras iniciais do nome do entrevistado, para garantir seu anonimato.

⁷⁶ Letras iniciais do nome do entrevistado, para garantir seu anonimato.

⁷⁷ Letras iniciais do nome do entrevistado, para garantir seu anonimato.

Tivemos dois relatos interessantes de cidadãos goianienses com relação à apropriação de um som escutado por outro som que fora imaginado a partir da escuta desse som. Diz respeito ao som que gravamos no ambiente da festa Agropecuária: o som da máquina de tear. Este som, de característica média/aguda, no momento da instalação sonora, foi reproduzido próximo do som do berrante. O som da máquina de tear foi ilustrado por esses dois entrevistados como sendo um som de carro de boi, reforçando a importância da apropriação e do uso do som pela comunidade que o escuta.

- “Olha esse som, do berrante, lembra aqui o estado, a região do interior de Goiás. Parece até que eu ouvi um carro de boi rodar, eu ouvi roda de carro de boi, então esse som remete ao interior do estado e mexe muito com as lembranças da gente. Muito interessante isso. Porque esses sons são muito peculiares, eles trazem o resgate a nossa história e a história do goiano. Por mais que você esteja aqui em Goiânia, uma capital, uma grande cidade... Mas quando escuta esses barulhos, eles nos remetem lá pro interior, o estar na fazenda, memórias afetivas que eu já vivenciei, que é bem peculiar também do goiano, mesmo morando em uma capital”. (ACS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷⁸.

- “O único ruído que eu gosto, que é um barulho bom, é o som do berrante e do carro de boi. Isso é bom de ouvir. Às vezes você está em uma roça, numa fazenda, e está passando por perto um grupo de tropeiros, principalmente quando é a época da festa de Trindade, por exemplo, eu vou ali pra BR só para ver os carros de boi que estão passando por lá. Isso é cultura”. (EMS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁷⁹.

Ou seja, o som da máquina de tear capturado por nós na pesquisa de campo teve similaridade com o som de um carro de boi para a escuta e memória desses dois entrevistados. Retomamos, para essa discussão, Jelín (2002, p. 37) quando ela afirma que “[...] a experiência individual e a memória não existem em si, mas se manifestam e se tornam coletivas no ato de compartilhar”. Ou seja há também na experiência individual, uma escuta que se constrói no ato narrativo compartilhado na comunidade que se constrói no cotidiano. Ambos os entrevistados relacionam os dois sons à cultura goianiense, sertaneja, com sons que remetem a uma vida no campo. Sons que remontam a história do surgimento da cidade de Goiânia: uma cidade planejada em pleno planalto central, em uma época na qual a maioria da população do estado de Goiás vivia em pequenas cidades e em regiões rurais. Esse

⁷⁸ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

⁷⁹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 259.

fato fez com que a população que chegava a Goiânia carregasse consigo a tradição rural do campo e a levasse para a cidade.

Perguntamos também, aos participantes da instalação artística, sobre os sons que agradavam ou desagradavam, mas que eram próprios do seu cotidiano. MD⁸⁰ respondeu que o que lhe agrada no som do cotidiano da vida dele era “A vida, que dá realmente o sentimento de ‘estar vivo’”. Este participante reconheceu, no som, uma potência da própria existência enquanto ser humano, de se reconhecer vivo/viva. Se não escutássemos nenhum som não perceberíamos a presença de outras pessoas e animais, reconhecendo, portanto, um mundo sem vida. BRNS⁸¹, referindo-se a sons cotidianos, disse: “Eu gosto de sentir as pessoas”, colocando no som a potência de contato entre cidadãos do mesmo ambiente social.

Lembramos que “[...] o mundo é o que percebemos, o que ouvimos” (OBICI, 2008, p. 29). Neste sentido,

[...] nosso sentimento de apropriação e de pertencimento ao universo é exatamente proporcional àquilo que dele escutamos e, em consequência, compreendemos. Isso porque é através da percepção e das formas criativas de audição que temos condições de re-interpretar continuamente o mundo - o "outro" - e suas manifestações (sonoras e não apenas sonoras). (KATER, 2002 *apud* SANTOS, 2002, p. 11).

Quando prestamos atenção nos sons do ambiente em que estamos fixados percebemos a diversidade de sonoridades dessa localidade, perguntando-nos sobre cada um dos sons que chegam aos ouvidos e como eles nos representam. Podemos nos reconhecer na cidade de forma política a partir dos ruídos sonoros, como participantes da vida social da cidade, como pertencentes a ela.

- “Me agrada o som dos galos, me dá uma sensação de paz, de estar em casa, porque tem muito a ver com a minha casa. Então, acho que por isso, esse som me lembra um pouco de lar”. (TAO. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸².

- “Eu levanto com um barulho do galo. Eu tenho um quintal grande, tem galo lá no fundo”. (TLR, Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸³.

- “Perto da minha casa tem o som de um passarinho cantando. Quando eu passo lá e ele tá cantando, é ótimo. Eu falo: ‘nossa, eu estou no lugar certo’. Todo dia ele está lá”. (MPG. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁴.

⁸⁰ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 262.

⁸¹ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 268.

⁸² Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 260.

⁸³ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 273.

Os três depoimentos demonstram o pertencimento dos cidadãos à cidade que habitam, ao reconhecer, na sonoridade, parte de seu cotidiano, parte de seu *habitat*. A escuta de determinada sonoridade – galo, passarinhos, traz a segurança de se reconhecer em local protegido, sua casa, seu bairro. A entrevistada citada a seguir, cidadã goianiense, relata sua percepção sonora da cidade a partir dos sons da instalação artística:

- “Sim, inclusive quando eu estava chegando aqui na frente do Grande Hotel, eu não sabia se era o som das caixas de som que eu estava ouvindo ou se era o som da própria cidade, né. Tem sons de feira, [...] gritos dos vendedores, sons do estádio, pra mim é bem característico do centro, aqui de Goiânia. Não sei se os sons do centro de outras cidades vão ter essas características também. Mas pela minha vivência aqui na cidade, me lembra muito os sons de Goiânia”. (CSC. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁵.

A entrevista mencionada relata a experiência vivida pelo entrevistado, reconhecendo os sons da Feira Hippie, sons do estádio de futebol e som do centro da cidade de Goiânia. A esses sons o respondente atribui a sua vivência na cidade, sua participação na construção coletiva da sociedade goianiense.

Santos (2002, p. 20) considera que uma ‘escuta nômade’ [...] possibilita o desenvolvimento de uma escuta que compõe, que inventa: uma escuta que percorre diferentes caminhos, despropositadamente, desvelando a todo momento escutas possíveis, que escapam àquelas predeterminadas pelo hábito”. Essa escuta nômade, portanto, deixa-se ser tocada pelo cotidiano, por sons habituais e inusitados, sons da cidade, sendo uma escuta múltipla e móvel, “[...] forçando o ouvinte a trilhar outros caminhos” (SANTOS, 2002, p. 21). É o que faz CSV:

- “Na verdade esses sons: som da rua, das coisas da rua, os barulhos dos cavalos, dos policiais, esses gritos dos vendedores, não me causam estranhamento. Esses sons se relacionam com meu cotidiano. Um cotidiano de passagem pela cidade, dos sons que passam por mim”. (CSC. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁶.

A interação humana é marcada pela emissão e interpretação de gestos e sinais significativos. Goffman (2011) coloca em resumo toda a estrutura da

⁸⁴ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 266.

⁸⁵ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 263.

⁸⁶ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 263.

experiência individual da vida social na capacidade humana de interagir, de produzir sentidos, de formar identidade. Para o autor, o espaço de representação é o local da interação em que participam os indivíduos na sociedade. A partilha da realidade construída na vida cotidiana depende da relação do indivíduo com o outro na situação de interação; e a partir da relação entre esses dois indivíduos será possível o entendimento do significado da expressão do olhar sugerida pelo outro.

4.4 UMA PERFORMANCE CULTURAL GOIANIENSE?

Compreendemos que cada habitante usará as zonas da cidade de que necessita, e tem conjecturas sobre aquilo que vê, ouve, escuta ou não conhece. Mas reconhecermos que o som marca a presença do cidadão no espaço urbano da cidade e, em nosso estudo, o som de Goiânia.

Temos consciência, portanto, de que, pela heterogeneidade da própria formação da cidade, não obtivemos uma resposta totalizadora e fechada, a saber, uma única performance cultural. A maioria dos cidadãos goianienses deu respostas positivas com relação à apreensão dos sons e ao reconhecimento dos mesmos como memórias, elos culturais que os unem. O que ocorreu de maneira comparativa com aqueles que não moram na cidade.

- “Sim, eu me reconheço em praticamente todos os sons que estão tocando. Porque não me causam estranhamento, porque esses sons têm a ver com meu lugar de fala. Então os sons [...] podem dizer muito sobre a identidade de um lugar; pode dizer muito sobre as memórias de um povo de um determinado lugar. Então eu me identifico com esses sons. É muito comum aqui no centro da cidade você ter vendedores ambulantes, as pessoas vendendo seu produto utilizando a fala, isso é muito comum. [...] Esse som de coleta seletiva, eu convivo com esses sons o tempo todo, do caminhão entrando e saindo das ruas da cidade. O som me traz muitas memórias, tem a ver com a minha identidade, e com a identidade do espaço urbano que ocupo”. (LFP. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁷.

- “É muito chato esse barulho, eu não me reconheço não. Se fosse um pouco mais baixo, tudo bem, mas esse ruído com esse monte de gente conversando ao mesmo tempo é insuportável”. (MPG. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁸.

- “Eu me reconheço nesse som. Esse som da folia de reis lembra a minha infância em São Francisco de Goiás e que traz essa energia sonora. Agora ouvindo os periquitos também lembro de quando eu passava férias na casa do meu tio, na roça e escutava esse barulho. Então a partir dessa memória

⁸⁷ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 275.

⁸⁸ Cf. tabulação, no Apêndice D, p. 266.

eu sinto falta até o cheiro do café, que era feito em fogão caipira. Minha tia fazia o café e eu pegava o leite lá no curral, na vaca. São essas lembranças que vem, quando escuto esse som”. (WAG. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁸⁹.

O primeiro entrevistado, LFP⁹⁰, reconhece que os sons tocados na instalação sonora representam o seu cotidiano na cidade de Goiânia. Segundo o entrevistado, que é cidadão goianiense, os sons têm relação com o lugar, com sua posição social na sociedade, e lhe diz muito a respeito da performance cultural da cidade e de seus habitantes. Reconhece também uma característica sonora da cidade: a de emissão de anúncios de venda de produtos pelas ruas.

O segundo entrevistado, MPG, mesmo sendo considerado por nós como um cidadão goianiense, não se reconhece no som reproduzido. Ele alega que a cacofonia produzida por várias pessoas conversando ao mesmo tempo é um tipo de som que desagrada a escuta.

Já o terceiro entrevistado citado, WAG, não foi considerado por nós como cidadão goianiense por não habitar a cidade e não ter nascido em Goiânia. Mas, segundo ele, o som escutado durante a instalação sonora o faz relembrar de momentos de sua infância no interior de Goiás e, por isso, disse que se reconhece nos sons de Goiânia; ou seja, o som escutado o aproxima de uma realidade vivida por ele no passado.

Concebemos, portanto, uma interface de diferentes grupos culturais em Goiânia. Durante o questionário também obtivemos respostas de pessoas que não foram consideradas como cidadãos goianienses, mas que entenderam o som reproduzido na instalação como sons da cidade de Goiânia.

- “Conheço esses sons de Goiânia. O cara da bosta. Eu conheço ele lá da Feira Hippie”. (JLS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁹¹.

- “Reconheci esse som aí da coleta seletiva, o som do vendedor de bosta, o vendedor da pamonha, o grito do torcedor do Vila Nova”. (ARDRG. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁹².

- “A pamonha, na minha rua passa o anúncio direto, todo dia seis horas da tarde passa o carro da pamonha”. (MPS. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁹³.

⁸⁹ Cf. tabulação, no Apêndice F, p. 272.

⁹⁰ Letras iniciais do nome do entrevistado, para garantir seu anonimato.

⁹¹ Cf. tabulação, no Apêndice E, p. 280.

⁹² Cf. tabulação, no Apêndice E, p. 281.

⁹³ Cf. tabulação, no Apêndice E, p. 281.

- “Reconheci o som do estádio de futebol, o da feira, de uma feirante na verdade vendendo peixe. E reconheci de umas mulheres que cantam, não sei se é folia de reis”. (RPB. Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁹⁴.

- “Esse goianês está nas veias da gente não adianta, mesmo que seja um som mais eclético, mais camponês, mais ritualístico, mais simples, a gente se reconhece um pouquinho em cada som. A voz da feira, da torcida, de modo geral me reconheço um pouquinho em cada detalhe. Faz parte do cotidiano da cidade mas também faz parte da gente que vem da roça, literalmente, do interior, da escola, do dia-a-dia, um pouquinho de cada coisa”. (VACT, Entrevista oral, em 30 nov. 2017)⁹⁵.

As respostas citadas são de pessoas que habitam a cidade ou que passam por Goiânia, mas que reconhecem a sonoridade urbana como sons próprios da cidade. Eles reconheceram como marcas sonoras da cidade o som do anúncio de venda da pamonha, o som do vendedor de bosta e os sons de torcida de futebol. Dessa maneira, revelam uma particularidade sonora da cidade, uma marca sonora acústica dessa paisagem. Entretanto, reconhecemos que nenhuma análise abarca a totalidade dos processos urbanos e de todas as memórias compartilhadas, porque os processos de lembrar e de esquecer, de seus habitantes, seus modos e tempos, são diferentes e constantemente refeitos na e pela experiência individual.

A cultura urbana existe de maneira multifacetada e, assim como os sons sobrepostos, geram a performance sonora de um determinado lugar. Por conseguinte, pensamos que o termo performances culturais é mais adequado para caracterizar o que outrora chamávamos de identidade, dado que, segundo Stuart Hall, as identidades hoje são passíveis de mudanças, pois a “[...] performatividade desloca esses conceitos como elementos descritivos para uma entidade em movimentação e transformação” (HALL, 2003, p. 5).

Compreendemos que a cultura local é moldada a partir das interações sociais, a saber, pela forma como os indivíduos se relacionam em suas práticas e fazeres cotidianos, em seus rituais. Conforme Schechner (2006, p. 8-9), “[...] a maior parte das performances, da vida cotidiana e das outras maneiras, não possuem um autor apenas”. A performance então se realiza entre os indivíduos, na maneira como estabelecem seus laços e pactos sociais, de maneira movente e dinâmica, uma vez reinventada pela coexistência e trocas de múltiplos ‘eus’ na trama social. Isso principalmente na atualidade, com os constantes processos de migração e imigração

⁹⁴ Cf. tabulação, no Apêndice F, p. 287.

⁹⁵ Cf. tabulação, no Apêndice F, p. 290.

dos indivíduos, na busca por melhores qualidades de vida, trabalho, fuga da guerra⁹⁶.

Constatamos que a sonoridade capturada por nós, em Goiânia, não corresponde à complexidade de seus cidadãos na formação de uma única performance cultural goianiense. Como estamos lidando com um ambiente sonoro multifacetado, que envolve diferentes sujeitos-receptores, podemos falar de uma variedade de performances culturais ocorridas entre os grupos selecionados para a nossa investigação e já comentado anteriormente.

No entanto, há, em minha escuta, uma ruptura com a 'escuta do hábito', conforme denominam Fátima Carneiro dos Santos e Barry Truax, a qual me permitiu criar uma poética e realizar uma intervenção no cotidiano sonoro dos transeuntes da cidade de Goiânia e, assim, romper com a 'bruma sonora' (SCHAFER, 1977, 2011) por alguns instantes. A partir de então, percebemos que, para a maioria dos entrevistados, há uma sonoridade que nos agrega enquanto partilhamento cultural, orienta-nos no espaço físico e social, e "[...] nos localiza em determinado tempo histórico" (RAIMBAULT; DUBOIS, 2005, p. 340). Tempo histórico ainda restaurado e mitificado na e pela tradição rural goianiense, passada de uma geração a outra.

O reconhecimento dos sons atribuídos a Goiânia relembra momentos vivenciados na cidade cotidianamente, mas que guardam em si fragmentos de outras temporalidades históricas. Para percebê-los, em sua sobreposição, é preciso uma escuta sensível e experiência na cidade ou recorrer à imaginação para criar elos sociais. A audição se torna, assim, um processo criativo silencioso para redesenhar memórias ou imaginariamente criá-las. Como vivemos em sociedade, esses desenhos são restaurados da memória por aqueles que viveram diferentes temporalidades históricas em Goiânia, ou desenharam imaginariamente seus pactos sociais, calcados em um sentimento de identidade do passado. O que aqui chamamos de performances culturais.

De tal modo, a performance sonora cultural existe na mediação de uma sonoridade restaurada e, ao mesmo tempo, recriada e criando vida própria na sociedade, pelos diversos cidadãos. A sonoridade perpassa situações pessoais, políticas, do espaço e temporalidades e modos de viver que dão sentido ao mundo.

⁹⁶ Conforme informação da Organização das Nações Unidas (ONU). In: OS MIGRANTES de hoje. **BBC Brasil**, Londres, ©2019. O Mundo em Movimento. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/especial/migrantes/migrantes.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Modos de produzir sons na cidade, de recebê-los e escutá-los. Igualmente, as performances culturais goianienses se manifestam sonoramente, no cotidiano: em sons emitidos e recebidos a todo instante na cidade. Tais performances são formadas na interação social entre indivíduos emissores de ondas sonoras, signos e símbolos, tanto quanto pelos receptores das mesmas que as (re)significam pela memória e subjetividades.

5 À GUIA DE CONCLUIR

Em uma cidade como Goiânia percebemos uma infinidade de ruídos sonoros capturados por nós e debatidos nessa pesquisa. Nessa vastidão de sons não se pode dizer que esse ambiente ‘ruidoso’ é neutro de sentidos. O ambiente sonoro de uma cidade traz, para seus habitantes, uma verdadeira agitação sonora. Como produtos de ambientes sonoros culturais, os sons são também percebidos e interpretados por uma audiência que recebe informações audíveis e as interpreta, dando, a estas, um caráter sógnico ou simbólico, segundo sua experiência cultural audível.

Os sons do cotidiano da cidade podem nos representar culturalmente. É nesse sentido que acreditamos que os ruídos sonoros contam sobre a performance cultural cotidiana dos cidadãos da cidade, uma vez que ele deixa rastros de sua sonoridade e nela se reconhece.

Consciente ou inconsciente, o indivíduo produz diversos sons incorporados à paisagem do ambiente, o que confere, a esse espaço, uma identidade própria. Escutar esses sons é um ato que impele à percepção seletiva dos sons que nos rodeiam. É aquilo que ouvimos e reconhecemos como algo nosso. É a partir de uma perspectiva cultural que a recepção sonora – escuta – de determinada mensagem aciona nossa percepção auditiva do mundo através de nossas trajetórias individuais. Dessa forma, a dimensão simbólica da sonoridade em nosso cotidiano está ligada a contextos simbólicos que são evocados a partir do som.

A questão da escuta nessa pesquisa, de minha escuta enquanto pesquisadora e a escuta dos ouvintes da instalação sonora, é o motor de nossa travessia sonora na cidade, modulada pela memória – sonora, individual e coletiva dos cidadãos goianienses – e pela ‘partilha de som’ (SIMMEL, 1997; FORTUNA, 1999). Sons coletivos e individuais sentidos de maneiras diversas e atravessados por significações e sentidos de cada escuta.

A partir de uma escuta atenta e de capturas de sonoridades da cidade, compreendida nesta pesquisa como ruído sonoro, que permeia nossa cultura e ajuda a construir nossas performances sonoras culturais, revelamos para os cidadãos goianienses uma reprodução da paisagem sonora da cidade, indagando-os sobre o reconhecimento ou não desses sons.

A instalação sonora 'Janelas Sonoras' integrou a pesquisa enquanto projeto artístico sonoro não-coclear. Durante a instalação, sons cotidianos capturados e estética se combinaram como forma de materialização de uma expressão humana goianiense, a partir de uma performance sonora local. O apelo ao poético realizado pela instalação instigou o ouvido, a escuta e a fala do transeunte, mesmo no contexto de seu deslocamento e diferença.

Assim, instigamos o transeunte a participar do invisível, do espaço simbólico e metafórico da arte e do vazio fértil de significações. Mesmo que ele não saiba explicar o porquê que som é arte, reconheceu um espaço comum do sentir junto. Neste sentido, a instalação 'Janelas Sonoras', além de sua importância artística, também contribuiu com a pesquisa voltada para o social.

Os ruídos sonoros não têm o mesmo grau de importância para as pessoas. Cada uma vai atribuir um sentido a um som a partir de suas experiências e memórias. A partir do reconhecimento dos sons da cidade é que a força imaginativa do som mantém relações com a memória e consecutivamente com a performance cultural de determinada sociedade. Isso revela um aspecto cultural a partir da sonoridade, revelando a potência da escuta no desenvolvimento social.

De uma maneira geral, os sons de Goiânia nos contam histórias e são indicadores das atuações sociais de seus indivíduos, bem como do desenrolar de sua cultura. Lembramos que os sons capturados por nós durante a pesquisa correspondem a sons ligados a um determinado contexto, demarcado socialmente e historicamente na época do estudo. Assim, é possível que estudos futuros se desdobrem no reconhecimento e descobrimentos de outros e novos sons da cidade de Goiânia, bem como de outras cidades.

A ocorrência e percepção das sonoridades nos atos cotidianos revelaram o quanto a cultura é complexa, híbrida e plural, bem como demarca socialmente nossa existência. Pelo som é possível conceber a expressão de um retrato acústico da comunidade, de seus valores, gestos e hábitos do cotidiano, comportamentos, circunscritos nesta pesquisa e confirmados a partir de algumas entrevistas colhidas durante a aplicação do questionário. A escolha do uso do questionário e a análise das respostas permitiu concluir que a cultura goianiense é plural, mas que a sonoridade demarca acusticamente a cidade, sendo essa reconhecida pela maioria de seus habitantes.

A interdisciplinaridade que este estudo comporta, a partir de uma abordagem iniciada nos estudos das performances culturais, auxiliou na construção de um conhecimento que envolve sonoridades, arte e o social.

Reconhecemos a dificuldade em lidar com os sons urbanos, pois a cidade é uma unidade viva, carregada de indivíduos que transportam diferentes representações individuais e coletivas, formadoras das performances culturais. Mas como pesquisa que convida para uma escuta da cidade de Goiânia, acreditamos ser possível relacionar conhecimentos da área de estudos da arte sonora, escuta, som, cidade, e performances culturais. Dessa forma, pensamos ter contribuído para a sistematização de um conhecimento interdisciplinar comprometido com as realidades do Centro-Oeste brasileiro, mais especificamente com as realidades de Goiânia. Todavia, esta investigação ainda pode se desdobrar em outras pesquisas – em outros estados brasileiros e em outras urbes - a partir da sonoridade embalada nas ruas das cidades.

REFERÊNCIAS

A MAIOR FEIRA ao ar livre da América Latina está aqui em Goiânia: conheça a história da Feira Hippie. **Curta Mais**, 29 out. 2015. Notícias/Conteúdo. Disponível em: <https://bit.ly/2JN3cLy>. Acesso em: 10 dez. 2017.

AITKEN, Stuart C.; ZONN, Leo E. Re-apresentando o lugar pastiche. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009. p. 15-58.

ALVES, Zelia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 2, p. 61-69, fev./jul. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n2/07.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ALVIM, Mônica Botelho. A clínica da gestalt-terapia: experiência e criação. **Mosaico**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 66-69, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/issue/view/661>. Acesso em: 10 out. 2011.

ANTUNES, Edvan. **De caipira a universitário**. São Paulo: Matrix, 2012.

ARDENNE, Paul. **Un art contextual**: création artistique em milieu urbain, em situation, d'intervention, de participation. Paris: Flammarion, 2002.

BALANÇO da 72ª Exposição Agropecuária do estado de Goiás de 19/05 a 28/05. **SGPA**, Goiânia, 2 ago. 2017. Pecuária 2017. Disponível em: <http://sgpa.com.br/balanco-72a-expogoiias/>. Acesso em: 12 out. 2017.

BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. Escuta. *In*: BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. (v. 11).

BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. **Óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 365-390.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOCHIO, Alessandra Lucia; CASTELLANI, Felipe Merker. Espaços entre o sonoro: uma abordagem sobre as instalações artísticas e as noções de interatividade e desmaterialização. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE MÚSICA E ARTE SONORA, 2011, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos** [...]. Juiz de Fora: UFJF, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2JAKIT6>. Acesso em: 9 dez. 2016.

BORGES, Larissy Barbosa. **Entre sons, aromas e sabores**: as feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional. 2013. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2013.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. Catálogo. **Grande Hotel**: Goiânia, GO. Rio de Janeiro: IBGE, ©2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=442637&view=detalhes>. Acesso em: 1º dez. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goiania/panorama>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Goiânia (GO)**. Brasília: IPHAN, ©2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/361/>. Acesso em: 10 set. 2017.

CAGE, John. **Silence**. Middletown: Wesleyan University Press, 1973.

CAGE, John. **De segunda a um ano**: novas conferências e escritos. Trad. de Rogerio Duprat, revista por Augusto de Campos. São Paulo: Hucitec, 1985.

CALAZANS, Flávio Mario de Alcântara. **Propaganda subliminar multimídia**. São Paulo: Summus, 1992.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Milton Singer e as performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Karpa 6**, Los Angeles, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2v4OH2r>. Acesso em: 2 jul. 2017.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Per-formance e performance art: superar as velhas traições. In: COLÓQUIO ANTROPOLOGIAS EM PERFORMANCE, 3., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Goiânia: Kelps, 2015. p. 19-30. Disponível em: <https://bit.ly/2HdVPOA>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CAMPESATO, Lilian; IAZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 16., Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UnB, 2006. p. 775-780.

CARVALHO, Anderson. **A percepção sonora no cinema**: ver com os ouvidos, ouvir com outros sentidos. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

CERTEAU, Michael; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996. v. 2.

CHIZZOTTI, Antônio. O cotidiano e as pesquisas em educação. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992. p. 85-98.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Futebol. **Campeonato Brasileiro de Futebol – série B**. 2015a. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-b/tabela/2015#.WrRMwjknRAf>. Acesso em: 12 out. 2016.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Futebol. **Campeonato Brasileiro de Futebol – série B**. 2015b. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-b/tabela/2015#.WrRMwjknRAf>. Acesso em: 12 out. 2016.

DAHER, Tânia. O projeto original de Goiânia. **Revista da UFG: Dossiê Cidades Planejadas Hinterlândia, Goiânia**, v. 6, n. 6, p. 77-91, jun. 2009. Disponível em: https://www.proec.ufg.br/up/694/o/06_projetooriginal.pdf. Acesso em: 25 maio 2019.

DAWSEY, John Cowart. Schechner, teatro e antropologia. **Revista Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 207-210, 2011.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. [S. l.]: Escola Nômade de Filosofia, 1989. Disponível em: <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>. Acesso em: 28 fev. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. et al. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FELD, Steven. Estrutura sonora como estrutura social. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 177-194, jan./jun. 2015.

FELD, Steven. **Sound and sentiment: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

FELD, Steven. **Uma Acustemologia da Floresta Tropical**. Tradução de Vítor Vieira Machado. *Revista Ilha* v. 20, n. 1, p. 229-252, junho de 2018.

FORTUNA, Carlos. Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 51, p. 21-41, jun. 1998.

FORTUNA, Carlos. Paisagens sonoras: sonoridades e ambientes sociais urbanos. **Revista Identidades, Percursos, Paisagens Culturais**: estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras: Celta Editora, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODINHO, Iuri Rincon. **A construção**: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia. Goiânia: SECOVIGOIÁS, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. Tradução Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Doubleday Anchor Books, 1959.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Habitação. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Ciência e Tecnologia. **Mapa digital fácil**. Goiânia: SEPLANH-SEDETEC, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2GZZ0KL>. Acesso em: 20 dez. 2017.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Esporte e Lazer. Estádio Serra Dourada. **Construção do Estádio Serra Dourada**. Goiânia: SEEL, 12 abr. 2013. Disponível em: <http://www.estadioserradourada.go.gov.br/post/ver/148595/construcao-do-estadio-serra-dourada>. Acesso em: 1º dez. 2016.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Esporte e Lazer. Estádio Serra Dourada. **O estacionamento do Estádio Serra Dourada**. Goiânia: SEEL, 30 out. 2010. Disponível em: <http://www.estadioserradourada.go.gov.br/post/ver/148526/o-estacionamento-do-estadio-serra-dourada>. Acesso em: 29 nov. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **The collective memory**. New York: Harper Colophone Books, 1980.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IAMAMOTO, Sue A. S. Memória coletiva e movimentos sociais: um encontro de dois campos teóricos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., 2017, Caxambú. **Anais**

eletrônicos [...]. Caxambú: Finep, 2017. p. 1-27. Disponível em: <https://bit.ly/2HhoiDy>. Acesso em: 25 jan. 2018.

IGES, Jose. **Conferencias sobre arte sonoro**. Madrid: Ardora Ediciones S.L., 2017.

ITURBIDE, Manuel Rocha. La instalación sonora. **Revista Ólolo**, Ciudad Real, Espanha, n. 4, p. 1-12, 2003. Disponível em: <http://www.uclm.es/artesonoro/Ololo4/oloboport4.html>. Acesso em: 25 mar. 2019.

JANELAS SONORAS revela os sons de Goiânia. **Agendagyn**, Goiânia, 28 nov. 2017. Vem aí. Disponível em: <https://www.agendagyn.com/evento/janelas-sonoras-revela-os-sons-de-goiania/>. Acesso em: 20 dez. 2017.

JELÍN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002.

JELÍN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**: cómo construimos la memoria social. España, Madrid: Siglo Veintiuno, 2018.

KESKE, Humberto Ivan. Comunicação e cultura: espaços sógnicos em permanente interação. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 9-21, jul./dez. 2008.

KIM-COHEN, Seth. **In the blink of an ear**: toward a non-cochlear sonic art. New York: Continuum, 2009.

LANDER, Dan. Introduction to sound by artists. *In*: LANDER, Dan; LEXIER, Micah (ed.). **Sound by artists**. Toronto: Art Metropole/ Phillips Gallery, 1990. p. 10-14.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, p. 163-183, 2006.

LIMA SOBRINHO, Alexandre José Barbosa. **A verdade sobre a Revolução de Outubro-1930**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia urbana: desafios e perspectivas. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: um novo olhar sobre a cidade. **GV-executivo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 38-41, jul./dez. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006. Acesso em: 1º fev. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. *In*: MOREIRA, Alberto da Silva. **Sociedade global**: cultura e religião. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 56-78.

MELONI, Juan. É dia de feira, e de suas delícias. **O Popular**, Goiânia, 28 ago. 2013. Magazine. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/%C3%A9-dia-de-feira-e-de-suas-del%C3%ADcias-1.384979>. Acesso em: 28 nov. 2016.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Condição da escuta**: mídias e territórios sonoros. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. (Trinca-ferro)

OLIVEIRA, Thais Rodrigues. Thaisoliveira_somueg. **Soundcloud**, Goiânia, 2018. Disponível em: https://soundcloud.com/thaisoliveira_somueg. Acesso em: 10 abr. 2018.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

PAREYSON, Luigi. **Estética, teoria da formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1991.

PAVIS, Patrice. **Dicionário da performance e do teatro contemporâneo**. Tradução Jacó Guinsburg, Marcio Honório de Godoy, Adriano C. A. e Sousa. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RAIMBAULT, Manon; DUBOIS, Danièle. Urban soundscapes: experiences and knowledge. **Cities**, [s. l.], v. 22, n. 5, p. 339-350, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2GPdg8R>. Acesso em: 3 abr. 2018.

RATTON, Miguel. **Fundamentos de áudio**. 2. ed. Curitiba: Áudio, Música e Tecnologia, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; BARROSO, Priscila Farfan; BEXIGA, Stéphanie Ferreira. Etnografia sonora na cidade: algumas contribuições metodológicas acerca do registro sonoro na pesquisa de campo. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 1-15, 2010.

ROCHA, Daniella Medeiros Moreira. **A pioneira arquitetura de hotéis Art Déco de Goiânia – décadas de 1930 e 1950**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. Tradução Rosangela Dantas. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

ROMANO, Floriano. Campos autônomos. **Poieses**, Rio de Janeiro, n. 21-22, p. 31-33, jul./ dez. 2013.

RUSSOLO, Luigi. **L'Arte dei rumori**. Manifesto futurista, 1913.

SANTAELLA, Lucia. A sintaxe como eixo da matriz sonora. *In*: SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 112-116.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. **Por uma escuta nômade**: a música dos sons da rua. São Paulo: EDUC, 2002.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. A escuta da cidade/paisagem sonora: um exercício poético. **Baleia na Rede**: Estudos em Arte e Sociedade, Marília, n. 10, v. 1, p. 35-47, 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/3354>. Acesso em: 3 abr. 2018.

SCHAFER, Murray Raymond. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto de nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Unesp, 2011.

SCHAFER, Murray Raymond. **O ouvido pensante**. 2. ed. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lucia Pascoal. São Paulo: Unesp, 2011.

SCHAFER, Murray Raymond. **The soundscape**: our sonic environment and the tuning of the world. New York: Knopf, 1977.

SCHAEFFER, Pierre. Introduction à la musique concrète. **Polyphonie**: Revue Musicale Trimestrielle, Paris, n. 6 - La Musique Mécanisée, p. 30-52, 1950.

SCHAEFFER, Pierre. **Traité des objets musicaux**: essai interdisciplines. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

SCHECHNER, Richard. **Between theater and anthropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

SCHECHNER, Richard. Campo de estudos chamado performance studies. [Entrevista cedida a] Ana Bigotte Vieira e Ricardo Seiya Salgado. **idanca.net.**, [s. l.], 24 fev. 2012. Disponível em: <http://idanca.net/uma-tarde-com-richard-schener>. Acesso em: 2 nov. 2013.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? *In*: SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. New York & London: Routledge, 2006. p. 28-51.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. London: Routledge, 2002.

SCHECHNER, Richard. Performers e espectadores: transportados e transformados. **Revista Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 155-185,

jan./jun. 2011.

SCHULZ, Bernd (ed.). **Robin Minard**: silent music – between sound art and acoustic design. Heidelberg: Kehrer Verlag, 1999.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Eduardo Gomes da. Para além de toda forma de ciência, a experiência sensível. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 65-76, jan./jun. 2015.

SILVA, Lílian Campesato Custódio da. **Arte sonora**: uma metamorfose das musas. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Lílian Campesato Custódio da. **Vidro e martelo**: contradições na estetização do ruído na música. 2012. Tese (Doutorado em Musicologia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Reijane Pinheiro da. **Aqui o sistema é bruto**: o movimento country e a identidade goiana. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

SILVA, Rubens Alves da Silva. Às margens das margens: notas sobre as noções de patrimônio, memória social e performance na ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, número especial, p.149-161, jan./mar. 2019.

SILVA, Rita de Cácia Oenning da. **Sons e sentidos**: entrevista com Steven Feld. *Revista de antropologia*, v. 58 no 1, USP, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-43.

SIMAS, Carolina. José Guilherme Cantor Magnani. **Com Ciência**, Dossiê Capitais, Campinas, v. 1, n. 118, 10 maio 2010. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=56>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. *In*: FORTUNA, Carlos (org.). **Cidade, cultura e globalização**: ensaios de sociologia. Oeiras: Celta, 1997. p. 31-44.

STOLF, Maria Raquel da Silva. Assonâncias de silêncios: entre a palavra pênsil e a escuta porosa. **Informática na Educação**: Teoria e Prática, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 56-66, jul./dez. 2008.

STOLF, Maria Raquel da Silva. **Entre a palavra pênsil e a escuta porosa**

[investigações sob proposições sonoras]. 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STOLF, Maria Raquel da Silva. **Projeto Assonâncias de Silêncios**. [2019]. Disponível em: <http://www.raquelstolf.com/?cat=26>. Acesso em: 15 jan. 2019.

TURNER, Victor. Liminal to liminoid in play, flow, ritual: an essay in comparative symbology. *In*: TURNER, Victor. **From ritual to teatre**: the human seriousness of play. New York: PAJ Publications, 1982. p. 53-92.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

TRUAX, Barry. Genres and techniques of soundscape composition as developed at Simon Fraser University. **Organised Sound**, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 5-14, 2002. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~truax/OS5.html>. Acesso em: 27 jun. 2016.

TRUAX, Barry. **Acoustic communication**. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1984.

VALLE, Sólón do. **Microfones**. 2. ed. Rio de Janeiro: Musica & Tecnologia, 2002.

VELOSO, Sainy. Entre tablados e arenas: performances culturais. **Urdimento**: Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 188-205, dez. 2014.

VELOSO, Sainy. O nada, o tudo: metateatro da vida contemporânea. **Karpa 6**, Los Angeles, n. 11, p. 1-11, 2013. Disponível em: <https://www.calstatela.edu/sites/default/files/groups/KARPA%20JOURNAL/veloso.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2015.

ZANINI, Débora. Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de dados. **O que é pesquisa etnográfica?** Brasília: IBPAD, 2015. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/o-que-e-pesquisa-etnografica/>. Acesso em: 6 fev. 2018.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Polêmicas do nosso tempo, 59).

ZAREMBA, Lilian. Entreouvidos: sobre rádio e arte. *In*: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (org.). **E o rádio?** Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2010. p. 354-371.

WILLIAMS, Raymond. **Drama from Ibsen to Brecht**. Harmondworth: Pelican, 1973.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores: Wittgenstein).

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXO A – APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (CEP/UFG)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERFORMANCES SONORAS: UMA ESCUTA DO COTIDIANO GOIANIENSE

Pesquisador: THAIS RODRIGUES OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75013717.0.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.368.648

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa intitulada “PERFORMANCES SONORAS: UMA ESCUTA DO COTIDIANO GOIANIENSE”, que será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, nível doutorado, pela discente Thaís Rodrigues Oliveira, sob a responsabilidade da Profª Sainy Coelho Borges Veloso. A autora do projeto afirma: “entendemos como performance sonora a manifestação – conversas, buzinas, sons de ambulantes, músicas, entre outros – de uma ação sonora, expressiva, do indivíduo no ambiente em que está inserido, voluntária ou involuntariamente (...) A investigação teórica dará embasamento para a análise e discussão dos dados, e pela qual pretendo aprofundar conhecimentos de autores como: Erving Goffman (2001, 2011, 2012); Richard Schechner (1985, 2006); Raymond Murray Schafer (1991, 2001); Victor Turner (1974, 1982, 2008), Michael de Certeau (1996), entre outros.”

Objetivo da Pesquisa:

O projeto apresenta como objetivo primário ou geral: averiguar territórios sonoros na cidade de Goiânia, reconhecendo-os como performances sonoras culturais. Como Objetivos Secundários, são apresentados os seguintes: “identificar, reconhecer e catalogar ruídos específicos, dos territórios sonoros na cotidianidade da vida em Goiânia; mixar os sons captados e selecionados; realizar uma instalação sonora, em espaço público, na cidade de Goiânia; e, realizar um estudo sobre recepção sonora na cidade de Goiânia.” A autora aponta que os objetivos traçados inicialmente poderão se moldar às mudanças de percurso da própria investigação.

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.368.648

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos Riscos, a autora afirma que a pesquisa “envolve riscos mínimos (como por exemplo, um possível constrangimento por parte do questionado ao expressar opiniões pessoais).” Como benefícios, a autora ressalta que espera “que esta pesquisa contribua na probabilidade de despertar no participante da instalação sonora uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca. Sendo assim, a pesquisa buscará possibilitar uma descoberta e vivência perceptiva e estética, das várias sonoridades, na cidade de Goiânia.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Segundo a autora, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, etnográfica e será utilizada como base a metodologia de Bauer (2008) e “se dará da seguinte maneira: no primeiro momento da pesquisa de campo será realizado um passeio de escuta pelos quatro pontos selecionados na cidade de Goiânia: Pecuária, Estádio Serra Dourada, Centro da cidade e Feira Hippie.” Após a realização do “passeio de escuta” o autor recomenda que seja realizado um ‘diário de sons’. “... Ao mesmo tempo, estaremos com um gravador de audio ligado para a realização da captura desses ruídos sonoros. Após a captura dos sons do cotidiano da cidade pelo gravador de áudio, realizaremos a transcrição desses sons para o computador, realizando toda a separação dos ruídos sonoros capturados na cidade, dividindo-os de acordo com as anotações realizadas no diário de campo (diário de sons). [...] Após o registro, transição e associação desses ruídos em nosso estudo proposto neste projeto, realizarei uma seleção dos mesmos para que sejam apresentados em uma instalação sonora. A instalação sonora ocorrerá em via pública na cidade de Goiânia. [...] para aqueles habitantes da cidade de Goiânia, maiores de dezoito anos, que por ali cruzarem e apresentarem o desejo de responder ao questionário. Após a realização das entrevistas em via pública, partiremos para a transcrição das mesmas para o computador. Com os questionários respondidos e transcritos ao computador, realizaremos a sistematização e análise dos dados coletados.”

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo encontra-se instruído com os seguintes documentos: modelo de TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Compromisso assinado pela pesquisadora e por sua orientadora, Protocolo de Informações Básicas, Folha de Rosto do CONEP, Protocolo com esclarecimento sobre os instrumentos de coleta de dados e Projeto de Pesquisa na íntegra.

Recomendações:

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.368.648

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador apresentou todos os termos, de acordo com as resoluções do CONEP e apresenta o Cronograma dentro do esperado, para conclusão de tese de doutorado até agosto de 2019 e finalização do projeto até dezembro do mesmo ano.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para dezembro de 2019.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_980997.pdf	30/08/2017 16:26:53		Aceito
Outros	COLETADEADADOS.pdf	30/08/2017 16:24:21	THAIS RODRIGUES OLIVEIRA	Aceito
Outros	Termo_Compromisso.pdf	30/08/2017 16:23:32	THAIS RODRIGUES OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/08/2017 16:21:48	THAIS RODRIGUES OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	30/08/2017 16:21:09	THAIS RODRIGUES OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	30/08/2017 16:18:17	THAIS RODRIGUES OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com

ANEXO B – MENOR ORÇAMENTO RECEBIDO PARA REALIZAÇÃO DA INSTALAÇÃO SONORA



ÁUDIO Consultoria e representações

CNPJ: 27.230.587/0001-81

Fone: (062) 98438-7892

Goiânia - GO

martinsharmonia@hotmail.com

SERVIÇOS

Local: GOIANIA - GO

ITEM	SERVIÇOS A SEREM PRESTADOS	V. UNT	V. TOTAL
01	INSTALAÇÃO, DE 08 CAIXAS DE SOM AMPLIFICADA COM ENTRADA USB.	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00
02	08 SUPORTES TIPO TRIPE PARA CAIXA DE SOM	R\$ 200,00	R\$ 200,00
03	MAO DE OBRA PARA EFETUAR AS INSTALAÇÕES	R\$ 500,00	R\$ 500,00

R\$ 2.500,00

Forma de Pagamento: **A VISTA.**

Agradecemos antecipadamente a oportunidade concedida, e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos.

WENDER MARTINS



CONSULTOR DE ÁUDIO

ANEXO C – CLIPPING DE MATÉRIAS PUBLICADAS EM JORNAIS A RESPEITO DA INSTALAÇÃO ‘JANELAS SONORAS’



Fonte: INSTALAÇÃO: projeto destaca os sons de Goiânia. **O Popular**, Goiânia, Acontece, ano 79, n. 23.340, 27 nov. 2017.

DIVERSIDADE
27/11/2017 | 09h55

“Janelas Sonoras” revela os sons de Goiânia

O objetivo do evento é um estudo sobre a recepção sonora na capital. “O som que nos habita é o som da nossa memória



A instalação sonora “Janelas Sonoras” ocorre nesta quinta-feira (30), no Grande Hotel e será aberta ao público, às 9h. O evento segue até às 17h, com o objetivo de um estudo sobre a recepção sonora na capital. “O som que nos habita é o som da nossa memória. Um som que surge a partir do cotidiano vivido e a partir da escuta dos sons a nossa volta, a partir dos quais somos capazes de pressentir recordações do passado e também de nos colocar no presente. Esperamos que o público possa desenvolver a partir da instalação, uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca”, afirma Thaís Oliveira.

“Vilaaaaa” grita um caminhante na Avenida Anhangüera fazendo referência ao seu time de coração. Som de feirantes da Feira Hippie, som de fritura de pastel, do vendedor de pamonha que anuncia a venda de seu produto em uma bicicleta, som de ambulantes vendendo chip para celulares e o som do caminhão de coleta seletiva. Todas essas marcas sonoras entre tantas outras poderão ser ouvidas simultaneamente por meio de 12 caixas que ecoarão os sons de Goiânia.

“A cidade é uma sinfonia composta por sons, ruídos e silêncios. É a manifestação signi” cativa da vida urbana, de uma ação performática expressiva, sonora, de seus habitantes, na interação social, voluntária ou involuntariamente. O som preenche o cotidiano. Há tempos comecei a perceber todos os ruídos sonoros de meu dia a dia. O galo que canta no vizinho, os carros que passam pela rua, o grito do ambulante, o som do telefone que toca, a buzina da moto. Em” m, todos esses sons estão presentes em nossa geografia sonora”, explica Thaís.

Fonte: “JANELAS SONORAS” revela os sons de Goiânia. **O HOJE.COM**, Goiânia, 27 nov. 2017. Cultura, Diversidade. Disponível em: <https://bit.ly/2GW2EnT>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Roteiro
 Editoria de planejamento@goiania.com

Hoje: Janelas Sonoras revela os sons de Goiânia

São esses sons que compõem a instalação artística.

GRANDE HOTEL
 "Janelas Sonoras" ocorrerá nesse prédio antigo da capital, pela sua importância arquitetônica e cultural. O Grande Hotel foi o primeiro hotel da cidade, construído na época da fundação de Goiânia, ao estilo art déco. O edifício fica localizado no cruzamento da Avenida Goiás e da Rua 03-Centro.

A intenção da proposta da instalação sonora é dar "voz" para esse prédio histórico da cidade, que metaforicamente a partir das janelas estaria "falando" ruídos sonoros para quem passa em frente, ou seja, dando de certa forma visibilidade aos ruídos sonoros que geralmente, no cotidiano, passam despercebidos por nós.

Instalação: Janelas Sonoras
Quando: 30/11 (quinta-feira).
Onde: Grande Hotel
Horário: 9h às 17h
 É gratuito

QUAL É O SOM DO COTIDIANO?
 Perguntas como essas foram

passado e também de nos colocar no presente. Esperamos que o público possa desenvolver a partir da instalação, uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca", afirma Thaís Oliveira.

"A cidade é uma sinfonia composta por sons, ruídos e silêncios. É a manifestação significativa da vida urbana, de uma ação performática expressiva, sonora, de seus habitantes, na interação social, voluntária ou involuntariamente. O som preenche o cotidiano. Há tempos comecei a perceber todos os ruídos sonoros de meu dia a dia. O galo que canta no vizinho, os carros que passam pela rua, o grito do ambulante, o som do telefone que toca, a buzina da moto. Enfim, todos esses sons estão presentes em nossa geografia sonora", explica Thaís.

A instalação sonora Janelas Sonoras acontecerá no Grande Hotel e será aberta ao público, hoje (30), às 9h. O evento segue até às 17h, com o objetivo de um estudo sobre a recepção sonora na Capital. "O som que nos habita é o som da nossa memória. Um som que surge a partir do cotidiano vivido e a partir da escuta dos sons a nossa volta, a partir dos quais somos capazes de pressentir recordações do

o motim para a investigação dessa problemática. O resultado foi a captura de sons da região urbana de Goiânia, dividindo a cidade em quatro áreas de maior frequência dos habitantes e/ou locais exclusivos da cidade: Feira Híppie; Região da Pecuária de Goiânia; Estádio de Futebol Serra Dourada; Região Central de Goiânia.

Durante o período de um ano de meio foram coletados ruídos sonoros nas quatro regiões, totalizando mais de trinta horas de som gravadas em alta qualidade.




Fonte: HOJE: Janelas Sonoras revela os sons de Goiânia. **Diário da Manhã**, Goiânia, Entretenimento, Roteiro, 29 nov. 2017.

Variedades

Publicado em 29 Novembro 2017 - Da Redação

UFG promove evento que revela os principais sons do cotidiano goianiense (/ noticias/ variedades / 77549- ufg- promove- evento- que- revela- os- principais- sons- do- cotidiano- goianiense)



<http://cdn.portal730.com.br/images/stories/2017/novembro/29/goianiad.jpg>

Centro de Goiânia (Foto: Jhann Germano/Portal 730)

Você faz ideia de qual ou quais sons movem a nossa capital? Qual é o barulho mais comum do cotidiano? Movida por estas questões, a pesquisadora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Thaís Oliveira, percorreu Goiânia para captar ruídos, vozes e todo

tipo de marca sonora possível: a fritura do pastel, as vendas na feira hippie, a bicicleta da pamonha, a torcedora que grita o nome de seu time enquanto caminha por uma avenida movimentada, assim por diante. Agora, ela quer saber como é que o goianiense percebe tudo isso.

Por esse motivo, será realizada nesta quinta-feira (30), das 9h às 17h, no Grande Hotel, no Setor Central, a instalação "Janelas Sonoras". A atividade é aberta ao público e faz parte da pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, intitulada Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense, que Thaís realiza com orientação da professora da UFG Sainy Veloso.

2 of 4

Fonte: UFG promove evento que revela os principais sons do cotidiano goianiense. **Portal 730**, Goiânia, 29 nov. 2017. Variedades. Disponível em: <https://bit.ly/2qct7n4>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Janelas Sonoras revela os sons de Goiânia

Publicado em 28/11/2017 08:52



Thaís Oliveira no Serra Dourada(/media/uploads/ICAP_21373.jpg)

"Vilaaaaa", grita um caminhante na Avenida Anhanguera fazendo referência ao seu time de coração. Som de feirantes da Feira Hippie, som de fritura de pastel, do vendedor de pamonha que anuncia a venda de seu produto em uma bicicleta, som de ambulantes vendendo *chip* para celulares e o

som do caminhão de coleta seletiva. Todas essas marcas sonoras entre tantas outras poderão ser ouvidas simultaneamente por meio de 12 caixas que ecoarão os sons de Goiânia. A instalação sonora "Janelas Sonoras" será realizada no Grande Hotel nesta quinta-feira (30) às 9h. O evento seguirá até às 17h, com o objetivo de estudar a recepção sonora na capital.

"O som que nos habita é o som da nossa memória. Um som que surge a partir do cotidiano vivido e a partir da escuta dos sons a nossa volta, a partir dos quais somos capazes de pressentir recordações do passado e também de nos colocar no presente. Esperamos que o público possa desenvolver a partir da instalação, uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca", afirma Thaís Oliveira, doutoranda no Programa Interdisciplinar em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FSC/UFG).

"A cidade é uma sinfonia composta por sons, ruídos e silêncios. É a manifestação significativa da vida urbana, de uma ação performática expressiva, sonora, de seus habitantes, na interação social, voluntária ou involuntariamente. O som preenche o cotidiano. Há tempos comecei a perceber todos os ruídos sonoros de meu dia a dia. O galo que canta no vizinho, os carros que passam pela rua, o grito do ambulante, o som do telefone que toca, a buzina da moto. Enfim, todos esses sons estão presentes em nossa geografia sonora", explica Thaís.

Perguntas como essas foram o motim para a investigação dessa problemática. O resultado foi a captura de sons da região urbana de Goiânia, dividindo a cidade em quatro áreas de maior frequência dos habitantes e/ou locais exclusivos da cidade: Feira Hippie; Região da Pecuária de Goiânia; Estádio de Futebol Serra Dourada; Região Central de Goiânia. Durante o período de um ano de meio foram coletados ruídos sonoros nas quatro regiões, totalizando mais de trinta horas de som gravadas em alta qualidade. São esses sons que comporão a instalação artística.

Serviço:

Data: 30/11 (quinta-feira);
Local: Grande Hotel
Horário: 9h até às 17h
Gratuito

Pesquisa da UFG revela os sons de Goiânia

29 de novembro de 2017



Estudo que registrou o cotidiano goianiense de forma sonora terá instalação no Grande Hotel, nesta quinta-feira, das 9 às 17 horas.

Qual é o som do cotidiano? Movida por esta questão, a pesquisadora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Thaís Oliveira, percorreu Goiânia para captar ruídos, vozes e todo tipo de marca sonora possível: a fritura do pastel, as vendas na feira hippie, a bicicleta da pamonha, a torcedora que grita o nome de seu time enquanto caminha por uma avenida movimentada, assim por diante. Agora, ela quer saber como é que o goianiense percebe tudo isso.

Por esse motivo, será realizada nesta quinta-feira (30/11), das 9 às 17 horas, no Grande Hotel, a instalação *Janelas Sonoras*. A atividade é aberta ao público e faz parte da pesquisa de doutorado do Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, intitulada *Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense*, que Thaís realiza com orientação da professora da UFG Sainy Veloso.

Serão instaladas no prédio do Grande Hotel 20 caixas que, simultaneamente, ecoarão os sons de Goiânia. Para a pesquisadora, trata-se de uma sinfonia urbana. “O som que nos habita é o som da nossa merda, o som que surge a partir do cotidiano vivido e da escuta do que está à nossa volta. Nos desperta sentir recordações. Com essa instalação, esperamos que o público possa desenvolver uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca”, afirma.

Durante a captação dos sons, a pesquisadora dividiu a cidade em quatro áreas: Feira Hippie; Região Pecuária; Estádio de Futebol Serra Dourada; Região Central. Seu critério de escolha foi o fluxo de pessoas que passam por esses lugares todos os dias (ou em datas especiais). O trabalho durou um ano e seis meses, totalizando mais de trinta horas gravadas em alta qualidade. Esses são os sons que compõem a instalação artística.

Grande Hotel

De acordo com Thaís Oliveira, Janelas Sonoras ocorrerá no primeiro hotel da cidade em razão de sua importância arquitetônica e cultural. “A proposta da instalação é ‘dar voz’ para esse prédio histórico que, metaforicamente, a partir das janelas, estaria ‘pronunciando’ ruídos sonoros para quem passa, ou seja, tornando visível a visibilidade aos ruídos que, no cotidiano, passam despercebidos”, apresenta a pesquisadora, que também atua como professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Serviço

Assunto: Instalação artística *Janelas Sonoras*

Data: 30/11 (quinta-feira), das 9 às 17h

Local: Grande Hotel – Avenida Goiás, esquina com rua 3, Setor Central, Goiânia

Contato: Assessoria de Comunicação da UFG – 62 3521-1311

Fonte: PESQUISA da UFG revela os sons de Goiânia. **Tribuna do Planalto**, Goiânia, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2HgF0R3>. Acesso em: 30 nov. 2017.

SONORIDADE urbana. **Viver Ciência**. Goiânia: TV UFG, 20 dez. 2017. Programa de televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkvNhSL55mM>. Acesso em: 21 dez. 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PERFORMANCES CULTURAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense”. Meu nome é Thais Rodrigues Oliveira, sou a pesquisadora responsável e estudante no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, nível doutorado. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (somparacinema@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 981585050. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa intitulada “Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense” pretende realizar um estudo a respeito da sonoridade urbana presente na cidade de Goiânia. Temos como objetivo principal averiguar territórios sonoros na cidade de Goiânia. Esse estudo se baseia em uma abordagem qualitativa, etnográfica, que vai coletar, registrar, transcrever e associar ruídos sonoros da cidade de Goiânia. A partir de então, esperamos obter um ‘perfil da sonoridade’ local, conceituada por nós como performance sonora, a qual caracteriza a performance cultural goianiense. Os sons averiguados serão reproduzidos em uma instalação sonora na via pública da cidade. A partir da reprodução desses sons pretendemos realizar um questionário com os passantes da via pública para investigação com relação a recepção dessa sonoridade.

A sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e lhe é garantido o direito de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase, sem penalização alguma. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário em forma de entrevista, que será conduzida pela pesquisadora responsável. A entrevista será gravada em áudio. Caso alguma pergunta lhe cause algum desconforto e/ou constrangimento você pode se recusar a respondê-la. Haverá registros fotográficos durante a instalação sonora executada na via pública.

Suas imagens e dados fornecidos serão tratados da maneira com o (a) Sr(a) permitir, podendo ser: () Permitida a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa; () Não permitida a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa. Os dados, documentos e imagens serão utilizados NESTA pesquisa como fontes a serem analisadas e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas e artísticas. Os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não, por meio da tese e de artigos provenientes deste estudo. É seu direito pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PERFORMANCES CULTURAIS

A presente pesquisa envolve riscos mínimos (como por exemplo, algum possível constrangimento por expressar opiniões pessoais). O Sr.(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Com relação aos benefícios esperamos que esta pesquisa contribua na probabilidade de despertar no participante da instalação sonora uma atitude de percepção mais atenciosa em relação à sonoridade que o cerca. Sendo assim, a pesquisa buscará possibilitar uma descoberta e vivência perceptiva e estética, das várias sonoridades, na cidade de Goiânia.

Acreditamos que os estudos que esse projeto delinea serão de grande contribuição para o campo de estudos das sonoridades, assim como o das performances culturais. A partir da publicação dos resultados da pesquisa buscaremos pensar e produzir artisticamente uma investigação que possibilite um suporte para entendimento dos processos de escuta dos indivíduos na sociedade goianiense.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Performances sonoras: uma escuta do cotidiano goianiense”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável: Thais Rodrigues Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DESENVOLVIDO PARA APLICAÇÃO NO DIA DA EXECUÇÃO DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA 'JANELAS SONORAS'



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PERFORMANCES CULTURAIS

INSTALAÇÃO JANELAS SONORAS

Questionário gravado em áudio.

Saber se nasceu em Goiânia ou só mora na cidade.

- 1) Você se reconhece em algum som? Por quê?
- 2) O que é som para você?
- 3) O que é ruído sonoro?
- 4) qual é o som do seu cotidiano?
- 5) O que lhe agrada e o que lhe incomoda nos sons de seu cotidiano?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Data de realização das entrevistas: 30 novembro de 2017

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas em linguagem coloquial, respeitando as palavras usadas pelos participantes, bem como o uso de colocações e gírias próprias da linguagem falada, que não corresponde à linguagem formal a que estamos habituados no ambiente acadêmico. O anonimato dos participantes foi assegurado, trocamos os nomes completos de cada um deles pelas iniciais correspondentes a nome e sobrenome de cada entrevistado.

1. ENTREVISTA GVF

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

GVF: Não, não sou de Goiânia

Pesquisador(a): Mora aqui há quanto tempo?

GVF: Eu moro aqui há uns oito, nove meses.

Pesquisador(a): O que que é som pra você?

GVF: Tudo. Assim...é ruído, é não ruído. Acho que até o silêncio é som né.

Pesquisador(a): E o que você reconhece como ruído?

GVF: É...talvez o distúrbio desse silêncio né? Ou se tem significado ou se não tem.

Pesquisador(a): Tem algum som que te incomoda, que som é esse? Ou nenhum som te incomoda?

GVF: Na verdade, o som que chama um pouco mais atenção na instalação sonora é a senhora da venda do peixe. Porque é um som muito estridente, muito alto né? E ele destoa um pouco desse barulho da cidade, que como a gente tá passando aqui, muitas vezes nem percebe que é uma instalação artística. A instalação meio que se misturou com barulho de carro daqui, do moço trabalhando lá com a britadeira ali fora. Então se as pessoas não veem as Caixas, talvez passasse despercebido.

Pesquisador(a): Quais são os sons que pertencem ao seu cotidiano desde que você veio aqui pra Goiânia? Tem algum som que te chamam atenção ou não?

GVF: Bom...eu moro lá no Setor Goiânia 2, ali perto da Avenida Perimetral. Então ali tem moto com escapamento aberto, me incomoda por que é um barulho muito alto e invade a minha casa.

Pesquisador(a): Desde que você mudou para Goiânia, tem algum som que te chama atenção, que você pode falar que é da cidade ou algo que tenha te chamado atenção?

GVF: Acho que som de vendedor ambulante, porque tem bastante. A gente vê na cidade, esses carrinhos de gente vendendo pamonha. É muito daqui.

Pesquisador(a): Obrigado.

2. ENTREVISTA EMS

Pesquisador(a): O que é som para você?

EMS: Som é uma música bem tranquila que eu gosto de ouvir, que tem uma letra boa, uma canção boa, isso é um som bom.

Pesquisador(a): E o que é ruído para você?

EMS: Buzina de carro no sinaleiro, o vizinho que te acorda no meio da noite com o som ligado e alto, o barulho de uma construção do lado da sua casa, as vezes você está dormindo e acorda com os sons de construção aquele “ziiimmmmm”.

Pesquisador(a): Qual o som do seu cotidiano?

EMS: As músicas que eu ouço no final da tarde, uma música mais tranquila, sossegada.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

EMS: Não, não me reconheci não.

Pesquisador(a): Você é natural de Goiânia?

EMS: Sou daqui de Goiânia.

Pesquisador(a): Tem algum ruído que te lembra a cidade?

EMS: O único ruído que eu gosto que é um barulho bom é igual o do berrante, do carro de boi. Isso é bom de ouvir. Às vezes você está em uma fazenda, e está passando o carro de boi, principalmente quando é a época da festa de Trindade por exemplo, aí eu vou para perto da rodovia para ver os carros de boi que estão passando por lá. Isso é cultura.

Pesquisador(a): Obrigada.

3. ENTREVISTA WAG

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

WAG: Não.

Pesquisador(a): Você se reconhece nesses sons? Tem algum som que te lembra, que te traz alguma memória?

WAG: Com certeza o que me trouxe aqui agora enquanto eu estava passando aqui na rua é o som da folia de reis. É que isso lembra a minha infância né, em São Francisco de Goiás e que traz essa energia. Agora ouvindo os periquitos e o amanhecer também lembro da vezes que a gente passava férias na casa do meu tio e na roça. Então essa memória sonora, que eu sinto falando com você até o cheiro do café. Que era caipira, de fogão caipira. Então que minha tia fazia e a gente levava o copo já com o café e tirava o leite lá da vaca no curral, essas coisas. São lembranças boas que vem, né?

Pesquisador(a): e o que que é ruído pra você?

WAG: Ruído na verdade, assim, as vezes incomoda o som das pessoas conversando, mas esse ruído tem um significado e eu estou dando significado pra ele. Então tem isso dentro de mim, né? Essa importância que a gente dá aos nossos símbolos, inclusive a questão do som. Você viu que eu falei e trouxe imagens também, acho que durante a minha fala você deve ter construído imagens também na sua cabeça e foi através do som que veio isso tudo.

Pesquisador(a): Obrigada.

4 ENTREVISTA SFS

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

SFS: Sim.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

SFS: Tudo que está na minha volta faz som. Então som acho que é tudo né?

Pesquisador(a): E o que seria ruído?

SFS: Ruído é um som que fica repetindo mas não incomoda. Já o barulho é o som que fica repetindo mas incomoda.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som escutado aqui hoje?

SFS: Em muitos. No caminhão de lixo, no vendedor de pamonha, no vendedor de picolé.

Pesquisador(a): Qual som do cotidiano que te agrada?

SFS: O som da cidade mesmo. Tudo que eu escuto me agrada.

Pesquisador(a): Obrigada.

5 e 6 ENTREVISTAS ACS e CARS

Pesquisador(a): Vocês se reconhecem em algum ou alguns dos sons que vocês ouviram aqui hoje?

ACS: Eu particularmente me reconheci em vários. O barulho do andar do cavalo o grito do Vila, os passarinhos, o vendedor de picolé, o barulho do caminhão de reciclagem, então são ruídos bem característicos de Goiânia que a gente já conhece no dia a dia.

CARS: O interessante dos ruídos é que eles estão na memória da gente e aí eles remetem as lembranças, ao estádio, ao torcedor, ao ambulante, então é trabalhar o cérebro pra gente voltar com memórias afetivas.

Pesquisador(a): O que é ruído pra vocês?

ACS: Ruído é qualquer som que é ecoado. Ruído pra mim não significa automaticamente um barulho ruim, por exemplo uma buzina. O ruído é som como a gente estuda no canto, na música.

CARS: Ruído é o som que as vezes vem harmônico ou não.

Pesquisador(a): Quais são os sons do cotidiano de vocês?

CARS: Olha esse o berrante, lembra aqui o estado, a região do interior de Goiás, o próprio parece que eu ouvi carro de boi rodar, roda de carro de boi, então remete ao interior de Goiás, mexe muito com as lembranças da gente. Muito interessante isso.

ACS: Porque esses sons são muito peculiares eles trazem o resgate a nossa história e a história do goiano. Por mais que você esteja aqui em Goiânia, uma capital, uma grande cidade, quando escuta esses barulhos remete lá pro interior, o estar na fazenda, memórias afetivas que eu já vivenciei, que é bem peculiar, também no goiano, mesmo morando em uma capital.

Pesquisador(a): Vocês são de Goiânia?

ACS: Sim, no meu caso eu nasci em Goiânia, passo um tempo no interior mas moro aqui.

CARS: Eu já nasci em Goiânia, sou de Goiânia. E outra coisa que eu estou achando muito interessante é que a gente convive com isso diariamente mas seu projeto é muito interessante que faz a gente refletir, né, até mesmo pra gente ter mais consciência com o cotidiano, curtir mais os barulhos, prestar mais atenção porque a gente desenvolve uma carga emotiva, é muito legal assim, é uma coisa bonita.

ACS: É porque as vezes na correria do dia a dia a gente fica surdo, literalmente surdo, você não se atenta pra muitos barulhos e isso faz a gente refletir faz sentir nostalgia do que você já viveu.

Pesquisador(a): Obrigada.

7. ENTREVISTA TAO

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só vive em Goiânia, só mora?

TAO: Eu nasci em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em alguns desses sons que estão tocando?

TAO: Sim, principalmente no som dos galos, porque eu estou morando em um lugar onde tem um monte de galinhas, eles criam galinhas pra vender, então eu acordo todos os dias com barulho dos galos.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

TAO: Som... Acho que som é música. Sons são ruídos que são produzidos, produzidos intencionalmente.

Pesquisador(a): E ruído sonoro, o que seria pra você?

TAO: Ruído sonoro é tudo que a gente escuta que as vezes não é intencional. Tipo, não foi produzido por intenção.

Pesquisador(a): Qual o som do seu cotidiano? Você me falou dos galos né (risos), mas qual o som do seu cotidiano?

TAO: Tem os galos. Em Goiânia tem muitos carros de som que passam na rua vendendo pamonha, leite. Perto da casa da minha mãe tem um carro que passa vendendo esterco. Acho que isso é muito a cara de Goiânia, mas assim, acho que do meu cotidiano mesmo é barulho de carro, de rodovia.

Pesquisador(a): Destes sons do seu cotidiano, qual que mais te agrada?

TAO: Acho que o som dos galos, me dá uma sensação de paz, de estar em casa, porque tem muito a ver com a minha casa, me lembra um pouco de lar.

Pesquisador(a): E nesses sons do seu cotidiano, o que te incomoda?

TAO: Acho que é a quantidade de carros de som que passam o tempo todo, isso incomoda.

8. ENTREVISTA BRNS

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora em Goiânia?

BRNS: Nasci em Goiânia

Pesquisador(a): Você se reconhece em alguns desses sons que você ouviu?

BRNS: Eu acho que no som do tambor.

Pesquisador(a): Que maravilha. O que é som pra você?

BRNS: O que as pessoas falam, o que você ouve.

Pesquisador(a): E o quê que é ruído sonoro?

BRNS: Ruídos? Ruído não é uma coisa boa, sabe. É aquele som que incomoda.

Pesquisador(a): E qual que é o som do seu cotidiano, do seu dia a dia?

BRNS: Pessoas conversando, música, muita música.

Pesquisador(a): O que lhe agrada no som do cotidiano?

BRNS: Eu acho que, sei lá, movimento. O som do movimento. Eu adoro lugares agitados. Eu gosto de sentir as pessoas.

9. ENTREVISTA KD

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora em Goiânia?

KD: Nascida e criada em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

KD: Um monte, vários.

Pesquisador(a): Quais?

KD: No som da coleta seletiva, o som do vendedor de cocô, um berrante, o Vila, o vendedor de picolé.

Pesquisador(a): Porque que você se reconhece neles?

KD: Por causa do centro da cidade.

Pesquisador(a): E o que é som pra você?

KD: Som é tudo que nos cerca, tudo que nos rodeia, emite algum tipo de som. Desperta atenção pra gente.

Pesquisador(a): E ruído sonoro? O que é?

KD: Ruído sonoro... Nossa (risos). Ruído é algo que a gente não presta atenção, mas está acontecendo no fundo.

Pesquisador(a): E som do seu cotidiano, qual é?

KD: Som do meu cotidiano é som de televisão.

Pesquisador(a): E o quê que te agrada no som do seu cotidiano?

KD: É mais aquilo que me tira da minha realidade hoje.

Pesquisador(a): E o que te incomoda? No som do seu cotidiano?

KD: Ah, muitas vezes eu assisto programas de noticiário. E o que me incomoda são os sons da violência nesses programas.

10. ENTREVISTA KPI

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só vive em Goiânia?

KPI: Eu vivo há pouco tempo em Goiânia.

Pesquisador(a): Nasceu onde?

KPI: Itumbiara.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

KPI: Sim. No som do sorvete no pote principalmente.

Pesquisador(a): Por que você se reconhece nesse som?

KPI: Porque me lembra da minha cidade.

Pesquisador(a): O que é som para você?

KPI: Som (risos) som são ondas sonoras, são movimentos produzidos. É uma percepção que a gente tem além do olhar porque a gente tem a ideia de que a gente enxerga tudo e o som mostra que vai além do que a gente enxerga com os olhos. O som pode dizer tanto quanto a imagem, então o som é uma performance, é um ato.

Pesquisador(a): Ruído sonoro, o que é para você?

KPI: Ruído sonoro seria tudo que não tem uma harmonia, que não segue a harmonia.

Pesquisador(a): E qual que é o som do seu cotidiano, do seu dia a dia?

KPI: É o som da Avenida Goiás. Eu passo aqui quatro vezes por dia.

Pesquisador(a): E qual o som que te agrada, no seu dia a dia?

KPI: Uma música.

Pesquisador(a): E o som que te incomoda no seu dia a dia?

KPI: A quando tem jogo, ali no Estádio Olímpico, eu moro lá na esquina. Então esse é um som que me incomoda, principalmente da polícia quando eles estão passando e estão gritando, o som do povo gritando, som de foguete... Isso me incomoda.

Pesquisador(a): Muito obrigado.

11. ENTREVISTA RFB

Pesquisador(a): A senhora nasceu em Goiânia ou só mora na cidade?

RFB: Eu nasci em Gurupi, quando lá ainda era estado de Goiás. Moro aqui agora.

Pesquisador(a): Você reconhece algum som?

RFB: Não.

Pesquisador(a): E o quê que é som para você?

RFB: Som é barulho de som, de música.

Pesquisador(a): E ruído sonoro?

RFB: Ruído sonoro, eu não sei.

Pesquisador(a): Qual que é o som que a senhora mais escuta no seu cotidiano?

Qual é o som que mais tem na sua vida?

RFB: O som da multidão. É o que mais tem na vida, pra onde você vai você tá vendo gente.

Pesquisador(a): O que te agrada e incomoda no som do dia a dia?

RFB: O quê que me agrada no som do dia a dia? É paz, boniteza, limpeza, entendeu?

Pesquisador(a): E o quê que incomoda?

RFB: O que incomoda é muito sujeira, muita violência e muito buraco na rua.

Pesquisador(a): Mas e em relação aos sons? O que é que incomoda? Algum som específico que incomode?

RFB: Não sobre o som, não me incomoda não.

12. ENTREVISTA LMS1

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

LMS: Nasci aqui.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

LMS: Reconheço

Pesquisador(a): Por quê?

LMS: Lembra coisas próprias da cidade, daqui de Goiânia.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LMS: Som é aquilo que a gente consegue identificar ou remeter a algo, por exemplo, nesse caso, esses sons lembram muita coisa da cidade de Goiânia mesmo. É, esse barulho, esse tipo de buzina, eu acho que é muito daqui.

Pesquisador(a): E ruído sonoro, o quê que é?

LMS: Ruído pra gente que é leigo no assunto submete tudo aquilo que é barulho, né. Que incomoda de alguma forma.

Pesquisador(a): E qual que é o som do seu cotidiano, do seu dia a dia?

LMS: Telefone, barulho de telefone. Toca o dia inteiro.

Pesquisador(a): O que te agrada no som do seu cotidiano?

LMS: Me agrada? É talvez o fato de trabalhar com pessoas de diferentes sotaques, lembra aquela coisa bem regional, eu gosto muito, acho bem interessante.

Pesquisador(a): E o que te incomoda, no som do seu cotidiano?

LMS: O som do cotidiano é aquele som do telefone né. Aquele barulho um dia inteiro é bem cansativo.

Pesquisador(a): Muito obrigado.

13. ENTREVISTA CBJ

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora aqui?

Entrevistado: Nasci aqui em Goiânia.

Pesquisador(a): Você reconhece algum desses sons?

Entrevistado: Reconheço. Sons de estádio, torcida.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

Entrevistado: Som, é tudo aquilo que sei lá, chama atenção, que te informa alguma coisa.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro pra você?

Entrevistado: Aqueles ruídos lá no final mesmo do que está tocando.

Pesquisador(a): E qual que é o som do seu cotidiano, do seu dia a dia?

Entrevistado: Ah, o som de carro passando, de cidade, muito movimentação.

Pesquisador(a): O quê que lhe agrada no som do seu cotidiano?

Entrevistado: Ah, praticamente só as músicas mesmo.

Pesquisador(a): E o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

Entrevistado: Ah, aqueles carros de sons altos, moto barulhenta, caminhão.

Pesquisador(a): Muito obrigado.

14. ENTREVISTA AR

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora em Goiânia?

AR: Não, eu vivo viajando, geralmente. Então, agora estou passando só.

Pesquisador(a): Você é de onde?

AR: Argentina.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

AR: Não.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

AR: Som, como vibração, pode ser até a criação de tudo que você vê.

Pesquisador(a): E o que seria ruído sonoro?

AR: Um som distorcido, que você sente incômodo, e não é bom, você não fica tranquilo ouvindo isso.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano? Do seu dia a dia?

AR: Som de carro, muito carro.

Pesquisador(a): O que te agrada nesse som do seu cotidiano?

AR: Os pássaros, e também na hora da tormenta tem o som de raio, esse tipo de som é muito bom para se acalmar.

Pesquisador(a): E no seu cotidiano, qual o som que não te agrada, que te incomoda?

AR: Do carro que anda com som de escapamento aberto, isso não me agrada.

15. ENTREVISTA LL

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora aqui?

LL: Nasci em Minas Gerais e moro em Goiânia.

Pesquisador(a): O senhor reconhece algum só desse aqui?

LL: Não.

Pesquisador(a): O que é som para o senhor?

LL: Som pode ser um barulho, pode ser um som musical, pode ser uma coisa agradável ou uma coisa ruim.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

LL: É um barulho.

Pesquisador(a): Qual que é o som do cotidiano do senhor?

LL: O som de mastigar dos alimentos. Eu adoro ouvir sons instrumentais, então é o som meu que eu ouço mesmo realmente todos os dias.

Pesquisador(a): Qual o som que agrada o senhor?

LL: Som de músicas instrumentais.

Pesquisador(a): E os sons que incomodam, quais são?

LL: Que incomoda é o som de tambor, *bam-bam-bam*. O estilo de música de hoje é horroroso. Tem o problema das motos, de madrugada eles saem feito loucos, produzindo barulho com uma velocidade muito grande. Você escuta a quilômetros de distância.

16. ENTREVISTA RC

Pesquisador(a): você nasceu em Goiânia ou só mora em Goiânia?

RC: Nasci em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

RC: Reconheço.

Pesquisador(a): Por quê?

RC: Uai, porque é comum a gente ouvir uns certos ruídos desse aqui.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro pra você?

RC: Um barulho desagradável.

Pesquisador(a): Qual o som do seu cotidiano?

RC: Buzina de carro. Lá onde eu trabalho e onde eu moro é muito movimentado.

Pesquisador(a): E qual o som que lhe agrada?

RC: Ah, um canto de pássaro, eu acho muito bonito.

Pesquisador(a): E o que te desagrada, o que te incomoda?

RC: Ah som de carro muito alto, buzinas insistentemente assim, é, acho que isso aí sim.

17. ENTREVISTA MD

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora aqui?

MD: Eu nasci em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som?

MD: Vários sons, vários.

Pesquisador(a): Por quê?

MD: Os sons das torcidas, o som do vendedor de bosta, muito típico, muito conhecido.

Pesquisador(a): Por quê que você se reconhece nesses sons?

MD: Porque eu sempre fui uma menina de feira né, então sempre andei muito na feira. E achava muito criativo o cara vender cocô né, na feira. É a coisa mais fantástica do mundo, o cara vende aquilo que todo mundo joga fora.

Pesquisador(a): O quê que é som pra você?

MD: Som, pra mim som é tudo que você não só escuta mas o que vibra também. O som está na vibração.

Pesquisador(a): E o quê que é ruído sonoro?

MD: Pra mim ruído é aquilo que chega a me incomodar, uma música pode ser um ruído sonoro, se ela tiver incomodando meus ouvidos.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

MD: O meu cotidiano é barulhento. Começa por mim que sou muito barulhenta- tem músicas, tem vozes, tem risos, tem choro também.

Pesquisador(a): E o quê que lhe agrada nos sons do seu cotidiano?

MD: A vida, que dá realmente o sentimento de estar vivo.

Pesquisador(a): E o quê que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

MD: Eu vou nos ruídos, aqueles que me perturbam mesmo, que as vezes são, principalmente quando são muito repetitivos.

Pesquisador(a): Beleza, obrigado.

18. ENTREVISTA NKSS

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia ou só mora em Goiânia?

NKSS: Só moro em Goiânia há muito tempo.

Pesquisador(a): Você é de onde?

NKSS: Recife.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som desses que nós estamos ouvindo?

NKSS: Sim, principalmente os sons da rua mesmo. Mas se fosse na infância seria com os sons de cavalo. Acho que pela diferença de moradia, deve ter uns dois anos que eu estou morando no centro de Goiânia.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

NKSS: Som para mim é uma forma de expressão corporal também, é uma expressão de vida, de certa forma.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro pra você?

NKSS: Pra mim é algo que não é identificável, um aglomerado de coisas juntas.

Pesquisador(a): E o que é o som do seu cotidiano, do seu dia a dia, qual é?

NKSS: É muito o som do trânsito, porque como eu ando muito de bicicleta, estou no meio do trânsito, mas também tem muito som de vozes das pessoas.

Pesquisador(a): E o que lhe agrada nos sons do seu cotidiano?

NKSS: O som das pessoas conversando, eu gosto bastante. Mesmo eu não entendendo de longe, mas eu gosto bastante. Ouvir as coisas de longe e ficar vendo quem está falando mais alto, porque está falando mais alto, porque está vendendo alguma coisa.

Pesquisador(a): E qual o som que lhe incomoda no cotidiano?

NKSS: Nossa, muita coisa não me incomoda. Eu acho se dentro da minha casa entrar um som que não é desse lugar, por não saber de onde está vindo, aí sim me incomodaria.

Pesquisador(a): Perfeito. Obrigado.

19. ENTREVISTA ARDRG

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia?

ARDRG: Não, eu sou nascida em Uruaçu, interior de Goiás.

Pesquisador(a): Você mora em Goiânia?

ARDRG: Moro em Goiânia há quinze anos.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

ARDRG: Vários. Esse aí da coleta seletiva, o som do vendedor de bosta, o som do vendedor da pamonha, o grito do torcedor do Vila Nova, ainda não deu pra prestar atenção em todos, mas eu tenho certeza que eu reconheço bastante.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

ARDRG: É algo que desperta minha atenção para uma circunstância específica.

Pesquisador(a): E o quê que é ruído?

ARDRG: Ruído é algo que está acontecendo o tempo todo e que as vezes eu não estou prestando atenção, ruídos constantes que carros, ruídos de insetos, ruído das pessoas, um amontoado de sons, indefinidos.

Pesquisador(a): Qual que é o seu som do seu cotidiano?

ARDRG: Tem no meu cotidiano em geral é música. Eu escuto musica quando dirijo, quando trabalho, quando treino, quando arrumo a minha casa, esse é o meu som.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano que te incomoda?

ARDRG: Se eu estou no meu momento de descanso eu não gosto do barulho da televisão, me incomoda. Agora no geral, quando eu mudei para casa em Goiânia eu tinha um pouco de dificuldade com o barulho do trânsito constante na minha janela.

Hoje eu já me adaptei.

Pesquisador(a): Obrigado.

20. ENTREVISTA GDO

Pesquisador(a): O senhor nasceu aqui em Goiânia?

GDO: Caldas Novas.

Pesquisador(a): Caldas Novas? O senhor mora aqui a quanto tempo?

GDO: Eu moro aqui e lá, tem uns vinte anos já.

Pesquisador(a): O senhor reconhece algum desses sons que está passando aqui na Caixa de som? O senhor reconhece algum?

GDO: Conheço.

Pesquisador(a): O que é som para o senhor?

GDO: Eu acho que som é música boa né.

Pesquisador(a): E ruído?

GDO: O ruído, já fica ruim de ouvir, os carros com sons diferentes.

Pesquisador(a): Qual que é o som do cotidiano do senhor?

GDO: Essas músicas aí (*se referindo a instalação*).

Pesquisador(a): Estilo essas músicas aí mais sertanejas, ok. Tem algum som que incomoda o senhor no dia a dia?

GDO: Ah eu não gosto de ouvir é essa música doida desse pessoal aí né, esses funks.

Pesquisador(a): Obrigada.

21. ENTREVISTA IR

Pesquisador(a): Você nasceu aqui em Goiânia?

IR: Sim, nasci em Goiânia.

Pesquisador(a): Você mora aqui?

IR: Moro em Goiânia.

Pesquisador(a): Ok. Você conhece algum desses sons, que tá passando agora?

IR: Conheço. O som do picolé.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

IR: Som é barulho.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

IR: Barulho também.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

IR: Som de carro, música, pássaro, cachorro.

Pesquisador(a): Desses sons que você ouve todos os dias, quais que te agradam e quais que te incomodam?

IR: Som dos pássaros me agrada, alguma música. Que me incomoda, não tem nenhum som não... Só se for um som muito alto, quando eu tiver dormindo e que atrapalhe a dormir.

Pesquisador(a): Obrigado.

22. ENTREVISTA JLS

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia?

JLS: Eu nasci em Rio Verde.

Pesquisador(a): Mora aqui a quanto tempo?

JLS: Ah, deve ter uns trinta anos.

Pesquisador(a): Você se reconhece em alguns desses sons aí? Você conhece?

JLS: Conheço. O som do cara da bosta. Eu conheço ele lá da Feira Hippie.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

JLS: Som, é som.

Pesquisador(a): O que é ruído? Você acha que tem diferença entre som e ruído?

JLS: Eu acho que é a mesma coisa.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano? Qual que é o som que você geralmente ouve?

JLS: Música sertaneja.

Pesquisador(a): Tem algum som do seu cotidiano, no seu dia a dia que você ouve, que te incomoda?

JLS: Som de rock, não gosto não.

Pesquisador(a): Qual desses sons aí que você conhece, desses sons aí que passou?

JLS: A mulher do peixe, o cara da bosta, o cara do picolé, e esse negócio do Vila Nova também.

23. ENTREVISTA WBA

Pesquisador(a): Você nasceu em Goiânia?

WBA: Nasci em Goiânia.

Pesquisador(a): Você mora aqui?

WBA: Atualmente moro em Goiânia. Tem trinta e quatro anos.

Pesquisador(a): Você se reconhece em alguns desses sons?

WBA: Reconheço. Em Goiânia é muito popular a venda na rua, então, "*olha a pamonha*", pastel, jantinha, espetinho, é muito reconhecido em Goiás.

Pesquisador(a): Desses sons, quais que você reconhece, que você ouviu?

WBA: O som da coleta seletiva, dos estádios, jogos, as vendas de ingressos no estádio, e o som das catiras também. As músicas bem típicas do Centro-Oeste.

Pesquisador(a): Pra você, o quê que é som?

WBA: É tudo aquilo que emite uma mensagem. Se está ouvindo e se é do seu interesse, aquilo te chama atenção. Eu escuto o som da venda da pamonha, vou lá fora comprar uma pamonha.

Pesquisador(a): E o quê que é ruído?

WBA: Ruído já incomoda, é um barulho muito estridente. Igual aquela moça que gritou: você não sabe o que ela está falando.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

WBA: Ah, o som de barulho de carros, da cidade, da coleta seletiva que passa nos bairros e de vendedores ambulantes.

Pesquisador(a): O que lhe agrada e o que lhe incomoda nos sons do cotidiano?

WBA: O que agrada, esse boca-a-boca mesmo, de falar na rua. Agora o que incomoda, eu acho que é o som muito alto fora do horário.

24. ENTREVISTA JAO

Pesquisador(a): O senhor nasceu aqui em Goiânia?

JAO: Eu nasci no município de Itaguara, oitenta e nove quilômetros de Goiânia.

Pesquisador(a): O senhor mora aqui em Goiânia?

JAO: Há quarenta anos.

Pesquisador(a): O senhor conhece desses sons (*se referindo a sons da instalação*)?

JAO: É a minha infância, na roça, até os quatorze anos. Lembro, lembro da minha infância.

Pesquisador(a): O que é som para o senhor?

JAO: Som é a alegria da vida, que pra muita gente perturba, mas para mim é alegria até pra dormir.

Pesquisador(a): E o quê que é ruído?

JAO: Ruído é um som mal regulado, é um material frágil, né?

Pesquisador(a): Qual é o som do cotidiano do senhor?

JAO: Uma boa sanfona, um bom violão tocado.

Pesquisador(a): Nossa, que bacana. O quê que agrada o senhor e o quê que incomoda?

JAO: Não gosto de música de rap, me perturba, não gosto. Falou em sertanejo, música popular pra mim, aí sim eu adoro.

Pesquisador(a): Obrigada.

25. ENTREVISTA KRSO

Pesquisador(a): Você nasceu aqui em Goiânia?

KRSO: Sim.

Pesquisador(a): Você mora aqui?

KRSO: Moro, moro aqui também.

Pesquisador(a): Você conhece, você se reconhece em algum desses sons aqui?

KRSO: Conheço bastante o som da pamonha e o som do picolé, que passa na porta da minha casa toda semana. O som da coleta seletiva também. O som do picolé sim, eu passei muito tempo da infância correndo atrás desse carro, que nunca parava quando eu queria comprar o picolé.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

KRSO: Som, não depende de uma voz, mas de tudo aquilo que eu consigo ouvir, que eu consigo sentir através da minha audição.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

KRSO: Acho que poderia definir ruído como sons que a gente consegue ouvir, mas sem ter uma definição do que é.

Pesquisador(a): Como que geralmente é o seu som do cotidiano?

KRSO: Eu escuto música o tempo inteiro, para treinar, e os sons dos meus gatos, porque eu tenho muitos gatos em casa.

Pesquisador(a): Qual som do seu cotidiano te agrada e qual te incomoda?

KRSO: O que me incomoda são os sons dos vizinhos, quando eles vão fazer festas de madrugada, com as músicas extremamente altas. E o que me agrada mais são as músicas que eu escuto no dia a dia, e até os sons dos meus gatos eu adoro escutar.

Pesquisador(a): Obrigada.

26. ENTREVISTA CSC

Pesquisador(a): Têm alguns desses sons que você reconhece, cotidianamente, que você já escutou? Quais são?

CSC: Sim, inclusive quando eu estava chegando, não sabia se era o som das Caixas ou se era o som da própria cidade. Tem sons de feira, os gritos dos vendedores, os sons do estádio, para mim é um som bem característico do centro, aqui de Goiânia. Não sei se o centro de outras cidades vai ter essas características também. Mas pela minha vivência aqui na cidade, me lembra muito os sons de Goiânia.

Pesquisador(a): O que é som pra você, o quê que é ruído, o que tem de semelhante entre ambos ou de diferença que você consegue identificar?

CSC: Eu acho que o ruído vai ser um determinado registro sonoro, não necessariamente intencional. E o som teria uma intencionalidade.

Pesquisador(a): Tem algum som do seu cotidiano que está sendo exibido aqui?

CSC: Na verdade como som da rua mesmo, as coisas da rua, os barulhos dos cavalos, dos policiais, esses gritos dos vendedores. Nesse sentido, se relaciona meu cotidiano, um cotidiano de passagem, não necessariamente do local onde eu trabalho. O som que teria destaque no meu cotidiano seria som dos carros de som que passam na porta do meu trabalho.

Pesquisador(a): E de forma geral, esses ruídos te agradam, te incomodam?

CSC: Em geral, me incomodam. Essa questão dos vendedores, os anúncios, incomodam sim. Acho que tem um excesso de ruídos, e esses sons me incomodam um pouco. Porque eu gosto mais de silêncio, sem muita interferência de vários elementos.

Pesquisador(a): Obrigado pela sua participação.

27. ENTREVISTA DG

Pesquisador(a): Têm alguns desses sons que você reconhece?

DG: Eu já escutei todos. Sou familiarizado com todos eles.

Pesquisador(a): Você sabe identificar o que é som pra você e o quê que é ruído?

DG: Som é barulho, ruído, pra mim é a mesma coisa.

Pesquisador(a): Tem algum som ou algum ruído que normalmente de incomoda ou que te agrada no seu cotidiano?

DG: Me desagrada muito o ruído de vizinho. Vizinho arrumando a casa, arrastando cadeira, mesa, cama. É porque eu moro em prédio, então vizinhos de apartamento.

Pesquisador(a): Você é goianiense? Nascido e criado aqui?

DG: Sou, nasci na Vila Nova. Sou criado aqui.

Pesquisador(a): Muito obrigado pela sua contribuição pra essa pesquisa.

28. ENTREVISTA EJS

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som?

EJS: Por morar no centro durante cinco anos, o som do cara que bosta me chama atenção. Porque já é uma coisa que eu tive contato. O som dos torcedores também, porque eu moro em frente à plataforma do eixo Anhanguera onde eles descem pra ir para os jogos. Então sempre que tem jogo eu escuto os sons que eles fazem.

Pesquisador(a): E você poderia me conceituar o que é som pra você? O que você entende por som?

EJS: Acho que tudo que pode ser captado pelo ouvido da gente, até o tal do silêncio é um tipo de som.

Pesquisador(a): E se a gente for pensar no ruído?

EJS: Ah, o ruído é muito complicado porque ruído pode ser música também.

Pesquisador(a): Qual que é o som que você escuta mais no seu cotidiano, que você poderia comentar com a gente?

EJS: Os sons do eixo anhanguera, o barulho do metal raspando, o barulho do carro parecendo que vai desmontar, porta fechando. Acho que esse é o som mais presente.

Pesquisador(a): E o que te incomoda e ao mesmo tempo te agrada nesses sons que você escuta diariamente no seu cotidiano?

EJS: O incômodo ou não do som na gente, vai do estado de espírito. Quando você está mais tranquilo você consegue tolerar mais os sons, e quando você não está parece que determinado som te incomoda mais.

Pesquisador(a): Você é goiano mesmo, goianiense nascido aqui? Ou você vem de fora, como é que é?

EJS: Eu nasci em Anápolis.

Pesquisador(a): Ah, você é Anapolino. Tem quanto tempo que você está morando em Goiânia?

EJS: Sete anos.

Pesquisador(a): Você se reconhece goianiense ou se reconhece anapolino?

EJS: Agora me reconheço goianiense. Mas foi uma percepção que eu tive esse ano. Porque eu viajei pra outro lugar, pra São Paulo e quando as pessoas me perguntavam de onde eu era eu não me sentia confortável em falar que era de Anápolis. Isso faz pouco tempo, faz menos de um mês que eu percebi isso, e aí eu falava, sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Agradeço.

29. ENTREVISTA FAP

Pesquisador(a): A senhora identificou algum som que a senhora acha que é bem peculiar?

FAP: Está animado aqui agora. O espaço está sendo desperdiçado aqui nesse hotel.

Pesquisador(a): Tem algum som, por exemplo, lá da região que a senhora mora, ou algum local que a senhora transita que é muito peculiar, que a senhora não identificou aqui?

FAP: Eu já gosto de música romântica, então a música tem o seu valor. Hoje apesar dos meus oitenta e um anos, eu ainda tenho tantos sonhos pra realizar, pra ajudar os jovens, mas oportunidade o governo não oferece.

Pesquisador(a): Com relação a som, isso agrada a senhora de escutar esses sons, ou com relação a ruídos, a senhora acredita que parece que tem similar entre os dois ou de diferentes, que a senhora fala que isso é som ou é um ruído?

FAP: Não, o som tá bom. Tá ruim não.

Pesquisador(a): Tem algum som que a senhora escuta, que agrada muito a senhora?

FAP: Eu gosto muito do Zeca pagodinho. Tenho que ir. Obrigada.

30. ENTREVISTA JBO

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som?

JBO: Aqui é só coisa Goiana né, coisa de Goiás, a pamonha, o Vilaaa!!! É só coisa nossa mesmo.

Pesquisador(a): O senhor saberia me dizer o que é som pro senhor, e o que é ruído?

JBO: O som é gostoso, dá para entender, dá para ouvir, você sabe o que tá ouvindo. O ruído não dá para entender o que é, não dá pra definir. E o som você recebe a mensagem.

Pesquisador(a): Tem algum som do cotidiano do senhor que não tá sendo escutado aqui?

JBO: Lá na região onde a gente mora, tem um vendedor que passa dizendo: "*Requeijão, queijo! Requeijão, queijo, rapadura!*".

Pesquisador(a): E esse som do requeijão te agrada ou te incomoda?

JBO: Não, eu acho bom. Só que eu não comprei até hoje nem o requeijão e nem o queijo do vendedor. Só que o velhinho que grita, a voz dele é bem aguda, e dá pra ouvir de longe o que ele está dizendo.

Pesquisador(a): Tem quanto tempo que o senhor está em Goiânia? O senhor é daqui mesmo, mora aqui ou não?

JBO: Sou nascido aqui, sou criado aqui, vou morrer aqui, se Deus quiser.

Pesquisador(a): Agradeço o senhor pela opinião. Obrigado.

31. ENTREVISTA JLR

Pesquisador(a): O senhor é de Goiânia mesmo?

JLR: Sou, nasci aqui mesmo.

Pesquisador(a): O senhor reconhece algum desses sons?

JLR: É um tipo de música, não é sertaneja, mas é do nosso estado. Lembra daquele tempo mais antigo, aquelas músicas lá do sertão, então não me atrapalha muito não.

Pesquisador(a): E pensando nessa ideia de som, a gente pensa em e ruído, o senhor poderia me falar se existe alguma similaridade entre os dois ou alguma diferença? Se o senhor identifica o que é som e o que é ruído?

JLR: Quando eu estou dentro do meu carro, aí eu abro a janela vem todo tipo de som para o carro. E esse som? Eu adoro ele, gosto dele.

Pesquisador(a): Tem algum outro som que o senhor escuta diariamente que não tá passando aqui, que o senhor não tá escutando?

JLR: Se você for debater com som, com a juventude, com a criança, ou qualquer coisa, aí você tá enrolado. Você tem que evitar problema.

Pesquisador(a): Obrigada.

32. ENTREVISTA KRV

Pesquisador(a): Você reconhece algum desses sons do seu cotidiano?

KRV: O carro da pamonha, direto, esse apitinho (*pipipipipipi*) também, são sons que escuto muito na rua. São sons de vendas. Mas o meu dia a dia tem mais o da pamonha e o carro da reciclagem.

Pesquisador(a): Saberria me conceituar o quê que é som e o quê que é ruído?

KRV: Eu penso que o som seja mais definido, algo que a gente consiga identificar melhor. E o ruído já seria mais um barulho, que não dá pra identificar o que é.

Pesquisador(a): Qual o som do seu cotidiano?

KRV: Tem os sons de carros que passam na rua fazendo propaganda de supermercado. Então é um som bem cotidiano. Pelo menos semanalmente eu escuto esse som de propaganda de supermercado.

Pesquisador(a): Tem algum som que lhe agrada ou lhe incomoda?

KRV: Tem uma cantiga, nessa paisagem que ela escolheu, que ela identificou, que é uma cantiga, um sertanejo bem antigo, bem raiz, que eu gosto, eu gosto bastante. E o que me incomoda são essas propagandas, esses gritos, até o carro da pamonha me incomoda. Mas a sirene do reciclável não me incomoda.

Pesquisador(a): Você é goianiense, nascida e criada aqui?

KRV: Sim, sou nascida e criada aqui em Goiânia, na capital de Goiânia.

Pesquisador(a): Muito obrigado pela sua entrevista, pela sua opinião.

KRV: Eu que agradeço. Obrigada.

33. ENTREVISTA MPG

Pesquisador(a): A senhora reconhece algum desses sons?

MPG: Muito chato esse barulho, muito ruído, muito ruim.

Pesquisador(a): Então pensando nessa ideia de ruído, a senhora saberia me identificar por exemplo, o que é som pra senhora e o quê que é ruído?

MPG: Não, é só porque incomoda muito. Olha aí que chato, Deus me livre.

Pesquisador(a): Então ambos seria esse incômodo, tanto ruído quanto som, ou a senhora acredita que um deles não lhe causaria tanto incômodo.

Pesquisador(a): E tem algum som do cotidiano da senhora que é muito presente?

MPG: Perto da minha casa, o som de um passarinho cantando, quando eu passo lá, e ele está cantando, é ótimo, eu falo "nossa, eu estou no lugar certo". Todo dia ele está lá.

Pesquisador(a): E esse som desse passarinho te agrada muito? Ao contrario desses sons que estão reverberando aqui no momento.

MPG: Aí, tem vez que você está andando aqui nessas ruas do centro, tem alguém gritando, pelo amor de Deus, eu prefiro passar pro outro lado da rua, porque incomoda muito.

Pesquisador(a): A senhora é goianiense? Nascida e criada aqui? Tem quanto tempo?

MPG: Sou, sim. Quarenta e seis anos mais ou menos.

Pesquisador(a): Muito obrigado.

34. ENTREVISTA RPB

Pesquisador(a): você reconheceu algum desses sons?

RPB: Reconheci o som do estádio de futebol, o som da feira, de uma feirante, na verdade, acho que não foi de uma feira toda, mas de uma feirante. E reconheci de umas mulheres que cantam, não sei se é folia de reis.

Pesquisador(a): Com relação a esses sons, por exemplo, você tem alguma conceituação pra você de som e de ruído?

RPB: Na verdade como artista, porque eu também sou ator, pra mim, o ruído é um tipo de som, eu vejo e acredito que o som é algo maior, na minha percepção e o ruído está dentro da família do som. E o ruído é aquilo que incomoda, não só no sentido ruim, mas ele chama mais a atenção, incomoda mais o corpo. Porque pode ser um ruído alto, pode ser um ruído baixo, então depende da intensidade do ruído. Mas eu acredito que o ruído está dentro do som.

Pesquisador(a): E tem algum som, que você identifica lá na sua região, que você acha que é bem presente e não esteja sendo exibido aqui?

RPB: Som de passarinhos.

Pesquisador(a): E tem algum som que te agrada e algum som que te incomoda, especificamente?

RPB: Quando é som de cidade acho que vários sons se casam, mas uma buzina muito constante me incomoda bastante.

Pesquisador(a): Você disse que mora em uma cidade agora né? Qual a cidade? Você morava em Goiânia?

RPB: Taquaral de Goiás. Morei em Goiânia muito tempo, aí terminei o mestrado e voltei pra Taquaral.

Pesquisador(a): Mas você é daqui de Goiânia ou você é nascido em Taquaral?

RPB: Não, eu sou nascido em Taquaral.

Pesquisador(a): Morou quanto tempo em Goiânia?

RPB: Eu morei em Goiânia cinco anos em Goiânia, mas já tem uns dez, doze anos que eu saí de Taquaral.

Pesquisador(a): Muito obrigado pela sua participação.

RPB: Eu que agradeço.

35. ENTREVISTA PORBS

Pesquisador(a): Tem algum desses sons aí que você reconhece, no seu dia a dia?

PORBS: Tem.

Pesquisador(a): Algum som específico que te chamou atenção?

PORBS: Som de carro, feira, estádio.

Pesquisador(a): Você saberia me conceituar na sua visão, o quê que você entende por som ou que você entende por ruído?

PORBS: O ruído é desagradável, e som totalmente diferente. A verdade é que som e ruído são a mesma coisa.

Pesquisador(a): Tem algum som ou algum ruído que te chama atenção, lá na localidade onde você mora?

PORBS: Som automotivo muito alto, minha vizinhança ama isso, então isso me incomoda bastante.

Pesquisador(a): E tem algum som que te agrada por exemplo, que você escuta muito lá, que você escutou aqui, que te agrada bastante?

PORBS: Acho que só a paz, som de passarinho, esse é o único som que eu queria ouvir. Acho que agradaria todo mundo.

36. ENTREVISTA NPS

Pesquisador(a): A senhora reconhece algum desses sons que estão passando aí?

NPS: Sim, sim. O som que chama mais a atenção é o da coleta seletiva, que eu me lembrei, e aquele que vende cocô. Porque eu já vi ele nas feiras.

Pesquisador(a): O que a senhora entende por som e ruído ?

NPS: Bom, para mim o ruído é o barulho dos carros, é o som de avião, ônibus, essas coisas, o ruído eu acho que ele incomoda. O som é uma coisa boa, e não é tudo que emite som, eu acho.

Pesquisador(a): Tem algum som do cotidiano da senhora que te agrada, ou até mesmo que incomoda?

NPS: Tem o som dos pássaros, onde eu moro tem som de pássaros que aqui não tem, ainda não ouvi.

Pesquisador(a): Que região que a senhora mora, aqui em Goiânia?

NPS: Eu moro saída de Guapó, na GO-060 então pra lá ainda tem alguma vegetação e arvores. Sou daqui.

Pesquisador(a): Agradeço a senhora , por ceder essa entrevista.

37. ENTREVISTA ES

Pesquisador(a): A senhora reconhece algum desses sons?

ES: Não, reconheço não. Sou muito de barulho não.

Pesquisador(a): E pensando nessa ideia de barulho que a senhora acabou de falar, a senhora saberia me falar uma distinção, quê que a senhora entende por som e por ruído?

ES: Pra mim é só poluição viu. Tudo é poluição.

Pesquisador(a): Tem algum som característico que a senhora escuta assim, diariamente?

ES: Som de serralheria, porque eu moro próximo da serralheria então incomoda um pouco.

Pesquisador(a): Tem alguma coisa que lhe agrada nesses sons que a senhora escuta diariamente ou não, mais incomodo mesmo?

ES: Mais é incomodo.

Pesquisador(a): A senhora fica agoniada com isso?

ES: É cansativo. Porque é rotineiro pra mim. Se fosse só de vez em quando, mas não é.

Pesquisador(a): A senhora é de Goiânia mesmo?

ES: Sou daqui!

Pesquisador(a): Nascida e criada aqui?

ES: Aqui.

Pesquisador(a): obrigado.

38. ENTREVISTA LLTM

Pesquisador(a): A senhora mora em Goiânia, nasceu aqui?

LLTM: Uai, sim.

Pesquisador(a): A senhora reconhece algum desses sons?

LLTM: Uai, um berrou aí e eu reconheci. As vezes a gente escuta som de feira, eu também sou feirante. Tem um homem lá que a gente escuta, no final da feira, "*um reaaaaaaaal*" e fica desse jeito assim. Aí chove de gente na banca dele. Ele fala uma ladainha tão grande que você morre de rir.

Pesquisador(a): O que é som para a senhora e o que é ruído?

LLTM: Ruído para mim, é ruim. Porque eu tenho labirintite, vai no meu ouvido assim que eu tenho que tampar os ouvidos pra não escutar o ruído, quem tem labirintite não aguenta som muito alto.

Pesquisador(a): Tem algum som que a senhora escuta muito lá na região da senhora, que não está passando aqui?

LLTM: Só dos passarinhos porque lá em casa tem uma tunda de passarinho, eles sobem no pé de manga. Esse aí é o som da coleta. Mas tem um passarinho que canta que é uma maravilha, e eu gosto de escutar o canto dele.

Pesquisador(a): E isso agrada muito a senhora?

LLTM: Isso agrada muito. Agora quando os cachorros começam a latir de mais, isso acho ruim, não gosto. Penso que é ladrão no quintal, aí incomoda e eu já fico atenta.

Pesquisador(a): Obrigada.

39. ENTREVISTA ADR

Pesquisador(a): De que lugar de Goiânia que você é?

ADR: Sou goianiense. Eu atualmente moro ali na região de Campinas.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons que você ouviu aqui?

ADR: São sons bem peculiares aqui da capital né, da feira mesmo, do estádio de futebol, então são sons que ultrapassam seu cotidiano, atravessa o corpo, então são sons bem peculiares, são sons que a gente está acostumado mesmo, ao transitar por Goiânia, andar pelo centro, ou quando você vai na pecuária, são sons que a gente reconhece mesmo.

Pesquisador(a): O quê que é som pra você?

ADR: Então, tudo que produz uma certa sonoridade, é som. Tudo que incorpora algo que é audível, pra mim é som. Tudo que é audível é som. Eu tenho um conceito bem geral de som.

Pesquisador(a): Pra você, tem alguma diferença entre som e ruído?

ADR: O que incomoda é barulho, ruído, barulho que incomoda, aquele som que desagrada sua audição isso a gente determina como ruído. O som seria tudo que é audível, como diz o ruído também é um som, o barulho também é um som.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

ADR: Então lá em casa, como eu falei, na região de campinas, tem muito som de cachorro, e é também uma região de periferia, então as crianças soltam muitas bombinhas. Tem som de carro passando, de igreja anunciando culto, isso é muito comum no setor.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda no sons do seu cotidiano?

ADR: Os sons do cotidiano da gente, não tem como fugir deles, as vezes me desagrada um ou outro, mas não tem como você fugir, acaba que isso as vezes faz parte também de você, do seu local, da sua história, então você acaba incorporando isso, é algo que você conta suas histórias através do som, suas memórias. Agora gosto do som de passarinho, eu morei no interior um tempo, então isso é muito mais evidente do que aqui na capital, esses sons de passarinho, de periquito, de papagaio

40. ENTREVISTA AKAR

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

AKAR: Sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Esses sons que você tá ouvindo, você se identifica com algum? Você reconhece em algum deles?

AKAR: Todos os sons que a gente escuta aqui na instalação, a gente se reconhece um pouco, não é? Som de feira a gente escuta e lembra, do pastel. O som de estádio de futebol para quem gosta de futebol, assiste futebol, vai lembrar. Então, acho que todos os sons reproduzidos aqui, a gente escuta todos os dias.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

AKAR: Então o som, é aquilo que a gente escuta, sente, e se reconhece.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

AKAR: Ruído é aquele som que as vezes a gente não reconhece.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

AKAR: No trabalho, barulho de computador o tempo todo.

Pesquisador(a): No seu cotidiano, quais os sons que te agradam e quais os sons que te incomodam?

AKAR: O som que mais me agrada é música. O que me incomoda é aquele som da tecla de computador.

41. ENTREVISTA CC

Pesquisador: O senhor é de Goiânia?

CC: Sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Desses sons que o senhor ouviu, o senhor se reconhece em algum deles?

CC: Reconheço sim, só de ouvir.

Pesquisador(a): E no cotidiano do senhor, quais os sons que agradam e os sons que desagradam o senhor?

CC: Gosto daquelas musicas de moda de viola, raízes. Hoje não passa mais na radio, só raramente. O povo hoje não gosta mais disso, gosta mais é de som de balada.

42. ENTREVISTA DARM

Pesquisador(a): desses sons que você ouviu, você se reconhece em algum deles?

DARM: Uai, não. Ouvi só uns gritos, muitas pessoas conversando ao mesmo tempo, musicas, e o que eu reconheci.

Pesquisador(a): O que é ruído?

DARM: Ruído, pra mim é aquele chiado, música e chiado ao mesmo tempo. Uma pessoa está cantando e ao mesmo tempo tem um outro barulho junto, uma pessoa gritando, isso seria ruído.

Pesquisador(a): E o que é som?

DARM: Som, pra mim é a música e só.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

DARM: O som do meu cotidiano, é muito som de pessoas conversando, eu trabalho em lugar muito desordenado, sempre tem muita gente conversando, o que eu escuto durante o dia na maior parte do meu dia é esse som de pessoas falando.

Pesquisador(a): Dos sons do seu cotidiano, quais são os sons que te agradam e os que te incomodam?

DARM: Eu já acostumei com pessoas conversando, então pra mim não tem problema. O som que me incomoda é de celular, tira a concentração quando eu trabalho.

Pesquisador(A): a senhora nasceu em Goiânia?

DARM: Nascida e criada na região.

43. ENTREVISTA ENM

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

ENM: Não, eu sou baiana mais há trinta anos moro em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som desses que você ouviu?

ENM: Sim, vários deles. Então é muito típico da cidade.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

ENM: Som é tudo que eu escuto, tudo que consigo ouvir.

Pesquisador(a): Pra você tem alguma diferença entre som, ruído e barulho?

ENM: Som é tudo que eu escuto, eu imagino que o ruído é algo que me desagrada e de difícil identificação.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

ENM: Eu trabalho muito com dança, então tem vários sons, mas do cotidiano mesmo, eu ouço muito vendedor na rua, na pecuária, quando a gente vai ouvir as músicas, que lembra muito o Nordeste que lembro de onde eu nasci, na Bahia.

Pesquisador(a): Quais os sons do seu cotidiano, que te agradam e te incomodam?

ENM: Bom, os sons que me agradam estão muito relacionados com as músicas que eu gosto de ouvir. Eu não gosto de ambiente silencioso. O som que me incomoda no meu cotidiano é som de propaganda de supermercado, quando você está dormindo em casa e passa o carro de som fazendo esse barulho, isso me incomoda muito.

44. ENTREVISTA EAR

Pesquisador(a): O senhor é daqui de Goiânia?

EAR: Eu sou de Goiás, sou do interior, mas tem quinze anos que eu moro em Goiânia.

Pesquisador(a): O senhor se identifica com algum desses sons?

EAR: Por exemplo, esse primeiro que tocou aí (*se referindo ao som do repentista*), eu me identifico sim, apesar de não ser goiana, mas eu gosto muito do repente nordestino.

Pesquisador(a): o que é som para o senhor?

EAR: Som, para mim é uma coisa que faz parte do divertimento.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

EAR: Ruído é uma coisa que incomoda a gente.

Pesquisador(a): Qual que é o som do cotidiano do senhor?

EAR: Som de música raiz, música sertaneja.

Pesquisador(a): No cotidiano do senhor, quais são os sons que agradam e quais os sons que te incomodam?

EAR: O que me incomoda é som alto, ou alguém que interrompe uma conversa da gente.

45. ENTREVISTA LNF

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

LNF: Sou daqui mesmo, moro no Vera Cruz, perto ali de Trindade.

Pesquisador(a): Destes sons que você escutou, tem algum que você se reconhece nele?

LNF: Sim, o som do ônibus, coisa do nosso cotidiano mesmo, o barulho da coleta coletiva, alguns ruídos dentro do ônibus.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LNF: Som é tudo aquilo que traz uma sensação, uma sensação que a gente pode sentir.

Pesquisador(a): Pra você tem diferença som, barulho, ruído?

LNF: Tem, ruído acho que incomoda mais. Som é o que faz a gente lembrar de coisas boas. Acho que ruído atrapalha.

Pesquisador(a): E como que é o som do seu cotidiano? Como você identificaria o som do seu cotidiano?

LNf: Bem urbanizado né, com barulho de carro, moto, nosso meio mais urbano mesmo.

Pesquisador(a): E desses sons, qual te incomoda e qual te agrada?

LNf: Me agrada o som da natureza, barulho de pássaros, essas coisas. E o que desagrada é o barulho de carro, de propaganda.

46. ENTREVISTA LCSO

Pesquisador(a): você é de Goiânia?

LCSO: Sim.

Pesquisador(a): Você mora onde em Goiânia?

LCSO: Nasci e vivo aqui desde então.

Pesquisador(a): você se reconhece em algum desses sons que você ouviu aqui?

LCSO: Sim, alguns. Lembro do da coleta seletiva, que antes passava no meu bairro, e agora não passa mais. De torcida, barulho de cidade grande mesmo, gente vendendo coisa, pássaros.

Pesquisador(a): O que é som?

LCSO: É aquilo que a gente identifica com a audição, é tão difícil de explicar. É o que faz barulho.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

LCSO: É um barulho, só que você não identifica que barulho é esse, o quê que é.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

LCSO: Som de carros, som de pessoas, pessoas conversando dentro do ônibus, eu pego muito ônibus.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te desagrada no som do seu cotidiano?

LCSO: O que me desagrada é que algumas pessoas extrapolam um pouco na hora de fazer muito barulho e não levam em consideração as pessoas que estão perto dela. E o que me agrada é o som da cidade, dos carros passando, quando vocês passam na frente das lojas e eles estão anunciando. Aí tem as músicas para atrair os clientes, isso me agrada. Eu gosto do som da cidade.

47. ENTREVISTA WRM

Pesquisador(a): o senhor é de Goiânia?

WRM: Goiânia.

Pesquisador(a): O senhor se identifica ou reconhece alguns desses sons?

WRM: Só com o som do picolé, venda de sorvete que passa na porta de casa.

Pesquisador(a): O que é som pro senhor?

WRM: Depende, alguns incomodam e outros não.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

WRM: Um som alto.

Pesquisador(a): e qual é o som do cotidiano do senhor?

WRM: Eu fico muito tempo no centro da cidade, me acostumei com esses sons aqui.

Pesquisador(a): E aqui no cotidiano do senhor, o quê que incomoda e o quê que agrada?

WRM: Pra falar a verdade, nada incomoda mais, acostumei já.

Pesquisador(a): Tem alguma coisa mais sobre som que o senhor gostaria de falar?

WRM: Mais não. Só estava curioso mesmo de saber o que era essa Caixa de som.

Pesquisador(a): Tá bom então, muito obrigado.

48. ENTREVISTA VS

Pesquisador(a): A senhora é daqui de Goiânia?

VS: Sou, moro aqui.

Pesquisador(a): A senhora se reconhece em algum desse sons que a senhora ouviu?

VS: Conheço aquele (*bipe da coleta seletiva*)...

Pesquisador(a): O que é som pra senhora?

VS: Som é uma coisa que enche a vida da gente.

Pesquisador(a): E o que é ruído na opinião da senhora?

VS: Ruído, é quando a cabeça dói. Perturba, quando eu sei que perturba.

Pesquisador(a): Qual é o som do cotidiano da senhora?

VS: Uai, uma música legal, pra mim é isso.

Pesquisador(a): No cotidiano da senhora, quais são os sons que agradam e quais os que incomodam a senhora?

VS: Que me incomoda, aquele que bate um negócio na parede.

49. ENTREVISTA JMS

Pesquisador(a): A senhora nasceu e mora em Goiânia?

JMS: Sim.

Pesquisador(a): você se reconhece em algum desses sons? Por quê?

JMS: Sim. Porque eu uso o transporte coletivo e essas pessoas que falam alto nesse som (se referindo ao som reproduzido na instalação), fazem o trabalho delas de venda no coletivo. (escuta o som do hino de torcida de futebol) Som de time de futebol? Quando eu vejo a torcida do time do Vila Nova, por exemplo, no ônibus do Eixo Anhanguera, eu saio correndo no próximo ponto.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

JMS: Som, depende. Tem uma variedade de sons, som musical e som de produção sonora. Som é o que quebra o silêncio. Qualquer movimento, vento, pedestre, trânsito veículo, gera som.

Pesquisador(a): O que é ruído?

JMS: Ruído, é um som insuportável.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

JMS: É esse, é o ruído da cidade. Poluição sonora o tempo todo. Inclusive uma das resistências de não mudar por centro da cidade é de trocar o silêncio de onde eu estou pelo ruído do centro.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que incomoda nos sons do seu cotidiano?

JMS: Ah, o que me agrada é ver a cidade em movimento e estar inserida nesse contexto.

O que não gosto é porque as vezes eu quero ter um momento de silêncio, porque eu estudo e não tenho.

50. ENTREVISTA LMS2

Pesquisador(a): Você é goianiense?

LMS: Sou.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som?

LMS: Eu acho que é uma história né? Acredito que não tem muito a ver com a gente.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LMS: Som para mim é ter palavras bonitas.

Pesquisador(a): O que seria ruído então pra você?

LMS: O que está acontecendo aqui agora. São ruídos. Porque é o som de várias pessoas falando ao mesmo tempo.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

LMS: Eu gosto muito do sertanejo antigo.

Pesquisador(a): E esse sons fazem parte do seu cotidiano?

LMS: Não.

Pesquisador(a): Quais sons do seu cotidiano que te agradam e quais que te incomodam?

LMS: Nenhum.

Pesquisador(a): Muito obrigada.

51. ENTREVISTA MGP

Pesquisador(a): você é de Goiânia?

MGP: Sim.

Pesquisador(a): Mora aqui?

MGP: Sim.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som e por quê?

MGP: Eu sou músico e sempre observo muitas coisas. Ouvindo essa instalação eu fui deslocado para cada ambiente, escutei cavalo e fui deslocado para uma cidade de interior. Então pra mim, tá massa, estou gostando.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

MGP: Som, tudo que eu possa escutar. Essa musiquinha mesmo (*sirene da coleta seletiva*), direto eu fico brincando com ela, fico fazendo som de trompete, pra imitar.

Pesquisador(a): O quê que é ruído sonoro?

MGP: O ruído, seria algo que produz algum som. Como por exemplo um vidro, quando você pega uma chave, então tem que ser materiais que deem um timbre que não tá relacionado a música, não tá relacionado a outras áreas. Por brincar com a folha, isso é ruído.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

MGP: Ônibus, carro, árvores, pássaros, quase todo dia eu acordo com um. Quando eu não vou pra faculdade, eu acordo um pouquinho mais tarde e sempre tem um pássaro cantando na minha janela, no muro, porque onde eu em moro, sempre tem um pássaro que para na janela.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda no som do seu cotidiano?

MGP: Geralmente o que mais incomoda é quando tem som de construção. Dai não era só o barulho da construção porque tinha tremores, e isso me incomodou pra caramba, porque fazia barulhos bem irritantes.

Pesquisador(a): E o que te agrada?

MGP: Ah, eu gosto de tudo basicamente. De carro em movimento, samba urbano, eu gosto dessa ideia. Tem um filme, o som do coração que traz um pouco disso, eu gosto bastante, apesar de ser muito romântico, mas eu acho que pra quem gosta de som é basicamente isso.

52. ENTREVISTA CGC

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

CGC: Sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Nasceu aqui e viveu aqui sempre?

CGC: Nasci aqui, sempre morei aqui.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons?

CGC: A maioria dos sons que estão sendo reproduzidos fazem parte da minha história, da história da minha memória, aqui mesmo dentro de Goiânia.

Principalmente ao andar no centro, os sons mais atuais como o som do caminhão da

reciclagem eu já reconheço como um som de dentro da minha casa, mas esses que tem um grito, que estão vendendo alguma coisa, são sons que eu lembro da minha infância.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

CGC: O som pra mim é algo diretamente ligado a audição. Tudo que eu ouço é som.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

CGC: É algo que me incomoda muito. Música alta me incomoda, som de multidão.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

CGC: Telefone tocando, rádio no carro, conversas em família, como eu trabalho em instituição de ensino, sons de pessoas conversando, sons de alunos conversando.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

CGC: Me agrada muito o som do carro quando estou ouvindo notícias no rádio.

Conversas individuais em ambientes silenciosos me agradam também. E o que me incomoda são os ruídos, sons que são muito altos, muito confusos de entender, isso me desagrada.

53. ENTREVISTA CAA

Pesquisador(a): você é de Goiânia?

CAA: Não, sou de Manaus.

Pesquisador(a): Faz quanto tempo que você mora aqui?

CAA: Olha, na verdade vai fazer quatro. Eu já gosto daqui porque aqui é igual minha cidade, quentinho, cheio de plantas, de árvores. Porque você sabe que em Manaus é cheio de árvores né? E aqui é quase igual.

Pesquisador(a): A senhora escutou um pouquinho desses sons, a senhora se reconhece em algum deles?

CAA: Não. Aqui o pessoal oferece mercadoria na rua.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

CAA: O som diz muita coisa, no meu caso como eu trabalhava com vendas, eu tinha um som da minha venda e eu passava isso para as pessoas.

Pesquisador(a): O que é ruído pra você?

CAA: Ruído pode ser uma zoadá. Não sei explicar direito.

Pesquisador(a): Então vou fazer outra pergunta, qual que é o som do seu cotidiano?

CAA: Eu já acordo cantando, eu adoro. Então isso me ajuda muito, porque eu tive um câncer e eu sofri muito com isso, e eu perdi meu cabelo, meu dente, minha pele ficou cheia de ferida, fiquei em uma situação muito horrível da minha vida.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do cotidiano?

CAA: Eu acho que dependendo do som que você ouve, se for o som de uma música boa, isso ajuda muito.

Pesquisador(a): O quê que te incomoda?

CAA: É gritaria, eu não gosto.

54. ENTREVISTA DSC

Pesquisador(a): O senhor nasceu em Goiânia?

DSC: Não, sou baiano.

Pesquisador(a): o senhor veio para Goiânia criança?

Entrevistado: Em mil novecentos e cinquenta e um.

Pesquisador(a): O senhor morou aqui quantos anos?

DSC: Trinta e cinco anos. E agora estou em Cuiabá.

Pesquisador(a): O senhor se reconhece em algum som da instalação? Por quê?

DSC: Até agora num reconheci nenhum ainda não. Nenhum som.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

DSC: O som é alegria para mim, alegria.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro?

DSC: Ruído sonoro é barulho, muito barulho. Buzina de carro, som de máquinas, aquela trituradora ali na calçada, pra mim tudo é ruído.

Pesquisador(a): Qual é o som do cotidiano do senhor?

DSC: Eu gosto muito de músicas nordestinas, forrós, gosto de bossa nova. Mas não lembro de nenhum som que me marcou não.

Pesquisador(a): Então me fala outra coisa, o que agrada o senhor e o que incomoda o senhor no som do seu cotidiano?

DSC: O que agrada pra mim é conversar com uma pessoa igual a você, alegre, simpática, isso me agrada demais. O que eu fico triste é com pessoas mal humoradas, se não está bom pra mim, eu me afasto, eu não vou ficar corrigindo as pessoas de jeito nenhum.

55. ENTREVISTA TLR

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

TLR: Sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som? Por quê?

TLR: Eu reconheço aquele som do "*olha a bosta, P, M e G*", sempre gostei daquele tipo de anúncio do vendedor com essas bostas, para mim é o máximo. O dia que eu conheci me marcou. Eu sempre ia na Feira Hippie, e sempre teve esse vendedor com essas bostas, nunca tive vontade de comprar, mas ver aquilo era o máximo.

Pesquisador(a): Tem algum outro som que você reconhece?

TLR: Aquela da musiquinha do descartável, de coleta seletiva, também reconheço aquela.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

TLR: é tudo que você escuta, tudo que tem no ambiente, no ambiente que está ao seu redor. Som pra mim é tudo, é buzina do carro, é alguém caminhando com o sapato fazendo barulho, agora que está passando propaganda, é tudo que a gente ouve. Quem tem uma audição boa, as vezes vê até certas coisas lá de longe. Tem gente que é aguçado na audição. Tem gente que ouve de longe, eu não tenho essa habilidade.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

TLR: Ruído sonoro é aquele barulho que incomoda. Pra mim é aquele que, aquele sonzinho mesmo que tá passando aqui, fazendo aquele barulhinho no chão (se referindo a *britadeira*). Aquilo ali é um som ruim que me incomoda.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

TLR: Na verdade levanto com um barulho do galo. Eu tenho um quintal grande, tem galo lá no fundo. Meu cotidiano é o som do galo, os vizinhos brigando um com o outro.

Pesquisador(a): O que te incomoda e o que te agrada no som do seu cotidiano?

TLR: Me incomoda as brigas dos vizinhos. Brigas, gritos, carro no ultimo som, no último volume. E o que me agrada, música clássica, musica MPB, essa me agrada.

Pesquisador(a): É isso, muito obrigada.

56. ENTREVISTA AFF

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

AFF: Sou.

Pesquisador(a): Vou fazer cinco perguntas pra você, sobre sons do seu cotidiano e sobre sons que estão sendo exibidos aqui. Você se reconhece em algum som? Por quê?

AFF: Eu reconheço todos os sons porque fazem parte da minha vivência desde pequena na cidade. Me traz memórias, parece que toda a minha vida eu escutei esses sons. Esse por exemplo (*som do anúncio da venda do picolé*), me lembra um pouco a infância, eu andando pelas ruas de Goiânia, ouvindo esses trovadores né, o som da coleta seletiva, é constante, mesmo que você esteja fazendo outras coisas, isso está lá no seu subconsciente até, porque, você tá prestando atenção, às vezes assistindo uma TV, prestando atenção, ouvindo uma música, mas esse som tá lá. Entra no meio do seu som,.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

AFF: Som, é vibração. E som é a relação entre o silêncio e essas ondas. Porque o silêncio também é importante. Então ao se constituir o som, ele se intercala entre vibrações e silêncios.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro?

AFF: Ruído sonoro é tudo que sobrepõe a outros sons. Teoricamente é tudo aquilo que não é muito musical, mas é aquilo que vai se sobrepondo. Porque até música quando se sobrepõe de mais a outras, outros sons, acaba sendo ruído.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

AFF: Eu gosto muito do silêncio, mas também eu gosto muito de música. É sons da rua mesmo, porque eu estou em constante movimento.

Pesquisador(a): Qual a sua profissão?

AFF: Eu sou musicista, eu sou educadora de música.

Pesquisador(a):. O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

AFF: Por exemplo, sons muito graves, quando por exemplo passa o carro. Aquilo machuca os ouvidos, porque de certa forma, esse som grave com ondas são mais lentas, parece que incomoda mais. Mas os sons muito estridentes, muito agudos também irritam, traz irritabilidade. Então, tudo tá no extremo, alarme de um carro, aquilo que fica constante o tempo todo.

57. ENTREVISTA DV

Pesquisador(a): O senhor é goianiense?

DV: Não. Sou mineiro.

Pesquisador(a): Faz tempo que o senhor mora em Goiânia?

DV: Cinquenta anos.

Pesquisador(a): O senhor se reconhece em algum desses sons? E por quê?

DV: Eu reconheço muitos. Porque na verdade a música é uma psicologia. A pessoa conforme a música, conforme a situação, ela melhora aos poucos.

Pesquisador(a): O senhor reconhece o som das pessoas cantando na rua? Tem mais algum que o senhor já ouviu por aqui e reconhece?

DV: Não. Só lembro do sorveteiro. "*olha o picolé, dois por um real!*" Se não tem dois reais, leva uma cartela do Silvio Santos e paga.

Pesquisador(a): O que é som pro senhor?

DV: Pra mim som é um termo assim de alegria, um termo de comover o coração da gente.

Pesquisador(a): O que é ruído pro senhor?

DV: Ruído é aquilo que não tem sentido nenhum.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

DV: Antigamente era, Nelson Gonçalves, Davi Peixoto, era o Vicente Celestino, hoje é som de evangélico, graças a Deus.

Pesquisador(a): O quê que te agrada e o que te incomoda no som do seu cotidiano?

DV: O som quando é muito alto e não tem ruído nenhum, é bonito.

58. ENTREVISTA JPCL

Pesquisador: você, se reconhece em algum desses sons?

JPCL: Sim. Do Vila Nova no estádio, da cavalaria também, eu já vi as pessoas tocando na rua, esses tipo de coisa. Dá pra reconhecer isso daí, as pessoas fazendo propaganda na rua.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

JPCL: Qualquer ruído, barulho, esses caras mesmo quebrando o chão, as máquinas fazendo barulho.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

JPCL: É um barulho uma coisa não definida.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

JPCL: Ônibus passando na rua, pessoa gritando querendo vender coisa ali, vender *chip*.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda no som do seu cotidiano?

JPCL: Ah nenhum me agrada. Só escuto música no fone de ouvido mesmo.

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

JPCL: Sim.

Pesquisador(a): obrigado.

59. ENTREVISTA JAS

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

JAS: sim.

Pesquisador(a): você se reconhece em algum som desses?

JAS: Do trânsito, do dia a dia, da correria.

Pesquisador(a): O quê que é som pra você?

JAS: Barulho.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

JAS: Ruído? O que você escuta.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

JAS: Buzina de carro, som de vizinha, passarinho.

Pesquisador(a): O que agrada e o quê que incomoda você no som do cotidiano?

JAS: Vizinho enchendo o saco.

Pesquisador(a): Isso incomoda. E o que agrada?

JAS: Uma musica boa.

Pesquisador(a): você se reconhece em algum desses sons que tá tocando?

JAS: Isso passa na porta de casa todo dia. Picolé, enjoado demais da conta. Tem hora que enjoa.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

JAS: Som pra mim é algo bom.

Pesquisador(a): O que é ruído?

JAS: Ruído é um som estridente que chega até a doer o ouvido da gente.

Pesquisador(a): obrigada.

60. ENTREVISTA JSIC

Pesquisador: Você se reconhece em algum desses sons?

JSIC: Não.

Pesquisador: o senhora mora em Goiânia?

JISC: Não, eu não sou de Goiânia.

Pesquisador: O que é som pra você?

JISC: Barulho

Pesquisador: O é ruído pra você?

JISC: Barulho também.

Pesquisador: Qual que é o som do seu cotidiano?

JISC: motor de ônibus e caminhão.

Pesquisador: Obrigado.

61. ENTREVISTA DJ

Pesquisador(a): Faz quando tempo que o senhor mora em Goiânia?

DJ: Seis meses.

Pesquisador(a): O senhor é da onde?

DJ: Buenos Aires, Argentina.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

DJ: Som, são ondas sonoras, captadas no ar, e na parte teórica. Na parte pratica, são sons do dia a dia, são músicas, canções, o que movimenta o ser humano é o som.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

DJ: Ruídos sonoros são segmentos do som, não sei se tu me compreende.

Pesquisador(a): Um exemplo?

DJ: Um exemplo, um despertador, um barulho de ônibus, uma caneta caindo no chão.

Pesquisador(a): Quais são os sons do seu cotidiano?

DJ: Os sons da cidade, da casa, do campo, meu cotidiano.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

DJ: Buzina, xingamento pelas ruas de pessoas estressadas, é o que me incomoda.

Pesquisador(a): E o que te agrada?

DJ: Som de pessoas conversando, canto do sapo, pássaros, por aí vai.

Pesquisador(a): O senhor conseguiu ouvir alguns desses sons?

DJ: De telefone, de pessoas conversando, creio que misturando com as das ruas, canções.

Pesquisador(a): O senhor identifica alguns desses sons? E o se reconhece neles?

DJ: Assim, do meu dia a dia, do cotidiano. Alguns sim.

Pesquisador(a): Quais?

DJ: De diálogos de pessoas, de pássaros.

Pesquisador(a): É isso. Obrigada.

62. ENTREVISTA VACT

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

VACT: Não, sou do interior.

Pesquisador(a): Faz quanto tempo que você mora aqui?

VACT: Eu moro em Goiânia há sete anos.

Pesquisador(a): você se reconhece em algum som? Por quê?

VACT: De moro geral, um pouquinho em cada um. Porque esse goianês está nas veias da gente não adianta, mesmo que seja um som mais eclético, mais camponês, mais ritualístico, mais simples, a gente se reconhece um pouquinho em cada desfecho. A voz da feira, da torcida, dos transeunte, de modo geral me reconheço

um pouquinho em cada detalhe. Faz parte do cotidiano, faz parte da gente que vem da roça, literalmente, do interior, da escola, do dia a dia, um pouquinho de cada.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

VACT: Som para mim é todo ruído de modo geral, a partir do momento que tem um objeto cai, o som dos meus passos, movimentos do ar. Som pra mim é tudo, qualquer tipo de barulho.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

VACT: A mesma resposta. Respondi antecipadamente. Acho que a mesma resposta vai te atender nessa pergunta.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

VACT: É barulho do trânsito, chegar no trabalho, o bom dia do colega, o ate logo. E o aluno arrastando cadeira, quando não é o meu filho é eu fazendo alguma coisa.

Pesquisador(a): Qual que é seu trabalho?

VACT: Sou professora.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda no som do seu cotidiano?

VACT: Eu acho que o excesso de som. Esses agudos, de repente vem um "bum". Se estou em uma avenida mais movimentada, me incomoda o barulho dos carros.

Pesquisador(a): É isso.

VACT: Obrigada.

63. ENTREVISTA UFC

Pesquisador(a): O senhor é goianiense?

UFC: Sim.

Pesquisador(a): Nasceu, cresceu?

UFC: Nasci em Goiânia, sou goianiense.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som? Por quê?

UFC: O som do gás, aquela o propaganda da bosta, porque é uma coisa comum daqui.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

UFC: Barulho né, dependendo de como ficar. Isso aí pra mim é um barulho que atrapalha.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro?

UFC: Bom, olha agora ruído sonoro é isso aí pra mim, som é aquela coisa gostosa.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

UFC: Musica, às vezes.

Pesquisador(a): O quê que te agrada e o quê que incomoda nos sons do cotidiano?

UFC: Essas propagandas de rua, esses carros que saem fazendo propaganda pela cidade isso incomoda bastante. Agora o que agrada, não tenho lembrança de algum som que me agrada não.

Pesquisador(a): É isso. Obrigada.

64. ENTREVISTA KPSF

Pesquisador(a): Você é de Goiânia? Ou faz quanto tempo que você mora aqui?

KPSF: Eu sou de Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som e você?

KPSF: Eu não me reconheço em nenhum. Se for no sentido de for sons confusos, ai sim, porque minha vida é assim. Mas em relação ao que escutei. Bom, na verdade eu me identifico sim, no som da venda da pamonha, porque eu sou goiana e acho

que todo goiano gosta. Quem não gosta, não é goiano não. O som da venda da pamonha sempre passa lá perto de casa.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

KPSF: Som é todo ruído que você escuta. Tudo pra mim que tem barulho é som.

Pesquisador(a): E o que é ruído então?

KPSF: Por isso que depois eu corrijo, porque ruído pode ser algo ruim, e não é todo som que é ruim.

Pesquisador(a): Quais são os sons do seu cotidiano?

KPSF: As músicas que eu escuto no meu celular. Que todos os dias eu estou com fone de ouvido, é som de ônibus parando, carro buzinando, pessoas andando, pessoas segurando sacola no meio da rua, e nesse clima chuvoso também pinga de chuva caindo no chão, buzinas, várias coisas. São sons que eu escuto diariamente.

Pesquisador(a): Quais são os sons do seu cotidiano que te agradam e quais te incomodam?

KPSF: O que me agrada é escutar a movimentação da cidade. Movimentação assim, todas as coisas que se movem ao meu redor. E o que não me agrada, sons de pessoas mexendo no chaveiro, eu odeio isso, me incomoda muito. Barulho de mensagem chegando no celular, isso também me incomoda. Pessoas buzinando na rua e a afinação da voz de algumas pessoas dentro do ônibus. São as coisas que eu odeio.

Pesquisador(a): É isso. Obrigada.

65. ENTREVISTA LFP

Pesquisador(a): Você é de Goiânia? Ou faz quanto tempo que mora aqui?

LFP: Sou de Goiânia, sou filho de Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som e por quê?

LFP: Sim, eu me reconheço em praticamente todos os sons que estão tocando.

Porque não me causa estranhamento, esses sons têm a ver com meu lugar de fala, a paisagem sonora de um lugar, na minha opinião, ela pode dizer muito sobre a identidade de um lugar, pode dizer muito sobre as memórias de um povo de um determinado lugar. Então eu me identifico, é muito comum aqui no centro você ter vendedores ambulantes, as pessoas vendendo seu produto através da fala, isso é muito comum. Isso que tá tocando agora, é um aboio, é um estilo, um tipo de música nordestina. Então isso me parece fazer alusão à influência nordestina que é muito forte aqui em Goiânia por exemplo. Esse som de coleta seletiva, eu convivo com esses sons o tempo todo, de caminhão entrando e saindo das ruas. Então são sons característicos do meu lugar de fala. Por não me causar estranhamento, eu me identifico com ele, porque me traz muitas memórias, tem a ver com a minha identidade, e com a identidade do espaço urbano que eu ocupo.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LFP: Som é onda. Som é onda que vai e vem. Mas essas ondas são construídas a partir das características socioculturais de um determinado lugar. Os sons aqui são uns, se for fazer essa mesma pesquisa, por exemplo, em Salvador, os sons vão ser diferentes. Som é onda, independente da forma que o som é manipulado, seja por um compositor, seja por um carro, seja um som eletrônico, seja sons da natureza, independente disso, são construídos a partir de uma base sócio histórica de um determinado lugar. Mas som é onda.

Pesquisador(a): E o que é ruído sonoro?

LFP: Na minha concepção, ruído sonoro é som também. Musicalmente falando, existem sons que são organizados, e existem sons que não são organizados, mas

são sons. Para mim ruídos sonoros estão na categoria de sons. Um som organizado é um som que o compositor organiza dentro de uma estrutura musical. E existem os sons que não são organizados, não são manipulados, são os sons naturais. Esse tipo de som, por exemplo, de torcida organizada, é um som natural, mas é um som que está organizado em uma determinada estrutura sócio histórica, em um determinado contexto. Então pra mim, ruído, é som também. É um som talvez não organizado, mas é um som.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

LFP: Todos os sons fazem parte do meu cotidiano. Até os sons da minha conversa com a minha família, faz parte do meu cotidiano, todos os sons fazem parte do meu cotidiano.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

LFP: Olha você vai me colocar numa condição difícil, você pergunta o quê que me agrada e o quê que não me agrada, mas o que eu posso te dizer são sons que mais se aproximam, que mais me trazem memória, que mais se conectam com as minhas memórias, e meu processo de identidade e os que menos se aproximam. Vou te dar exemplo de um som que me incomoda, som de arma de fogo, é um som que me incomoda, é um som que não me traz uma memória assim tão boa como me traz, por exemplo, som de música. Som de buzina me incomoda. O som de buzina, dependendo do horário e do trânsito, pode me causar um estranhamento.

66. ENTREVISTA LSA

Pesquisador(a): Você é goianiense?

LSA: Goianiense.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som? Por quê?

LSA: Eu conheço esse som do Vila Nova aí, do som da pamonha.

Pesquisador(a): O senhor lembra desses sons, eles fazem parte do seu cotidiano então?

LSA: Fazem.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LSA: Som é arte.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

LSA: É o barulho do som.

Pesquisador(a): Quais são os sons do seu cotidiano?

LSA: Eu gosto de ouvir mais assim, pagode, MPB.

Pesquisador(a): Quais são os sons do seu cotidiano que te agradam e quais os que te incomodam?

LSA: Eu curto de tudo um pouco, me incomoda som nenhum.

Pesquisador(a): É isso. Muito obrigada.

67. ENTREVISTA LMS3

Pesquisador(a): você se reconhece em algum dos sons? Por quê?

LMS: Porque música é algo bom.

Pesquisador(a): desses sons que estão tocando aqui, a senhora já ouviu algum?

LMS: Já.

Pesquisador(a): Quais?

LMS: Aquele estilo forró. As vezes passa em carro tocando, é relativo.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

LMS: Pra mim é bom demais, eu gosto demais de som, de música, eu gosto.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

LMS: Pra mim, é aquele que você não entende nada, incomoda a gente.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

LMS: Meu? Amado Batista. Vai ter show dele. Eu adoro.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

LMS: Eu gosto de música sertaneja antiga e de Amado Batista. E eu não gosto daquelas músicas de hoje, de jovem, senta e levanta e agacha e levanta, não, não gosto. A letra é muito ruim e o barulho incomoda a gente.

Pesquisador(a): A senhora mora em Goiânia? Nasceu aqui?

LMS: Sim.

Pesquisador(a): São essas as perguntas.

68. ENTREVISTA MAP

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

MAP: Não, sou do interior. Sou de inhumas, moro aqui mas sou do interior.

Pesquisador(a): Quantos anos você mora aqui?

MAP: Desde dois mil e seis. Tem onze anos.

Pesquisador(a): Você reconhece algum desses sons que foram exibidos e por quê?

MAP: Não, no momento não, não prestei atenção na verdade.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

MAP: Som? Qualquer coisa audível.

Pesquisador(a): O que é ruído?

MAP: Uma coisa fora do contexto, do momento. Eu aprendi inclusive que tudo que não faz parte daquele contexto, daquele momento, é ruído, não só som mas, sei lá, alguém passando ali, que não era pra passar, se torna ruído.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

MAP: As músicas que tocam no som lá do meu trabalho, as conversas dos clientes, e o barulho do vinho caindo na taça quando eu sirvo. Trabalho numa loja de vinho, sou profissional de vinhos.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

MAP: Pessoas conversarem muito alto, conversas mal-educadas, desnecessárias, grosserias, esse tipo de grito me desagradam. Agora o som dos cavallinhos correndo, eu sou natural da zona rural, minha origem é da zona rural, esse barulho me agrada.

Pesquisador(a): Obrigada.

69. ENTREVISTA MPS

Pesquisador(a): você é de Goiânia?

MPS: Tocantins, mas tem vinte anos que eu moro aqui em Goiânia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum desses sons e por quê?

MPS: Assim, as pessoas vendendo nas ruas, é um meio de conquistar um pão, então eu não me incomodo com eles não, eu até compro quando eles estão vendendo, eu acho que é característica do goiano, que já tem esse costume de sair na rua vendendo.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

MPS: Eu acho que som é normal.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro então?

MPS: Ruído é aquele que incomoda você.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

MPS: Meu cotidiano em casa é de som de televisão na altura bem baixa.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

MPS: Eu não me incomodo com nada.

Pesquisador(a): E o que te agrada?

MPS: Música sertaneja, eu gosto de ouvir.

Pesquisador(a): É isso a pesquisa, muito obrigada.

70. ENTREVISTA MLS

Pesquisador(a): O senhor se reconhece em algum desses sons?

MLS: Reconheci, vendedor de picolé, vendedor de bosta, e esse derradeiro aí que é musica do Tonico e Tinoco.

Pesquisador(a): O senhor é daqui de Goiânia?

MLS: Não, eu sou de Panamá.

Pesquisador(a): Faz tempo que o senhor mora aqui?

MLS: Faz vinte anos.

Pesquisador(a): Por quê que o senhor reconhece esses sons?

MLS: E pelo tempo que eu fui criado, esse aí do Tonico e Tinoco, eu foi criado em roça, acostumado a tocar esse negócio de catira, então me reconheci. Coleta seletiva, desses catadores de papel.

Pesquisador(a): O que é som pro senhor?

MLS: Som pra mim é uma obra de arte.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

MLS: Ruído é aquele negócio que você escuta de longe.

Pesquisador(a): Qual é o som do cotidiano do senhor?

MLS: Meu som, é o ruído motor de uma máquina, porque eu sou operador. Som de trator de esteira, colheitadeira, retroescavadeira hidráulica.

Pesquisador(a): O que agrada e o que incomoda o senhor no som do seu cotidiano?

MLS: A musica raiz, que agrada.

71. ENTREVISTA CMS

Pesquisador(a): Você é de Goiânia ou faz quanto tempo que mora aqui?

CMS: Vinte e oito anos que eu moro em Goiânia. Sou da Bahia.

Pesquisador(a): Você se reconhece em algum som? Por quê?

CMS: Eu me reconheço no vendedor de pamonha.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

CMS: Tudo que faz um ruído pra mim é um som, nasce um som.

Pesquisador(a): Então o quê que é ruído pra você?

CMS: Pode ser uma pisada, um passo, para gerar um som, o motor de um carro pode gerar um som, um pedal de uma bicicleta pode gerar um som, um grão de arroz pode gerar um som.

Pesquisador(a): Qual que é o som do seu cotidiano?

CMS: A batida levada do rap. Meu cotidiano é esse.

Pesquisador(a): Quais os sons do seu cotidiano que te agrada e quais o que não agrada?

CMS: O som que me agrada é o grave de uma pickup, e o que não agrada é o barulho de tiro, é o único que não me agrada.

Pesquisador(a): É isso. Muito obrigada.

72.

73. ENTREVISTAS LG e RL

Pesquisador(a): Vocês estão escutando alguns sons. Vocês se reconhecem em algum dos sons que estão sendo exibidos? Por quê?

LG: Pessoas falando. E agora uma mulher gritou?

Pesquisador(a): Vocês reconhecem alguns, do cotidiano de vocês? Vocês já ouviram esses sons?

RL: Eu já vi essa mulher gritando, vários vendedores que gritam pra vender.

Pesquisador(a): Essa você lembra?

RL: Essa mulher não.

Pesquisador(a): O que é som pra vocês?

RL: O que a gente pode escutar.

Pesquisador(a): E o que é ruído?

LG: É uma coisa muito alta que as vezes atrapalha você ouvir as coisas.

Pesquisador(a): O quê que agrada vocês no som do cotidiano que vocês escutam?

LG: Eu não escuto muito som, porque a maioria do meu tempo eu fico no meu quarto, e é silêncio. Eu fico assistindo series, escutando músicas, essas coisas. Ela faz quase as mesmas coisas que eu.

Pesquisador(a): Então você não se reconhece em nenhum desses outros sons? Vocês escutaram algum que você lembram?

RL: Esses som é da coleta seletiva, eu reconheço. Temos que ir.

Pesquisador(a): Obrigado.

74. ENTREVISTA RM

Pesquisador(a): Você é de Goiânia?

RM: Sou goiana.

Pesquisador(a): Eu queria saber se você se reconhece em algum som e por quê?

RM: Conheço por ser da cidade, aqui no centro. Mais do centro da cidade.

Pesquisador(a): Você já ouviu algum desses?

RM: Já, com certeza. Esse da coleta de lixo seletiva.

Pesquisador(a): O que é som pra você?

RM: Importantíssimo. Uma maneira de comunicação.

Pesquisador(a): O que é ruído sonoro?

RM: É o exagero. A falta de respeito de quando você tá andando na rua e carro tá escutando música sertaneja no ultimo som. Isso pra mim é ruído.

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

RM: som de reportagem, entrevistas, pessoas interagindo.

Pesquisador(a): Quais são os sons que te agradam e quais os que te incomodam no cotidiano?

RM: É você acordar pra trabalhar e ver um som seis e meia da manhã, no ultimo volume no carro.

Pesquisador(a): E quais são os que te agrada?

RM: música clássica, baixinha, que relaxa, transmite paz, é o que eu gosto.

Pesquisador(a): Só essas perguntas. Muito obrigada.

75. ENTREVISTA CCBC

Pesquisador(a): O senhor já teve a oportunidade de ouvir. Você se reconhece em algum desses sons? Por quê?

CCBC: Alguns sim, porque a música, por exemplo, a algumas tem propagandas, pessoal cantando, igual estavam cantando algumas músicas cristãs, as vezes cantam músicas materiais, músicas populares, as vezes músicas cristãs.

Pesquisador(a): Isso faz parte do seu dia a dia?

CCBC: Faz assim, não, porque eu trabalho aqui no trevo. Quando tem atividade a gente escuta, mas eu fico mais ali na portaria mesmo, que é meu local de trabalho.

Pesquisador(a): O senhor já ouviu outros sons desse desses que está passando?

CCBC:: Já, alguns. O pessoal costuma passar aqui fazendo propaganda, passa esses carros de som fazendo propaganda.

Pesquisador(a): O que é som pro senhor?

CCBC: Assim, o som, não tem como definir numa palavra exata.

Pesquisador(a): E ruído sonoro?

CCBC: É algo comum, eu não sei. Imagino que uma tortura mental, aqueles ruídos assim que me incomodam bastante..

Pesquisador(a): Qual é o som do seu cotidiano?

CCBC: Eu fico assistindo televisão quando eu estou em casa, eu gosto muito de ouvir música também.

Pesquisador(a): O que te agrada e o que te incomoda nos sons do seu cotidiano?

CCBC: Bom, o que me agrada, são as músicas bonitas, as músicas que são do meu gosto, agora o que me desagrada, é aquelas motos que fazem aqueles barulho ensurdecedor, acho que eles tiram o silencioso delas e faz aqueles barulhos que ninguém merece né.

Pesquisador(a): O senhor é de Goiânia?

CCBC: É como se fosse. Eu nasci em Três Ranchos, que é uma cidade maravilhosa, minha terra natal, Três Ranchos. Mas essa maravilha aqui me recebeu com um ano de idade, eu vim pra cá com meus pais quando eu tinha um ano. É como se fosse daqui mesmo. É a melhor cidade da face da terra. Eu vim pra cá com um ano de idade.

Pesquisador(a): Essa é sua cidade então? O senhor reconhece assim?

CCBC: Claro, é assim, apesar de eu gostar muito da minha cidade Três Ranchos, eu vou lá todo ano, cidade muito boa, mas eu fiquei lá só um ano, meu coração mesmo, eu gosto muito daqui.

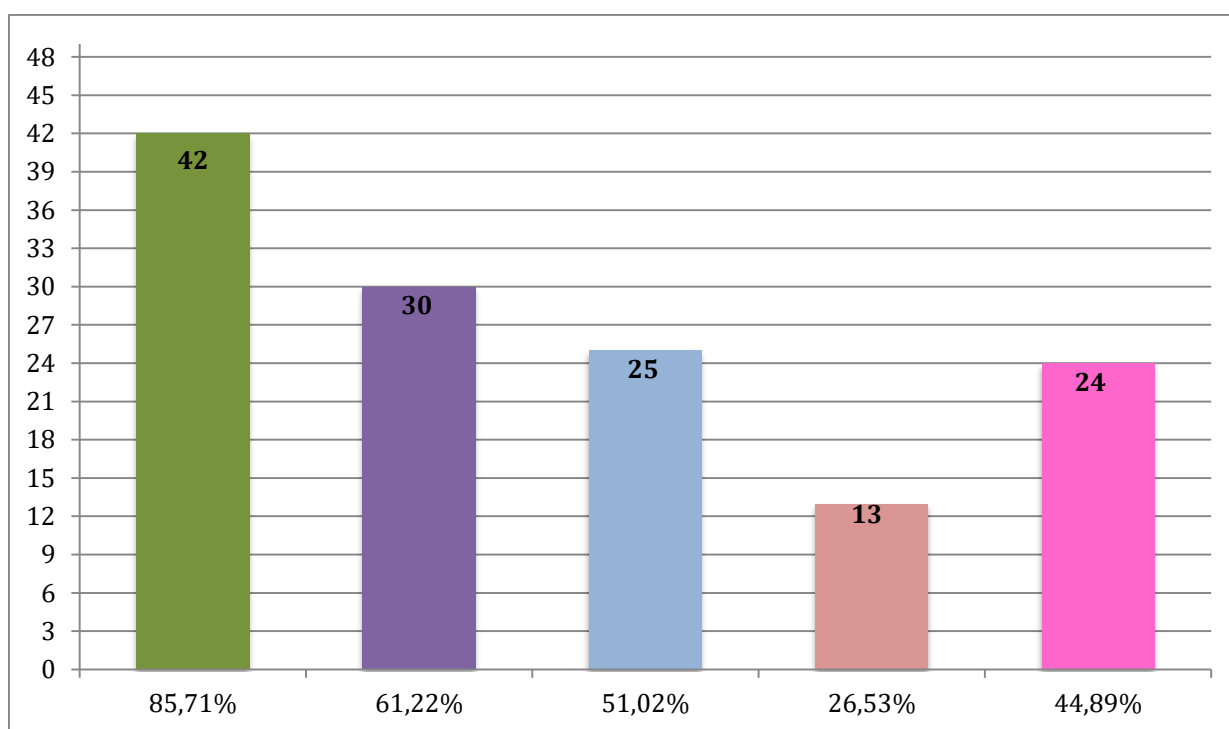
Pesquisador(a): Muito obrigada.

APÊNDICE D - TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS CIDADÃOS GOIANIENSES NASCIDOS E HABITANTES DA CIDADE (49 ENTREVISTAS)

Legendas:

- Identificação e reconhecimento dos sons reproduzidos na instalação sonora.
- Sons do cotidiano do transeunte que se assemelham aos sons da instalação.
- Sons do cotidiano do ouvinte que o agradam e foram reproduzidos na instalação.
- Sons do cotidiano do ouvinte que o desagradam e foram reproduzidos na instalação.
- Consideram o ruído sonoro como um elemento negativo.

Gráfico obtido com as respostas tabuladas a partir das legendas



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

PERGUNTAS

Pergunta 1 O que é som para você?

Pergunta 2 O que é ruído para você?

Pergunta 3 Você se reconhece em algum desses sons? Por quê?

Pergunta 4 Qual é o som do seu cotidiano?

Pergunta 5 O que lhe agrada e o que lhe incomoda nos sons de seu cotidiano?

RESPOSTAS EMS (1)	
Resposta 1	Som é uma música bem tranquila que eu gosto de ouvir, que tem uma letra boa.
Resposta 2	Buzina de carro no sinal, o vizinho que te acorda no meio da noite com o som ligado alto, uma construção do lado da sua casa, as vezes você tá dormindo e você acorda com os sons de construção aquele ziiiimmm.
Resposta 3	Não, não me reconheci não.
Resposta 4	As músicas que eu ouço no final da tarde, uma musica mais tranquila, sossegada.
Resposta 5	O único ruído que eu gosto que é um barulho bom é igual o do berrante, do carro de boi. Isso é bom de ouvir. As vezes você está num lugar assim numa roça, numa fazenda, tá passando, principalmente quando é a época da festa de Trindade por exemplo eu vou ali pra BR pra ver os carros que esta passando. Isso é cultura.
RESPOSTAS SFS (2)	
Resposta 1	Tudo que está na minha volta faz som. Então som acho que é tudo né?
Resposta 2	Ruído é um som que fica repetindo mas não incomoda. Já o barulho é o som que fica repetindo mas incomoda.
Resposta 3	Em muitos. No caminhão de lixo, no vendedor de pamonha, no vendedor de picolé.
Resposta 4	Da cidade.
Resposta 5	O som da cidade mesmo. Tudo que eu escuto me agrada.
RESPOSTAS ACS e CARS (3 e 4)	
Resposta 1	Eu particularmente me reconheci em vários. O barulho do andar do cavalo o grito do vila, os passarinhos, o vendedor de picolé, o barulho do caminhão de reciclagem, então são ruídos bem característicos que a gente já conhece no dia a dia.
Resposta 2	É interessante dos ruídos é que eles estão na memória da gente né, e aí eles remetem a gente as lembranças, então é muito interessante, ao estádio, ao torcedor ao ambulante, então é muito legal, é remeter né trabalhar o cérebro pra gente voltar com, memórias afetivas. Ruído é qualquer som que é ecoado. Ruído pra mim não significa automaticamente um barulho ruim, por exemplo uma buzinação, não o ruído ele é som como a gente estuda no canto, na música. Ruído é som que as vezes ele vem harmônico ou não.
Resposta 3	Olha esse o berrante, lembra aqui o estado, a região do interior de Goiás, o próprio parece que eu ouvi carro de boi rodar, roda de carro de boi, então remete ao interior ne mexe muito com as lembranças da gente. Muito interessante isso. Porque esses sons são muito peculiares eles trazem o resgate a nossa história e a história do goiano. Por mais que você esteja aqui em Goiânia, uma capital, uma grande cidade, mas quando escuta esses barulhos remete lá pro interior, o estar na fazenda, memórias afetivas que eu já vivenciei, que é bem peculiar, também no goiano, mesmo sendo

	uma capital.
Resposta 4	A gente convive com isso diariamente, mas seu projeto é muito interessante que faz a gente refletir, né, até mesmo pra gente ter mais consciência com o cotidiano, curtir mais os barulhos, prestar mais atenção porque a gente desenvolve uma carga emotiva, é muito legal assim, é uma coisa bonita assim. Até mesmo pra gente aprender a ter mais paciência com as coisas.
Resposta 5	A correria do dia a dia a gente fica surdo, literalmente surdo, você não se atenta pra muitos barulhos e isso faz a gente refletir faz sentir nostalgia do que você já viveu.
RESPOSTAS TAO (5)	
Resposta 1	Som... Acho que som é música né. Som acho que são ruídos que são produzidos, produzidos intencionalmente. Acho que é isso.
Resposta 2	Ruído sonoro é tudo que a gente escuta que as vezes não é intencional, né. Tipo, não foi produzido por intenção. Acho que é isso.
Resposta 3	Sim, principalmente no dos galos, porque eu “tô” morando num lugar onde tem um monte de galinhas, eles criam galinhas pra vender, então eu acordo todos os dias com barulho dos galos.
Resposta 4	Tem os galos. Em Goiânia tem muitos carros de som, né, que passa na rua vendendo, pamonha, leite. Perto da casa da minha mãe tem um carro que passa vendendo esterco. Acho que isso é muito a cara de Goiânia, mas assim, acho que do meu cotidiano mesmo é barulho de carro, de rodovia, assim. Eu gosto muito de música também, então eu “tô” o tempo todo ouvindo música.
Resposta 5	agrada o dos galos, me dá uma sensação de paz, sei lá, tipo, de “tá” em casa né, porque tem muito a ver com a minha casa, então, acho que é por isso, me lembra um pouco de lar.
	Acho que é a quantidade de carros de som que passam o tempo todo, isso incomoda, passa muito aí né. Ano que vem, política vai ser pior ainda, então, acho que é o que mais me incomoda nesses nos do cotidiano.
RESPOSTAS BRNS (6)	
Resposta 1	Eu acho que desde música, o que as pessoas falam, o que você ouve.
Resposta 2	Ruídos? Ruídos acho que não é uma coisa boa, sabe. É aquele som que incomoda.
Resposta 3	Eu acho que no som do tambor.
Resposta 4	Pessoas conversando, música, muita música,
Resposta 5	Eu acho que, sei lá, movimento. Eu adoro lugares agitados. Eu gosto de sentir as pessoas.
RESPOSTAS KD (7)	
Resposta 1	Som? Som, nossa, difícil essa pergunta, né. Era mais fácil perguntar pra um mudo né, o quê que era som. Ele ia falar aquilo que ele não tem (risos). Som, é tudo que nos cerca né, pra gente que cerca, tudo que nos rodeia, emite algum tipo de som. E alguns são inesquecível, outros são passageiros, mas de alguma forma desperta a gente né, desperta atenção pra gente.

Resposta 2	Ruído sonoro... Nossa (risos). Ruído é algo que a gente não presta atenção, mas “tá” acontecendo no fundo né. É isso. Para de fazer pergunta difícil.
Resposta 3	Um monte, vários. O da coleta seletiva, o do vendedor de cocô, um berrante, o Vila, o vendedor de picolé. Por causa do centro da cidade.
Resposta 4	Som do meu cotidiano é TV, a TV hoje é meu som do meu cotidiano
Resposta 5	É mais aquilo que me tira da minha realidade hoje. Ah, muitas vezes eu assisto programas de noticiário que me incomoda na verdade são sons da violência.
RESPOSTAS LMS1 (8)	
Resposta 1	Som é aquilo que a gente consegue identificar ou remeter a algo, por exemplo, nesse caso, esses sons lembram muita coisa da cidade de Goiânia mesmo. É, esse barulho, esse tipo de buzina, eu acho que é muito daqui.
Resposta 2	Ruído pra gente que é leigo no assunto submete tudo aquilo que é barulho, né. Que incomoda de alguma forma.
Resposta 3	Reconheço. Lembra coisas próprias da cidade, né, daqui de Goiânia.
Resposta 4	Telefone, barulho de telefone. Toca o dia inteiro
Resposta 5	Me agrada? É talvez o fato de trabalhar com pessoas de diferentes sotaques, ne, lembra aquela coisa bem regional, eu gosto muito, acho bem interessante. E o que incomoda no som do cotidiano é aquele som do telefone né. Aquele barulho um dia inteiro é bem cansativo.
RESPOSTAS CBJ (9)	
Resposta 1	Som, é tudo aquilo que sei lá, chama atenção, que te informa alguma coisa.
Resposta 2	Ruído sonoro acho que é aqueles ruídos lá no final mesmo do que está passando, do que está tocando.
Resposta 3	Reconheço. Sons de estádio, torcida.
Resposta 4	Ah, o som de carro passando, de cidade, muito movimentação.
Resposta 5	Ah, praticamente só as músicas mesmo, assim, que passa em rádio, só praticamente. Ah, aqueles carros de sons altos, moto barulhenta, essas coisas, caminhão.
RESPOSTAS RC (10)	
Resposta 1	Som, bom. Som tem vários tipos de som, tem som automotivo, tem som pra você ouvir uma música em casa relaxante. Som de uma floresta por exemplo.
Resposta 2	Bom, no meu entendimento, um barulho que, assim, desagradável.
Resposta 3	Reconheço. Uai, porque é comum a gente ouvir uns certos ruídos desse aqui.
Resposta 4	Buzina de carro. Lá onde eu trabalho e onde eu moro é muito movimentado.
Resposta 5	Ah, um canto de pássaro, eu acho muito bonito. Ah som de carro muito alto, buzinas insistentemente assim, é, acho

	que isso aí sim.
RESPOSTAS MD (11)	
Resposta 1	Som, para mim é tudo que você não só escuta, mas o que vibra também. O som está na vibração
Resposta 2	Pra mim ruído é aquilo que chega a me incomodar, uma música pode ser um ruído sonoro, se ela tiver incomodando meus ouvidos.
Resposta 3	Vários sons, vários. Os sons das torcidas, o som do vendedor de bosta, muito típico, muito conhecido. O som do vendedor de bosta, muito típico, muito conhecido. Porque eu sempre fui uma menina de feira. Eu achava muito criativo o cara vender cocô na feira. É a coisa mais fantástica do mundo, o cara vende aquilo que todo mundo joga fora.
Resposta 4	Ah, o meu cotidiano é barulhento. Começa por mim que sou muito barulhenta. É barulhento, mas tem músicas, tem vozes, tem risos, tem choro também. Meu cotidiano é bem barulhento.
Resposta 5	Agrada: A vida, o som que dá realmente o sentimento de estar vivo. Incomoda: Ah, eu vou nos ruídos, aqueles que me perturbam mesmo, que as vezes são, principalmente quando são muito repetitivos.
RESPOSTAS IR (12)	
Resposta 1	Som é barulho.
Resposta 2	Barulho também.
Resposta 3	Conheço. O do picolé, assim, esses quase sempre a gente sempre "tá" ouvindo né.
Resposta 4	Som de carro, música, pássaro, cachorro, vários.
Resposta 5	Agrada: Som dos pássaros me agrada, alguma música. Incomoda: Que me incomoda, não tem nenhum não, que me incomoda não, assim não. Só se for um som muito alto, quando eu tiver dormindo que atrapalha eu dormir, mas fora isso...
RESPOSTAS WBA (13)	
Resposta 1	É tudo aquilo que emite uma mensagem. Se "tá" ouvindo, aí você tem que captar, e se é do seu interesse, aquilo te chama atenção. A pamonha, vou lá fora comprar uma pamonha.
Resposta 2	Ruído já incomoda, um barulho muito estridente, né. Igual aquela moça que gritou: "arrr" você "num" sabe que que ela "tá" falando. Então esse ruído e assim "ah, quê que ela "tá" falando?".
Resposta 3	Em Goiânia é muito popular a venda na rua, então o anúncio "olha a pamonha" é comum. Tem até pastel, jantinha na esquina com espetinho, então esse tipo de som é muito reconhecido em Goiás. Já ouvi o da coleta seletiva, nos estádios, jogos, as vendas de ingressos no estádio, e as catira também. As músicas bem típicas do Centro-Oeste.
Resposta 4	Ah, barulho de carros, da cidade, coleta seletiva que passa nos bairros e de vendedores ambulantes.
Resposta 5	Agrada: O que agrada, porque tem que haver essa comunicação, esse boca-a-boca mesmo né, de falar na rua. Incomoda: Agora o que incomoda, eu acho que é a inconveniência, a fora do horário, tipo som muito alto mais fora do horário, mas de

	dia “num” me incomoda não. Acho até interessante.
RESPOSTAS KRSO (14)	
Resposta 1	Acho que som, ele não depende de uma voz, mas tudo aquilo que eu consigo ouvir, que eu consigo sentir através da minha audição.
Resposta 2	Acho que poderia definir ruído como sons que a gente consegue ouvir, mas sem ter uma definição do que é.
Resposta 3	Se eu conheço ou se eu reconheço? Conheço bastante o da pamonha e o do picolé, que passa na porta da minha casa toda semana. Da coleta seletiva também. Do picolé sim, passei muito tempo da infância correndo atrás desse carro, que nunca parava quando eu queria comprar o picolé.
Resposta 4	De acordo com essa pesquisa, acho que posso falar que é música, porque eu escuto música o tempo inteiro, pra treinar, e os sons dos meus gatos, porque eu tenho muitos gatos em casa então lá em casa é muita “miação” dos gatos.
Resposta 5	No geral? O que me incomoda são dos vizinhos, quando eles vão fazer festas de madrugada, com as músicas extremamente baixas, quando eu falo baixa, é baixa mesmo. E o que me agrada mais são as músicas que eu escuto no dia a dia, e até os sons dos meus gatos eu adoro escutar.
RESPOSTAS CSC (15)	
Resposta 1	E o som, talvez teria uma intencionalidade assim, é isso.
Resposta 2	Eu acho que o ruído vai ser um determinado registro sonoro, não necessariamente intencional, assim, eu chamaria isso assim.
Resposta 3	Sim, inclusive quando eu tava chegando, não sabia se era o som das Caixas ou se era o som da própria cidade, né. Tem sons de, parece sons de feira, né. Então praticamente tudo que eu ouvi, os gritos dos vendedores, os sons do estádio, né, pra mim é bem característicos do centro, aqui de Goiânia. Não sei se o centro de outras cidades vão ter essas características também, né. Mas pela minha vivência aqui na cidade, me lembra muito os sons da cidade.
Resposta 4	Na verdade como som da rua mesmo, as coisas da rua, os barulhos dos cavalos, dos policiais, né, esses gritos dos vendedores. Nesse sentido, se relaciona meu cotidiano, mas, um cotidiano de passagem assim, não necessariamente o local onde eu trabalho. O som que teria, que destacaria assim, seria os carros de som que passa na porta, dos vendedores, que aí se relaciona com essa sonoridade. Não algo necessariamente produzido lá dentro, assim. Mas sem dúvida, uma interferência da sonoridade aí da rua.
Resposta 5	Incomoda: Em geral, me incomoda assim. Essa questão dos vendedores, toda essa, os anúncios, incomodam sim. Acho que tem um excesso de ruídos, excesso desses ruídos, desses sons me incomodam um pouco. Porque eu gosto mais de silêncio, ou, como posso dizer, sem muita interferência de vários elementos assim. Quanto menos ruídos, melhor assim, pra mim no dia a dia.
RESPOSTAS DG (16)	
Resposta 1	Acho que som é som.
Resposta 2	Barulho, ruído pra mim e mesma coisa. Música é diferente, ah,

	música é mais harmoniosa, mais suave.
Resposta 3	Ah, eu já escutei todos, todos eles, eu já escutei. Sou familiarizado com todos eles.
Resposta 4	Não. Acho que esses aí eu escuto sempre, tem não.
Resposta 5	Incomoda: Me desagrada muito ruído de vizinho. Vizinho arrumando a casa, arrastando cadeira, mesa, cama. É porque eu moro em prédio, então vizinhos de apartamento.
RESPOSTAS FAP (17)	
Resposta 1	--
Resposta 2	--
Resposta 3	É, tá bom, animado.
Resposta 4	Aqui, tem esse chorinho aqui, essas música aqui, eu acho que cada momento é momento. Tem o rock, que meu filho é roqueiro, o jovem gosta de rock. Eu já gosto de música romântica, então a música, tudo, ela tem o seu valor, num tem? Mas que eu fico com dó de ver um desperdício desses aqui.
Resposta 5	Agrada: Aquele som bem silêncio, bem sonoro. Eu sou compositora também. Eu tenho cem. Eu vou gravar e vou mandar lá pro Zeca pagodinho. Eu gosto muito do Zeca pagodinho. Eu faço a versão. Você faz a música e eu faço a versão. Tem uma do Amado Batista, [...] chega a ser uma música histórica da minha vida, o cavalo branco. Ai eu vou até com CD pra você tocar aqui.
RESPOSTAS JBO (18)	
Resposta 1	O som é gostoso, da pra entender, da pra ouvir, saber o que está ouvindo...
Resposta 2	e ruído você não discerne, não da pra ver quê que é, o ruído você não da pra definir. E o som você vê a mensagem, sabe o quê que ta dizendo.
Resposta 3	Aqui é só coisa Goiana né, coisa de Goiás, a pamonha, Vilaaa!!! É só coisa nossa mesmo, ainda bem que é só vila, num tem Goiás né. Porque eu sou Vila. Eu não sei se passou tudo. Lá na região onde a gente mora, tem um lá que talvez vai passar aí. Num sei se vai passar, "Requeijão, queijo! Requeijão, queijo, rapadura!".
Resposta 4	Eu moro no setor Castelo Branco, ao lado da Comurg. (E esse som do requeijão te agrada ou te incomoda?) Não, parece que a gente até acostuma, acha bom. Só que eu não comprei nem o requeijão nem o queijo. Só que o velhinho, a voz dele e bem aguda, e da bem pra ouvir o que ele tá dizendo.
Resposta 5	Incomoda: (remetendo ao carro do requeijão) De maneira nenhuma, porque o horário que ele passa é de manhã, na parte da manhã, é entre oito e dez horas, então, já está "disperto". Num incomoda não.
RESPOSTAS JLR (19)	
Resposta 1	Identifico isso pra mim é quando eu tô dentro do meu carro, ai eu abro o som, vem tudo quando é tipo de som, tudo aquela doidura, ai a gente chega a um certo ponto mano vei, que hoje quase ninguém presta atenção o quê que tá ouvindo, ou o som. O idiota quer pular, quer desrespeitar, assim, a qualidade do som, entendeu? Ai você pra se localizar numa posição onde tem som, mas o povo hoje se você pergunta que som é esse, tem a capacidade de responder

	não. Porque hoje o som da juventude é doido, é louco, então você tem que entrar num tipo de som, porque se você num entrar um tipo de som qualquer, você chega numa festa, em qualquer lugar, entendeu? Ou numa pecuária, qualquer lugar, se você for implicar com as coisas hoje, você não vive bem então você é bom. Você gosta do Vila? Sim eu gosto de todo mundo. Do Vila, do Goiás, de todo mundo. E esse som? Eu adoro ele, gosto dele. Hoje a gente tem que viver dessa maneira hoje. Porque todo ambiente que você for, e for prestar atenção nas suas coisas e for querer modificar, você num modifica nunca. Vem um jovem que gosta de um som doido, vêm um fazendeiro já xingando quem não gosta daquela bosta, ou desculpa, daquela merda. Então é indiscutível esse assunto de som, e você tem que correr e ir embora, sair dele. Se você não tá gostando do som, você sai dele. E por exemplo, seja qualquer coisa pra mim, seja num estádio, numa esquina, seja tudo. Aparei o som, a tendência minha é não arrumar encrenca. Eu tenho meu ouvido, eu que tenho que sentir o som. Se não for bom o seu som fica quitado, bonitinho. Então não tenho jeito de falar, sobre o que é o som.
Resposta 2	--
Resposta 3	É um tipo de música, não é sertaneja, mas é do nosso estado. Não chega a sertanejo, nem dance, nem nada de negócio. Chega naquele tempo mais antigo, descendência daquelas músicas lá no sertão, então num atrapalha muito não.
Resposta 4	--
Resposta 5	“Mano”, a tendência do ser humano, é você curtir a sua maneira, se ele “tá” alto ou “tá” baixo, você que tem que afastar, você tem que ficar lá com teimosia, falar essa bosta de som num presta, falar isso aqui é uma merda, eu venho lá de tão longe pra ver, entendeu? Ai você que faz sua pessoa. Se você for debater com som, com a juventude, com o “vei”, com a criança, ou qualquer coisa, ai você tá enrolado. Você tem que evitar problema. Agora o maluco que “tá pono” o som ele se cuida pra lá, apesar que você tem todos os seus defeitos também, entendeu? Mas num “imenda” as coisas com eles não.
RESPOSTAS KRV (20)	
Resposta 1	Eu penso que o som seja mais definido, algo que a gente consiga identificar melhor.
Resposta 2	E o ruído já seria mais um barulho que seja mais, que não da pra identificar direito o que seja. Mas eu não tenho certeza disso, isso é uma fala aleatória. Mas eu penso que seja isso.
Resposta 3	O carro da pamonha, direto, esse apitinho (pipipipipipi) também, são sons que escuta muito na rua nos dias de hoje. São esses e outros sons mais de vendas, essas coisas, escuta mais em feira, coisa desse tipo. Mas o dia a dia mais o da pamonha e o carro da reciclagem.
Resposta 4	Deixa eu pensar, não. Tem os sons que passa fazendo propaganda de supermercado, de promoção de supermercado, na minha rua passa muito. Inclusive no final de semana de manhã. Então é um

	som que eu não identifiquei nessa paisagem sonora, mas é um som bem cotidiano. Pelo menos semanalmente eu escuto esse som de propaganda de supermercado.
Resposta 5	Tem uma cantiga, nessa paisagem que ela escolheu, que ela identificou, que é uma cantiga, acho, mais sertanejo, um sertanejo bem antigo, bem raiz, que eu gosto, eu gosto bastante. O que me incomoda essas propagandas, esses gritos, realmente me incomoda, até o carro da pamonha me incomoda. Mas a sirene do reciclável não me incomoda. E interessante aquele sininho, não me incomoda não.
RESPOSTAS MPG (21)	
Resposta 1	--
Resposta 2	--
Resposta 3	é muito chato esse barulho eu não reconheço não. Se fosse um pouco mais baixo tudo bem, mas esse ruído com esse monte de gente conversando ao mesmo tempo e insuportável.
Resposta 4	Perto da minha casa, o som de um passarinho cantando, quando eu passo lá, e ele tá cantando, é ótimo, eu falo "nossa, eu tô no lugar certo". Todo dia ele "tá" lá.
Resposta 5	Incomoda: Aí, tem vez que você "tá" andando aqui nessas ruas, tem um som aí que pelo amor de Deus, eu prefiro passar pro outro lado da rua, ir pro outro lado, nossa porque incomoda muito.
RESPOSTAS PORBS (22)	
Resposta 1	--
Resposta 2	Ah, ruído é desagradável, e som é totalmente diferente. A verdade é que som e ruído é a mesma coisa, acaba sendo a mesma coisa. Mas a partir do momento que ele é mais alterado, ele se torna ruim, não só pra mim, mas pra qualquer pessoa. Meu ponto de vista é esse.
Resposta 3	Tem. Carro, feira, estádio, que "tô" ouvindo ali. Até agora foi esses que eu reconheci.
Resposta 4	Som automotivo muito alto, muito mesmo, minha vizinhança lá ama isso, então isso incomoda bastante.
Resposta 5	Agrada: Acho que só a paz, passarinho, esse é o único som que eu queria ouvir. Acho que agradaria todo mundo. Incomoda: Não, não, não. Acho que a partir do momento que a pessoa aumenta o som, isso já fica desagradável pra qualquer ser humano.
RESPOSTAS NPS (23)	
Resposta 1	O som, eu acho pra mim que é uma coisa boa, num é tudo que emite som, eu acho. E mais agradável, o som é mais agradável, dependendo do som também.
Resposta 2	Bom, pra mim o ruído é barulho dos carros, é som de avião, ônibus, essas coisas, ruído eu acho que ele incomoda. Uai, que o ruído também, apesar que ele incomoda, mas ele também faz parte do todo, ele que "tá" compondo também o trabalho dela, ajuda a compor o trabalho dela, porque se fosse estudo só som, não ia ter essa diversidade que "tá" tendo, no vídeo que eu "tô" ouvindo.

Resposta 3	Sim, sim. Que chama mais a atenção que eu vi agora, foi o da coleta seletiva, que eu me lembrei. Num prestei a atenção bem não, porque acabei de chegar, mas de cara eu vi a da coleta seletiva, e aquele que vende cocô. Porque eu já também vi nas feiras, ah, que eu lembre é só.
Resposta 4	Não, não. Tem som dos pássaros, onde eu moro tem som de pássaros que aqui não tem, ainda não ouvi. Mas tem esses, que eu não identifiquei aqui, que não ouvi ainda. Esse eu escuto, da coleta. Eu moro saída de Guapó, na GO-050 então pra lá ainda tem alguma vegetação e árvores.
Resposta 5	Pássaros. Bom, é que do lado tem uma representante de uma fábrica, então o som dos caminhões, entrando e saindo, buzinando, e de uma oficina, serra, essas coisas.
ESPOSTAS ES (24)	
Resposta 1	--
Resposta 2	Pra mim é só poluição viu. É um pouco incomodo. Prefiro o silêncio.
Resposta 3	Não, reconheço não. Sou muito de barulho não.
Resposta 4	Ah, de serralheria, porque eu moro próximo da serralheria então incomoda um pouco viu. Bom, minha área é residencial, mas tem o barulho da serralheria. Eu moro no jardim novo mundo.
Resposta 5	Incomoda: (Serralheria) Mais é incomodo. É cansativo. Porque é rotineiro pra mim. Se fosse só de vez em quando, mas não é.
RESPOSTAS LLTM (25)	
Resposta 1	O que "tá" mais agradável, num "tá" muito alto, é bom, som.
Resposta 2	Ruído pra mim, é ruim. Porque eu tenho labirintite, vai no meu ouvido assim que eu tenho que tampar os ouvidos pra não escutar o ruído, som muito alto pra mim também, quem tem labirintite não aguenta som muito alto.
Resposta 3	Uai, um berrou aí e eu reconheci. Às vezes a gente escuta som de mais em feira, eu também sou feirante. Tem um homem lá que a gente escuta, no final da feira, "e um reaaaaaaaal" e fica desse jeito assim. Aí chove de gente na banca dele. "Ajuda pagar minha conta gente, compra aqui de mim, que num sei o que, que num vendi nada", não, mas ele fala uma ladainha tão grande que você morre de rir.
Resposta 4	Às vezes eu quase não escuto som, as vezes é só dos passarinhos porque lá em casa tem uma tunda de passarinho, que eles sobe no pé de manga. Esse aí é da coleta, sem vergonha que eles num passa lá em casa pra pegar a coleta. Voltando lá nos bichos, assim os passarinhos, tem um passarinho que canta que é uma maravilha, e eu gosto de escutar o canto dele. Mas eu nunca tive um trem pra gravar o canto dele. Porque eu ponho três vasilhas de água lá limpinha todo dia, e eles tomam banho. Se você ver eles tomar banho, aí até os pequeninhos tão tomando banho na água, como se fosse uma piscina, é as vasilhas dos cachorros.
Resposta 5	Isso agrada muito (sons dos pássaros). Agora quando os cachorros começam a latir de mais, isso acho ruim, não gosto. Penso que é ladrão no quintal, aí incomoda e eu já

	fico atenta. Meu Deus do céu, deixa eu ver, já apago a luz, as vezes eu nem durmo.
RESPOSTAS ADR (26)	
Resposta 1	Então, som... o quê que eu posso dizer, parece repetido, mas, tudo que produz uma certa sonoridade, é som. Tudo que incorpora algo que é audível, pra mim é som. Tudo que é audível é som. Eu tenho um conceito bem geral de som.
Resposta 2	Eu acho que o senso comum, acho que o que incomoda e barulho, ruído, barulho que incomoda, aquele som que desagrada sua audição isso a gente determina como ruído, como barulho, e o som seria tudo que é audível, como diz o ruído também é um som, o barulho também é um som. Mas o que desagrada nossa audição, eu definiria como ruído, como barulho, e o que não desagrada entraria como som ou como também desagradam como som.
Resposta 3	São sons bem peculiares aqui da capital né, da feira mesmo, do estádio de futebol, então são sons que você, ultrapassa seu cotidiano, atravessa, então são sons bem peculiares, são sons que a gente tá acostumado mesmo, transitar por Goiânia, andar pelo centro, ou quando você vai na pecuária, são sons que a gente reconhece mesmo.
Resposta 4	Então lá em casa, como eu falei, na região de campinas onde eu moro, tem muito som de cachorro, até porque eu tenho cachorro também, mas os vizinhos tem cachorros, tem muitos sons de animais, e outra coisa que também é muito peculiar na minha rua, porque tem muito menino e é também uma região de periferia, região do Perim, do Itamaracá, então as crianças soltam muitas bombinhas, os capetas da rua, então é quase todos os dias tem um capeta soltado bombinhas, então isso é muito peculiar. E tem também, a rua de baixo onde eu moro, é uma praça que tem uma pista de skate, então final de semana, você escuta muito isso. Som de carro passando, de igreja anunciando culto, isso é muito, no setor a gente observa isso muito. Propaganda de supermercado, então isso é muito peculiar da região de Goiânia, onde concentra, o setor ali num todo.
Resposta 5	Eu não tenho muito assim, uma relação de falar o que me agrada e o que incomoda. Normalmente os sons, igual falei desses meninos, isso me incomoda porque é o que desagrada a gente, mas são sons do cotidiano da gente, não tem como fugir deles. Eu penso isso, é impossível a gente fugir deles, eu penso isso. É impossível os sons que a gente "tá" escutando aqui, a gente fugir deles, por mais que as vezes me desagrada um ou outro, mas não tem como você fugir. Acaba que isso as vezes faz parte também de você, do seu local, da sua história, então você acaba incorporando isso, e isso fica, é algo que você conta também, você conta suas histórias através disso, suas memórias, isso sempre tá muito presente. Agora uma coisa que é muito pouco aqui, é esse som mais harmonioso, por exemplo, passarinho, igual morei no interior um tempo, então isso é muito mais evidente do que aqui na capital, esses sons de passarinho, de periquito, de papagaio. Então são sons que agradam

	mas não estão tão presentes aqui, na capital é difícil você ter essa sonoridade, silencio né. Só quando você tá na mata, por exemplo. Então são sons que me veio aqui, que tá na minha memória sonora, que me agrada e que não tão presente.
RESPOSTAS AKAR (27)	
Resposta 1	Som, é aquilo que a gente escuta, sente, e se reconhece
Resposta 2	Ruído é aquele som que as vezes a gente não reconhece, aqueles sons que pra gente são sons estranhos.
Resposta 3	Todos os sons que a gente escuta aqui na instalação, a gente se reconhece um pouco, não é? Som de feira a gente escuta e lembra, do pastel. O som de estádio de futebol para quem gosta de futebol, assiste futebol, vai lembrar. Então, acho que todos os sons reproduzidos aqui, a gente escuta todos os dias. Acho que os sons de maneira geral fazem parte da gente, então como eu falei os sons que a gente reconhece, e os sons que a gente não reconhece a gente vai atrás pra reconhecer. Mesmo a gente vivendo numa cidade, por mais barulhenta. As vezes muita gente vai atrás de som, e por causa dessa cidade barulhenta, vai atrás de silencio. Então tem pessoas que são diferentes. Tem momentos, o sons e a falta deles, as vezes são momentos bons e as vezes são momentos ruins.
Resposta 4	Pra mim, na maioria das vezes é o fone de ouvido, ouvindo música, em casa é mais barulho de silencio ou latido do cachorro. No trabalho, barulho de computador, tempo todo.
Resposta 5	Agrada: Que mais me agrada é música, escuto muita música, então é uma coisa que eu escuto de mais.
	Incomoda: Às vezes os sons que mais me incomoda e aquele som da tecla de computador, que parece que quando tempo “tá” tocando, mais longe fica de eu ir em bora do serviço.
RESPOSTAS CC (28)	
Resposta 1	Um som pra quem gosta de ouvir, ai vai do seu gosto. O alto, o baixo, o médio, e aí.
Resposta 2	Ruído, é aquele que tipo esse que “tô” ouvindo do martete ali.
Resposta 3	Reconheço sim, só de ouvir. Por nome num lembro mais não.
Resposta 4	Eu gosto do som alto. Quando eu “tô” ouvindo na minha casa é alto.
Resposta 5	Agrada: Esses som de hoje, ultimamente você não ouve mais uma música do cotidiano da gente, aquelas músicas antigas, aquelas que você gosta de ouvir, aquelas moda de viola, raízes. Hoje não passa mais, raramente. O povo hoje não gosta mais disso, gosta mais é de balada, mais de, aquela porcaria que passa hoje em dia, num é aquele som que nos gosta de ver hoje em dia.
	Incomoda: Não, depende. Por exemplo tem aquele som que incomoda, tem o som que não incomoda, aqueles funk de hoje, entendeu? Eu gosto de funk mais aquele funk antigo. Inclusive já tive até um grupo de dança já.
RESPOSTAS DARM (29)	
Resposta 1	Som, pra mim é a música e só. Não tem outros ruídos juntos e só música, limpa.
Resposta 2	Ruído, pra mim e aquele chiado, música e chiado ao mesmo tempo.

	Num é só a música. Uma pessoa ta cantando e ao mesmo tempo tem um outro barulho junto, uma pessoa gritando, e aqueles incômodos assim.
Resposta 3	Uai, não. Ouvi só uns gritos, muitas pessoas conversando ao mesmo tempo, músicas, e o que eu reconheci.
Resposta 4	O som do meu cotidiano, é muito de pessoas conversando, eu trabalho em lugar muito tumultuado, sempre tem muita gente conversando, o que eu escuto durante o dia na maior parte do meu dia é esse som, não tem ruídos de carro, passando não.
Resposta 5	Os que me agradam, eu já acostumei com pessoas conversando, eu já acostumei, então pra mim não tem problema algum, mas os que me incomodam é de celular, as pessoas abrem um aplicativo, e nossa, aquilo ali me tira a concentração quando eu trabalho.
RESPOSTAS LNF (30)	
Resposta 1	Som, é tudo aquilo que traz uma sensação, que a gente escuta e traz uma sensação. Sendo boa ou ruim, é uma sensação que a gente pode sentir.
Resposta 2	Tem, ruído acho que incomoda mais. Som é coisas que lembra a gente, coisas boas que lembram a gente. Acho que ruído atrapalha.
Resposta 3	Sim, ônibus, coisa do nosso cotidiano mesmo, o barulho da coleta coletiva, alguns sons de quando estou dentro do ônibus. [...] Alguns sons me relembram de meu passado, minha casinha, coisa distante daqui, da gente que mora na cidade.
Resposta 4	Bem urbanizado né, barulho de carro, moto, nosso meio mais urbano mesmo.
Resposta 5	Que agrada a natureza, barulho de pássaros, essas coisas.
	E o que desagrada faz um barulho mais de carro, de propaganda, traz um incomodo aos ouvidos.
RESPOSTAS LCSO (31)	
Resposta 1	É aquilo que a gente identifica com a audição, é tão difícil de explicar. É o que faz barulho.
Resposta 2	É um barulho, só que você não identifica que barulho é esse, o quê que é.
Resposta 3	Sim, alguns. Lembro do da coleta seletiva, que antes passava no meu bairro, e agora não passa mais. De torcida, barulho de cidade grande mesmo, gente vendendo coisa, pássaros.
Resposta 4	Som de carros, som de pessoas, pessoas conversando dentro do ônibus, eu pego muito ônibus. Geralmente é esses.
Resposta 5	Eu gosto da cidade, carros passando
	O que me desagrada é que algumas pessoas extrapolam um pouco na hora de fazer muito barulho e não levam em consideração as pessoas perto dela, se vão se incomodar ou não com aquele som que eles estão fazendo.
RESPOSTAS WRM (32)	
Resposta 1	Depende, uns incomoda outros não.
Resposta 2	É som alto. Mas esses sons de propaganda num incomoda não.
Resposta 3	Só os do picolé, sorvete que passa na porta de casa. Só os dois.
Resposta 4	Eu fico no centro aqui, praticamente todos os dias, aí já acostumou,

	normal.
Resposta 5	Pra falar a verdade, nada incomoda mais, acostumei já.
RESPOSTAS VS (33)	
Resposta 1	Som é uma coisa assim, “distraente” pra gente, uma coisa assim que, enche a vida da gente, igual eu que moro sozinha.
Resposta 2	Ruído, ruído me perturba de mais ai a cabeça dói. Perturba, sei que perturba.
Resposta 3	Conheço aquele...
Resposta 4	Uai, o meu pode ser todos, tem dia que “tá” mais ruim, mais uns assim que são agradáveis, mais uns são música legal, pra mim é isso.
Resposta 5	Que me incomodam, e aqueles que batem um negócio assim, é samba que fala aquilo? Tem aqueles doidão dançando. Esses é o que me perturba. Eu gosto de músicas, mais original, num é esses trem de louco não. É mais lento, num é melhor? Mais lento pra gente que já ta de idade, não gosta de perturbação.
RESPOSTAS JMS (34)	
Resposta 1	Som, depende. Tem uma variedade de sons, som musical e som de produção sonora. Som, no sentido mais de poluição sonora sua pergunta? Som é o que quebra o silêncio. Qualquer movimento, vento, pedestre, trânsito veículo, gera som.
Resposta 2	Ruído, é insuportável. O trânsito também tem disso também. Olha por exemplo, construção civil tem também muito disso. Acho que é isso.
Resposta 3	Porque eu uso o transporte coletivo e esses que fala, acho que ele faz o trabalho dele venda no coletivo. E o ruído do trânsito também. Time de futebol? Quando eu vejo o time do Vila Nova, por exemplo no eixo, eu saio correndo. Povo louco.
Resposta 4	É esse, é o ruído. O ruído tempo todo. Poluição sonora o tempo todo. Inclusive uma das resistências de não mudar por centro é trocar o silêncio de onde eu estou pelo ruído.
Resposta 5	Agrada: Ah, o que me agrada é ver a cidade em movimento e estar inserida nesse contexto. Qual é a outra pergunta?
	Incomoda: É porque as vezes eu quero ter um momento de silêncio, porque eu estudo e não tenho. Só isso?
RESPOSTAS LMS (35)	
Resposta 1	Som pra mim hoje é você ouvir o que não seja pornografia, é ter palavras bonitas. Pode até não ter muito sentido. Mas desde que tenha palavras, que não seja pornográfico, como o funk.
Resposta 2	O que “tá” acontecendo aqui agora. São ruídos. Porque é mais alguém falando, sei lá, do que realmente uma música. Num é?
Resposta 3	Eu acho que é uma história né? Acredito que não tem muito a ver com a gente. Ouvir, num ouvi ainda. Mas só de ouvir, eles falam bastante ao invés da música, do som é de falatório.
Resposta 4	Eu gosto muito do sertanejo antigo.
Resposta 5	Som que me incomodam é muito. Ainda mais que eu tenho um filho de treze anos. Esse aqui já parece ser algo da minha idade, não é? Mais ou menos um sertanejo antigo. É isso.
RESPOSTAS MGP (36)	

Resposta 1	Som, tudo que eu possa escutar. Pra mim é tudo que eu possa escutar. Essa musiquinha mesmo, direto eu fico brincando com ela, fico fazendo som de trompete, pra imitar.
Resposta 2	O ruído, geralmente tem a ver com algum material específico, que produz algum som. Como por exemplo um vidro, quando você pega uma chave, então tem que ser materiais que deem um timbre que não tá relacionado à música, não tá relacionado a outras áreas. Por brincar com a folha, isso é ruído.
Resposta 3	Alguns talvez não tenham tanto do meu convívio direto, mas eu sou músico e eu sempre observo muitas coisas, então eu fui tipo deslocado para cada ambiente, tipo, escutei cavalo, com aqueles sons as vezes é mais frequente, sei lá, numa cidade de interior, fui numa cidade que eu pude ir uma vez, então eu consegui visualizar varia coisas assim do dia a dia que a gente passa que eu pra mim, eu escuto isso, talvez por ser músico tudo isso se faz é importante. Então pra mim, tá massa, tô gostando.
Resposta 4	Ônibus, carro, árvores bastante, pássaros, quase todo dia eu acordo com um. Quando eu não vou pra faculdade, eu acordo um pouquinho mais tarde e sempre tem um pássaro cantando na minha janela, no muro, porque eu em moro, sempre tem um pássaro que para na janela, então eu escuto de tudo no geral. Meio misturado, eu moro na periferia, tem muito verde ainda, então escuto esse som de natural, mas tem o som urbano também.
Resposta 5	Agrada: Ah, eu gosto de tudo basicamente. Um dia desses fui cantar, aí tinha e tinha muito carro em movimento, eu queria captasse esse som. Aí teve uma amiga que, pois samba urbano, que eu compartilhei, então eu gosto dessa ideia. Tem um filme, 'O som do coração' que traz um pouco disso, eu gosto bastante, apesar de ser muito romântico, mas eu acho que pra quem gosta de som é basicamente isso. Incomoda: Geralmente o que mais incomoda e quando tem construção, igual teve no meu bairro, na última vez, fizeram vários prédios, que é o Nelson Mandela, que vai ser inaugurado agora, são prédios do governo e parte e do minha casa minha vida, bairro todo tremia, parecia terremoto. Num era só o barulho, e tinha tremores, isso incomodou pra caramba, porque fazia barulhos bem irritantes.
RESPOSTAS CGC (37)	
Resposta 1	O som pra mim é algo diretamente ligado a audição. Tudo que eu ouço é som. Pra mim é sim.
Resposta 2	É algo que me incomoda muito. Musica alta me incomoda, multidão, todos conversando ao mesmo tempo me incomoda, grito me incomoda profundamente.
Resposta 3	A maioria dos sons que estão sendo exibidos fazem parte da minha historia, da historia da minha memoria aqui mesmo do centro de Goiânia. Principalmente ao andar no centro, os sons mais atuais como o do caminhão da reciclagem, eu reconheço como se fossem sons da minha casa.
Resposta 4	Telefone tocando, radio no carro, conversas em família, como eu

	trabalho em instituição de ensino, sons de pessoas conversando, sons de alunos conversando.
Resposta 5	Me agrada muito o som do carro, ou eu estou ouvindo notícias ou eu estou ouvindo música do estilo que eu gosto, então me agrada muitíssimo. Conversas individuais em ambientes mais silenciosos me agradam também.
	E o que me incomoda são os ruídos, são sons que são muito altos, muito confusos de se entender, isso me desagrada.
RESPOSTAS TLR (38)	
Resposta 1	Tudo é tudo que você escuta, tudo que tem no ambiente, no ambiente que tá no seu redor. Som pra mim é tudo, é buzina do carro, é alguém caminhando com o sapato fazendo barulho, agora que tá passando propaganda. Então pra mim, é tudo que a gente ouve. Tudo que a gente escuta mesmo. Quem tem uma audição boa, as vezes vê até certas, as vezes a pessoa ouve coisas lá de longe, eu mesma não consigo, eu consigo ouvir mais o meu ambiente ao redor. Tem gente que é aguçado na audição. Tem gente que ouve de longe, eu não tenho essa habilidade.
Resposta 2	Ruído sonoro é aquele barulho que incomoda. Pra mim é aquele que, aquele sonzinho mesmo que tá passando aqui, fazendo aquele barulhinho no chão. Aquele que tá limpando o chão ali. Aquilo ali é um som ruim que me incomoda. Ruído, eu entendo ruído por isso aí.
Resposta 3	Daqui? Esses sons que tão tocando? Eu reconheço aquele som do "olha a bosta, P, M e G" aquele eu reconheço, sempre gostei daquele tipo de anuncio do vendedor com essas bosta, pra mim é o máximo. O dia que eu conheci, marcou. Bom de mais da conta. Eu sempre ia na Feira Hippie, e sempre teve, tinha na Feira Hippie, essas bostas, mas pra mim era o máximo. Nunca tive vontade foi de comprar, mas ver, era o máximo. Que eu reconheço que ta passando aí? Aquela da musiquinha dos descartável, coleta seletiva, também reconheço aquela.
Resposta 4	Na verdade, eu levanto com um barulho do galo. Eu tenho um quintal grande, tem galo lá no fundo. Meu cotidiano é o galo, eu ouvir uma música, os vizinhos brigando com o outro. Meu som mesmo que eu vejo no meu cotidiano é esse.
Resposta 5	Me incomoda? São as brigas dos vizinhos. Brigas, gritos, carro no ultimo som, no último volume. E o que me agrada, música clássica, música MPB, essa me agrada. Só no momento que eu saiba, que mais me agrada são as músicas. Acho que só. Num tem mais.
RESPOSTAS AFF (39)	
Resposta 1	Som, é vibração. E som é a relação entre o silencio e essas ondas. Porque o silencio também é importante. Então o som, ao se constituir o som, ele se intercala entre vibrações e silêncios.
Resposta 2	Ruído? Ruído sonoro é tudo que sobrepõe a outros sons. Teoricamente é tudo aquilo que não é muito musical, mas é aquilo que vai se sobrepondo. Porque até música quando se sobrepõe de mais a outras, outros sons, acaba sendo ruído. Então pra mim é quando se sobrepõe a outros.

Resposta 3	Eu reconheço todos os sons porque faz parte da minha convivência, da minha vivência desde pequena. Me traz memórias, parece que toda a minha vida eu escutei esses sons, então são muito familiar. Esse por exemplo (carro do picolé), me lembra um pouco a infância, eu andando pelas ruas de Goiânia, ouvindo esses, posso falar, trovadores né, a coleta seletiva, é constante, mesmo que você esteja fazendo outras coisas, isso tá lá no seu sub consciente até, porque, você tá prestando atenção, as vezes assistindo uma TV, prestando atenção, ouvindo uma música, mas esse som tá lá. Entra no meio do seu som, faz parte.
Resposta 4	Som do cotidiano as vezes é sons pequenos, porque eu gosto muito do silêncio, mas também eu gosto muito de música, escola, então é menino, criança, e bem variado. É sons da rua mesmo, porque eu estou em constante movimento.
Resposta 5	Por exemplo, sons muito graves, quando por exemplo o carro, ele passa, o som automotivo. Aquilo me machuca os ouvidos, porque se certa forma, esse som grave as ondas são mais lentas, parece que incomoda mais. Isso me machuca, me incomoda. Mas os sons também muito estridentes, muito agudos, eles também irritam, traz irritabilidade. Então, tudo tá no extremo, e tudo que é muito constante, por exemplo, alarme de um carro, aquilo que fica constante o tempo todo, como uma manhã. Por exemplo igual o barulho dessa, como que chama isso(britadeira)? Isso constantemente, esses sons constantes, incomodam.
RESPOSTAS JPCL (40)	
Resposta 1	Qualquer ruído, barulho, esses caras mesmo quebrando o chão, as máquinas fazendo barulho, tudo conta eu acho.
Resposta 2	É um barulho tipo, um barulho, uma coisa não definida. Porque tem músicas que tem as notas musical e tal, tudo certinho, que sai uma melodia massa, e tem aquilo ali, que é uma coisa chata que fica te perturbando.
Resposta 3	Sim. Do Vila Nova no estádio. Da cavalaria também, eu já vi as pessoas tocando na rua, esses tipo de coisa, a cavalaria passa direto. Dá pra reconhecer isso daí. As pessoas fazendo propaganda na rua, isso aí.
Resposta 4	Ônibus passando na rua, pessoa gritando querendo vender coisa ali, vender <i>chip</i> , obra, isso.
Resposta 5	Ah esses som assim, nenhum me agrada. Só música no fone de ouvido mesmo. Isso aí é ruim, atrapalha, fica com dor de cabeça, chega em casa com a cabeça cheia desses barulhos aí.
RESPOSTAS JAS (41)	
Resposta 1	Barulho. Som pra mim é, tem som que é bom, tem som que não é agradável. Um som, igual uma música boa, som dos pássaros. Agora som de caminhão, esses trem, moto barulhenta.
Resposta 2	Ruído? E o que você escuta. Ruído é um som estridente, num é? Um som que chega até doer o ouvindo da gente.
Resposta 3	Do trânsito, do dia a dia, da correria. Isso passa na porta de casa todo dia. Picolé, enjoado de mais da conta. Tem hora que enjoa. Você “tá” afim de fazer alguma coisa e enjoa.

Resposta 4	Buzina de carro, som de vizinha, passarinho.
Resposta 5	Agrada: Uma música boa. Você “tá” num lugar tranquilo, escutando um barulho mais agradável.
	Incomoda: Vizinho enchendo o saco.
RESPOSTAS UFC (42)	
Resposta 1	Barulho né, dependendo como ficar. Isso ai pra mim é um barulho que atrapalha.
Resposta 2	Bom, olha agora ruído sonoro é isso ai pra mim, som é aquela coisa gostosa.
Resposta 3	O do gás, somente me perturba bastante, e aquela propaganda da bosta porque é comum isso aqui na cidade.
Resposta 4	Música, as vezes.
Resposta 5	Esses propaganda de rua, esses carros que saem fazendo propaganda, isso incomoda bastante, bastante.
	Agora o que agrada, não tenho lembrança de algum que agrada não.
RESPOSTAS KPSF (43)	
Resposta 1	Som é todo ruído que você escuta. Num é só ruído, melodia. Tudo pra mim que tem barulho é som.
Resposta 2	Por isso que depois eu corriji, porque ruído pode ser algo ruim, e não é todo som que é ruim. Eu não sei dizer muito bem sobre ruídos.
Resposta 3	Eu não me reconheço em nenhum. Se for no sentido de for sons confusos, ai sim, porque minha vida é assim. Mas em relação ao que escutei. Bom, na verdade eu me identifico sim, no da pamonha, porque eu sou goiana e acho que todo goiano gosta. Quem não gosta, é goiano não. O da pamonha sempre, lá perto de casa sempre passa.
Resposta 4	As músicas que eu escuto no meu celular. Que todos os dias eu estou com fone de ouvido no ouvido. E os sons que eu escuto também sempre é de ônibus parando, carro buzinando, pessoas andando, pessoas segurando sacola no meio da rua, e nesse clima chuvoso também pinga de chuva caindo no chão, buzinas, várias coisas. São sons que eu escuto diariamente.
Resposta 5	O que me agrada? Ah, o que me agrada e escutar a movimentação da cidade. Movimentação assim, todas as coisas que se movem ao meu redor.
	E o que não me agrada, sons de pessoas mexendo no chaveiro, eu odeio isso, me incomoda muito. Barulho de mensagem chegando no celular, isso também me incomoda. Pessoas buzinando na rua, e a afinação da voz de algumas pessoas dentro do ônibus. São as coisas que eu odeio. Que me incomoda.
RESPOSTAS LFP (44)	
Resposta 1	Som é onda. Som é onda que vai e vem. Mas essas ondas são construídas a partir das características socioculturais de um determinado lugar. Os sons aqui são uns, se for fazer essa mesma pesquisa, por exemplo, em Salvador, os sons vão ser diferentes. Os sons é onda, independente da forma que o som é manipulado, seja por um compositor, seja por um carro, seja um som eletrônico, seja

	sons da natureza, independente disso, são construídos a partir de uma base sócio histórico de um determinado lugar. Mas som é onda.
Resposta 2	Na minha concepção, ruído sonoro é som também. Musicalmente falando, existe sons que são organizados, e existe sons que não são organizados, mas são sons. Pra mim ruídos sonoros estão na categoria de sons. Um som organizado e um som, por exemplo, que o compositor pega ele, organiza ele dentro de uma estrutura musical. E existe os sons que não são organizados, não são manipulados, são os sons naturais. Esse tipo de som, por exemplo, de torcida organizada, é um som natural, mas é um som que está organizado em uma determinada estrutura sócio histórica, em um determinado contexto. Então pra mim, ruído, é som também. É um som talvez não organizado, mas é um som.
Resposta 3	Sim, eu me reconheço em praticamente todos os sons que estão tocando, eu me reconheço. Porque não me causa estranhamento esses sons, porque esses sons têm a ver com meu lugar de fala, então os sons, a paisagem sonora de um lugar, na minha opinião, ela pode dizer muito sobre a identidade de um lugar, ela pode dizer muito sobre as memórias de um povo de um determinado lugar. Então eu me identifico, por exemplo, é muito comum aqui no centro você ter vendedores ambulantes, as pessoas vendendo seu produto através, utilizando a fala, isso é muito comum. Isso que ta tocando agora, é um aboio, é um estilo, um tipo de música nordestina. Então isso me parece fazer alusão a influência nordestina que é muito forte aqui por exemplo. Eu convivo com influência nordestina o tempo todo. Esse som de coleta seletiva, eu convivo com esses sons o tempo todo, de caminhão entrando e saindo das ruas. Então são sons característicos do meu lugar de fala. Então não me causa estranhamento. Por não me causar estranhamento, eu me identifico com ele, porque me traz muitas memórias, tem a ver com a minha identidade, e com a identidade do espaço urbano que eu ocupo.
Resposta 4	Olha, eu podia dizer pra você aqui, que os sons do meu cotidiano, eles têm a ver com tipo de música que eu faço, por exemplo, na condição de professor de música, mas não são somente os sons que eu faço, os sons do meu cotidiano, são todos os sons que estão a minha volta, todos os sons que estão a minha volta, estão me falando alguma coisa. Se passa um determinado carro, pelo som dele, as vezes eu posso identificar, por exemplo, o som de um carro Ferrari, e diferente do som de um fusca, então eu não posso desprezar esses sons. Todos os sons fazem parte do meu cotidiano. Até os sons da minha conversa com a minha família, faz parte do meu cotidiano, todos os sons fazem parte do meu cotidiano. E a minha visão que eu tenho.
Resposta 5	Olha você vai me colocar numa condição difícil, você pergunta o quê que me agrada e o quê que não me agrada, eu teria, se eu dissesse o quê que agrada e o quê que não agrada, eu vou tá fazendo jus de valor, mas o que eu posso te dizer são sons que mais se aproximam, que mais me trazem memória, que mais se conectam com as minhas memórias, e meu processo de identidade e os que

	menos se aproximam. Posso te dizer dessa forma. Sons que mais se aproximam, por exemplo, do meu processo de identidade, da minha formação moral, das minhas memórias, sons de músicas, som de música clássica, por exemplo. Vou te dar exemplo de um som que me incomoda, som de arma de fogo, é um som que me incomoda, é um som que não me traz uma memória assim tão boa como me traz, por exemplo, som de música. São dois exemplos que eu tô te dando. Som de buzina, e um som que me incomoda, num vou dizer que me incomoda, tô fazendo juízo de valor, mas é um som que me causa um estranhamento, vamos usar esse termo. O som de buzina, dependendo do horário e do trânsito, ele pode me causar um estranhamento no sentido, ele pode tá representando uma impaciência de uma pessoa, ele pode tá representando individualidade de uma pessoa ali no trânsito, abre espaço pra mim passar, eu quero passar, então isso me causa estranhamento, num é que me incomoda, mas me causa um certo estranhamento.
RESPOSTAS LSA (45)	
Resposta 1	Som é arte, é assim que tem que falar? Som é bom.
Resposta 2	É o barulho do som. Num é bom né, qualquer barulho é pau.
Resposta 3	Eu conheço esse som do Vila Nova aí, do da pamonha, do gás, é gás? Coleta seletiva.
Resposta 4	Eu gosto de ouvir mais assim, pagode, MPB.
Resposta 5	Eu curto de tudo um pouco, num me incomoda som nenhum.
RESPOSTAS LMS (46)	
Resposta 1	Pra mim é bom de mais, eu gosto de mais de som, de música, eu gosto. Eu acho bom.
Resposta 2	É, aí incomoda.
Resposta 3	Porque música é bom, tem hora que virou uma mistura que você num entende muito bem, mas o som num pode ser nem muito alto nem muito baixo. Eu acho. Já. Aquele estilo forró. As vezes passa em carro tocando, é relativo.
Resposta 4	Meu? Amado Batista. Vai ter show dele. Eu adoro, mas num vou não, porque meu rei num gosta.
Resposta 5	Eu gosto de música sertanejo antigo e Amado Batista, músicas que eu gosto. E eu não gosto, daquelas músicas que eles inventou hoje, de jovem, senta e levanta e agacha e levanta, não, não gosto. A letra é muito ruim, e o barulho incomoda a gente. Meu menino, o som do carro dele é desse som que estronda, pode nem sair. Quando eu chego em casa ele já desliga, não aceito. Não aceito de jeito nenhum, que me incomoda, me dá um trem na minha cabeça. Não gosto. O carro do meu menino é desse, inclusive a polícia prendeu uma vez, tirou os trem do carro todinho. Aí ele levou a gente pra desmontar, trouxe pra casa e já mandou pra oficina pra por tudo de novo. Adianta nada, mas num pensa nada. Mas o jovem gosta é disso.
RESPOSTAS LG e RL (47 e 48)	
Resposta 1	Eu não sei como responder essa pergunta. O que a gente pode escutar.
Resposta 2	É uma coisa muito alta que as vezes atrapalha você ouvir as coisas.

Resposta 3	Pessoas falando. E agora uma mulher gritou? Eu já vi essa mulher gritando, vários vendedores que gritam pra vender. Esses som, é da coleta seletiva, eu reconheço. Temos que ir.
Resposta 4	É o gênero musical que ela mais escuta. Eu não escuto muito som, porque a maioria do meu tempo eu fico no meu quarto, e é silêncio. Eu fico mais é assistindo series, escutando músicas, essas coisas. Ela faz quase as mesmas coisas que eu.
Resposta 5	--
RESPOSTAS RM (49)	
Resposta 1	Importantíssimo. Uma maneira de comunicação.
Resposta 2	É o exagero. A falta de respeito de quando você tá andando na rua e carro tá escutando música sertaneja no ultimo som. Isso pra mim é ruído.
Resposta 3	Conheço por ser da cidade, aqui no centro. Mais do centro da cidade. Já, com certeza. Esse da coleta de lixo seletiva.
Resposta 4	No meu cotidiano, no meu dia a dia, onde que eu trabalho, são assim, mais mesmos, som de reportagem, entrevistas, interagindo.
Resposta 5	Agrada: O que eu gosto mesmo, pra eu ouvir, sabe, música clássica, baixinha, que relaxa, transmite paz, é o que eu gosto.
	Incomoda: É o que te falei. É você acordar pra trabalhar e ver um som seis e meia da manhã, no último volume no carro. Esse é totalmente desnecessário.

APÊNDICE E - TABULAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO 02: PESSOAS QUE NÃO NASCERAM NA CIDADE, MAS MORAM NA CIDADE DE GOIÂNIA HÁ MAIS DE DEZ ANOS

RESPOSTAS ENM (1)	
Resposta 1	Som é tudo que eu escuto, tudo que consigo ouvir.
Resposta 2	Som é tudo que eu escuto, eu imagino que o ruído geralmente é algo que me desagrada e difícil de identifica, e o barulho geralmente, no meu entendimento, ele é mais alto, me incomoda mais no termo de altura.
Resposta 3	Sim, vários deles. Então é muito típico da cidade
Resposta 4	Varia muito, porque eu trabalho muito com dança, então tem vários sons, mas do cotidiano mesmo, quando eu passo, esses sons que vem apresentando aqui, eu ouço muito na rua, na pecuária, quando a gente vai ouvir as músicas, que lembra muito o Nordeste que lembro muito onde eu nasci, na Bahia.
Resposta 5	Bom, o que me agradam, está muito relacionado com as músicas que eu gosto, geralmente o ambiente, eu não gosto de ambiente muito silencioso, mas eu gosto de ambiente sempre, um pouco movimentado, mas o que me incomoda, o som que me incomoda no meu cotidiano, a geralmente som de propaganda, por exemplo propaganda de supermercado, quando você “tá” dormindo, isso me incomoda muito.
RESPOSTAS NKSS (2)	
Resposta 1	Som pra mim é uma forma de expressão corporal também, é uma expressão corporal, uma expressão de vida, de certa forma.
Resposta 2	Pra mim é algo que não é identificável, mas pode ser identificável também, mas pode ser um aglomerado de coisas juntas.
Resposta 3	Sim, principalmente os mais de rua mesmo, e os que mais, me sinto mais representada neste momento agora, mas se fosse na infância seria mais os de cavalo, essas coisas assim. Acho que pela diferença de moradia, acho que deve ter uns dois anos que eu “tô” morando aqui mais no centro, agora. Não que as cidades afastadas não tenham mais esse aglomerado de barulho, mas aqui tem muito mais.
Resposta 4	É muito o role do trânsito, porque como eu ando muito de bicicleta, eu “tô” muito no meio do trânsito, mas também muita música também, e muito as vozes das pessoas.
Resposta 5	Agrada: As pessoas conversando, eu gosto bastante. Mesmo eu não entendendo assim, mas eu gosto bastante, acho mais peculiar também. Ouvir as coisas de longe e ficar vendo quem está falando mais alto, porque “tá” falando mais alto, porque “tá” vendendo ou porque, alguma coisa. Incomoda: Nossa, muita coisa não me incomoda. Eu acho que seria mais eu estar dentro da minha casa, um som que não é de dentro desse lugar, por não saber de onde está vindo, por eu achar muitas vezes que onde eu moro assim, é um lugar

	meio isolado, não é. Som de outras coisas me incomodam.
RESPOSTAS JLS (3)	
Resposta 1	Som... É som.
Resposta 2	Eu acho que é a mesma coisa.
Resposta 3	Conheço. O cara da bosta. Eu conheço ele lá da Feira Hippie. essa mulher aí é da Feira Hippie também. A mulher do peixe, o cara da bosta, o cara do picolé, e esse negocio do Vila Nova também.
Resposta 4	Qual que eu "ouvo"? Mais música sertaneja.
Resposta 5	Agrada: Incomoda: É aqueles de rock, é, aqueles de drogado. Não gosto não. A, a mulher do peixe, "Oh o peixe". Quem vai querer peixe?
RESPOSTAS DSC (4)	
Resposta 1	As vezes eu não sei falar o que que é som, mas nas minhas simples palavras o som é alegria pra mim, alegria.
Resposta 2	Ruído sonoro é barulho, muito barulho. Agora mesmo tá um ruído né, esses ruídos, buzina de carro, maquinas, aquela trituradora, pra mim tudo é ruído.
Resposta 3	Até agora num reconheci nenhum ainda não. Nenhum som. Ah, essa é mesmo do Nordeste, quando vi essa música aí. Mas já ouvi muita música dessa em Goiânia. Já é uma identificação né.
Resposta 4	Eu sou do tipo antigo ainda, daqueles românticos que ainda manda flores, eu gosto muito de músicas nordestina, forro, gosto de bossa nova, eu não curto muito esse negócio de sertanejo moderno, universitário, num faz meu estilo não.
Resposta 5	O que agrada pra mim e conversar com pessoa igual você, alegre, simpática, isso me agrada de mais, agora o que eu fico triste, mas não reclamo também não, mas o que fico triste é com pessoas mal humorada, detesto pessoas mal humorada, mas eu num condeno nada, eu simplesmente não gosto, eu tenho o direito de gostar ou não gostar, porque, as vezes tem pessoas que gosta, eu não gosto, porque meu entendimento é o seguinte, que nos somos, cada um somos indivíduos diferentes, pensamentos, maneira de agir, gosto, eu num sou contra nada, entendeu? Mas é o seguinte, se não tá bom pra mim, eu me afasto, eu num vou ficar querendo corrigir as pessoas de jeito nenhum. As pessoas tem que ser do jeito que ela é, não do jeito que a gente gostaria que elas fossem. Meu entendimento é esse.
RESPOSTAS GDO (5)	
Resposta 1	Eu acho que quando som você põe uma música boa né, igual esse que "tá passando aí oh, né.
Resposta 2	A o ruído, já fica ruim de ouvir, os carros ruins diferente assim o som né.
Resposta 3	Acho que já, conheço. Já ouvi no camelódromo lá né, no camelódromo da Anhanguera, aqui oh. Não, só "tô" lembrando pela música só né.

Resposta 4	Mais estilos essas músicas aí.
Resposta 5	Agrada: Ah eu não gosto de ouvir é essa música doida desse pessoal ai né, esses funk, esses ai eu “num” gosto não.
RESPOSTAS ARDRG (6)	
Resposta 1	É algo que desperta minha atenção para uma circunstância específica, né.
Resposta 2	Ruído é algo que pra mim “tá” acontecendo o tempo todo e que as vezes eu não estou prestando tanta atenção, ruídos constantes, ruídos constantes que carros, ruídos de insetos, ruído das pessoas, né, um amontoado de sons, indefinidos.
Resposta 3	Vários. Esse aí da coleta seletiva, o vendedor de bosta, o vendedor da pamonha, o grito do torcedor do Vila Nova, ainda não deu pra prestar atenção em todos, mas eu tenho certeza que eu reconheço bastante.
Resposta 4	Tem é, no meu cotidiano em geral é a música, né. Eu escuto música quando dirijo, quando trabalho, quando treino, quando arrumo a minha casa, esse é o som mais. É essa pergunta? Então é isso.
Resposta 5	Incomoda: Assim, há um tempo atrás, eu não consigo, se eu estou no meu momento de descanso, e tudo, eu não gosto do barulho da televisão, sabe, ele me incomoda. Agora no geral, quando eu mudei pra casa eu tinha um pouco de dificuldade com barulho do trânsito constante na minha janela e tudo. Hoje eu já me adaptei, a gente vai se adaptando. Mas esse ainda me incomoda, se eu tiver no momento que eu quero descansar, o barulho da televisão ligada, esse me incomoda.
RESPOSTAS EAR (7)	
Resposta 1	Som, pra mim é uma coisa que faz parte do divertimento. Você acha que tá correto?
Resposta 2	Ruído, no meu entendimento, acho que é uma coisa que incomoda a gente, um ruído que as vezes incomoda a gente, também é ruído. Aquilo que não incomoda, aquilo que a gente tá se identificando, é porque não tá incomodando a gente.
Resposta 3	Por exemplo, esse primeiro que tocou aí, eu me identifico sim, apesar de não ser goiana, mas eu gosto muito do repente nordestino.
Resposta 4	É a música raiz, música sertaneja, e algumas músicas popular também, eu me identifico. Agora eu não gosto é de funk, é de rap, mas eu respeito quem gosta, respeito a opinião de quem gosta.
Resposta 5	Me incomoda, é aquele som alto, que seja até mesmo da música que eu gosto, muito alto interrompe uma conversa da gente, um assunto, uma conversa da gente com alguém, um atendimento de celular, interrompe, por exemplo, a coisa que as vezes a gente “tá” fazendo e é interrompido por esse som. Esse é o que incomoda.
RESPOSTAS MPS (8)	
Resposta 1	Eu acho que som, tendo limite é normal. Eu acho que a hora que incomoda, é bagunça, num é som mais. Interferindo,

	incomodando a gente, já é bagunça.
Resposta 2	Ruído é aquele que incomoda você.
Resposta 3	Assim, as pessoas vendendo nas ruas, é um meio de conquistar um pão, então eu não me incomodo com eles não, eu ate compro quando eles estão vendendo, eu acho que é característica do goiano, que já vem a muito e que eles não perdeu ainda esse costume de sair na rua vendendo. Tudo, pamonha, na minha rua direto, todo dia seis horas passa o carro da pamonha. Então assim, eu não incomodo não.
Resposta 4	Meu cotidiano em casa é baixo. É tudo que a gente ouve, num "tando" incomodando. Por lá eu não ouço muita música não. Porque eu começo a ouvir, ai depois se eu começo a sentir incomodada eu já tiro. Agora a televisão é o tempo todo ligada, no volume baixo.
Resposta 5	Agrada: Música sertaneja, eu gosto de ouvir. Incomoda: Eu não me incomodo. Agora quando é som de música que tem aqueles batidão, ai isso me incomoda muito, batidão.
RESPOSTAS DV (9)	
Resposta 1	Pra mim som é um termo assim de alegria, um termo de comover o coração da gente. O povo tem um dizer, quando ouve aquela música apaixonada, ai vai pros boteco beber, ai é uma ilusão. Mas se você for num som evangélico, por exemplo, ai você fica mais alegre, você se canta naquela emoção bonita, naquele cântico bonito, um instrumento de sopro, um violino, que o som mais bonito pra mim é o violino. Então a música é isso ai. A música é uma coisa criada muitos anos atrás. Cantava no tempo de Davi ainda, quando Davi queria alguma coisa que ele queria, ele não ia lá fazer, primeiro ele cantava, é tipo uma oração, mas era cantado, pra poder falar com Deus, pra poder dar pra ele aquilo que ele queria. Enviava pra ele, dava alegria, dava força, dava fé, dava garra e lutava. Então a música, ela é isso ai. Ela é uma composição pra tirar aquilo de dentro das pessoas. As pessoas que ai que tá abatida, que "tá" incoomente. Então isso chega, o homem num supor a música, não vamos colocar a música por exemplo, quem tá depressivo, num é a música, mas é um barulho. Na parapsicologia, quando você vai pra roça, ai você ouve aquela música sertaneja, ai depois você vai ver outro tipo, num é uma música, mas você vê o barulho, é que quando você põe você num cavalo manso, você tá depressivo, por exemplo, o cavalos as vezes já é até ensinado, ele faz "plac, plac, plac, plac" aquela bateção da coisa é uma música, aquilo pra quem tá depressivo é uma música. Muitos farão cura daquilo através dessas coisas. Então a música em si ela é progressiva, pra poder ela desenvolver a mente da pessoa. Porque a mente da pessoa, ela depende da música, num depende só de calma, maus pensamentos, então a música pra mim é isso ai.
Resposta 2	Ruído é aquilo, quando você tá no som por exemplo, "urrrrrr",

	aquilo lá me enche o saco porque eu tomo conta de um som, da igreja, de vez em quando da aquele ruído. Pra mim num tem sentido nenhum. Pra mim é uma coisa muito errada. O som acho que deveria chegar média de, quando o som chega decibéis, o ruído da maior. E o porquê da maior? É porque as turbinas e a impressão do ruído é maior do que a do cântico, que “tá” falando no microfone. Então ela se torna maior, mais potente. Quando fala no microfone, não é tão potente, mas quando e aquele ruído, junta os alto-falante as cuíca, o próprio microfone, manda o ruído mais forte.
Resposta 3	Eu reconheço muitos. Eu não reconheço porque faz muitos anos. Mas é bonito. Então quando você prepara uma coisa pra cantar nas ruas, eu acho muito bonito, as vezes até incentiva a criança cantar, se desenvolver. Porque na verdade a música é uma psicologia. A pessoa conforme a música, conforme a situação, ela se melhora aos poucos, a psicologia. Porque tudo que você se faz, que pessoas sorria, tem aquela alegria no coração, tem aquela emoção. Porque muitas das coisas é a emoção. Porque quando ela tá naquela emoção, ela tira tudo que tá de dentro dela, de mal e joga pra fora e põe aquilo que é bom. Não. Só lembro do sorveteiro. "olha o picolé, dois por um real!" no caso, na outra é dois reais. Nesse num fala, mas tem que fala "dois reais, dez picolé. Se não tem dois reais, leva uma cartela do Silvio Santos" paga. Essa da pra lembrar, na minha porta passa todo dia. Meu neto fica doidinho pra comprar.
Resposta 4	Antigamente era, Nelson Gonçalves, Davi Peixoto, era o Vicente Celestino, hoje é evangélico, graças a Deus.
Resposta 5	O som quando ele é muito alto, por exemplo, ele é bonito, quando a Caixa ta limpinha, não tem ruído nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. Mesmo que “tá” bom o som a Caixa da aquele ruídozinho, baixinho mas dá, mas quando o ruído e limpo, limpo, limpo, limpo, ele é bonito. Ele num se torna mais bonito porque as vezes, ou muitas vezes num se da com barulho. Eu por exemplo, barulho, se eu deitar, pode barulho do jeito que for que eu durmo. Tem gente que não dorme. Então pra mim a música faz bem. Ela é evangélica ou ela é do mundo, a gente fala do mundo. Pra mim é uma maravilha, ela sempre traz uma alegria pra gente.
RESPOSTAS CCBC (10)	
Resposta 1	Assim, o som, não tem como definir numa palavra exata. Mas assim tem vários tipos de som, se fazer uma definição assim exata, você me pegou de calça curta, sou desprevenido nessa parte. Pode ser música, pode ser vários tipos de som.
Resposta 2	É algo comum, eu não sei. Imagino que uma tortura mental, aqueles ruído assim que me incomodam bastante, que as vezes eu tenho aquilo como uma tortura mental.
Resposta 3	Alguns sim, porque a música, por exemplo, a algumas tem

	propagandas, pessoal cantando, igual estavam cantando algumas músicas cristãs, as vezes cantam músicas materiais, músicas populares, as vezes músicas cristãs. Faz assim, não, porque eu trabalho aqui no trevo. Quando tem atividade a gente escuta, mas eu fico mais ali na portaria mesmo, que é meu local de trabalho. Já ouvi alguns. A gente passa muito, por exemplo, o pessoal costuma passar aqui também, fazendo propaganda, passa esses carros de som fazendo propaganda, de outras coisas e tudo, só que eles passam na rua.
Resposta 4	Não, eu fico mais assim, assistindo televisão quando eu “tô” em casa, eu gosto muito de ouvir música, assim, só que as músicas popular, cristãs, eu tenho vários tipos de CD, esses são meus preferidos.
Resposta 5	Bom, o que me agrada, são as músicas bonitas, as músicas que são do meu gosto, agora o que me desagradava, é aquelas motos que fazem aqueles barulho ensurdecedor, acho que eles tiram o silencioso delas e faz aqueles barulhos que ninguém merece né. Eu tenho um problema assim também, eu não sei se acontece só comigo, porque talvez pela idade também, meus ouvidos são sensíveis ao barulho, quando passam aquelas propagandas, aqueles barulhos de moto então, Deus me livre, num sei pra quê uma babaquice dessa, com perdão da palavra.

RESPOSTAS JAO (11)

Resposta 1	Som é alegria da vida, que pra gente perturba, pra mim é alegria até pra dormir.
Resposta 2	Ruído é um som mal regulado, é um material frágil, né?
Resposta 3	O do boi dá pra saber. É a minha infância, na roça, até os quatorze anos.
Resposta 4	Tendo uma boa música pra mim eu não escolho, tendo um bom som. Uma boa sanfona, um bom violão, né? Eu sou primo do André e Andrade.
Resposta 5	Música pra mim, que me atrapalha, são música que eu não intendo. São rap, me perturba, não gosto. Falou em sertanejo, música popular pra mim, eu adoro.

RESPOSTAS CMS (12)

Resposta 1	Tudo que faz um ruído pra mim é um som, nasce um som
Resposta 2	Pode ser uma pisada, um passo, para gerar um som, o motor de um carro pode gerar um som, um pedal de uma bicicleta pode gerar um som, um grão de arroz pode gerar um som.
Resposta 3	Eu me reconheço no vendedor de pamonha, no vendedor de peixe na beira da praia, só os que eu me conheço. É, cotidiano, vendedor de merda na rua, que tem vários hoje, acho que eu mais conheço dentro de Goiânia
Resposta 4	A batida levada do rap. Meu cotidiano é esse.
Resposta 5	O som que me agrada é o grave de uma pick up, e o que não

	agrada é o barulho de tiro, é o único que não me agrada.
RESPOSTAS MLS (13)	
Resposta 1	Som pra mim é uma obra de arte.
Resposta 2	Ruído é aquele negócio que você escuta, ouça, longe, o ruído.
Resposta 3	Reconheci, vendedor de picolé, vendedor de bosta, e esse derradeiro aí que é o Tonico e Tinoco. É pelo tempo que eu fui criado, esse aí do Tonico e Tinoco, eu foi criado em roça, acostumado a tocar esse negócio de catira, essas coisa, então reconhece. O vendedor de picolé, através porque fui do interior, eu fui vendedor de picolé também. E esse da rima aí, eu fui do Nordeste e vi muita gente rimando. Coleta seletiva, desses catador de papel. E o catira porque eu já fui até da dança de catira.
Resposta 4	Meu som, é o ruído motor de uma máquina, porque eu sou operador. Eu opero qualquer tipo de máquina. Trator, trator de esteira, colheitadeira, retro, escavadeira hidráulica. Eu ouço, posso tá com meu abafador articular, com fluxo, uma coisa só.
Resposta 5	A música raiz, que agrada. Som de motor, agrada porque a gente é obrigado.

APÊNDICE F - TABULAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO 03: PESSOAS QUE NÃO NASCERAM NA CIDADE, HABITAM HÁ POUCO TEMPO, OU NÃO RESPONDERAM ESSA PERGUNTA

RESPOSTAS GVF (1)	
Resposta 1	Tudo. Assim...é ruído, é não ruído. Acho que até o silêncio é som.
Resposta 2	talvez o distúrbio desse silêncio né? Ou se tem significado ou se não tem.
Resposta 3	Sim
Resposta 4	eu moro lá no setor Goiânia 2, ali perto da perimetral. Então ali tem um som de moto com escapamento aberto, me incomoda muito assim, por que é um barulho muito alto e invade a sua casa. Então mesmo que você esteja fazendo outra coisa, ouvindo música sei lá, é um negócio que fica muito mais alto do que os barulhos de dentro da própria casa né.
Resposta 5	acho que som de vendedor ambulante, tem bastante né. A gente vê muito na cidade, assim, esses carrinhos de gente vendendo pamonha. É...esse vendedor ambulante que passa pelos bairros.
RESPOSTAS WAG (2)	
Resposta 1	--
Resposta 2	ruído na verdade, pode ser um som que as vezes incomoda as pessoas, mas esse ruído tem um significado e eu estou dando o significado pra ele. Então ele tem isso dentro de mim, né? E essa importância que a gente dá aos nossos símbolos, inclusive a questão do som. Você viu que eu falei que me trouxe imagens também, acho que ao escutar o que eu estou falando você deve ter construído imagens também na sua cabeça através do som que veio isso tudo.
Resposta 3	O som da folia de reis lembra a minha infância em São Francisco de Goiás e que traz essa energia sonora. Agora ouvindo os periquitos também lembro de quando eu passava férias na casa do meu tio, na roça e escutava esse barulho. Então a partir dessa memória eu sinto falta até o cheiro do café, que era feito em fogão caipira. Minha tia fazia o café e eu pegava o leite lá no curral, na vaca. São essas lembranças que vem, quando escuto esse som.
Resposta 4	--
Resposta 5	--
RESPOSTAS KPI (3)	
Resposta 1	Som (risos) som são ondas sonoras. Som eu acho que é tudo é um barulho. Sons são movimentos produzidos, não sei. É uma percepção que a gente tem, é uma percepção, além do olhar porque a gente tem a ideia de que a gente enxerga tudo e o som mostra que vai além do que a gente enxerga com os olhos que ele pode dizer tanto quanto a imagem então o som é uma performance é um ato.
Resposta 2	Ruído sonoro, que difícil. Ruído sonoro tudo isso que parece

	não ter uma harmonia, que não segue a harmonia
Resposta 3	Sim. No do sorvete no pote principalmente. Porque me lembra minha cidade (Itumbiara), talvez o violeiro também, o do peixe eu não sei. O do peixe não.
Resposta 4	É o da Avenida Goiás. Eu passo aqui quatro vezes no dia, ela todinha.
Resposta 5	A quando tem jogo, ali no Estádio Olímpico, eu moro lá na esquina, então esse é um som que me incomoda, principalmente da polícia quando eles estão passando e estão gritando, povo gritando, tem som de foguete... Isso me incomoda.
RESPOSTAS RFB (4)	
Resposta 1	O quê que é som? A som é barulho de som, de música, é não?
Resposta 2	Ruído sonoro, eu não sei.
Resposta 3	--
Resposta 4	o som, acho que o som da multidão, do pessoal, né. Que é o que mais tem na vida, pra onde você vai você tá ouvindo.
Resposta 5	O quê que me agrada no som do dia a dia? É paz, boniteza, limpeza, entendeu. O que incomoda é isso que eu estou vendo dentro de Goiânia, muito sujeira, muita violência e muito buraco na rua, impostos demais. Não sobre o som assim que me incomoda não. Não, eu não me preocupo com carro de som, não me preocupo com nada não, som nenhum me incomoda.
RESPOSTAS EJS (5)	
Resposta 1	Acho que tudo que pode ser captado pelo ouvido da gente, até o tal do silêncio é um tipo de som
Resposta 2	Ah, o ruído é muito complicado eu falar o que ruído porque, ruído pode ser música também, ruído e o som que incomoda.
Resposta 3	Por eu morar no centro durante cinco anos, o do cara que bosta me chama atenção assim, sabe. Porque já é uma coisa que eu tive contato muito tempo. Os dos torcedores também, porque eu moro em frente à plataforma do eixo onde eles descem pra ir pros jogos. Então sempre que tem jogo eu vejo eles, escuto os sons que eles fazem, assim. É outro que tem muito a ver.
Resposta 4	Os sons do eixo anhanguera, o barulho do metal raspando, o barulho do carro, do eixo meio que parecendo que vai desmontar, o porta fechando, das portas do eixo que hoje em dia tem menos, mas quando eu mudei pro centro tinha mais, era toda hora você escutava. Acho que esse é o som mais presente assim.
Resposta 5	Eu não sei, acho que o incomodo ou não do som na gente, ele vai do estado de espírito. Quando você "tá" mais tranquilo você consegue tolerar mais os sons, e quando você não tá, parece que determinado som te incomoda mais, eu acho que tudo depende de como você "tá" assim. Não tem um som específico.
RESPOSTAS RPB (6)	

Resposta 1	--
Resposta 2	Na verdade como artista, porque eu também sou ator, pra mim, o ruído é um tipo de som, eu vejo e acredito que o som é algo maior, na minha percepção e o ruído ele tá dentro da família do som. E o ruído, ele tá dentro da família do som, ele é aquilo que, incomoda, mas não só no sentido ruim, mas ele chama mais a atenção, incomoda mais o corpo, insita mais o corpo. Porque pode ser um ruído alto, pode ser um ruído baixo, então depende da intensidade do ruído. Mas eu acredito que o ruído é maior, o ruído está dentro do som.
Resposta 3	Reconheci o do estádio de futebol, o da feira, de uma feirante, na verdade, acho que não foi de uma feira toda, mas de uma feirante. E reconheci de umas mulheres que cantam, não sei se é folia de reis, mas sacro, acredito que seja mais sacro.
Resposta 4	Som de passarinhos, porque onde eu moro agora atualmente, é o interior, então é mais calmo e eu senti falta dos sons de passarinho. Porque até agora eu não ouvi.
Resposta 5	Na verdade acho que “tá” um pouco presente, mas assim não é tão evidente. Mas quando é som de cidade acho que vários sons se casam, mais é buzina, uma buzina muito constante me incomoda bastante.
RESPOSTAS MAP (7)	
Resposta 1	Som? Num sei expressar assim não. Qualquer coisa audível.
Resposta 2	Uma coisa fora do contexto, do momento. Eu aprendi inclusive, num curso de leitura dinâmica, já tem muito anos, tudo que não faz parte daquele contexto, daquele momento, é ruído, não só som mas, sei lá, alguém passando ali, que não era pra passar, se torna ruído.
Resposta 3	Não, no momento não, não prestei atenção na verdade. Eu “tô” concentrado no telefone. Quando eu paro em algum lugar, eu pego o telefone e começo ler outras coisas. Só me informo aliás, pela internet, pelas redes sociais, eu não assisto televisão. Isso aí é bom, esse barulho, os cavalinhos correndo, eu sou natural da zona rural, minha origem é da zona rural, esse barulho me agrada.
Resposta 4	Som do meu cotidiano? As músicas que tocam no som lá do meu trabalho, as conversas dos clientes, e o barulho do vinho caindo na taça quando eu sirvo. Trabalho numa loja de vinho, sou profissional de vinhos.
Resposta 5	Pessoas conversarem muito alto, conversas mal-educadas, desnecessárias, grosserias, esse tipo de grito me desagrade. Isso é um baita de um ruído muito desagradável, mas faz parte do nosso dia-a-dia.
RESPOSTAS AR (8)	
Resposta 1	Som, como vibração, pode ser até a criação de tudo que você vê. O começo acho que foi uma vibração, um som. Acho que é isso.
Resposta 2	Ruído? Um som distorcido (distorcido), que você sente incomodo, e não é bom, você não fica tranquilo ouvindo isso.

Resposta 3	não
Resposta 4	Carro, muito carro.
Resposta 5	Agrada: Me agrada. Também tem pássaros, também na hora da tormenta tem raio, esse tipo de som é muito bom pra se acalmar. Incomoda: Do carro que anda com escape (som de escapamento) aberta assim que são muito forte cara, isso não me agrada para nada mano.
RESPOSTAS JSIC (9)	
Resposta 1	Barulho
Resposta 2	Barulho também.
Resposta 3	não
Resposta 4	motor de ônibus e caminhão.
Resposta 5	--
RESPOSTAS DJ (10)	
Resposta 1	Som, são ondas sonoras, captadas no ar, e na parte teórica. Na parte pratica, são sons do dia-a-dia, são músicas, canções, o que movimenta o ser humano é o som.
Resposta 2	Ruídos sonoros, são segmentos do som, não sei se tu me compreende. Seria um ruído, início de um som. Um exemplo, um despertador, um caminhado, um barulho de ônibus, qualquer coisa, uma caneta caindo no chão.
Resposta 3	De telefone, de pessoas conversando, creio que misturando com as das ruas, canções. Assim, do meu dia-a-dia, do cotidiano. Alguns sim. De diálogos de pessoas, de pássaros, que não sei se tô vendo, e de estralos de alguma coisa.
Resposta 4	Os sons da cidade, da casa, do campo, meu cotidiano. Da cidade, pelo trabalho, pelo movimento da rua, a casa, por moradia. No campo, porque visita fazenda, essas coisas, descanso.
Resposta 5	Agrada: Som de pessoas, conversando, sorriso igual o teu, e de pessoas. Animais também, canto do sapo, pássaros, por ai vai. Incomoda: Buzina, xingamento pelas ruas de pessoas estressadas, é o que me incomoda.
RESPOSTAS CAA (11)	
Resposta 1	O som diz muita coisa, no meu caso como eu trabalhava com vendas, eu tinha um som da minha venda e eu passava isso pras pessoas, e acabavam ficando e comprando, porque lá em Manaus é que nem aqui, uma cidade acolhedora, acolhe todo mundo, e eu gostei muito daqui, e aqui eu permaneço até ficar velhinha e morrer.
Resposta 2	Ruído pode ser, como é que eu posso me especificar agora, ruído de uma zuada? Pode ser assim? De uma bateria? Não sei explicar direito.
Resposta 3	Eu acho que na área de venda, que eu ouvi tipo, ele olha aqui um num sei o quê num sei o quê, alguma coisa assim, porque num escutando direito. Na área de vendas, porque eu já trabalhei na área de vendas. Oferecia a minha mercadoria,

	assim na rua, aqui eu não sei como que chama, mas lá se chama dindin, em São Paulo é sacolé, porque eu já trabalhei em São Paulo, olha o dindin, olha o dindin. Acho que de música, a gente vê muita gente cantando. Eu já fui em outras áreas aqui que a gente vê gente cantando com violão, com guitarra, outros instrumentos, e eu fico observando porque tem a ver um pouco com a minha cidade, então eu acredito que não vou sentir saudade da minha cidade, porque aqui é a mesma coisa.
Resposta 4	O meu som todo dia que eu digo mesmo, é cantar. Eu já acordo cantando, eu adoro “tá” cantando. Então isso me ajuda muito, porque eu tive um câncer e eu sofri muito com isso, minha filha morando aqui nessa cidade e eu lá em Manaus, e eu “tava” separada do meu marido, e eu perdi meu cabelo, meu dente, minha pele ficou cheio de ferida, eu fiquei numa situação muito horrível da minha vida. E eu só cantava, as vezes até a vizinha dizia assim “a senhora “tá” doente mesmo vizinha?” eu digo, tenho que cantar pra me alegrar, isso era o que me fortalecia, era “tá” cantando, cantando. E até hoje eu gosto de cantar, e tanto que eu sou de uma igreja, só que eu sou doida pra cantar lá, só que lá mais é jovem, então eu acabei entrando em uma outra área de um curso lá que tem, que é pra artesanato, isso ajuda também, porque eu gosto de crochê, pintura, e eu aprendi pinto bem hoje, graças a Deus, porque eu entrei nessa área de artesanato e pronto.
Resposta 5	Agrada: Eu acho que é dependendo do som que você ouve, se for o som de uma música boa, que traz aquela letra suave, isso ajuda muito, e é o que eu acabei de falar, isso me ajuda muito, a cantar. Incomoda: É zuada, eu num gosto de zuada. Muita zuada, gritaria, eu não gosto, nunca gostei não. Gosto de tudo suave.
RESPOSTAS VACT (12)	
Resposta 1	Som pra mim é todo ruído de modo geral, a partir do momento que tem um objeto caindo, o som dos meus passos, movimentos do ar. Som pra mim é tudo qualquer tipo de barulho.
Resposta 2	A mesma resposta. Respondi antecipadamente. Acho que a mesma resposta vai te atender nessa pergunta.
Resposta 3	De moro geral, um pouquinho em cada um. Porque eu tava conversando igual a gente tava conversando aqui com o colega. Esse goianês está nas veias da gente não adianta, mesmo que seja um som mais eclético, mais camponês, mais ritualístico, mais simples, a gente se reconhece um pouquinho em cada desfecho. A voz da feira, da torcida, dos transeunte, de modo geral me reconheço um pouquinho em cada detalhe. Faz parte do cotidiano, faz parte da gente que vem da roça, literalmente, do interior, da escola, do dia-a-dia, um pouquinho de cada.
Resposta 4	Do meu cotidiano? É esse momento que nos estamos aqui. É

	barulho do trânsito, chegar no trabalho, o bom dia do colega, o ate logo. E o aluno arrastando cadeira, quando não é o meu filho é eu fazendo alguma coisa.
Resposta 5	Eu acho que o excesso. Esses agudos, de repente vem um "bum", de repente vêm uma calmaria, de repente vem uma torcida, mas de um modo geral é o excesso. Se eu tô numa avenida mais movimentada, me incomoda. Se eu tô numa mais tranquila, é normal. Acho que pelo fato de eu ter sido criada maior parte da minha vida no interior.
RESPOSTAS LL (13)	
Resposta 1	Som depende. Som pode ser um barulho, pode ser um som musical, pode ser uma coisa agradável ou uma coisa ruim.
Resposta 2	Ruído? É um barulho.
Resposta 3	Não.
Resposta 4	Foi difícil responder, som do dia a dia? O mastigar dos alimentos. Eu adoro ouvir sons instrumentais, então é o som meu que eu ouço mesmo realmente todos os dia. Músicas clássicas, instrumentais.
Resposta 5	Não sei.